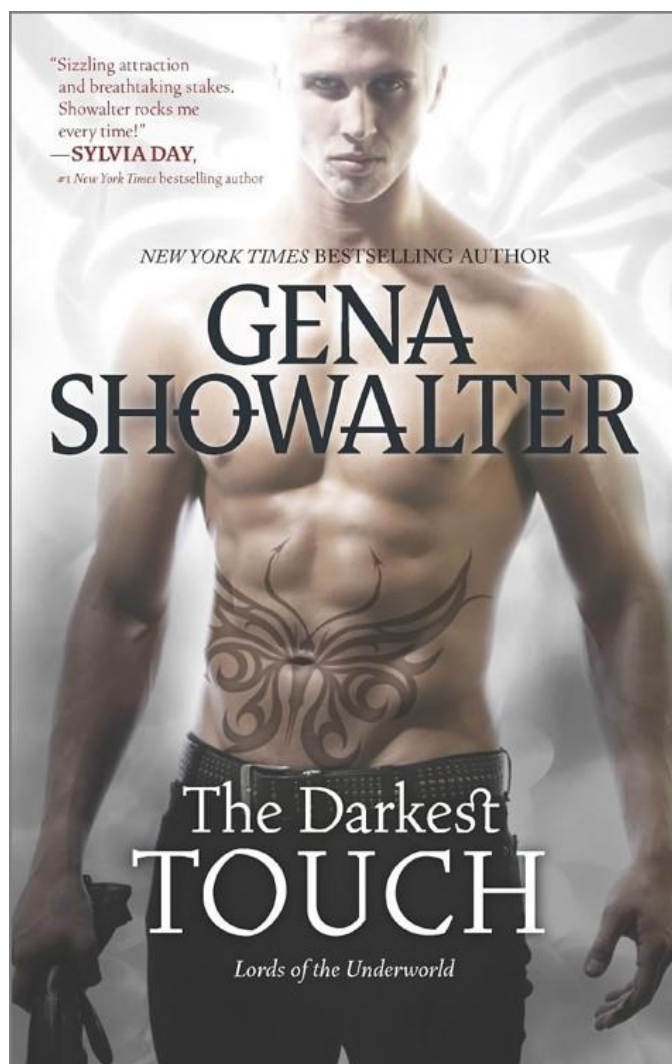


Gena Showalter – Senhores do Submundo 11

O Toque Mais Sombrio



Projeto Revisoras
Traduções





A autora bestselling do New York Times Gena Showalter vem com a esperada história de Torin, o mais perigoso dos Senhores do Submundo até agora...

Guerreiro feroz e imortal. Hospeda o demônio da Doença. A cada toque, Torin causa doença e morte, e uma praga mundial. O prazer carnal está absolutamente proibido, e embora ele sempre supere a tentação com uma vontade de ferro, seu controle está para se quebrar.

Ela é Keeleycael, a Rainha Vermelha. Quando a beleza poderosa com vulnerabilidades chocantes escapa de uma prisão secular o desejo que ferve entre ela e Torin é escaldante. O toque dele pode significar o seu fim, mas resistir a ela é a batalha mais difícil que já lutou, e a única que ele teme que não possa vencer.

Caro leitor,

Você já quis algo que não poderia ter e não deveria almejar? Bem-vindo ao mundo de Torin. Para ele, todos os dias é um estudo da negação. Deseja contato com outra pessoa mais do que o ar para respirar, a comida que comer ou água para beber, mas isto é proibido. Bem, não exatamente proibido, mas definitivamente desastroso. Um segundo de contato pele com pele com ele significa morte certa.

Mas, finalmente, as luvas estão saindo.

Ele nunca quis alguém do jeito que quer Keeley. Alerta de spoiler: ele vai à caverna da tentação, e vai tocá-la.

Será que ela adoecerá? Ou ela é a única mulher no planeta imune ao seu demônio?

Estas são as duas perguntas que mais foram feitas. Duas perguntas que me recusei a responder. Ainda me recuso. O que vou admitir? Reescrevi o livro três vezes em busca da heroína perfeita para ele. O resultado final foi tudo o que sonhei e muito mais. Mas, mais importante, Keeley era tudo o que Torin necessitava, mesmo que ele não soubesse.

Aqui está o amor, risos e felizes para sempre!

Desejo a todos o melhor,

Gena Showalter

“Qual a minha sina? Câncer.”

Torin, Senhor do Submundo.

CAPÍTULO UM

— Não morra! Não ouse morrer. — Frenético, Torin vasculhou a mochila cheia de roupas, armas e suprimentos médicos. Ele tinha embalado dias antes, cegamente enchendo com tudo o que pensou que poderia precisar. Não havia nenhum protetor bucal. Tudo bem. Ele prosseguiria sem um.

Ele se apressou para a forma imóvel de sua companheira, montando na cintura dela. Sua vida preciosa escapava a cada segundo que passava. Respiração cardiopulmonar, RCP, era o último recurso, mas de repente, a única esperança dela e, porque eles estavam trancados dentro de um calabouço, sem outra pessoa na cela, a responsabilidade pertencia apenas a ele. Um cara que raramente chegava perto de outra pessoa.

Apenas me chame de Doutor Maravilha.

Ele achatou as mãos enluvadas sobre o peito delicado, imóvel, tão imóvel de Mari. Mas, ao invés de proceder como deveria, ele se encontrou fazendo uma pausa para saborear a conexão rara e extraordinária com o sexo oposto.

Tão suave. Tão delicioso.

O que diabos estou fazendo? Com a mandíbula cerrada, ele empurrou.

Creck.

Muita força. Ele acabaria quebrando o esterno dela e provavelmente várias costelas.

A culpa perfurou diretamente em seu coração e, se o órgão já não tivesse sido remendado além do conserto, poderia ter machucado. O suor escorria pelas suas têmporas, enquanto pressionava contra o peito de Mari mais suavemente. Nada mais quebrou. *Bom. Ok.* Ele pressionou novamente, gradualmente aumentando a velocidade. Mas quão mais rápido seria muito rápido? O que ajudava? O que danificava?

— Vamos, Mari. — Ela era humana, mas forte. Frágil, mas resistente. — Fique comigo. Você pode sobreviver, sei que pode.

A cabeça dela pendeu para o lado, seus olhos vítreos desviando e olhando para o nada.

— Não. Não! — Ele verificou sua pulsação, esperou... Mas não sentiu nem mesmo o mais fraco dos batimentos.

Quando voltou a colocar suas mãos no peito dela para recomeçar, seu olhar fixou-se nos lábios dela salpicados de sangue; sua mente desejou separá-los, uma tosse escapou. Isto significava que a doença ainda a atormentava, mas, doente era melhor do que morta, em qualquer dia da semana.

— Mari, por favor. — Ele ouviu o desespero em sua voz, e não se importou.

Não posso ser aquele a matar alguém tão doce.

Torin empurrou com mais força, e ouviu outra rachadura.

Inferno. Ele não era nenhum babaca chorão, mas que porra se lágrimas não escaldavam a parte de trás de seus olhos.

Ele chegou a pensar nesta menina como uma amiga, e apesar dos inúmeros séculos que viveu, ele não teve muitos amigos. E sempre protegeu os que teve.

Até ela.

Se não fosse por ele, em primeiro lugar, ela nunca teria adoecido.

Novamente, sentiu uma pulsação. Ainda sem batimento.

Praguejando, ele voltou ao trabalho. Cinco minutos... Dez... Vinte. Ele era o apoio da vida de Mari, a única coisa que estava entre ela e a morte; faria isto por mais tempo se fosse necessário.

Sobreviva, Mari. Você tem que sobreviver.

— Lute com isto! — Mas quando outra eternidade decorreu sem qualquer mudança nela, ele finalmente admitiu que seus esforços não estavam fazendo qualquer efeito. Ela já havia partido.

Já estava morta.

E não havia nada que pudesse fazer para trazê-la de volta.

Com um rugido, Torin recuou e passeou pela cela como o animal enjaulado que era. Seus braços tremiam. Suas costas e coxas doíam. Mas o que era a dor física comparada à mental? Emocional? Era sua culpa. Ele sabia o que aconteceria sempre que tocasse uma garota, e ele a atraiu mesmo assim.

Monstro!

Com outro rugido, ele esmurrou a parede, apreciando o pulsar incessante da dor com a pele esfolada e os ossos fraturados. Ele esmurrou de novo e de novo, rachaduras aparecendo na pedra, o pó se espalhando ao redor dele.

Se ele tivesse simplesmente parado de questionar por que uma garota como Mari estaria tão carente por companhia, que até concordou em estar com ele, ela ainda estaria viva.

Ele pressionou a testa contra a parede danificada.

Sou o guardião do demônio da Doença. Quando aceitarei o fato de que estou destinado a voar sozinho?

Para ser sempre me negado o que mais almejo.

— Mari, querida! — Uma voz ligeiramente acentuada ecoou. Feminina... Deliciosa, até mesmo embebida de pânico e dor como estava. — O vínculo foi quebrado. Por que foi quebrado?

O sangue nas veias de Torin se transformou em combustível, inflamando como se um fósforo aceso tivesse acabado de ser lançado dentro dele. Ele se tornou cada vez mais ciente de seu próprio coração batendo acelerado, a necessidade de caminhar para a porta da cela e arrancar cada barra de metal o consumia; qualquer coisa para apagar a distância entre ele e a locutora.

Uma reação extrema. Ele sabia disso. Da mesma forma que sabia que tal consciência excruciante de outra pessoa era incomum para ele. Isto também era incontrollável e irrefreável, seu mundo inteiro centrado ao redor desta única mulher.

E esta não era a primeira vez que acontecia. Sempre que ela falava, sem importar as palavras que proferisse; a rouquidão de seu tom sempre carregava uma promessa de prazer absoluto. Como se não existisse nada que ela quisesse mais do que beijar, lamber e chupá-lo.

Instintos masculinos que ele passou incontáveis anos negando, gritaram: “Venha, pequena mariposa. Venha para mais perto da minha chama”.

Ou irei até você...

Ele andou a passos largos para as barras e, como milhares de vezes antes, quis que as sombras entre a cela deles desaparecessem. Mas não adiantou. Sua aparência permanecia um mistério.

De alguma forma sua obsessão doentia por ela apenas se intensificou... E ele pensou que, por apenas cinco minutos daquele beijo, lambida e chupada, ele teria alegremente arriscado uma praga mundial.

Odeio a mim mesmo. Alguém deveria pendurá-lo pelos ombros e chicoteá-lo. Novamente.

— Mari! — Sua obsessão disse. — Por favor.

Doença açoitou em um frenesi, batendo contra o crânio de Torin, de repente, desesperado para escapar.

Fugir dela?

Outra reação incomum. Normalmente o demônio adorava tal proximidade como uma vítima em potencial.

Como o demônio tinha rido de Mari...

Odeio-o, também.

— Mari não pode falar agora. — Torin disse.

Ou nunca.

A admissão... Era como despejar sal sobre meus ferimentos.

As barras agitaram.

— O que você fez com ela?

Nada... Tudo.

— Diga-me! — A fêmea gritou.

— Eu segurei a mão dela. — As palavras explodiram dele, amargas e cortantes. — É isto. — Mas ele tinha feito muito mais, não foi?

Ele colocou muito tempo e esforço em encantá-la. Alimentando-a. Conversando e rindo com ela. Eventualmente, ela se sentiu confortável o suficiente para remover uma de suas luvas e entrelaçar seus dedos. De propósito.

“Nada de ruim acontecerá”, ela disse. Ou talvez o olhar dela tivesse dito isso. Os detalhes estavam nebulosos pela névoa de sua ânsia. “Você verá”.

Ele acreditou nela. Porque queria acreditar nela mais do que queria a próxima respiração. Agarrou-se a ela com tanta força, como um homem sedento que acabara de descobrir o último copo de água em um mundo ardendo em cinzas, que quase o deixou de joelhos pela força de sua resposta física. Sensação após sensação o oprimiu. A suavidade feminina tão perto da dureza masculina dele. Um perfume floral em seu nariz. As pontas de seus cabelos sedosos fazendo cócegas em seu pulso. Seu calor misturando-se ao dele. A respiração dela juntando-se com a dele.

Eu experimentei uma conexão instantânea, uma felicidade imediata, e quase gozei em meus malditos jeans. A partir de um aperto de mão.

Ela morreu disto.

Com ele, não importava se o toque fosse acidental ou intencional, ou se a vítima era humana ou animal, jovem ou velho, macho ou fêmea... Bom ou mau; qualquer criatura viva adoecia em seguida ao contato dele. Até mesmo imortais como ele. A diferença era que, imortais, às vezes sobreviviam, tornando-se portadores de qualquer doença que contraíssem dele, capazes de transmiti-las a outros. Como um humano, Mari nem sequer teve chance.

— Conte-me a verdade, — sua obsessão exigiu. — Cada detalhe.

Ele não sabia o nome dela ou se era humana ou imortal. Sabia apenas que Mari tinha feito um pacto com o diabo para salvá-la.

As duas mulheres estavam presas aqui por séculos, onde quer que “aqui” fosse, por algum crime que Torin realmente não conseguiu perceber. Cronus, o dono da prisão, nunca precisou realmente de uma razão para arruinar a vida de alguém.

Ele certamente ajudou na ruína de Torin.

Ele devia a Torin um favor, e Torin, sendo Torin, escolheu ignorar a reputação obscura do macho e pediu uma mulher que não adoeceria com seu toque. Cronus, sendo Cronus, não se

preocupou em procurar por uma candidata adequada e simplesmente recrutou uma de suas doces prisioneiras, a inocente Mari.

— Cronus fez um acordo com a garota. — Torin disse.

— Eu sei disso. — Sua obsessão soprou e bufou; um verdadeiro grande lobo mau. — Mari foi amaldiçoada a riscar em seu quarto uma hora por dia, por quase um mês, tudo na esperança de convencê-lo a tocá-la.

— Sim. — Ele resmungou. E em retorno, Cronus prometeu deixar sua mais querida amiga livre, a mulher que atualmente interrogava Torin.

Sem grande surpresa, Cronus mentiu.

Pelo menos ele alcançou seu objetivo.

Torin quis arrastar a bunda até um hospital no momento em que percebeu que Mari estava doente, mas aquela estúpida maldição a vinculava a esta prisão, como correntes invisíveis. Ela teve que voltar. Sem outra opção, Torin a segurou enquanto ela se movia de um lugar para o outro em um piscar de olhos, viajando com ela. Ele cuidava dela da melhor maneira possível.

Mas o seu melhor não tinha sido bom o suficiente. Nunca seria bom o suficiente.

— Não me importo com os porquês, — a fêmea disse. — Apenas com o resultado. O que Mari está fazendo neste momento?

Decompondo-se.

Não posso dizer isto, apenas... Não posso.

Em silêncio, ele removeu suas luvas e usou as mãos como uma pá, jogando concha após concha de sujeira sobre seu ombro.

Não é a primeira cova improvisada que cavo, mas venho por meio desta, prometer que será a última. Nada mais de amizades improvisadas. Não mais esperanças e sonhos pelo que poderia nunca acontecer. Já chega.

— Está me ignorando? — Ela perguntou. — Você tem alguma ideia do ser que provoca?

Torin não parou sua tarefa. Ele enterraria Mari. Encontraria uma saída deste buraco do inferno. Continuaría o trabalho que abandonou quando escolheu ficar com a garota. A busca e salvamento de Cameo e Viola que haviam desaparecido há várias semanas, amigos que compreendiam sua necessidade de distância.

— Sou Keeleycael, a Rainha Vermelha, e ficarei mais do que feliz em retirar sua espinha e todos os seus órgãos internos... Pela sua boca.

Doença ficou quieto.

Pela primeira vez.

A *Rainha Vermelha*. O título era de alguma maneira familiar para Torin. De livros de histórias para crianças, sim, mas havia mais do que isso. Tinha ouvido isto... Onde? Uma imagem relampejou por sua mente. Um bar dilapidado nos céus. *Sim, claro*. Enquanto trabalhava para Zeus, o rei dos Gregos, ele tinha rastreado muitos fugitivos imortais. A palavra Rainha Vermelha tinha sido sussurrada atrás de mãos trêmulas, de homens e mulheres temerosos, juntamente com insana e cruel.

Ele sempre gostou de colocar suas habilidades contra os mais fortes e mais vis dos predadores, e uma reação tão visceral à suposta Rainha Vermelha o intrigava. Mas, quando ele perguntou sussurrando quem era, e o que ela poderia fazer, eles ficaram quietos.

Talvez esta prisioneira fosse a única que tinha falado, talvez não fosse. Quase não importava mais. Ele não lutaria com ela.

— Keeleycael, — ele disse. — Isto é um palavrão. Que tal eu chamá-la de Keeley em vez disso?

— Uma honra reservada apenas para os meus amigos. Faça-o por sua própria conta e risco.

— Obrigado. Farei.

Um grunhido suave saiu dela.

— Você pode me chamar de Vossa Majestade. E chamarei você de Minha Próxima Vítima.

— Normalmente prefiro Torin, Gostosão ou O Irado. — Os apelidos ajudaram-no a sorrir em meio à dor.

Deveria provavelmente ser chamado de Proctologia Fugaz, querendo dizer literalmente uma dor no rabo.

— Por que Mari está calada, Torin? — Keeley perguntou como se eles não estivessem discutindo nada mais importante do que o cardápio do jantar de amanhã, ensopado de rato.

Ela sabia que Mari estava morta, não é? Fazê-lo admitir era algum tipo de castigo.

— Antes de responder, — ela adicionou, — você deveria saber que prefiro salvar o inimigo que me diz a verdade, do que o amigo que me diz mentiras.

Não era um lema ruim. Mentir e morrer pareciam ser o que ele era.

E, realmente, se a situação fosse invertida, ele iria querer a mesma coisa: respostas. Ainda mais, se a situação fosse invertida e ela levasse à morte um de seus amigos, ele teria movido céus e terras para administrar a justiça. Mas, como eles estavam presos nestas celas, criada pelo mais forte dos imortais, não havia nada que ela pudesse fazer, apenas cozinhar sua ira impotente enquanto a emoção aumentava mais e mais sombria, talvez até deixando-a louca. Era um destino cruel.

Isto também era uma desculpa.

Tempo de colocar minha calça de mocinho.

— Mari está... morta. Ela está morta.

Silêncio.

Um silêncio opressivo e, com isto, a escuridão, como se de alguma maneira tivessem caído em um tanque de privação sensorial.

Ele falou em uma tentativa desesperada de aliviar sua dor em ascensão, explicando, — Já que você sabe sobre o acordo de Cronus com Mari, deve saber que sou um Senhor do Submundo. Um dos quatorze guerreiros responsáveis por roubar e abrir a caixa de Pandora, soltando os demônios. Como castigo, nós todos fomos amaldiçoados a carregar um daqueles demônios dentro de nossos próprios corpos. Eu recebi Doença, o pior torpedo do mundo. Pele com pele transmite doenças. Eu deixo as pessoas doentes. É isso que faço, e não há nada que possa impedir isto. Como eu disse, ela me tocou. Tocamos um ao outro. Mas foi o suficiente. Ela morreu. Ela está morta. — Ele repetiu inexpressivamente.

Silêncio novamente.

Ele apertou a mandíbula para impedir-se de admitir que os outros Senhores hospedavam vilões como Violência, Morte e Dor. Que milhares de inocentes morriam nas mãos deles, e outros milhares lamentavam a vileza de seus atos. Que, apesar de tudo, nenhum de seus amigos era tão desgraçado quanto Doença. Eles escolhiam suas vítimas. Torin não o fazia.

Que porra de prêmio eu sou.

Quem alguma vez poderia querê-lo? O único macho imortal procurando alguém para amar, e assassinar.

Ele não poderia nem sequer consolar-se com as memórias de amantes passadas. Quando viveu nos céus, ele se preocupava apenas com seus deveres de guerra e com pouco mais, mulheres eram nada além de uma reflexão tardia... Até que seu corpo exigia atenção. Mas toda vez que escolhia uma amante, seus instintos de guerreiro para dominar e subjugar o superavam, e sua aspereza não intencional fazia as fêmeas gritarem, antes de suas roupas sequer saírem. O que significava que as roupas dele nunca saíam.

Talvez ele pudesse ter persuadido as fêmeas a continuarem, mas seu próprio desgosto tinha sido muito grande. Ele destacava-se nos campos de batalhas, mas não conseguia dominar a mecânica do sexo?

Humilhante.

Agora trocava o pouco que restava de sua integridade por alguma pele com pele, desesperado para ter o que uma vez desdenhou; incapaz de lutar contra seus inimigos pelo baixo e sujo caminho que uma vez, e ainda, adorava.

— Torin, — Keeley disse, e apesar da tensão que ouviu, ele ainda reagia com a mesma fome crua de antes. — Você percebe que matou uma garota inocente, não é?

Ele se acomodou no buraco que cavou, puxando as luvas e descansando a cabeça contra suas palmas erguidas.

— Sim. — Seu olhar voltou-se para Mari. Ela poderia ter sabido sobre sua condição, mas uma pequena parte dela deve ter confiado nele para mantê-la segura.

Agora, olhe para ela.

— Torin, — Keeley disse novamente. — Você também percebe que eu o castigarei por seu crime?

— Você não pode me machucar mais do que estou machucado agora.

— Não é verdade. Ouvi falar de você e de seus amigos, sabe.

O que isso tinha a ver com alguma coisa?

— Explique aonde quer chegar com isto, e poderei decidir investir no resto da conversa. — Caso contrário, estava na hora de dar o fora daqui.

— Você pode ser o pior torpedo do mundo, — ela disse, — mas eu tenho o pior temperamento do mundo.

Interessante, mas não aplicável.

— Você está me punindo ou requerendo ser minha sócia?

— Silêncio!

Doença recuou como o covarde que era.

— Estou certa que ouviu falar dos Atlantes, — ela continuou calmamente. — O que você provavelmente não sabe é que me assegurei de que a ilha fosse engolida pelo mar, simplesmente porque eu estava levemente irritada com seu regente.

Verdade? Ou exagero?

De qualquer maneira... Isto o excitou com o mesmo fervor que a voz dela.

Finalmente. A oponente dos meus sonhos.

— Você conseguiu mais do que meu aborrecimento, guerreiro. Eu tinha uma amiga aqui. Apenas uma. Ela é, era, minha família, — uma pausa quando Keeley fungou. — Não pelo sangue, mas algo muito maior. Fui uma vez uma criatura do ódio, mas ela me ensinou a amar. E você a tirou de mim.

A dor dela o esfaqueou.

— Torin, — ela disse, e ele sabia instintivamente que era a calma final antes de uma grande e terrível tempestade.

— Sim, Keeley. — Se ela pedisse seu coração, uma vida por uma vida, ele daria isto a ela.

A tempestade se abateu, revelando o temperamento que ela tinha louvado.

— Vou matá-lo, — ela gritou. — Acabar com sua vida. — As barras de sua cela vibraram com o crescente fervor. — Você experimentará agonia de várias maneiras que nunca sonhou possível, farei com você o que fiz a tantos outros. Eu o esfolarei com um ralador de queijo e enfiarei seus órgãos em um liquidificador para fazer suco. Vou perfurar seu crânio tão forte que seu cérebro escorrerá para fora por suas órbitas oculares.

— Eu... Não sei como responder.

— Não se preocupe. Logo cortarei sua língua e a usarei como trapo de limpeza, você nunca terá que responder a ninguém novamente! — Uma pedra deslizou na cela dele... A primeira de uma avalanche, raiva e pesar dando forças a ela que séculos de encarceramento seguramente roubaram.

Estou destruído.

Ele roubou desta mulher sua melhor e única amiga, deixando-a com nada além de dor e miséria.

A história da minha vida.

Ele desejava que sua próxima ação o matasse, mas sabia que apenas faria com que desejasse a morte. Qualquer ferimento que recebesse danificaria sua resistência ao demônio, e assim sua própria imunidade, permitindo a Doença rebelar-se e infectá-lo. Pelo menos por um tempo. Silencioso. Torin fez como ele imaginou. Ele enfiou a mão no próprio peito, agarrando seu coração... E o rolou para a cela de Keeley.

CAPÍTULO DOIS

Keeley não tinha certeza de quantos dias ou semanas se passaram desde que o guerreiro ofereceu seu coração, ainda batendo, como um presente macabro de sua sombria realidade, e qual parte dela mais apreciou. Tudo o que sabia era que ele passou esse período indeterminado em agonia e, se ela tivesse que adivinhar, expelindo pedaços de seus pulmões.

Doente por seu próprio demônio?

Merecido.

E enquanto seu sofrimento havia entorpecido as bordas afiadas de sua raiva, ela ainda planejava matá-lo.

Não vou esquecer. Não o farei, não o farei, não o farei.

— É a coisa certa a fazer. Não concorda, Wilson? — Perguntou à rocha que gostava de ver todos os seus movimentos.

Ele ficou em silêncio, sempre em silêncio. Um tratamento frio, era sua especialidade.

Ela não se incomodava com sua atitude. Nunca se deram bem.

— Tinha planos para libertar Mari, sabe. Apenas precisava de tempo. Apenas algumas semanas mais, de fato. — Ou meses. Talvez anos. O tempo deixou de existir. Mas Mari não se preocupava consigo mesma; apenas com Keeley.

A garota sabia o que Keeley estava fazendo a si mesma, dia após dia. Bem, talvez saber não fosse a palavra correta. Ela suspeitava. E odiava a ideia de Keeley sentir qualquer tipo de dor. Assim Mari, a doce Mari, decidiu agir, ou seja, propor a Cronus uma oferta suicida e procurar libertar Keeley da única forma que podia. Apesar dos protestos de Keeley.

— Cronus nem sequer manteve sua parte no acordo. — Explicou a Wilson. Mari morreu defendendo-a, e Keeley ainda não havia sido libertada.

O ódio se enterrou profundamente dentro dela, criando raízes na escuridão de sua alma e alimentando o rico solo de sua amargura. Havia tanto a ser feito. Primeiro, ela cuidaria de Torin. Logo faria ao rei dos Titãs o que uma vez fez à Prometeu, que não era o bom garoto que todo mundo pensava. Ele não abençoou o mundo com o fogo. Que piada. Ele tentou tacar fogo em cada centímetro dele.

— Mas eu o castiguei, não? — Ela riu com regozijo maníaco. — Cortei seu fígado cada vez que se regenerava e alimentei um bando de pássaros. — Dia após dia... Ano após ano.

Zeus, claro, ficou com o crédito pela façanha. Mas não desta vez.

Sou a Rainha Vermelha. O mundo inteiro vai me conhecer e finalmente, temer.

— Logo. — Disse.

Wilson poderia ter bufado.

— Você vai ver. — Keeley se aconchegou em um canto de sua cela, apunhalando a parte inferior de seu braço com a rocha, que afiou como uma navalha. O sangue escorria da ferida e teias de aranha negras flutuavam em sua visão. Ainda assim, ela continuou, cortando mais fundo, mais fundo.

Já tinha experimentado coisas muitos piores que isso.

Como perder Mari... O único raio de sol em uma vida tão negra como breu.

— Mari sempre ofereceu conforto em lugar de censura. Nenhuma só vez disse uma palavra cruel para mim, — Keeley apontou a navalha ensanguentada para Wilson e acrescentou. — Mas você... Oh você. Nem sequer pense em negar o fato de que a única coisa que sempre me causou foi dor.

O filho da puta sorriu.

— Você sempre zombou de mim, mas ela constantemente me alimentava. Não posso contar o número de roedores que lançou para mim. — Quantas pessoas compartilhavam de maneira desinteressada, oferecendo a única comida que provavelmente encontraria, sabendo que eventualmente morreria de fome? Ninguém!

Era de se estranhar que um vínculo se formasse entre elas, conectando-as?

Mas então, tais vinculações eram a alma do povo de Keeley: os Curadores. Ou, como outras raças gostavam de chamá-los: Parasitas. Os vínculos eram imperceptíveis ao olho humano e como tentáculos místicos, aferravam-se aos demais com ou sem aprovação, sugando a força... E tudo o que a pessoa do outro lado tinha a oferecer.

Quando mais vínculos Keeley fizesse, mais força obteria e poderia exercer um controle maior sobre este poder. Mas precisava ser cuidadosa. Vínculos funcionavam em ambos os sentidos. Ela tomava, mas também dava.

Nunca era divertido ter sua própria força sendo usada contra você.

— Mas o vínculo não conseguiu ajudar Mari, não é? — Agora não podia mais.

A ira de Keeley voltou redobrada. Ela gritou, deixando a navalha cair. Há muito tempo, o cativo havia desgastado sua humanidade e ela suspeitava que isso nunca esteve mais evidente à medida que se levantava e arrancava pedaços de rocha das paredes, até que nada restou de suas unhas. Lágrimas quentes escorreram por seu rosto.

A realeza não chora.

Realeza. Não. Chora.

Isso era verdade.

As lágrimas eram uma fraqueza que não podia se permitir. Ela secou os olhos, os braços tremendo. Sua mais recente ferida protestou, sangrando profusamente.

Inspire... Expire.

No momento, Keeley ainda tinha um vínculo restante. A terra ao seu redor. Teria que ser suficiente para tudo o que havia planejado.

Ela sentou-se junto de Wilson, dizendo. — Vou me fortalecer. Terei êxito.

Terá?

Ele parecia perguntar.

Ela levantou o queixo.

— Ninguém me rouba e vive para contar.

Ela havia tido poucas coisas na vida que valiam a pena valorizar. Um reino, onde todos a rejeitaram. Um belo noivo, até que ele mentiu e a traiu. E então Mari, que nunca a machucou...

Agora ela se foi. Para sempre.

Um soluço escapou.

Realeza não chora. Realeza suporta.

— Sou apenas uma garota, — As palavras arranharam sua garganta, fazendo-a se sentir como se tivesse engolido ácido. — Uma garota sem sua amiga.

Torin soltou um gemido de agonia.

— Sinto muito. De verdade, sinto muito.

Já sarou? Muito rápido!

— Suas desculpas nunca serão boas o suficiente. — Ela bateu a mão, enviando mais pedras em sua cela. Wilson também saiu de sua cela.

Gritou. — Wilson! — Ela o perseguiu freneticamente. Ele rolou pelo corredor, onde ficou parado, olhando para ela mais uma vez, para sempre fora de seu alcance.

— Bem, — disse ela com o queixo trêmulo. — Que assim seja. Não é nada sem mim. Realmente, nunca gostei de você.

— Keeley? — Perguntou Torin.

Rejeitada por uma rocha.

— Mantenha-se fora disso guerreiro. É entre Wilson e eu. — Muito agitada para se sentar, ela andava de um lado para o outro na cela.

Fora da vista, fora da mente.

Ao menos em teoria.

Estou sozinha. Uma vez mais.

— Estamos aqui há séculos, — murmurou para si mesma. — Wilson ficou comigo, apesar de tudo. Inclusive quando eu estava acorrentada à parede. — Sem nenhuma arma, ela teve que roer os punhos para soltar seus braços e logo depois que suas mãos voltaram a crescer, ela teve que afiar as rochas e cortar os pés para libertar as pernas. — E ele me abandona agora? Ele é um bastardo como Cronus.

Bem, ele perderia o grande final. Ela iria terminar o difícil processo de tirar as cicatrizes de enxofre de sua pele... E tudo iria *boom*.

As cicatrizes tinham um nome... Um nome... Salvaguardas! Sim. Era como seu povo as chamava.

Salvaguardas! Após várias tentativas, com seus dedos muito inchados para se fecharem ao redor do cabo da navalha, ela conseguiu segurar a arma.

— Estúpidas salvaguardas e cicatrizes idiotas. — Queixou-se. De algum modo, eram a kriptonita de toda a sua raça. Basicamente, o pior pesadelo de Keeley.

As rochas sulfúricas não marcariam a alma e nem a carne de um imortal, mas nela, as cicatrizes eram acompanhadas de fraqueza. Se tivesse muitas, poderia negar totalmente seu poder. Inclusive tão imenso como era.

Caiu baixo por tão pouco.

Ela não podia castigar Torin e Cronus como queria até que todas as suas cicatrizes fossem removidas. E eles tinham que ser castigados.

Considerando que, às vezes, sua pele se recompunha, com as cicatrizes ainda intactas, era um trabalho meticuloso e frustrante. Tudo sempre dependia da condição de seu corpo. Bem alimentado, poderia criar novas células. Faminta, ela simplesmente regenerava as antigas.

Exatamente por isso que salvei todos os insetos que passaram pela minha cela nas últimas semanas. Besouros mortos rastreiros. Tive um grande café da manhã hoje.

Uma vez as cicatrizes cobriram cada centímetro dela. Para eliminá-las de suas costas, ela precisou se esfregar nas paredes de pedra, esfregar e esfregar, como o inferno. Seu rosto, seu torso e as pernas foram mais fáceis, ainda que não menos atroz. Tudo o que ela deixou foi algumas cicatrizes pequenas nos braços... E uma que se regenerava repetidamente.

Não desta vez.

— Realmente sinto muito, — disse Torin.

Ela acharia a gutural voz masculina de tenor excitante se não o odiasse tanto. Era arrependimento genuíno?

— Pelo menos você ainda tem Wilson, — acrescentou. — Quem quer que seja.

— Minha rocha de estimação. Nos separamos recentemente.

— Oh. Eu... Uh, sinto muito por isso também.

— Não sinta. Foi uma decisão mútua.

Uma pausa. Então.

— Ainda sinto muito.

— Apenas... Poupe seu fôlego, já que logo será o último, — sua mão ficou tensa sobre a navalha. O feito, feito está e nunca poderá ser desfeito. Nunca, nunca, nunca. — Cometi o erro de perdoar alguém que me machucou uma vez. — O homem que amou e com quem planejou se casar. — Tive que conviver com as consequências desde então.

Ainda que... Ela provavelmente devesse ser grata a Hades. Antes de conhecê-lo, tinha muito pouco controle sobre suas habilidades. Com apenas uma onda de poder, ela sacrificou mais da metade de seu povo em menos de um segundo.

O resto de seu povo buscou vingança.

Hades a resgatou, levando-a para o Submundo, sua casa. Ensinou-lhe tudo o que precisava saber para não apenas sobreviver, mas prosperar. Inclusive a incentivou quando desestabilizou seu palácio e ele teve que construir um novo.

Esta é minha garota, temível garota.

Keeley cravou a navalha tão profundo que bateu no osso.

— Eu sei que você deseja vingança, — disse Torin, sua voz como um bálsamo salva-vidas de calma no mar de ira. — Mas mesmo se sairmos daqui, não poderia tê-la. Você não pode me tocar ou ficará doente.

Parecia arrependido disto também.

Uma mentira, com certeza.

— Matar não é a única maneira de conseguir vingança, guerreiro.

Uma pausa crepitante aumentou a tensão.

— O que está dizendo?

— Disse que já ouvi falar de você, não? Galen, o guardião do Ciúme e da Esperança, era um dos maiores inimigos dos Senhores do Submundo... E ele ficou preso aqui. Por meses. Passamos as primeiras semanas trocando informações e teríamos continuado se ele não houvesse se deteriorado pela doença e fome, depois ficou em silêncio.

O que foi lamentável. O conhecimento era mais precioso que o ouro e ela sempre ansiava por mais. A mesma razão pela qual uma vez criou uma rede de espiões que se estendeu de um canto do mundo ao outro. Sabia coisas que os Titãs e Gregos não sabiam. Apenas tinha que se lembrar delas.

— Você ama seus amigos, — disse. — Provê para eles. Protege-os.

— O que tem isso a ver com alguma coisa?

Como ex-soldado grego, que fazia os gladiadores romanos parecerem marshmallow, tinha que saber aonde isso iria.

— Talvez não queira ouvir isso, mas... Posso matá-los.

As grades da cela dele sacudiram.

Impacto direto.

— Não vai se aproximar deles, — gritou. Ou ele regressou com toda a sua força ou sua raiva agora estava tomando a frente. — Não fizeram nada para você.

— Como Mari não fez nada para você?

— Você não estava lá. Não sabe como as coisas aconteceram. Está me culpando por um acidente.

— Nós dois sabemos que você se culpa. Por que não eu?

Passou-se um momento e quando ele falou novamente, estava calmo e uma vez mais seu tom estava lânguido.

— Não vai conseguir me analisar, princesa. Eu culpo a mim mesmo, sim. Você pode me culpar também. Mas isso é comigo, deixe os outros de fora.

Embora ele não pudesse vê-la, ela levantou o queixo.

— Sou uma rainha. Se me chamar de princesa novamente vou castrá-lo antes de matá-lo. — Durante muitos anos, a castração foi seu método preferido de castigo. O segredo estava no giro do pulso.

Ele murmurou.

— Você deveria agradecer por princesa ser tudo do que a estou chamando.

— E você deveria saber que vou fazer tudo o que considerar apropriado a quem considero merecedor.

— Sua atitude me faz pensar que ainda não ficou esclarecido o grande erro que está cometendo, — mudou de calma para encanto, mas isso nem sequer diminuiu o tom de aço afiado que acompanhava cada palavra sua. — Você pode, ou não, ser a Imortal Rainha Vermelha que todos temem, mas sou um guerreiro com o qual não quer se envolver. No campo de batalha, gosto da sensação de sentir o corte de uma espada em meu oponente. Gosto do cheiro do sangue. Fico revigorado. Inclusive acho gritos de dor uma bela melodia enquanto estou trabalhando.

Em seu mundo, a força importava. E a forma como ele acabou de descrever a si mesmo era...

Sexy.

Não, não era sexy!

— Bocejo. — Foi tudo o que se permitiu dizer.

— Bocejo? — As barras sacudiram mais fortes. — Acaba de bocejar?

— Para que saiba, comi guerreiros como você no café da manhã.

Ele não perdeu o ritmo.

— Bem, você cospe ou engole? Não importa. Não responda. Sua perversão sexual não influencia em nada esta situação. Agradeceria se focasse.

Calor encheu seu rosto.

— Eu não estava falando disso!

— Ei, não estou aqui para julgar. Estou aqui porque esperava que... — Parou, uma palpável sensação de assombro engrossou o ar que nunca perdia o fedor de corpos sujos e imundice.

O que estava acontecendo?

— Esperava que... O quê? Ajudar Mari? Bom, é muito tarde. Não o fez. Ela se foi e... — O queixo de Keeley estremeceu com tal violência que teve problemas para dizer as seguintes palavras. — E alguém tem que pagar. Vários alguéns.

— Acredite em mim. Estou... — click — ... Pagando. O ranger das dobradiças enferrujadas acompanhou sua última palavra. Então... Passos soando?

Ela franziu o cenho, confusa. Se ele...

Escapou!

Keeley ficou em pé, a navalha quase caiu de sua mão. Torin parou na frente de sua cela, uma mochila pendurada no ombro. Oh... Meu. Ele era tudo o que uma garota poderia desejar e mais. Um guerreiro alto combinado com um assassino de sangue frio.

Meu favorito. Minha fraqueza.

Ela ficou séculos sem ver outra pessoa... Sem tocar. Porque Torin tinha que ser tão magnífico? Seu cabelo era branco como a neve, mas suas sobrancelhas e cílios eram como a noite escura e o contraste era uma delícia sensual. Mas, oh, seus olhos... Era sua característica mais surpreendente. As mais raras esmeraldas, entrelaçadas com diferentes tons de verde, tudo sem um único defeito.

As terminações nervosas que ela pensou durante muito tempo estarem amortecidas, se agitaram para a vida, formigando. A umidade inundou sua boca. O sangue em suas veias acelerou.

Diminua a distância... Toque-o...

Definitivamente não... Bem, talvez.

Havia um rasgo no colarinho da camisa dele, fazendo com que o tecido caísse sobre o enorme peito musculoso completamente curado de sua autocirurgia improvisada.

Experimente...

— Como escapou da cela? — Perguntou ela. Estava pasma. Isso era tudo. Um urso teria este efeito nela.

— Um segredo que havia esquecido. — Respondeu.

— Isso não é resposta.

— Não era para ser. — Seu olhar caiu sobre ela com uma intensidade impressionante: agressão em sua forma mais pura. Suas pupilas se dilataram, negro e verde eclipsando rapidamente. O eclipse mais esquisito. Causado por... Luxúria? Acaso este homem mau a achava atraente apesar de suas loucuras?

O sangue em suas veias ferveu completamente de desejo.

E seu crime?

A fervura diminuiu lentamente.

— Você sabe que é melhor correr enquanto pode, guerreiro.

— Ou o que, princesa?

— Vou machucá-lo muito.

Ele moveu a língua por um incisivo. Lutando pela tranquilidade que parecia demonstrar tão facilmente antes?

— Vou avisar somente uma vez. Apenas uma vez. Nunca mais ameace meus amigos. Faça-o e está morta. Não quero isso e inclusive odiarei a mim mesmo depois, mas o farei. Entendeu?

Oh sim. Ela entendia.

— É mais protetor do que percebi.

Por um momento, ela experimentou ciúmes pelo entusiasmo dirigido a seus amigos. Eles eram amados por este homem com todo o coração, sem restrições. Sem Mari, a navalha se moveu, não havia ninguém neste mundo que defendesse Keeley. Não que ela precisasse se defender. *Eu sou e sempre serei um barril de pólvora sem igual.* Mas o gesto seria bem-vindo.

Ele fez as grades balançarem.

— Eu já perguntei, entendeu?

Tão feroz...

Respirou profundamente; o cheiro de couro e almíscar deveria ser um alívio bem-vindo, mas o arrepio que percorreu seus braços se agravou. Se fosse qualquer outro homem, ela teria chamado de atração animal. Mas não era. E se não tivesse força de vontade, teria cedido ao desejo de se aproximar mais.

Ela teria de se lembrar como ser uma mulher em vez de uma prisioneira.

Mas ela era a Rainha Vermelha e tinha força de vontade.

Ela plantou os pés e ficou no lugar. O homem a perturbava. Tomou nota. Não havia nenhuma razão para que a situação piorasse por flertar com a tentação.

Uma bela tentação.

Ninguém a impediria de vingar Mari.

— Keeley, — ele disse. — Preste atenção em mim.

— Ordens? Me diga novamente o que fazer e vou arrancar sua coluna através de sua boca.

Ele nem sequer piscou.

— Isso é difícil de fazer, o que provavelmente notou.

— Oh, eu sei. Precisa da experiência que tenho. Com espadas.

Uma vez mais, ele não piscou.

— A arrogância nunca é uma boa atitude.

— Não estou sendo arrogante. Estou falando a verdade, — calma, — isto é o que eu entendo, guerreiro. Uma vez prometi acabar com qualquer pessoa que me machucasse e nunca

minto. Sobre tudo a mim mesma. — Ela levantou o queixo, sabendo que passava a imagem de uma mulher teimosa. — Você, Torin, me machucou.

Ele suspirou com tristeza, no entanto a excitação brilhava em seus olhos. Isso a confundiu.

— Então, estamos em guerra? — Perguntou.

Ela ofereceu um sorriso frio.

— Estamos em guerra, guerreiro.

— Neste caso, seria prudente matá-la agora.

— Por favor. Tente. — Teria que abrir a porta da mesma maneira que abriu a dele... Algo que ela tentou mil e uma vezes.

Como ele fez o que eu não pude?

Ele franziu o cenho.

— Realmente acha que uma mulher como você pode me derrotar?

Uma mulher como ela? O que significava isso?

Gotas de ira rodaram através dela.

— Derrotei outros maiores que você.

— Maior talvez, mas melhor? Duvido, considerando que não há ninguém melhor.

Certamente ele parecia bom.

— Ouviu falar de Tifão, o suposto pai das monstruosidades? Metade dragão, metade serpente? Todo atitude. Zeus gosta de presumir que o derrotou, mas fui eu quem o rasgou em mil pedaços e o colocou sob uma montanha. E sabe por quê? Porque ele franziu o cenho quando eu passava por ele.

— Bocejo. — Disse Torin.

A coluna dela ficou rígida.

— Você subestima seu oponente. Um erro fatal que outros cometeram antes. Poderia perguntar sobre a experiência... Mas estão todos mortos.

O olhar dele se moveu para a fechadura da porta e a ferida em seu braço. Finalmente disse:

— Você está de luto pela perda de uma amiga. Vou deixar passar. Desta vez. Não darei outra chance.

Uau, o guerreiro feroz acreditava que estava sendo amável?

— Você tem opção. Ficar neste reino ou sair. Um dia ou outro vou derrubar esta prisão. No momento que o fizer, irei atrás de você. Se estiver aqui, concluiremos nosso assunto aqui neste reino. Tem minha palavra. Se não, vou caçar seus amigos e começar com eles.

Ele deu um soco em uma das barras.

Temperamental, temperamental.

Um arrepio a percorreu.

— Não pode ganhar de mim, Keys. Porque colocar-se à frente da batalha?

Ela ignorou sua familiaridade dizendo.

— Sugiro que use seus truques pelo tempo que me resta. — Não importaria o que ele fizesse, perderia. Mas o esforço poderia fazer com que se sentisse melhor sobre a derrota que viria. Ou não. Provavelmente não.

Seus olhos se estreitaram.

— Muito bem. Até nos encontrarmos novamente... Vossa Majestade. — Com um olhar final que, surpreendentemente a deixou sem fôlego, saiu da masmorra.

* * *

Keeley trabalhou em um ritmo diabólico, o corte e a cicatriz final.

Isto é por você, Mari.

Ela havia terminado, mas sua mente viajava constantemente a Torin...

Eu o odeio!

No entanto, não podia deixar de se perguntar se os cabelos loiros brancos eram tão suaves como pareciam. Ou se os lábios malvados seriam firmes contra os dela ou suaves. Ou se sua pele bronzeada a queimaria oh, tão bom, e se os músculos duros se apertariam cada vez que ela o tocasse.

Um tremor apoderou-se de todo seu corpo. *Keeley má. Má!* Mas depois de tudo o que sofreu, merecia o prazer. E realmente, Torin lhe devia um pouco...

De nenhuma maneira. Não vá por aí.

Torin estaria sempre fora dos limites para ela, sem importar o quão desesperada estivesse por ele. Ele era demais, não podia negar, mas tinha que manter as coisas em perspectiva. Veja Hades. Alguns centímetros mais alto que Torin, com uma força que nunca viu em outro. Seu cabelo negro era sensualmente despenteado e seus olhos meia noite sempre prometiam uma indulgência carnal selvagem que oferecia abertamente. E, no entanto, Hades provavelmente arrancaria a pele de sua companheira de cama assim como sua roupa.

Keeley, a rainha que nunca conheceu o afeto, ficou impotente contra seu apelo. Apaixonou-se por ele. Muito. Um romance que floresceu e abarcou séculos.

— Você é tão poderosa, querida, — Anunciou um dia. — Mas este poder é instável. Poderia me machucar acidentalmente... A menos que fique presa ou desative o pior de suas habilidades. Apenas então, ficarei a salvo de você. E quero ficar a salvo. Quero passar minha eternidade com você. Não quer isso também?

Ela o amava e também concordava com ele. Seus poderes eram instáveis. Coisas ruins aconteciam cada vez que suas emoções ativavam o pior dela e, em qualquer estação, o tempo respondia na mesma moeda. Tsunamis. Furacões. Tempestades. Neve. Tornados. Incêndios florestais. Se alguma vez machucasse o homem com quem queria se casar, ela iria querer morrer.

Quando ela apontou que ele ficaria a salvo de seu poder com as cicatrizes de enxofre, negando seu poder sobre ele especificamente, ele apontou que seu povo nunca estaria a salvo e não podia esperar que todos sob seu comando chegassem a tais extremos, neste momento, podia?

Razoável.

Manipulador.

Hades, o guerreiro mais feroz existente, o homem com centenas de exércitos de demônios e literalmente, alguém que viveu no inferno, temia que seu poder ficasse mais forte que o dele, nada mais, nada menos. Simplesmente, não era capaz de suportar.

Mas as cicatrizes não eram o pior de seus crimes. Depois que ele a debilitou, vendeu-a para Cronus, por um barril de uísque.

Há duas coisas que nunca esquecerei. Os crimes cometidos contra mim e meu poder. E Hades vai pagar por isso. Ela planejava cortar sua cabeça e espremer seu cérebro. *Estou pensando em usar as entranhas para colocar em uma abóbora no Halloween.* Ela montaria um estande no nível mais baixo dos céus e permitiria que todos a quem ele machucou, pudessem usar seu crânio como vaso sanitário.

Em uma palavra: mágico.

Keeley silvou quando a navalha saiu pelo outro lado de seu braço. Instável, colocou a arma de lado e levantou o pedaço da pele recém-marcada. Quando o sangue se filtrou, estendeu o braço diante da luz. Esta última cicatriz voltaria?

Esperou, um minuto marcando outro. Sua pele juntou-se novamente, sem deixar cicatriz! Ela havia... Conseguido? De verdade?

Não podia ser...

Levou a mão ao peito, onde seu coração estava acelerado. *Sou eu outra vez? Séculos de trabalho finalmente terminaram?* Ela se levantou pesadamente, esperando um aumento repentino de poder golpeá-la a qualquer... segundo... Mas, não ouvi nada.

Senti tanto sua falta.

Também esperava uma enorme sensação de triunfo, mas... Não sentia isso também. Estava cheia de resolução, não havia espaço para mais nada. Havia muito que fazer. Matar Torin. Matar Cronus. Matar Hades.

Chorar por Mari.

Ela colocou o pedaço de pele que acabou de cortar no bolso do que sobrava de seu vestido. *Meu troféu.* Teria que ter cuidado para não tocá-lo já que o enxofre a debilitaria. Mas também não podia se livrar dele e permitir que quem o encontrasse, pudesse usá-lo contra ela.

Aproximou-se das barras de sua cela, cada passo mais seguro que o anterior, com a mente mais clara. Tentou pressionar o ferro com mais força, este se ampliou instantaneamente.

Realmente sou eu outra vez. Antecipação a percorreu e sem parar seus passos recolheu Wilson.

— Deveria ter ficado comigo, — disse. — Eu o teria protegido. Agora? Esqueça isso. — Com um aperto, ela o destruiu e concentrou-se na cela de Mari. Outra onda de poder fez as barras se alargarem também.

O lugar era do mesmo tamanho que a cela de Keeley, mas as paredes eram mais suaves e sem marcas de sangue. No centro, havia um monte de terra do tamanho de um ataúde.

A ira a percorreu e, então relâmpagos explodiram por seus poros, crepitando ao seu redor. Sim! Isto! Um segundo mais tarde, ela soltou uma rajada de vento a seus pés, deliciosamente eletrizante e isso ferveu seu sangue enquanto flutuava no ar.

Todo o calabouço começou a tremer, pó e escombros caíam do teto. Muito rápido, o caos fez as paredes desabarem. Caíram, uma por uma, as barras das portas se abriram, depois se cravaram no teto, em seguida, caíram.

Nenhum pedaço de rocha ou concreto se atreveu a roçá-la.

Calma... Constância... Não quer destruir todo o reino.

Não ainda.

Respirou fundo... Exalou... O tremor sumiu lentamente, logo parou; o pó sumindo pouco a pouco. Keeley flutuou para baixo, para o nada do calabouço, mas com muito ao seu redor. Aterrissou em um rochedo arredondado, o vento chicoteando seu cabelo.

Fechou os olhos, desfrutando do seu primeiro sabor de liberdade em séculos. O sol saía por trás de uma parede de nuvens, acariciando seu rosto, apesar do frio do inverno. Glorioso.

Um galho quebrado fez ruído e ela ficou rígida, esquadrinhando o bosque que a rodeava. Árvores enegrecidas, terra batida. Fumaça e cinzas.

Bem vinda ao Reino das Lágrimas e Lamentações, onde a felicidade vem da morte.

Quando chovia sem a ajuda das emoções de Keeley, chovia em todo o reino. Ela perdeu a conta do número de vezes que quase se afogou dentro de sua cela.

A casa de Cronus era atualmente o lar dos Tácitos, uma raça de criaturas tão sanguinárias e vis que ninguém se atrevia a falar seus nomes.

E, no entanto, os Tácitos tremem ao ouvir meu nome.

Ela sorriu ao se lembrar daqueles que achavam que era pura maldade. Estavam corretos.

Pobre Torin.

Ela asseguraria que fizesse qualquer coisa para permanecer atrás, ainda que apenas para salvar seus amigos de sua loucura. O que significava que estava em alguma parte, esperando.

Antecipação...

Não podia ficar excitada. Eram apenas negócios.

Sangrento. Sangrento negócio.

Uma ideia se formou. Logo, Hades enviaria seus servos atrás dela. Todas as semanas eles iam ver como ela estava e se assegurar que continuava presa. Vê-los mastigar Torin seria divertido. Ele se contorceria de dor e eles ficariam doentes. Então, poderia arrancar a cabeça deles.

O fim ideal para muitos de seus inimigos.

Está decidido.

Certo. Não há nada que possam fazer. Estou tão excitada.

CAPÍTULO TRÊS

Cara. A Rainha Vermelha, pensou Torin incrédulo. Não era estranho que os imortais no céu se limitavam a sussurrar sobre ela. Insana? Cruel? Sim, claro. Haviam provavelmente assumido que dizer seu nome em voz alta teria um efeito como no filme “Os Fantasma Se Divertem” e poderiam convocá-la.

Agora, pelo menos entendia o título. Com tal poder, ela podia matar exércitos inteiros em um instante ou algo mais.

E esta era a mulher que ameaçou seus amigos. *Minha única família.*

De verdade. Caaara.

O demônio estremeceu.

Escondido pelos galhos das árvores grossas que estavam cobertas por espinhos e folhas pontudas que pareciam dentes de verdade, Torin observava Keeley à distância, como uma trepadeira, completamente atônito. Ela permaneceu em pé no lugar, enquanto os escombros da masmorra caíam ao redor dela e não sofreu nenhuma lesão. Bem, isso não era totalmente verdade. Seu braço estava um caco. Mas, ainda assim, ela derrubou a prisão, tal como disse que faria e não precisou levantar um dedo para fazê-lo.

Que outra coisa poderia fazer?

Algo se agitou em seu interior. A mesma selvageria que costumava sentir no campo de batalha. A mesma sensação que uma vez viveu e nunca pensou que voltaria a sentir.

Sorriu.

Idiota! Esta era uma batalha que não poderia vencer.

Poderia alguém? Se ele não tivesse libertado os outros presos em sua saída, cada um deles teria morrido neste dia. Ela teria se importado?

Definitivamente não.

Falando de prisioneiro... Um dos homens era familiar para ele. Magro, mas familiar, despertando um sentimento de ira em seu interior. Torin foi incapaz de segui-lo, ou mais tarde de encontrá-lo.

Não que isso importasse agora. Tinha uma ameaça maior em seu prato. Em mais de um sentido. Perdeu a conta do número de vezes que quase voltou para Keeley. Não para machucá-la ou gritar com ela como ele deveria querer, mas simplesmente para voltar a vê-la, para provocá-la. Para implorar seu perdão. Para provar que ela não era a beleza de coração frio que ele se lembrava. Para romper um estúpido impulso; um cordão invisível puxando-o constantemente para mais perto dela. Para simplesmente... Estar com ela.

Que estúpido era isso?

Tenho que matá-la.

Uma pontada de arrependimento atravessou seu peito enquanto imaginava a poderosa, valente beleza morta em seu túmulo.

Maldição! Ele não deveria sentir-se em conflito sobre seu destino. E não deveria ter que lembrar a si mesmo da ameaça dela contra sua família.

Era hora de um pouco de reforço negativo. Torin rodeou com os dedos o galho de uma árvore grossa ao seu lado, concedendo permissão para a folhagem se banquetear nele.

Afiados dentes roçaram sua pele e o sangue pingou em sua mão. As folhas estalaram em um frenesi de alimentação como piranhas, deixando apenas os ossos. Doeu como o inferno quando puxou seu braço para longe. Ele não tinha que se preocupar com a planta propagar a enfermidade, morreria antes de uma hora.

Enquanto se curava, observava Keeley com mais atenção. Duas coisas ficaram desconfortavelmente claras. O reforço negativo não ajudou, o desejo de matá-la estava curiosamente ausente. E o desejo de derrubá-la no chão em uma prova de força aumentou. Uma prova de força... isso era tudo.

Seus olhos estavam bem abertos e sensuais como se fazendo sinais para os homens ao redor irem para sua cama. Estou aqui, diziam. Faça o que quiser comigo.

Ainda que o cabelo dela estivesse coberto de terra e embaraçado, as mechas brilhavam avermelhadas com tons azuis na luz do sol. Os lábios estavam vermelhos, eroticamente carnudos, lábios pelos quais algumas mulheres pagariam uma fortuna para ter... E os homens estariam dispostos a pagar uma fortuna para se colocar sobre eles. A pele dela era impecável, tão pura como gelo e também com um tom azulado.

Extraordinário. Uma fada de açúcar do Quebra-nozes viva e respirando.

Com uma trilha sonora pornô.

Ele gemeu.

Não isto. Qualquer coisa menos isto.

Séculos atrás, Torin passava a maior parte do tempo fodendo cada mulher que conheceria, em sua mente. E era bom. Um deus entre os homens. Nada como o soldado durão incapaz de terminar o negócio. Tomou suas amantes contra paredes, inclinou-as sobre mesas e no chão tão selvagemmente como um animal, e elas adoraram.

Meu portão de drogas, abrindo portas pelas quais nunca serei capaz de entrar, me provocando com o que nunca poderei ter.

Keeley levantou seu braço e estendeu o dedo indicador. Um relâmpago cruzou o céu, atingindo a ponta. Ela não caiu e nem vacilou sobre seus pés. Mas ela sorriu.

O que diabos ela era?

Doença golpeou contra a cabeça de Torin, imprudente, em uma tentativa de escapar da garota.

Pela primeira vez, Torin concordava com o demônio. Combater Keeley não seria um agarre rápido e depois apunhalar como esperava. Levaria tempo. Tempo que não tinha. Cameo e Viola não iriam se encontrar. Sem esquecer a necessidade de caçar e destruir a caixa de Pandora. Era a única coisa neste mundo ou em qualquer outro capaz de matar a ele e seus amigos de um só golpe.

Ou isso ele pensava.

Apesar de não ter feito nenhum ruído, a cabeça de Keeley virou-se em sua direção. Seu olhar azul gelo prendeu-se ao dele e se estreitou. Apesar da distância entre eles, aproximadamente uma centena de metros, sentia-se como se houvesse recebido um soco no estômago.

E ele gostou.

Apenas a mate e vá embora.

— Se escondendo? — Perguntou. — Estou decepcionada com você.

Maldição! No período em que estiveram separados, ele não construiu uma imunidade à voz dela de quero-te-chupar. Apesar de que não teria importado se tivesse. Ela usava um vestido rasgado e sujo, as mangas arrancadas e a barra até a coxa toda desfiada, e parecia sexy como a Jane do Tarzan.

Entrou em um raio de luz.

— Bem, fiquei curioso. Como derrubou o edifício inteiro? E porque esperou tanto tempo para fazer?

— Torin, Torin, Torin, — ela estalou a língua. Apesar de sua calma aparente, seus olhos brilhavam com ódio. — Você é possuído por um demônio. Mata as pessoas com apenas um toque. Duvido que deva deixá-lo usar meus segredos contra mim, seria demais. Entende se me negar a responder?

— Claro. Mas, com suas habilidades, me surpreende que mais pessoas não saibam sobre você.

— Raramente deixo sobreviventes. Há menos fofocas desta forma. — Ela o olhou uma... duas vezes... Mais tempo na segunda vez. Lambeu os lábios, pensando.

Não. Não pense.

Já estava duro como ferro.

Nem sequer Cameo, a magnífica guardiã da Miséria, o afetou tão fortemente e com tão pouco e eles saíram juntos durante meses.

— Pode fazer um favor a uma garota? — Perguntou Keeley. — Diga como abriu a porta de sua cela. A prisão foi desenhada para responder à Cronus e você, Senhor do Submundo, não é ele.

Custou a Torin apenas um segundo para abrir a porta e ele quis chutar a si mesmo por dias. Como esqueceu que Cronus selou a chave absoluta dentro de seu peito? Que poderia abrir qualquer fechadura, em qualquer momento e em qualquer lugar.

— Sem favores. — Disse. — Hoje não.

Ataque. Agora!

— Claro. — Ela sorriu e ainda que não fosse nada mais que uma tela maligna mostrando os dentes, era como se houvesse encontrado um botão escondido, a magia conectada diretamente ao seu sistema reprodutivo.

Para uma intensa excitação escaldante, pressione aqui.

Ele deu um passo atrás. *Não é ela. Não pode ser ela.* Seus passatempos geralmente o distraiam de seus apetites indesejados, mas, no momento, não tinha acesso a um computador ou vídeo games, uma cozinha ou uma câmera, uma mesa de bilhar, um tabuleiro de xadrez, um baralho de cartas ou mil outras coisas. E certo, wow. Aparentemente não pensar em sexo, não tentar fazer sexo e na realidade não ter relações sexuais, deixava Tor Tor com tempo livre.

Mas, apesar de ela não ser sua, *realmente, realmente não podia ser ela*, não podia deixar de imaginá-la vestida como uma concubina. Sutiã azul reluzente. Azul, claro, combinando com a parte de baixo transparente. Sem calcinha.

Em sua mente, ele a colocou de joelhos e lhe exigiu engolir cada polegada pulsante dele. Tinha esta inclinação para engolir, depois de tudo. Ela obedeceu com entusiasmo, não podia viver outro momento sem conhecer o sabor dele, abrindo a boca, tomando-o com profundidade. Durante todo o caminho até chegar à base. Um gemido de êxtase escapou; o som vibrando ao longo de seu eixo, intensificando seu prazer.

Sim. Isso. Isso era o que queria.

Teve que apertar os dentes contra a magnificência das sensações que o atravessavam. O anseio do que nunca poderia ter e não deveria querer. O calor. As batidas aceleradas do seu coração.

Suficiente. Pare!

Mari não lhe ensinou nada?

Tinha Cameo? Ela nunca manifestou sua insatisfação com o acordo deles, mas sentia a emoção como outra entidade no quarto. Ela tinha necessidades. Queria um amante. Ser acariciada e acariciar. Fazer massagens. Consolar. Apertar, amassar... Sentir-se cheia. Necessidades que ele não podia suprir.

Destinado a decepcionar. Sempre.

Além disso, esta mulher queria matá-lo. E não apenas ele, mas seus amigos. Por um crime que ele cometeu. Isto não era um mal entendido que poderia se resolver com uma simples conversa de coração para coração.

Keeley estendeu suas mãos, tipo *olhe como sou impressionante*.

— Vou te fazer um favor que permitirá escolher como será. Prefere que eu arranque seus braços ou te obrigue a cavar cada um dos seus órgãos com suas próprias mãos? — De alguma maneira ela parecia ainda mais tranquila e as chamas de seu ódio ainda mais quentes.

— Como vai fazer alguma destas coisas se não pode me tocar?

— Por que dizer, — disse ela, — quando posso mostrar? Um alerta: meu próximo truque vai ser um chute final no saco.

— Chute no saco? — Se não fosse por sua fúria assassina, ela poderia ser a mulher perfeita. — Rainhas de verdade não falam assim.

— Esta Rainha fala.

Um segundo depois, o chão moveu-se sob os pés dele. Não, não era verdade. Não caiu, ele foi catapultado no ar, suas extremidades tensas... E mais tensas... Até que ambos os ombros quase saíram do lugar. Sua pele começou a se rasgar. Dores agudas por todas as partes. Em qualquer momento, perderia cada um de seus membros.

O perverso da experiência? Gostava da pressão, saboreava.

— Como faz isso? — Perguntou através de respirações ofegantes.

Ela lhe lançou um beijo.

Hardcore. Como preliminares para guerreiros.

Sou um homem doente. Ha ha.

— Neste momento, — disse ela, — está experimentando um ataque extremo de impotência. A mesma impotência que Mari deve ter sentido quando a febre invadiu e saqueou seu sistema imunológico.

Esqueça a pressão. A culpa o sufocou.

O queixo de Keeley tremeu.

— Você a fez chorar, guerreiro. Às vezes, juro que ainda posso ouvir seu choro.

Ele fechou os olhos com força.

— Faça então. Acabe comigo. — Merecia. E ela ficaria satisfeita e seus amigos a salvo de sua ira.

— Tão rápido? — Perguntou. — Não. Estamos apenas começando.

Parte da pressão se aliviou.

— Vamos! — Gritou enquanto suas feridas se curavam. — O que está esperando? Não terá outra oportunidade como esta.

— Na realidade, terei quantas oportunidades quiser.

— Confia tanto em sua capacidade?

— Talvez confie na *sua* falta de capacidade.

A zombaria queimou tanto que podia receber um pouco de aloe vera em sua alma. Sempre no banco, nunca no jogo. Obrigando-se a falar em um tom calmo, ele disse. — Fui amável com você por sua perda e tudo...

— A qual foi sua culpa! — Disse aumentando a pressão novamente.

—... Mas minha boa vontade está oficialmente acabada.

Um rugido animal, de repente, fez eco através do bosque, interrompendo o começo de um longo discurso sem nenhum sentido, mas apenas o postergando, dando-lhe a oportunidade de pensar em uma maneira de sair disto.

Torin caiu, batendo no chão. Apesar de perder o fôlego, levantou-se de um salto. Atrás dele, galhos se quebravam. Extremidades se juntaram. Outro rugido ecoou, desta vez mais forte, mais perto.

Algo se dirigia para cá e rápido.

Esteve nos bosques durante dias e não viu nenhum sinal de vida. Bem, além de plantas carnívoras. Agora isto?

Olhou para Keeley. Ela colocou as mãos nos quadris, como uma mulher irritada. Graciosa. Inclusive sexy.

Segurou o lado do crânio em um esforço para limpar seus pensamentos, o que na realidade ajudou. Ele tocou a adaga que trouxe de casa, pronto para enfrentar este novo desafio.

A criatura chegou, rodeada por uma nuvem de poeira. Compreendeu, isto era um Tácito. Metade homem, metade fera. Em lugar de cabelo, serpentes dançavam e silvavam em seu couro cabeludo. E no lugar da pele, tinha o que pareciam ser restos de pele. Duas longas presas

sobressaiam por cima de seu lábio inferior como sabres, alcançando seu queixo. Apesar de ter a mão de um homem, seus pés eram cascos afiados.

Seu olhar negro percorreu Torin, catalogando todos os detalhes e sua língua bífida acariciou seus lábios. — Meu.

* * *

Keeley observou seu mais recente oponente. Uma coisa feia. O Tácito deve ter ouvido a queda da prisão e veio correndo, decidido a averiguar o que havia acontecido.

Agora parecia ansioso para ter Torin como um bom jantar.

Entre na fila.

Ela podia não ser carnívora como o Tácito, mas gostaria de dar uma mordida ou dez.

Deixe de flertar com a ideia da sedução e lute!

Pensou em todas as vezes que esta criatura e seus irmãos invadiram a prisão, frenéticos para irromper através das barras e fazer festa com os prisioneiros. Apesar de que nunca conseguiam ir além das barras, chegavam perto e podiam agarrar quem se aproximava demais; e ouvia os frutos horrendos de seus trabalhos. Os gritos. As súplicas de piedade que nunca foram concedidas. Os ruídos vitoriosos de júbilo.

Pagar iria doer.

Enquanto se preparava para fazer sua primeira jogada, Torin voou através da poeira e cortou com a ponta do punhal a garganta da criatura... Apenas para desaparecer. Onde estava? Tinha que estar perto. Segundo Galen, Torin não era um imortal capaz de riscar.

O Tácito permaneceu em pé, curando-se rapidamente e ficando cada vez mais irritado. Torin reapareceu e golpeou novamente e outra vez e outra, infringindo mais dano a cada vez. O Tácito tentou agarrá-lo. Tentar era a palavra chave. Torin mostrava entusiasmo em lugar de medo, sempre se esquivando no momento perfeito.

Por muito que odiasse admitir, a habilidade magistral do guerreiro a impressionava.

O problema era que não fazia contato real com a fera ou dava um soco. Nem sequer chutava. Decidido a prevenir uma praga? Inclusive entre os vis Tácitos? *Talvez ele realmente se sentisse mal pelo que fez a Mari.* Keeley aplanou sua mão contra o estômago para diminuir a rotação repentina de enjoo, mas isso não iria mudar seu destino. Não podia. Tinha uma qualidade redentora: sua integridade. Ela prometeu acabar com ele e o faria.

O Tácito passou uma garra em Torin e desta vez Keeley tomou como algo pessoal. Torin era dela para matar. De ninguém mais. Qualquer um que sequer pensasse em machucá-lo assinava automaticamente sua sentença de morte.

— Vou dar cinco segundos de vantagem, — gritou ao Tácito. — Sugiro que seja rápido.

Ante o som de sua voz, a criatura ficou gelada. Seu olhar negro girou para ela e se estreitou.

— Você.

— Quatro, — Keeley arrumou o cabelo. — Tenho certeza que ouviu os rumores sobre minha afeição por vísceras e desgosto por mostrar misericórdia. Bem, asseguro, os dois são verdade. Pergunte ao seu irmão. Oh, espere. Não pode. Ele se aproximou da minha cela e eu o eviscerei. Três.

Torin se lançou pelo ar, cortando o Tácito. Um olho. Um grito de dor ecoou. A fera por fim conseguiu colocar suas patas em Torin, batendo em seu peito. Torin subiu uma vez mais no que restou de uma ponte levadiça abaixo do fosso.

Ordem de execução assinada, selada e pronta para ser entregue.

— Dois. Um.

— Sempre pensei se seria a mais saborosa. — A fera disse, voltando sua atenção para ela. Deu um passo adiante e ainda que uns cem metros os separassem, ele apareceu na frente dela no próximo passo. Levantava-se sobre ela, seu hálito fétido tocando seu rosto, queimando sua pele.

— Finalmente saberei se tinha razão.

— Ninguém lhe ensinou o valor de uma boa escova de dente, posso ver. — Ela balançou a mão sob seu nariz.

— Não se preocupe. Vou limpar os dentes... Com seus ossos. — Os Tácitos gostavam de abrandar sua comida.

Ela enviou um raio em seu peito, fazendo com que todo seu corpo fosse impactado. Estava a ponto de enviar outro quando algo duro bateu contra seu lado, deixando-a fora do caminho. Este algo a manteve perto, segurando-a de forma intratável, contorcendo-se no ar, segurando a pior parte do impacto quando aterrissaram.

Ela conteve a respiração e recuperou o equilíbrio, ofegante, franzindo o cenho para Torin que estava sobre ela, uma exibição de força.

Idiota!

— Porque fez isso? — Perguntou.

— Que tipo de mulher idiota fica parada enquanto uma fera com o triplo do seu tamanho se prepara para golpear seu cérebro e puxá-lo pela orelha?

Ele está... me ajudando?

Mas, por quê?

Pensamentos... Descarrilamento...

O cabelo molhado grudava no rosto de Torin, as gotas de água pingavam, lavando um pouco da sujeira. Os cílios marcavam os olhos esmeraldas que brilhavam de forma sensual com uma mistura de ameaça e luxúria.

A crua sexualidade, sua masculinidade selvagem, atravessava toda defesa feminina que tinha, fazendo-a responder de forma carnal e ficando quente. Tremores a percorriam, dificultando sua respiração.

Uma fome sem fim.

Sabendo que o Tácito ficaria fora ao menos durante alguns minutos mais, ela estendeu a mão para traçar o contorno dos lábios bonitos de Torin. Ele ficou parado, talvez preso na mesma desesperada necessidade que sentia. Definitivamente se atreveria a fazê-lo, a tomar o que queria, mas no último segundo, deu um passo atrás, como se ela planejasse golpeá-lo ao invés de acariciá-lo.

— Não, — disse. — Enquanto houver roupas entre nós, está bem, mas pele com pele, destruiria até mesmo você.

Raiva. Dele e de si mesma. Como pôde esquecer sua dor?

Alívio. Fraqueza de qualquer tipo não lhe era permitida.

A ira voltou novamente. Ele era o assassino de Mari! O inimigo. O desejo por Torin não podia ser maior que o desejo de vingança.

Os ossos dela começaram a vibrar, o chão tremeu. O vento açoitava em um frenesi perigoso. Trovões retumbaram no céu que ficava escuro, com um negro opressivo.

Torin procurou a origem do tumulto, sem perceber que vinha dela.

O Tácito se recuperou antes do esperado e mostrou isso a eles, golpeando com força o distraído Torin, tirando-o do caminho e pegando Keeley pelo pescoço. Ela não resistiu quando ele a levantou do chão. Não havia necessidade.

— Não é tão altiva agora, verdade mulher?

— Alguém fala como se tivesse comido papel higiênico, não é assim?

Uma forte dor cruzou seu pescoço. Ele quebrou sua espinha. *Oh bem.*

— Quero que saiba o grande prazer que terei em espremer você com tanta força que sua cabeça vai pular. — Sua voz era como uma navalha, cortando-a, seu sorriso lento e triunfante... E algo mais, ruim para ele. — Vou usar a ferida como palha e drená-la.

Criativo.

— Vai receber... Mais do que... Fez a mim. — As vibrações a seu redor se intensificaram, tudo pronto para cair sobre ele.

Confusão franziu seu cenho antes da terra se abrir de cima abaixo, ameaçando engolir tudo.

Soltou-a em uma tentativa de buscar segurança, apesar de que ela não caiu uma polegada. Não, ela permaneceu no ar, o vento vinha com mais força chicoteando as pontas de seu cabelo e a barra do vestido arruinado.

As nuvens escuras como a noite ondulavam, gritando como se estivessem em trabalho de parto... E finalmente dando à luz a uma violenta tempestade. Facas de gelo se lançaram à terra... Ao Tácito. Slash. Slash. Slash. Os cortes foram mais profundos que os de Torin, desgarrando a pele, tirando todo o sangue.

Sorrindo, ela torceu o dedo. O Tácito tentou plantar seus calcanhares e se manter no lugar, mas não era forte o suficiente para se opor ao seu poder e logo ficou a poucos centímetros dela, na borda da ruptura. Esperava machucá-la. Tinha a esperança de machucar Torin.

Agora ele morreria.

Torin balançou para baixo, cravando a faca no tornozelo do Tácito. Com um bramido, a fera caiu de joelhos. Mas, antes de aterrissar, se contorceu e tentou segurar o braço do guerreiro. Não conseguiu. Torin ficou de joelhos a vários metros de distância, apesar do gelo que caía, também causando o mesmo dano nele, mas manteve o olhar estreito no Tácito, que se preparava para lançar outro ataque.

Não posso deixar. Minhas emoções... São quase fortes demais para controlar...

Onde estava a justiça nisso?

Respirou fundo para dentro... Fora... Mas “quase” já havia se queimado e explodido. Ela sentiu-se assim durante muito tempo, sem nenhum tipo de saída. Tentou riscar Torin do lugar. Talvez conseguisse. Talvez não. A raiva chutou os muros de sua defesa e saiu dela; perdeu a noção do que a rodeava. Sua coluna vertebral se reajustou, curou-se e se arqueou, fazendo com que seu corpo se inclinasse.

Gritos de agonia se ouviram e não vinham dela.

O riiip da pele se rasgando.

O crrrack dos ossos se quebrando.

O estalido de um corpo. O som do sangue correndo. As gotas. Os órgãos destroçados.

Líquido quente espirrou nela. Algo a acertou.

Mas, tão logo como a tempestade chegou, se acalmou. Keeley flutuava sobre o chão. Secou os olhos para limpar o campo de visão. O Tácito se reduziu à migalhas e nada era identificável. Não seria capaz de se recuperar disto. Nunca iria se regenerar. Isto era para ele, o final.

Que coisa!

Mas... Não havia nenhum sinal de Torin.

Ou ela o enviou para longe como esperava ou ele morreu, suas tripas esmagadas. O arrependimento cravou diretamente através de seu coração. Porque não poderia exigir o tipo de vingança que esperava. Não era por isso, *impossível*, era um sentimento de perda.

Eu não posso perdê-lo.

Ou poderia? Torin era o assassino de Mari, sim, mas também o único vínculo que Keeley tinha com a garota. Seu único vínculo com o mundo dos vivos.

Ela tentou riscá-lo. Quando tudo ficou onde estava, o pânico apareceu como um assassino calmo. Ela não podia bloquear ninguém... Exceto os mortos.

Bom, ele não estava morto. Ele era um terrível Senhor do Submundo e podia simplesmente ter se movido muito rápido para ela perceber.

Sim, deve ter feito isto.

Foi para frente. Ele estava ali e ela o encontraria. Não importava onde se escondeu. Eles terminariam sua guerra e ela encontraria outro vínculo com a terra dos vivos.

Vida, conheça a perfeição.

CAPÍTULO QUATRO

Torin corria pela floresta com cuidado para evitar as armadilhas que tinha colocado mesmo sem a sugestão de Keeley, *obrigado*. Os galhos estapeando seu rosto e as folhas tentando morder suas bochechas, mas dificilmente notava. Em um segundo estava se preparando para lançar um ataque final contra o Tácito, no próximo ele estava a uma boa distância da ação. Keeley deveria tê-lo riscado.

Por que ela faria tal coisa? Ela o queria morto, certo?

Será que a resposta realmente importava?

Ele precisava de sua mochila, tipo, para ontem. Ele não podia deixar Keeley próxima de seus amigos, sua única família, e se isso significasse que tinha que pôr uma bala no cérebro dela, que assim fosse.

E o premio de Pior Inimigo de Toda a História vai para... A Rainha Vermelha.

Não porque ela fosse poderosa o suficiente para derrubar um edifício, embora certamente a colocava no topo da lista, mas porque ela podia fazer uma fera explodir aos pedaços, chovendo sangue e tripas.

Sério. Ela acabou com aquele Tácito como uma ereção matinal, com o mesmo resultado final: uma explosão.

Torin podia imaginar o discurso de aceitação de Keeley.

Eu gostaria de agradecer à minha vítima. Sem ele e seus órgãos internos, eu não estaria aqui.

Em todos os séculos de sua vida, ele pensou que tinha visto o pior do pior, quando se tratava do horrível.

Estava errado.

Ele embrenhou-se através de uma parede de folhagem estalando, que tinha passado horas erguendo na manhã de ontem. Uma defesa lamentável, mas um cara precisava trabalhar com o que tinha. Três dos prisioneiros que libertou esperavam no campo, apesar de suas ameaças de matar primeiro e fazer perguntas depois, se alguém se aproximasse dele. Eles esperavam que ele encontrasse uma maneira de sair do reino.

Até agora, não teve sorte. Não importando a ameaça de Keeley.

Torin sabia que havia centenas de reinos diferentes, alguns ao lado dos outros, alguns empilhados em cima de outros, e alguns até mesmo enrolados em torno de outros. Ele só não tinha certeza de como conseguiria ir de um para o outro, sem a habilidade de riscar.

— Oi, companheiro, — Cameron disse. — Que bom que você se juntou a nós.

O trio consistia em dois machos e uma fêmea. Cameron, o guardião da Obsessão. Irish, o guardião da Indiferença. E Winter, a guardiã do Egoísmo.

Eles foram amaldiçoados com os demônios, embora não tenham estado entre os imortais que abriram a caixa de Pandora. Mas, quando se tratava do mal, havia sempre um “mas”. No momento, eles eram prisioneiros do reino subterrâneo do Tártaro. E como havia mais demônios do que Senhores, uma boa parte dos presos recebeu as sobras.

— Tempo para abandonar o navio. — Ele disse. Keeley viria atrás dele, e se o trio estivesse em qualquer lugar próximo dele, seriam pegos no fogo cruzado.

Ninguém pareceu pegar sua urgência.

Tanto faz. Ele não assinou como guardião deles. Se não queriam ouvir, eles mereciam o que receberiam.

Cameron encostou-se ao lado de Winter, oferecendo-lhe uma tigela de ensopado. Os dois eram irmãos, talvez até gêmeos. Ambos tinham os mesmos olhos lavanda com bordas prateadas, os mesmos cabelos e a pele bronzeada.

— Esta pequena clareira tem a melhor nascente fria de toda floresta, — Cameron disse. — E papai precisa de seus momentos de banho feliz. — Ele pegou a arma de tatuagem que tinha criado com partes de metal que encontrou no chão, e continuou tingindo uma imagem atualmente indistinguível em seu pulso. Aparentemente, ele tinha uma compulsão “obsessiva” para escrever cada uma de suas prisões em sua carne. — Nós não vamos partir.

— Então logo você experimentará as alegrias da autocombustão. — Era simples assim.

Irish estava empoleirado em um toco de árvore na horizontal, ocupado em esculpir um galho em uma flecha. Ele não era tão civilizado na aparência quanto seus amigos. Dois chifres se estendiam no alto de sua cabeça. Escuros, diretamente das extremidades dos cabelos pendurados até a cintura, várias lâminas tecidas em fios. Ele tinha maçãs do rosto afiadas. Olhos pretos, misteriosos. As mãos permanentemente arranhadas. E embora, na maior parte dele, tinha a parte de cima de um homem, a parte inferior era de uma cabra. Pele e cascos.

Ele era parte sátiro, parte outra coisa, e sentindo o escrutínio de Torin, ele olhou para cima.

— Foda-se. — Ele disse em seu rico sotaque irlandês. Daí o apelido. O nome real era Puck alguma coisa. Ou talvez Vômito alguma coisa. Difícil dizer quando você não dá à mínima.

Torin deu de ombros.

— Como eu disse, é o seu funeral. Aprecie isto. Ou não. — Ele caiu de joelhos na frente de sua mochila e esvaziou os compartimentos. Quando tinha lançado Keeley no chão, ele a revistou e a roubou, franziu o cenho enquanto examinava o único artigo que ela carregava; um pedaço de pele sangrenta e cicatrizada.

Bem, por que não? A Srta. Shortinho Cuddlesworth¹ era do tipo que carregava uma recordação da tortura de alguém. Exceto, quando a mente de Torin retornou ao tombo no calabouço, a limpeza da poeira, lembrou-se do ferimento no braço de Keeley, uma confusão de músculos ensopados de carmesim. Como se um pedaço de pele tivesse acabado de ser cortado.

Ele considerou as cicatrizes mais de perto. Milhares de minúsculas manchas alaranjadas brilhavam dentro do tecido.

Ele franziu o cenho enquanto corria o polegar sobre a carne. Isto estava morno, um calor anormal. De... Chamas? Talvez. Provavelmente. Mas por que a carne não estava derretendo? Apenas pedaços de enxofre poderiam queimar tecidos corporais sem realmente...

Enxofre. Claro. As rochas sulfúricas com veios de lava que corria por toda parte, encontrada profundamente dentro da terra e, do inferno. Seu estômago revirou. Isto era para ser uma salvaguarda. O tipo usado para derrotar os Curadores.

Keeley era uma Curadora? Um parasita? Ou ela esperava se proteger de um?

Se fosse uma Curadora, ela era uma das últimas de sua espécie, se não a última, e até mais perigosa do que ele imaginava. Curadores criavam vínculos invisíveis com aqueles ao redor deles, e como os vampiros, os chupavam até secar.

“O vínculo está quebrado”, ela gritou.

Oh... Maldição. Ela era. Ela era uma Curadora.

Doença estremeceu.

— Já ouviram falar dos Curadores? — Ele perguntou aos seus convidados indesejados.

Uma inalação afiada de cada um.

— Não, — Irish finalmente disse em seu tom seco. — Somos idiotas sem noção alguma.

Tomaria aquilo como um sim.

— Um deles apenas escapou da prisão, e se isto não fosse ruim o suficiente, ela está determinada a me matar. — Teria feito isto se não fosse o Tácito.

— Então você está bem morto, meu amigo, — Cameron nem uma vez se desviou de sua tarefa. — Porque estou achando que Keeley é uma Curadora, e veja isto, aquela garota é maluca de pedra. Entende o que estou dizendo, cara? Seu elevador vai apenas para os andares Fodido e Mal Pago.

— Entendi. Obrigado. — Idiota. Torin poderia ficar de conversa fiada sobre ela o quanto quisesse. Mas, aparentemente, se qualquer outro fizesse isto ele iria querer escavar seu fígado e enchê-lo com pedras.

¹ Cuddlesworth – personagem de vídeo game.

Ele ocupou-se, desempacotando a semiautomática que tinha embalado, em seguida, as peças de um rifle de longo alcance.

— Eu me enrosquei com uma Curadora uma vez, — Cameron terminou com um... Pé d'água? Oceanos de lágrimas? — Ela estava pronta para destruir minha família inteira, mas ela era uma verdadeira gata selvagem dentro de um saco. Os loucos sempre são. É por isto que provavelmente são minhas favoritas, — uma pausa. — Embora, uma vez dormi com um centauro que gostava de...

— Não comece com uma de suas histórias, — Irish lançou um graveto nele. — Além disso, elas nunca são suas. Você as coleta de outras pessoas.

Franzindo o cenho, Cameron disse, — E como você sabe?

— Porque esta de quem você está falando é minha, idiota.

— Quem você está chamando de idiota, débil mental?

— Eu não sou um débil mental, você é um tolo.

Crianças.

O que mais Torin sabia sobre seu novo inimigo?

Curadores foram criados antes dos seres humanos. Assim como os espíritos de luz, eles foram incumbidos da custódia da Terra, ligados a isto e à suas estações. Mas, tudo mudou quando traíram seu líder, o Altíssimo, e acasalaram com os anjos caídos que tinham tentado usurpá-lo como regente supremo dos mais altos céus. O que os Curadores não entenderam até ser tarde demais? Os caídos foram amaldiçoados com a escuridão eterna da alma, e aquela maldição logo se espalhou entre a raça deles.

Sua descendência, assim como os humanos e os anjos caídos, era conhecida como Nephilim... E até demônios.

Ao contrário. Os curadores eram espíritos, sem corpos. Como Keeley conseguiu um, ele não conseguia entender. Mas ela fez isto. Caso contrário, não poderia ter sido presa ou lançar aquelas pedras nele. Ou acabado debaixo dele quando a empurrou para fora do perigo...

Não vá por aí.

Ele endureceu, novamente.

Ele precisava de enxofre. Mas, tão escaldante quanto às pedras estavam, não havia nenhuma maneira de que pudesse levar uma até Keeley, segurá-la e esfregá-la contra ela. E, de qualquer maneira, não gostava da ideia de marcar toda aquela pele sem defeito. A solução mais simples estava em marcar a si mesmo. Salvaguardas trabalhavam em ambos os sentidos, afinal.

Ele embainhou a arma em sua cintura e pegou o equipamento de tatuagem de Cameron.

— Vou pegar isto emprestado. Espero que não se importe.

O guerreiro fez uma personificação de Chuck Norris. *Certa vez fez um Mc Lanche Feliz chorar. Estrangulou um inimigo com um telefone sem fio. Ele destruiu a tabela periódica porque apenas reconhecia o elemento surpresa.*

Mas eu sou pior.

O sorriso de Torin era um convite frio para o inferno enquanto removia as luvas.

— Você é bem-vindo a tentar recuperar suas coisas, mas irá ficar com uma tosse seca e uma incapacidade de tocar em outra criatura viva sem começar uma praga. Você resolve.

Silêncio.

Foi o que pensei.

Ele, cuidadosamente, desenganchou o motor, então o remendou para dar mais fricção. Ele achou um tubo de aço espesso, e com mais algumas peças, criou uma improvisada britadeira para rachar camada após camada da terra dura. O suor pingava dele, mas isto era um bom suor. De trabalho honrado.

Sentia falta disso.

Quando o motor morreu, ele usou as mãos. Seus companheiros nunca emitiram nem mesmo uma simbólica oferta de ajuda, apenas continuaram a comer seus ensopados. Tudo bem. Eles não compartilhariam da recompensa. E ele seria recompensado.

Sessenta centímetros abaixo... Um metro e vinte... Um e oitenta... Dois e quarenta, certificando-se de deixar ranhuras ao longo da parede de forma que pudesse escalar, ele descobriu um pequeno depósito de enxofre. Um quarto do tamanho das pedras era exatamente a medida que se lembrava; negras com rachaduras douradas por toda parte, e quente, e muito próximo, deixando-o empolado.

Ele saiu do buraco e enfiou as luvas no bolso de trás, então fez um pouco mais de magia com o tubo de aço, usando isto e um galho para criar um par de pinças. De volta para o lado de dentro, conseguiu colher uma das pedras. O galho pegou fogo no caminho para cima, mas colocou isto no chão antes de se tornar cinzas e a pedra cair.

Vitorioso, ele se sentou ao lado da pedra.

O Trio Terrível olhava boquiaberto para ele.

— Aqui, — Winter disse, falando pela primeira vez. Ela caminhou até ele com um ar de superioridade feminina que ele viu muitas tentarem imitar, mas apenas poucas alguma vez conseguiram, e caiu entre as pernas dele.

Ele deveria ter respondido àquilo, mas houve um nulo, zero, nada acontecendo lá embaixo, e tentáculos de aborrecimento flutuaram por ele. *Por que Keeley e não ela?*

Winter estendeu a mão, dizendo, — Deixe-me ajudá-lo.

Torin afastou-se dela, estalando, — Isto é a advertência final para você. Chegue mais perto novamente, e perderá a mão. Faça algum joguinho, e perderá ainda mais.

Cameron bufou.

— Algo que você deveria saber sobre minha irmã. Ela sempre quer o que as outras pessoas têm.

Os olhos dela reluziram com determinação e, ele admitiu, esse olhar era uma visão adorável. Ela era adorável.

Nulo. Zero. Nada.

Ele não gostava da ideia de Keeley, e apenas Keeley, ser capaz de afetá-lo.

No entanto, sua reação a ela daria um grande título de filme pornô: A Peixinha Solitária.

Cara. Já deu!

— Poupe-se de uma batalha. — Ela disse, acenando com os dedos para ele. — Me dê o enxofre.

— Faça isso, — Irish disse. — Não quero ter que tomar partido.

Como se já não tivesse. Ele poderia ser o guardião da Indiferença, mas uma pequena parte dele estimava a garota. O olhar de cobiça que lançava para ela não passava despercebido.

— Você deveria ter me ajudado a cavar. — Torin disse.

— E sujar minhas unhas? — Ela balançou a cabeça. — Nunca.

— Vamos fazer o seguinte, — Torin disse. — Não lhe darei o enxofre, e em troca de sua compreensão, não a matarei. O que acha?

Lentamente, como se cada passo fosse uma agonia, ela afastou-se dele.

— Justo o suficiente.

Bonitas palavras. Mas ela já estava planejando aquela batalha que tinha lhe prometido, com certeza.

Curiosamente, ele não estava excitado pela expectativa de outro oponente digno.

Acabando com as distrações, Torin esfregou o braço contra a pedra. Uma vez na frente, uma vez atrás. Isto foi tudo o que precisou. Houve uma queimadura imediata, sua carne e músculos cozinhando. Ele quase berrou. Tudo bem. Nada de quase. Ele berrou e amaldiçoou, então caiu para trás com um arquejo. O cheiro no ar... O suficiente para engasgar. Pedacos de enxofre presos à pele, marcando-o, nunca mais permitindo a regeneração total.

Winter mergulhou para a pedra.

Uh, uh, uh. Ele chutou a pedra no buraco antes de ela poder pegá-la e correu para cobrir com terra.

— Como eu disse, — ele anunciou quando terminou. — Você não me ajudou a cavar.

— Como eu disse, — Winter ecoou. — Batalha.

— Um erro, cara. — Irish estalou.

— Compartilhar é atencioso, — Cameron disse. — A cobiça faz com que você mate.

— Sou o único aliado de vocês aqui, — Torin lembrou. — Controlem as ameaças ou deixem meu acampamento.

Winter franziu o cenho. Os outros dois deram de ombros. Eles podiam não gostar dele, mas precisavam dele.

E eu preciso achar minha Curadora. Onde está, Keeley?

Ele tomou parte de incontáveis batalhas de sangue ao longo de sua longa vida, mas esta poderia ser a primeira vez que realmente havia considerado se... Divertir. Não merecia diversão, e certamente era errado para ele, dada a natureza e gravidade da situação, mas era muito tarde para voltar atrás.

Desta vez, ele estaria pronto para qualquer ataque de Keeley.

* * *

Uma corda se enrolou em torno do tornozelo de Keeley. Em um simples piscar de olhos, ela foi erguida no ar e pendurada de cabeça para baixo.

Sério? Outra vez? Ela riscou para o chão.

Mais uma marca no livro caixa de crimes de Torin.

Apenas quarenta e seis horas em sua caça, e ela já estava no limite. Ele estava vivo, sim, mas escapou dela. As armadilhas dele a incomodavam.

Um trovão ressoou acima. O som a aborreceu, lembrando-a que outra chuva era esperada a qualquer momento. Uma que não teria nada a ver com suas emoções.

Deveria ter ido até lá.

E onde estavam os servos de Hades? Ela abandonou seu plano de alimentá-los com pequenos pedaços de Torin. Queria apenas vê-los mortos, assim poderia se concentrar completamente no guerreiro.

Ela espreitou adiante, expulsando fluxos de poder para derrubar as árvores em seu caminho.

Eu o encontrarei.

Quantas vezes ela rastreou um inimigo com Hades? Incontáveis. Ela era boa. A melhor. Um pouco enferrujada, talvez, mas retomaria a determinação sobre as habilidades qualquer dia.

Vumm!

Uma variedade de setas voou na direção dela. Ela evitou facilmente, localizando o manticore que saltava dos galhos de uma árvore ainda em pé. Ele tinha a cabeça de um homem, o corpo de um leão e um arco na cauda. Ela o pegou com um fluxo de poder, segurando-o no lugar. Então, com apenas um pensamento, arrancou sua pele, deixando-a em um único pedaço, e virou sua carcaça sangrenta do avesso. Quando ele bateu no chão, ficou lá, se contorcendo.

A notícia da morte do Tácito se espalhou, e as criaturas estavam fora em massa, aparentemente, prontas para um jantar cinco estrelas e sair sem pagar.

Eles não devem ter percebido que ela era a infame Rainha Vermelha.

Um clique alto estalou capturando sua atenção, seus ouvidos se contraíram. Um laelap² apareceu em torno do canto, lançando-se nela. Um cão de metal que nunca desistiria uma vez que tivesse localizado a presa. Poderia ser cegado, suas pernas cortadas, sangue escorreria dos ferimentos, mas ainda assim tentaria encontrar uma maneira de alcançar sua pretensa vítima.

Não tenho paciência para isto.

Suspirando, Keeley lançou outro fluxo de poder, esmagando a criatura em uma bola e achatando-a como uma panqueca. Partes de metais minúsculas voaram em todas as direções.

O cheiro másculo de Torin, trazido por uma lufada de vento, reivindicou sua atenção. Ele estava perto!

Apareça, apareça de onde quer que esteja.

Quando fungou, ela pegou o cheiro de três outros prisioneiros também. Dois machos, uma fêmea. Keeley mordeu o lado de sua língua até que sentiu gosto de sangue. Quem era a fêmea com Torin? Sua atual namorada?

Provavelmente. Ele era muito bonito para passar as noites sozinho.

O pensamento a aborreceu, mas não conseguiu entender o porquê. A menos que... Sim, claro. Havia sido negada à Mari a chance de um felizes para sempre, então deveria ser negada para Torin, também. Não tinha nada a ver com a atração escaldante de Keeley por ele.

Uma atração que não diminuiu com o passar do tempo, mas cresceu.

Sou muito inteligente para passar por outra fase de garotos maus. Sim? Por favor?

² **Laelap** – Um cão mitológico que sempre pegava o que caçava, foi um presente de Zeus à Europa.

Estava se tornando cada vez mais difícil se convencer de que a atração por Torin se centrava ao redor de seu desespero, que qualquer macho teria lhe afetado da mesma maneira com a mesma força. Apenas um macho tinha olhos cor de esmeraldas, entrelaçados com diferentes tons de verde, cada um mais brilhante que o outro. Apenas um macho tinha aqueles lábios sensuais... Que sensação teria contra sua pele?

Será que ele preferia uma pressão suave... Ou uma exigência dura?

Não! Nada de prazer. Não dele. Apenas vingança. Ela...

Tropeçou em uma videira estrategicamente colocada e cambaleou. Quando recuperou o equilíbrio, ela ouviu outro *vumm*. Mais ou menos a quinze metros de distância um arco estava ancorado em um galho, conectado a uma videira. Ela pegou a flecha pelo eixo antes da ponta de metal afundar em seu coração acelerado.

Bem, bem. Outra marca contra Torin.

Tremulou de raiva. O trovão se expandiu.

Talvez ela precisasse expandir seu Plano de Matar Torin.

Encontre-o, torture-o por ser tão irresistível, e então mate a namorada na frente dele.

Em uma palavra: perfeito! Mari teria ficado orgulhosa.

O ombro de Keeley caiu, seu peito doeu de novo. Realmente, Mari teria lhe repreendido por tal conspiração. A garota teria dito, em seu tom gentil, “Keeley, amor, você mesma já matou muitas pessoas, e todas as vítimas tiveram uma melhor amiga deixada para trás. Você sabe disso. Não odeie outra pessoa por cometer o mesmo pecado. E não se chafurde no passado. É como areia movediça e a manterá presa. Perdoe e siga em frente.”

Tão sábia, sua Mari.

Mas... Keeley poderia permitir a Torin se afastar da paródia que ele causou?

Não podia fazer isto. Apenas não podia.

Seu coração estava partido. Apenas a vingança poderia remendar os pedaços novamente.

Enquanto se dirigia para longe, absorta em pensamentos, ela pisou sobre uma tábua camuflada. O centro estalou e ela caiu, batendo no fundo de uma cova antes de sequer perceber o que aconteceu. Seu tornozelo torceu, e seus joelhos se dobraram. Dores agudas explodiram por ela, mas não eram nada que não pudesse lidar.

Estrela de ouro, Torin.

Ele tinha feito bem seu trabalho.

Uma sombra caiu sobre ela.

— Isto não tinha que ser desta maneira, sabe.

Com a pele formigando com uma quantia insana de calor, ela olhou para cima. O guerreiro diabólico estava na extremidade superior da cova, o cano de um rifle apontado para a cabeça dela. A respiração ficou presa em sua garganta, mas não por causa da arma.

Ele está ainda mais bonito do que me lembro.

Ele também é um ladrão. Ele roubou Mari. Meu raio de sol. Minha felicidade.

— Sêrio, Torin? Sêrio? — Ela perguntou, como se estivesse desapontada, tentando mascarar sua humilhação dele. Sangue, aquecendo sem parar sua pele. Toda célula cantava, implorando por uma onda de sensações que apenas a pressão da dureza contra a suavidade poderia dar. Mãos coçando. Para tocar nele. *Não, não. Para matá-lo. Claro. Por Mari. A doce Mari.* — Trazendo uma arma para uma luta de poder? Nada sábio.

— Você não quer saber tudo o que eu trouxe, princesa.

— Você está certo, porque nada disso irá ajudá-lo. — Ela riscou para o topo da cova e arrancou a arma da mão dele, antes que ele tivesse uma chance de disparar. A fragrância de sândalo e especiarias exalava dele, e sua boca se encheu de água. Um gosto, apenas um. E então...

Vou querer mais.

Como ele fazia isso? Como fazia para arrastá-la em uma tempestade enlouquecedora de química incontrollável, causando uma antecipação crescente dentro dela, até que estremecesse? Apenas se aproximando dela!

Ele passou seu olhar ardente sobre ela. A respiração dele começou a ficar superficial, e ele lambeu os lábios.

Ele me cobiça?

Ele poderia muito bem tê-la tocado, tão fortemente que ela reagiu ao intoxicante pensamento sombriamente. A dor... Tão, tão intensa. Opressiva.

Não! Apenas não.

— Tenho que dizer, Srta. Keys. Você está ótima.

Não revele nada. Esconda tudo.

— Obviamente. — Ela disse, então arruinou a declaração corajosa, inconscientemente passando os dedos pelos cabelos.

Desde a última vez que se enfrentaram, ela esfregou-se da cabeça aos pés com força suficiente para se esfolar, novamente. Embora a sujeira tivesse ido, ela tinha sido incapaz de encontrar novas roupas e ainda vestia o mesmo trapo esfarrapado.

Keeley preferia começar cada conversa com “Você quer ver minhas enormes bolas de dama?” do que não estar no seu melhor. Seu próprio povo a achava deficiente em todos os sentidos, os servos de Hades costumavam se divertir provocando-a sobre sua cor estranha; ela nunca tinha conseguido se livrar da sensação de coração partido por não ser boa o bastante, não se encaixar.

— Mas o que isso tem a ver com qualquer coisa? — Ela terminou.

— Direi a você... Depois que me disser o quão bem eu pareço. — Ele disse, e parecia estar lutando com um sorriso.

Armadilha! Não responda.

Explorá-lo com o olhar, por outro lado...

Ele usava uma camiseta preta de mangas compridas onde se lia “Uma Destas Coisas Não se Encaixa: William. Calcinha. Mulheres.” Suas calças de couro estavam rasgadas. Luvas pretas cobriam suas mãos. Uma corrente de metal pendurada ao redor da cintura. O uniforme do típico menino mau não mudou, continuava o mesmo... E ainda ligava seu motor.

Perdoe-me, Mari.

Ela se encontrou dizendo, — Você parece com... Um jantar. — Ela quis pronunciar as palavras como um insulto. Um lembrete que bestas carnívoras estavam lá fora, apenas esperando para devorá-lo, mas cada sensação já correndo por seu pobre corpo negligenciado, de repente, explodiu, quase arrancando um gemido dela.

A voz dele a lembrava de uma bruma espanada sobre cascalho, suave, mas arenosa, quando ele disse, — Você quer me comer, hã?

Eu quero. Eu realmente quero. Quero minha boca por toda parte dele.

— Não me rebaixarei a seu nível respondendo. — *Ou envergonharei a mim mesma com a verdade.*

— Bem, então, você tem algum interesse em um acordo? — Ele perguntou, surpreendendo-a.

— O que quer dizer?

— Em vez de tentar me matar, você pode conseguir seu quilo de carne de outro modo. Como por exemplo, uma surra? Não? Que tal uma boa chicotada? Vinte chicotadas? Trinta? — Quando ela permaneceu calada, ele acrescentou, — Certo, quarenta. Mas esta é minha oferta final.

Era... Tentador. Uma maneira de satisfazer sua necessidade de matar, enquanto concluía a discussão entre eles. Exceto, que ele se recuperaria das chicotadas, enquanto Mari não se recuperou de sua doença.

Tinha que ser de igual para igual.

— Respeitosamente devo recusar. — Ela disse.

— Tudo bem. Cinquenta chicotadas.

Por que era ele, a compreensão dominou sua cabeça além da própria confusão.

— Oh, eu entendo. Você viu meu poder em ação. Você tem medo de mim.

Suas narinas se alargaram, e ele realmente se afastou dela.

— Medo? Princesa, eu estava tentando fazer-lhe um favor, salvando-a de um pequeno embaraço, da importante derrota que está para sofrer. Por alguma razão, não estou mais me sentindo magnânimo, — Ele endireitou os ombros. — Vamos fazer o seguinte. Dê um soco em algo coberto pela roupa.

Ela fechou os punhos, apenas para hesitar.

— Dê você um soco. Está usando luvas. O que me parece estranho agora que estou pensando sobre isto. Você não deveria querer me deixar doente? Isso resolveria todos os seus problemas.

— Não, isto só acrescentaria a eles. Odeio saber que sou responsável pela morte de Mari. Adicionar a sua morte na mistura não é minha ideia de um bom momento.

As palavras a enervaram. Mas talvez este fosse o plano dele. Jogá-la em um rodopio e então atacá-la, enquanto estava muito atordoada para perceber. Bem, ela lhe mostraria!

Keeley esticou os braços em direção a ele, dizendo, — Vou fazer isto. Vou bater em você com uma explosão de poder, e irá se contorcer na pior dor de sua vida. Nada o aliviará.

— Grande. — Então, quando ela hesitou, ele teve a ousadia de acrescentar. — Estou esperando...

— Você deveria estar correndo.

— Por quê? Quer dar uma olhada na minha bunda?

Como ela deveria reagir à total falta de medo dele?

— Últimas palavras?

— Claro. — Seu olhar passou por ela lentamente, tão maravilhosamente lento, e quando ele falou depois, sua voz pingava como mel derretido. — Se tivesse um último desejo, eu o usaria para colocar minhas mãos por você toda, sem consequências. Inferno, minha boca, também. Gostaria de tocá-la e saboreá-la e fazê-la explodir.

De repente, ofegante, ela disse, — Não fale assim.

Ele sorriu para ela, mas isto apenas fez a falta de ar piorar.

— Faça o que tiver que fazer, Keys. Estou pronto.

— Muito bem. Eu irei. — Era isto, então. O primeiro ataque da guerra deles. Uma pequena vingança por Mari. Um item riscado na lista de Keeley.

Então por que o remorso a mantinha imóvel?

— Nada vai me parar. — Ela disse.

— Não pensei que fosse.

Eu posso fazer isto. Ela revirou os ombros, chacoalhou as mãos. *Tudo bem, ok. Não vou fazê-lo sofrer. Por você, Mari, farei isto rápido e indolor e simplesmente acabarei com ele aqui.*

Ela esticou os braços, atirando um raio de suas palmas. Torin tropeçou para trás, mas ao invés de fritar como uma batata frita como ela planejou, ele pareceu absorver o calor e a energia.

A boca dele abriu e fechou por alguns segundos antes dele retrucar, — Não posso acreditar que você realmente fez isto.

— Eu disse que faria. — Confusa, Keeley disparou outro raio. Novamente, ele tropeçou para trás sem fritar. — Não entendo o que está acontecendo.

Ele agarrou a gola de sua camiseta e arrancou o material por cima da cabeça para examinar-se. O raio deveria ter deixado buracos negros, mas não havia nem mesmo traços cor de rosa indicando que tinha sido atingido. Mas havia músculos. Montes e montes de músculos. Um bolo encheu a garganta dela. Ela achou que ele era bonito antes... Mas isto era lindo. Ninguém tinha um físico como o dele. Recortado com ondas após ondas de força, a pele pálida e sem marcas, uma borboleta preta tatuada em seu estômago.

— Você está encarando. — Ele disse.

E provavelmente babando.

— Então?

— Então esta é a hora de eu compartilhar com o resto da turma. — Ele tirou uma de suas luvas, revelando grossas cicatrizes percorrendo um lado de seu braço e abaixo do outro. Cicatrizes com manchas amarelas e alaranjadas salpicadas por toda parte. — É por isto que você é incapaz de me matar.

O bolo dissolveu e ela inalou profundamente. Ele sabia que ela era uma Curadora, e tinha tomado precauções contra ela.

E ela pensou em dar-lhe uma morte rápida e indolor. Um erro que não repetiria.

— Você acha que é muito esperto. — Ela cuspiu. — Bem, tenho notícias para...

— Cale-se, Keys. — Ele retrucou, falando acima dela.

Confusa com ele, ela realmente apertou os lábios. Muito poucas pessoas tinham falado assim com ela, com muito medo de sua reação.

Tão dominador...

Não estremeça. Prefiro morrer.

— Uma vez, você me deu uma escolha. — Os olhos dele se tornaram gêmeos escaldantes, queimando tudo o que tocavam. E pareciam tocá-la em todos os lugares. — Agora estou retribuindo. Afaste-se de mim e de sua vingança, ou sofra.

CAPÍTULO CINCO

Excitado: Checado.

Sim, coloquei a “diversão” em disfunção.

Torin provavelmente deveria chamar um médico. Nem sequer Viagra supunha causar uma reação tão intensa.

O que tem centro e trinta e dois dentes e retém o incrível Hulk? Meu zíper.

Por um momento, ele achou divertido o fato de que seu pênis decidiu agir como o segura vela em um encontro e explodir para complicar as coisas, aparecendo entre as conversas privadas e exigindo atenção nos momentos mais inapropriados. Mas a diversão não durou muito.

Keeley tentou assassiná-lo com seu poder sacode-chão — duas vezes! — e ela totalmente teria êxito se não a tivesse driblado com enxofre. Portanto, o fato de que tivesse uma ereção do tamanho de um aríete, tudo porque ela o olhou com aqueles olhos de gelo, desafiando-o a pegá-la, era um erro. Mesmo para ele.

Mas o truque? Estava tentando usar sua mente Jedi e enganá-la com a escolha da opção B. Sofrer. Porque era a única maneira de conseguir passar mais tempo com ela.

Sou pior que um monstro.

Não, não. Isso era errado. Suas razões para querer passar mais tempo com ela eram completamente altruístas. Se ela estivesse ocupada com Torin, não mudaria o foco para seus amigos.

E isso, senhora e senhores, era a forma de trabalhar qualquer situação a seu favor.

A beleza azul levantou o queixo, a pose perfeita de teimosia feminina.

— Escolho... Sofrer. — Disse ela, movendo-se em posição de batalha. — Pode me debilitar com o que fez, mas continuo sendo o ser mais poderoso que jamais encontrou. Matei reis, derrubei reinos.

Não sorria.

O demônio golpeou contra seu crânio, impaciente para se afastar da garota.

Não aconteceria.

— Está mais que debilitada, princesa. Está muito limitada, — O enxofre na realidade a impedia de machucá-lo, porque seu poder era uma extensão dela. — Tem certeza que não quer pedir um tempo para reconsiderar? Talvez fazer uma lista de prós e contras?

— Trata-se de um debate ou de uma batalha física? Já considerei.

Bom, está certo, então.

— Não se esqueça. Se tocar minha pele, ficará doente. E se pelos milagres dos milagres, sobreviver à febre altíssima e a tosse sangrenta, se converterá em uma portadora e contagiará outras pessoas.

— Falar, falar, falar, blá, blá, blá, — disse ela e.... golpeou. Deve ter conjurado um galho na mão, porque em um segundo o punho apareceu em seu rosto e, em seguida, sentiu o galho bater contra sua mandíbula.

Sentiu sangue na boca. Uma pontada de dor. Tropeçou, endireitou-se e limpou os lábios já inchados. Deveria estar se sentindo irritado. Ou irado. Sim, a ira, provavelmente, era a resposta correta. Em vez disso... surpresa! Estava revigorado. Encurralou a garota, mas ela encontrou uma maneira de atacá-lo de qualquer forma.

Talvez alienígenas tenham assumido seu cérebro.

— Se quer ter a chance de ganhar, — disse, — terá que bater mais forte.

— Oh. Está bem.

Whack!

Estrelas apareceram atrás de seus olhos e, no entanto, ele queria rir. Ela simplesmente fez o que ele pediu e não podia culpá-la por isso.

Definitivamente alienígenas.

Quando ela se virou pela terceira vez, ele estava pronto para controlar o galho e tirá-lo de seu agarre. Ela gritou, surpresa com o desarme. Não esperava que ele fosse um rival digno, esperava? Solto o galho, mas desapareceu antes que caísse no chão.

— Não pode me derrotar. — Disse ela, dando voltas. Um predador com a refeição à vista.

A adrenalina derramou-se em seu sangue, viajando nas ondas de suas veias.

— Eu posso... Mas estaria disposto a aceitar sua rendição.

De repente, um grito agudo ecoou. Ele e Keeley olharam juntos para cima, quando uma esfinge voou em círculos sobre suas cabeças, esquivando-se das nuvens com precisão. A criatura com o torso nu tinha pernas de leão, asas de um grande pássaro e o torso de uma mulher. Parecendo-pronta-para-um-pole-dance.

Vamos pequeno T. Você tem que ter um pouco de interesse nisso.

Nada.

A esfinge nua arreganhou a boca cheia de dentes pontiagudos, estendeu suas garras e angulou, descendo direto, com a clara intenção de pegar algo para comer. Keeley agitou uma mão

no ar e as duas asas da criatura se amassaram como uma lata sendo pisada A esfinge desceu em espiral, batendo nas copas das árvores a uma boa distância.

Bom, inferno. Keeley podia usar grandes quantidades de poder para converter qualquer coisa ou pessoa em uma arma, apesar da proximidade com as cicatrizes de enxofre. Era bom saber.

Acabe com isso.

Deu-lhe um chute na perna, aproveitando enquanto estava distraída. Ela caiu de costas e teria caído no poço se não houvesse agarrado o centro de seu vestido. Rapidamente a soltou. Ela tropeçou na raiz de uma árvore, caindo de bunda.

— Ainda acha que vou perder? — Perguntou por fim, permitindo que um sorriso fizesse ato de presença.

Quando sua cabeça se levantou, os olhos dele, aqueles olhos tão frios como gelo, se reduziram a pequenas fendas. Houve um momento de surpreendente conexão, homem-mulher... Um momento de desejo visceral antes de sua ira assumir. Estremeceu quando um trovão começou novamente e a terra tremeu embaixo dele. Era o que sentira momentos antes da prisão desabar. O que sentira antes do Tácito explodir.

— Avisei a você sobre o meu temperamento, Torin.

— Aw. A pequena princesa está ficando louca porque foi derrubada?

O tremor se intensificou. Vinha... Dela?

Porque a princesa estava ficando louca?

— Eu já disse. Não sou uma simples princesa! — Quando Keeley ficou em pé, o vento açoitou ao seu redor. Um galho apareceu atrás do outro, golpeando-o.

O que estou esperando? Aja!

Ele poderia ter lutado contra o ataque e dado um soco em sua cabeça. Inconsciente, ela seria incapaz de se defender e ele poderia fazer o que quisesse com ela. Como por exemplo, amarrá-la e...

Não vá por aí.

Mas ele não se atreveria a machucá-la fisicamente. Isto estava deixando-o louco! Quando ele trabalhou para Zeus, era um torturador inigualável e um assassino. Nada o impedia. Mas agora isto?

— É tudo o que tem? — Disse.

Os galhos sumiram enquanto ele e Keeley andavam em círculos entre si.

— Oh, não se preocupe, — ela franziu o cenho. — Tenho mais.

Soaram passos à esquerda e à direita. Não tiveram que olhar para saber que a cavalaria chegara e já não havia nenhuma necessidade de continuar.

Keeley se virou.

Cameron rompeu de um lado através da barreira de folhas que empurrou, Irish e Winter de outro. Keeley concentrou-se na dupla, permitindo que Cameron fizesse o que Torin não conseguiu; golpeá-la na cabeça. Ela caiu no chão, seus olhos fechados. O trovão e o tremor pararam.

De zero ao máximo em um segundo. Essa era a velocidade em que a ira fervia dentro de Torin.

— Este não era o plano! — Usando toda sua considerável força, bateu o punho enluvado no nariz de Cameron. A cartilagem simplesmente se rompeu. O sangue brotou quando o guerreiro cambaleou para trás. — Nunca mais a machuque.

Winter e Irish olhavam para Torin, sem se atreverem a se aproximar, mas loucos para atacar.

— Do que se queixa, Doença? — Winter apertou os nós dos dedos. — Somos os novos proprietários orgulhosos de uma Curadora. Isso era tudo o que queríamos.

— Isso é verdade. O que todos queríamos. Está livre da garota agora e eu vim em seu resgate, — Cameron grunhiu para Torin. — A garota estava a poucos segundos de devastar o bosque, que é nossa única proteção. Fiz o que era necessário.

Razoável, mas não iria salvá-lo da ira de Torin. Enquanto Keeley estava em pé, sem dor e concentrada nele, o bosque e tudo ao redor poderiam cair. E não tinha nada a ver com seu tesão por ela. Ou sua necessidade de tocá-la, toda ela. Forte ao principio. Então suave. Apertar e amassar. Descobrir se sua pele era tão fria como parecia ou se era branco-quente. Mas porque ela tinha o direito de punir o assassino de Mary. Ou ao menos tentar.

Torin apertou o punho, redobrando sua raiva.

— Ataque meu irmão novamente, — disse Winter, seu tom tranquilo cheio de ameaça, — e veremos o que acontece.

Irish cruzou os braços sobre o peito enorme, as garras brilhando na luz. Um desafio silencioso, mas mortal.

Antecipação. Ansiedade.

Não posso fazer isso. Devo proteger a Rainha Vermelha.

— A Curadora está fora dos limites para vocês, — disse. — Para cada um de vocês.

O trio bem que poderia ter corrido pela grama. Mas, eles estavam mais que prontos para atacá-lo.

Abriu os braços. Agora, eles deveriam ser desafiados.

— O que irão fazer a respeito, hein? Vamos. Tentem algo. Por favor.

Ele não teria que se preocupar com estes três. Ao tocá-los, sim, ficariam doentes. Mas depois, antes que pudessem entrar em contato com um inocente, ele os mataria.

— Você não me quer como seu inimigo. — Disse Cameron, cuspiendo a seus pés.

— Vejo que não entendeu, — Torin lançou um olhar duro. — Já somos inimigos. — Depois do que o homem fez a Keeley, isso não iria mudar. Nunca.

O silêncio rangeu no ar.

— Ela é uma parasita, — disse Winter. — Vai destruí-lo e a todos que ama.

— Um risco que estou disposto a correr. — Disse surpreendendo inclusive a si mesmo.

O que está acontecendo comigo?

— Um erro, — disse Cameron. — Um grande erro.

— Não será o primeiro.

— Venha. Vamos, — Winter puxou seu irmão para longe. — Ele verá a verdade logo.

Porque ela planejava fazê-lo ver?

Irish ficou ali por um momento mais, esfregando o polegar contra a mandíbula enquanto considerava suas opções. Então, ele também se afastou.

Os três desapareceram na floresta.

Eles voltariam, sem dúvida. Mas, simplesmente, receberiam mais do mesmo.

Torin se agachou junto à Keeley e cuidadosamente a acomodou de costas. Um corte na testa do lado esquerdo estava vermelho. As sombras projetadas pelos cílios não podiam esconder o hematoma em sua doce bochecha.

Devia ter matado Cameron enquanto tive oportunidade.

Torin esticou os dedos e os fechou antes que pudesse roçar a pele delicada de Keeley.

Usa luvas, lembra-se? Não a machucará.

Ele bufou. A voz da tentação era sempre, oh, tão doce. E desta vez, quase perto. Ele podia tocá-la e podia descobrir o contorno de seu rosto. *Não assim.*

Uma dor floresceu em seu peito, tão forte que não pode impedir um gemido.

Mas não devo tocá-la.

Apenas queria fazê-lo outra vez... E outra vez... Até que sua resistência acabasse, abrindo o resto do caminho e como um viciado, fosse atrás do contato pele com pele.

Lançou um olhar ao redor. Havia árvores por toda parte. Não permitia muito que visse o inimigo chegando. Teria que...

Keeley chutou sua perna, deslizando os pés por baixo dele. Ele caiu, aterrissando com um golpe forte enquanto ela rolava com um impulso e ficava agachada com o joelho direito e o pé esquerdo no chão. Uma mão suportava seu peso enquanto a outra ia para o arco que Irish havia esculpido a partir da cauda de um Manticore, ela deve tê-lo roubado, colocou a flecha e se preparou.

* * *

— Ora, ora, — disse Keeley. *Estou tripudiando. Não deveria tripudiar.* — Nosso público se foi e qualquer possibilidade de aliança que tinha com os três brutamontes foi cortada. Acho que tenho você como um pepino.

Uma veia pulsava forte em sua testa, um testemunho de sua crescente ira.

— Não hesite em comer meu pepino, princesa. A qualquer momento.

Sua ira estava dirigida a ela? Ou a si mesmo?

— Isso foi uma piada de pênis? Eu já disse. Não sou uma simples princesa. — Ela ganhou seu título da forma mais difícil, muito obrigada.

De repente, as lembranças que ela havia guardado dentro da Caixa do Tempo Esgotado, lutavam para sair. *Não! Não, não, não. Não aqui, não agora.* Ela precisava se concentrar em Torin, em sua luta. Mas... Já era muito tarde, a onda era muito poderosa. O passado a dominou e a consumiu.

Durante seu décimo sexto verão, ela participou de um baile real. Como qualquer outra garota, ela passara a maior parte do tempo babando pelo príncipe. Ele a paquerou, inclusive a convidou para dançar, foi quando o pai dele, o rei, fixou-se nela.

Porque era uma inocente da classe alta, o rei não poderia tê-la sem se casar com ela. Regras eram regras. Mesmo para a realeza. Então, ele o fizera. Maara, sua esposa atual, e se casara com Keeley. Apesar do fato de ela ter rejeitado sua proposta.

Porém, a escolha nunca foi dada a ela. O que o rei Mandriael queria, ele conseguia. Sempre. Poder significava direitos, e ele sempre foi o mais forte entre eles. Não por destino, mas pela força. Todos os Curadores recebiam uma pequena cicatriz ao nascer, menos o rei. Desta forma, os cidadãos nunca eram mais fortes que seus governantes.

Obrigá-la a dizer seus votos foi muito fácil para ele. Um simples raio de seu poder e a dor, e ela soltou um desesperado “Sim!”.

Durante anos, ele controlou todas as suas ações, castigando-a cada vez que o desagradava. Daria qualquer coisa para fugir dele e não voltar jamais, mas no dia de seu casamento, um vínculo se formou entre eles. Ela o odiava, mas ainda assim precisava dele.

E apesar do meu sofrimento, não fui coroada rainha durante seu reinado.

Ele se recusou. Também matou seus herdeiros, inclusive o belo príncipe, para que ninguém tivesse direito a seu trono.

Sem o conhecimento de Mandriael, Keeley tomou medidas para prevenir uma gravidez: seu único ato de rebelião; nenhum dos filhos mortos era dela.

Não, o título chegou depois que o rei a deixou nua e a açoitou. Em público. Por atrever-se a olhá-lo nos olhos enquanto falava com ele. Agonizando e ensanguentada, desesperada, ela cortara sua cicatriz, só queria um gostinho do poder. Mas um oceano de energia encheu seus braços e explodiu através dela, explodindo também o rei.

Teve o que merecia.

Poucas horas depois da sua coroação, no entanto, as pessoas que havia planejado libertar se rebelaram.

Rainha por menos de um dia.

Armaram uma emboscada, entrando na sala real e rodeando-a no trono. Ninguém tinha uma arma. Mas, agora, não precisavam de espadas e facas, já não. Eles também haviam retirado suas cicatrizes e seus poderes a golpearam, como um turbilhão. Mas o poder dela era muito mais forte e ela os catapultou no ar, todos de uma vez, sem nenhum grande esforço.

Houve rumores entre os Curadores, afirmando que o rei a anulou. Alguns supostamente nasceram com capacidade não apenas de controlar a energia ao redor deles, mas de se conectar à ela, manipulá-la, inclusive controlá-la e evitar que outros a usassem. Estas alegações, profecias, estavam escritas em um livro que desaparecera décadas antes, roubado ou destruído.

Ela se perguntara se poderia fazer estas coisas... Inclusive enquanto seu povo gritava obscenidades e ameaças cheias de ódio.

Você não passa de uma puta!

Você não pode nos manter aqui para sempre. No momento que cair, está morta.

Vou dançar em seu sangue!

A ira ferveu em seu interior e, finalmente, vazou. Uma violenta tempestade explodiu, esmagando tudo em seu caminho, inclusive o palácio. Os Curadores permaneceram no ar, atingidos por gelo, água e resíduos. Mas, não Keeley. Manteve-se intacta, ilesa. Os aldeões pararam de correr para se abrigarem e olhar com horror como, cada um de toda a alta classe, explodiam em pedaços.

Ela temia machucar os outros, inocentes, e decidiu que não havia opção a não ser fugir. Os aldeões a seguiram decididos a acabar com ela e se salvarem de um destino similar.

Passou semanas na selva, escondida por conta própria, pela primeira vez em sua desgraçada existência, sem condições da realeza, fazendo todo o possível para sobreviver. Foi então que Hades a encontrou.

A vida pode mudar com um simples piscar de olhos.

Hades era o príncipe sombrio que considerou bonito demais para resistir, percebendo muito tarde que a drogava em cada refeição em um esforço de manter sua mente embaçada e fazendo com que fosse facilmente manipulada. Ele não sabia que as drogas eram desnecessárias, que ela estava tão carente de afeto quanto de comida.

Oh, como a irritava! A presa fácil que foi. Desesperada por se agarrar a ele e fazê-lo feliz. Apenas para ser traída. Acreditando cegamente em tudo o que dizia. Disposta a fazer tudo o que pedia.

Nunca mais! Ela havia aprendido a lição. As decisões não devem se basear em emoção. Apenas lógica. Do contrário, cometeria erros.

E cometi um grande erro com Torin, percebeu. Ela hesitou em lançar um golpe mortal, simplesmente porque ele tinha um rosto bonito e fazia suas entranhas cantarem de prazer.

— Keeley. — Disse, estalando os dedos na frente de seu rosto.

Ela piscou em foco, dizendo: — O quê?

Ele sorriu, seus olhos verdes esmeralda brilhando. Continuou a conversa como se nunca houvesse parado.

— Pense na minha sugestão sobre o pepino como um convite. E você não quer ferir meus sentimentos ao se negar, não é? Acho que li em alguma parte que a realeza está obrigada à formas mais estritas de etiqueta do que os plebeus.

Como ele fazia com que quisesse devolver o sorriso em vez de atacá-lo? E porque não a desarmou e matou enquanto ela ficou inconsciente?

— Esta rainha vai rejeitar a maldita etiqueta. Ela prefere não comer um pepino que vem com um toque de febre tifoide.

O brilho desapareceu e ela realmente lamentou sua perda.

— Ou vem com um pouco de peste negra? — Obrigou-se a continuar. — Não? Que tal botulismo? Febre de Lassa? Estou perto?

— Oh está bem perto, — disse. — De beijar o chão de uma forma que nunca irá esquecer.

— Nós dois sabemos que o único a beijar o chão aqui será você.

— Blá, Blá, Blá. — Ele afastou o braço dela e, em seguida, a agarrou pelo pescoço ao mesmo tempo em que enganchava sua perna atrás de seus tornozelos, fazendo-a tropeçar.

Ao cair, contorceu-se para se equilibrar. Mas, percebeu que estava com o rosto no chão, sem fôlego, com os braços presos atrás das costas.

Um momento de silêncio aturdido enquanto ordenava os pensamentos... E percebeu o duro corpo se apertando contra ela. Lutou contra a perturbação da nova posição. *Não. A humilhação da posição.*

— Você chama isso de pepino? — Perguntou casualmente.

— Provavelmente estou em um Santdoff Mexicano³. — Conseguiu dizer também casualmente.

— Standoff Mexicano, implica em que ambas as partes tenham a outra em situação precária. Com nossa posição atual, não estou exatamente me sentindo ameaçada.

Sentia o calor irradiando dele, envolvendo-a. E seu cheiro... Sândalo e especiarias. Todo macho. Suas células cantavam, seu sangue começava a ferver de desejo.

Sinto muito, Mari.

Deveria me controlar.

— Vamos ver se posso fazer algo para mudar sua perspectiva. — Ela riscou atrás dele. Nada. Permaneceu no lugar. *Porque não pensou nisso antes? O enxofre!* Enquanto estivesse em sua pele e mantivesse o controle sobre ela, seria impotente contra ele... Contra tudo.

Impotente... Indefesa. Piscou em pânico, o peito queimando.

Não podia ficar indefesa. Não outra vez.

Ela chutou sua perna, seu calcanhar chocando contra seu traseiro.

— Fique quieta. — Ordenou.

Impotente... Tão impotente... Depois encarcerada. Na escuridão, obrigada a comer bichos da terra, apodrecendo em minha própria sujeira, suja, tão suja, faminta, tanta fome. Esquecer? Não, não, não!

Ela resistiu, se debateu e chutou. Flocos de neve começaram a cair do céu, se acumulando ao redor deles.

— Keeley. Pare.

³ Standoff Mexicano: É um confronto de três pessoas armadas com pistolas.

Tinha que se soltar. Ignorando a dor no ombro enquanto ele apertava ainda mais seu agarre, ela se debateu em suas costas. Em seguida, ele a soltou. *Sim!* Mas apenas o tempo suficiente para segurar seus dois pulsos e colocar sobre sua cabeça.

Flocos de neves caíam em seus cílios, em sua pele... Na dela. Frio, muito frio. Desamparada.

— Eu não quero te machucar, — ele disse entre dentes, seu cenho ameaçador... Quase desesperado. — Quero fazer coisas com você... Tento não pensar nelas... Não consigo. Fique quieta. Por favor, fique quieta.

— Me solte! — Uma súplica se formou, mas ela a engoliu. Em uma ocasião, implorou a Hades por sua liberdade e ele riu dela. Não daria a Torin a mesma oportunidade. — Me solte!

— Não até chegarmos a um tipo de acordo.

Ela continuou lutando, não ganhou nada.

Estava impotente!

Não podia respirar, tinha que respirar. Ela moveu os quadris, resistiu um pouco mais. Quando tentou colocar uma das pernas entre as dele e colocar o pé descalço contra seu peito nu, ele se afastou antes do contato.

Finalmente livre.

Ela se deitou no chão duro, respirando o ar precioso.

— Você, uh... Obrigada.

Aproximou-se dela novamente, mas desta vez sem prendê-la. Não a tocou de forma alguma, assim ela não precisava lutar. Simplesmente a protegia da avalanche de neve, seus traços cheios de preocupação.

— Está bem? — Perguntou.

Estranha pergunta, vindo dele.

Seus batimentos desaceleraram, ainda que seus membros ficassem mais pesados a cada segundo.

— Não sei. — Respondeu ela com sinceridade.

Torin olhou para o céu e logo para ela novamente. O céu e ela. Ele assentiu com a cabeça, como se acabasse de descobrir um enigma e se afastou dela.

— Não. — Disse ela, surpreendendo a si mesma. *Eu o quero perto?* — Eu... Preciso de calor. — Verdade. Em parte. Ela ansiava a conexão com outro ser vivo... Ele. Passou-se tanto tempo.

Permaneceu no lugar. Seu olhar fixo no dela e era tão torturante quanto arrebatador. Sem o pânico, seu desejo por ele, a sensação, não tinha filtro, convertendo-se em uma força impulsora que não podia negar.

Não faça isso.

Preciso.

— Aquela mulher é sua amante? — Perguntou.

Ele piscou para ela.

— Mulher? Oh. Quer dizer Winter? Não.

Estou aliviada...?

Talvez. A condição dele era difícil para qualquer mulher, realmente, mas Keeley não era qualquer mulher. Ela podia tê-lo.

Mas, porque o quero? Eu o odeio.

Ainda assim a vontade de se aproximar e passar seus dedos ao longo dos contornos de seu peito... Se o fizesse, iria gostar.

Sou muito forte para ficar doente.

Parou na metade do caminho para observar sua reação.

Sua mandíbula se apertou com força.

— Não, — ele disse, mas permaneceu no lugar, como se quisesse que ela o fizesse, como se precisasse dela. — Falo sério. Não.

— Você irá me agradecer. — De verdade, seu demônio não seria rival para ela. Quem seria? Ela mesma não era.

Percorreu o resto do caminho e colocou a mão sobre o seu coração. Pele com pele. Ele estremeceu, mas não se afastou. Entre dentes, gemeu. Como se a conexão repentina entre eles fosse parte dor e parte prazer. Céu e inferno.

— Keeley. — Um toque de demanda... E necessidade.

Peça por mais. Tem que fazê-lo.

Ele estava quente o suficiente para queimar, suave como a seda e ainda duro como aço e nada parecia melhor.

Um simples toque me derrubou.

— Você é... — *Tudo o que sempre quis ou precisei ou esperava que fosse possível.* Traçou os dedos ao longo de sua clavícula, até o pescoço... Os lábios. Separam-se e ela se aproveitou, pressionando para sentir o calor úmido dentro de sua boca.

Ofegou forte e ela gemeu. O som o tirou da mágica névoa que ela teceu. Ele se afastou para trás, o horror irradiando dele. O mesmo tipo de terror que os aldeões uma vez sentiram por ela.

— Torin? — *Me dê mais.*

— Keeley. — Ele negou com a cabeça, esfregou o peito como se ainda a sentisse. — Não deveria ter me tocado. Não deveria ter permitido. Inclusive se você sobreviver à infecção, o que é provável que não aconteça, poderá se tornar imune a ela, mas ainda será capaz de espalhá-la. Razão pela qual terei que matá-la, mesmo que se recupere.

CAPÍTULO SEIS

Minha culpa.

As palavras ecoaram na mente de Torin enquanto acendia a fogueira e era como receber punhaladas no peito. Keeley estava sentada no chão observando todos os seus movimentos. Sabia disso, porque podia sentir o calor de seus olhos perfurando suas costas. Desde o “incidente”, ela não tentou lutar contra ele. Ela ainda estava tranquila.

Logo iria ficar doente. Como todos os demais. E ele amaldiçoaria sua própria existência. Procurou por uma sensação de adormecimento enquanto vasculhava a mochila que havia escondido atrás de uma árvore, onde guardara os medicamentos que sobraram. Alguns antibióticos, anti-inflamatórios, xarope para tosse, anti-histamínicos, descongestionantes. Analgésicos. Inclusive algumas vitaminas que dissolviam na língua.

Lançou os antibióticos e as vitaminas para ela, além de uma garrafa de água.

— Tome dois comprimidos. E uma das vitaminas. Ajudarão a evitar a infecção.

Em um mundo perfeito, isso seria bom o suficiente. Mas, seu mundo não era nem sequer perto de perfeito.

Ela não respondeu.

Se tivesse que obrigá-la a to...

Ouviu um farfalhar de tecido e água sendo ingerida.

Boa garota.

Não tinha certeza de como teria reagido obrigando-a... Colocando suas mãos nela novamente. Não havia mulher mais suave.

A culpa o corroía, determinada a destruí-lo como Doença. Nunca estava longe da superfície, sempre buscava um momento para vomitar seu veneno. Logo viria a dor... Raiva. De Keeley. De si mesmo. Principalmente de si mesmo. Ansiou seu toque mais do que desejou alguma coisa.

Enquanto Doença gritava para ficar o mais longe possível dela, quase correu a favor da tentação, dizendo que Keeley era tão poderosa que seria imune. Que finalmente poderia ter tudo o que sempre ansiou em segredo. Mas era uma mentira. Sempre era uma mentira.

Porque incentivou uma luta com ela? Porque tentou consolá-la depois de seu pânico? O único resultado possível aconteceu.

Surpresa!

Agora Keeley pagaria o preço final pela sua fraqueza, e ele seria responsável por matar um dos últimos Curadores ou pela criação de outra portadora. E, embora nesse mundo perfeito que ele desejava viver, uma mulher portadora significava que ele finalmente teria alguém para tocar, abraçar, beijar e agradar, sem quaisquer outras consequências, não era assim que funcionava. Se Torin a tocasse uma segunda vez, ele transmitiria uma doença diferente.

O demônio não se limitou a se especializar em uma doença, mas em várias.

Doença, muitas vezes mudava sua especialidade através dos tempos. A morte negra do século XIII tinha dado lugar à pandemia de cólera do século XVIII. Tornando mais difícil para o mundo combater o mal, ele supunha. Para Torin combatê-lo.

— Já aconteceu de alguém não adoecer depois de se envolver com você? — Perguntou Keeley.

A esperança em sua voz... Ele quase desmoronou, totalmente agoniado.

— Não.

— Mas eu sou, tipo, Super Poderosa.

Ela não era simplesmente Super Poderosa, era a pessoa mais poderosa que ele já havia encontrado.

— Doença se alimenta de certos tipos de poderes. Como acha que se mantém?

Ela mordeu o lábio inferior, brincando com o frasco de comprimidos.

— Eu me sinto bem.

— Isso não vai durar.

Seus ombros caíram e ela disse. — Quando tempo suas vítimas costumam viver?

— Cerca de uma semana. Rara vez por mais tempo. — Ele se posicionou ao lado do fogo. *Não tenho certeza se posso ficar perto.* — Como conseguiu um corpo humano se não é humana? — Perguntou, com a esperança de distraí-los. — Os Curadores são, eram, espíritos.

Uma expressão de ira tocou seu rosto, o mundo ao redor dele tremeu.

— Alguém me deu. Por quê?

Ignorou a pergunta.

— Quem deu? E como?

— Não importa, — melancólica, acrescentou, — eu costumava ser capaz de me comunicar com os animais, sabe.

Não era realmente surpreendente. Assim como qualquer princesa de um conto de fada.

— Tenho certeza que você e seus amigos animais tiveram conversas estimulantes.

— Sim. — Ela suspirou. — O corpo mudou tudo.

— Não pode se livrar dele? — Algo que poderia salvá-la.

— Dificilmente. Estou fundida nele. — Seu olhar se aguçou sobre ele. — Por que continua aqui? Porque não me abandona ao meu próprio destino horrível?

Escolheu ser frívolo neste breve momento.

— Não há maneira de abandoná-la enquanto estivermos a ponto de jogar meu jogo favorito. Médico incompetente e paciente que não coopera. — Mas ele fracassaria em alcançar os resultados desejados.

Ela franziu o cenho.

— Então... Vai me ajudar? Outra vez?

— Vou tentar. — Mas seria o suficiente? Não foi com Mari.

Ele apertou os dentes. Humano contra o Super Vilão. Grande diferença. Este era um jogo totalmente novo.

Olhe para mim. Esperando o melhor cenário possível, quando já conheço o resultado.

— Por quê? — Perguntou. — Apenas irei recompensá-lo com dor, agonia e morte eventual.

Declarou as palavras de maneira tão simples, como se estivesse simplesmente discutindo sobre as unhas dos pés, que brilhavam como diamantes. Ele quase sorriu.

Quase.

— Entendo suas razões para querer me machucar. Sua bronca contra mim é legítima e você fará o que for necessário pela coisa certa. Bem, tão certa como pode ser, considerando a gravidade dos meus crimes. Mas não vou deixá-la aqui, sofrendo e para “morrer” sozinha.

Ele experimentou um agudo sentimento de perda que não entendia muito bem. *Ao pensar em sua morte?* Mal a conhecia. Ela não era sua amiga. Deveria sentir culpa, sim, mas nada mais.

— Mas, por quê? — Insistiu. — Você me avisou. Ainda assim escolhi sofrer desta forma. Lembra-se?

Ela queria a verdade, então ele a deu: a verdade como ele conhecia.

— Sinto muito pela morte de Mari. Sinto muito por ter tocado nela. Sinto muito por ela ter adoecido e morrido de forma tal terrível. Sinto que tenha perdido uma amiga querida. Lamento não ter sido forte o suficiente para me afastar dela... Ou de você. — A picada no peito parecia muito mais letal que uma faca ou garras. — Principalmente quando sabia que nada de bom poderia vir disso. Sinto muito por tudo e, no entanto, não há nada que possa fazer para mudar. O

passado é passado. Está feito. Com você, apenas posso seguir adiante e fazer o melhor para que as coisas sejam diferentes.

Ela virou a cabeça.

Para esconder as lágrimas?

A dor dentro dele aumentou. Mas deu as boas vindas, merecia.

— Não chore. Por favor, não chore.

— Nunca! — Ela rosnou, com raiva.

Melhor assim.

Inalou com força, logo exalou com mais força.

— Talvez tenha que me afastar de você e procurar Cronus. Terei mais tempo para pensar.

— Ela arrastou seu dedo através da terra, criando um símbolo que ele não reconheceu. — Ouvi como barganhou com Mari. Depois, ele tentou negociar comigo. Sabia que ela iria morrer, e apesar dos meus protestos e vontade de trocar de lugar com ela, ele a deixou ir de qualquer forma. Ele deve ser castigado.

— Cronus está morto. — E o mundo estava muito melhor sem ele. — Foi decapitado.

— Quem se atreveria a me negar minha vingança? — Ela disse, sua comoção surpreendentemente adorável.

— Não foi intencional. Minha amiga o fez no campo de batalha. Ela agora é a rainha dos Titãs.

Ora, ora!

— Uma mulher?

Ele assentiu com a cabeça.

— Uma companheira de um Senhor do Submundo.

— E os Titãs não se negaram a servi-la?

— Não. Porque o fariam?

Seus olhos brilhavam.

Inveja.

— Porque... Porque sim!

Havia uma história ali. Inferno, havia provavelmente muitas histórias e gostaria de ouvir cada uma delas.

— E seu povo? — Perguntou. — Alguém por aí?

— Pelo que sei, sou a única da raça pura, os Curadores restantes se juntaram aos anjos caídos, pensando que seriam mais fortes. Mas tudo que conseguiram foi diluir a linhagem sanguínea e morrer.

Uma resposta honesta, apesar de ter respondido com zero dica sobre suas emoções. Ela sentia falta dos outros? Lamentava sua perda?

E outra pergunta: porque desejava poder abraçá-la?

Uh. Abraçá-la poderia levar a beijar e beijar levaria ao sexo. Não era como se fosse uma ciência exata. Ele deixaria de ser o virgem mais antigo da história. Finalmente, conheceria a sensação das paredes internas de uma mulher. O aperto quente. O lugar úmido que sua própria mão nunca poderia reproduzir.

Agarrou a raiz da árvore a seu lado em uma tentativa de manter a si mesmo longe dela, não poderia fazê-lo, não poderia tomá-la. Apesar de que ainda estremecia quando se lembrava dela tocando-o...

Seria ceder à sua atração por Keeley realmente tão terrível? Principalmente agora? A pior parte do dano já estava feito. Ela iria morrer de qualquer forma...

Pare!

Não podia arriscar-se a dar-lhe duas doenças ao mesmo tempo. Não havia nenhuma possibilidade de sobreviver. Se houvesse alguma.

— Porque não acasalou com um anjo caído?

— Tinha um noivo e quando nos separamos, já conhecia a verdade. Os anjos caídos eram veneno para os Curadores, espalhando sua maldição das trevas. Ah, e eu estava encarcerada.

Algo quente e sombrio o atravessou. — Estava comprometida?

Foi nisso que se concentrou?

— Sim, — disse ela. — Por quê? — Ela lançou um graveto nele. — É uma grande surpresa que alguém me achasse atraente e quisesse me ter para sempre?

— Guarde as garras, gata selvagem. Não quis ofender. — Ele não podia chamar esta coisa quente e sombria dentro dele de ciúmes. Não havia nenhuma razão para que ficasse com ciúme. Ele chamaria isso de... Indigestão. Porque era isso.

Que tipo de homem havia conquistado seu coração? O tipo que elogia, sem dúvida. Como ela parecia suave e delicada, Torin bem poderia imaginá-la como um brinquedo sexual favorito, para brincar cada vez que seu estado de animo piorasse. E poderia ter sido golpeada com frequência.

Sua indigestão criou dentes e começou a corroer seus órgãos.

— Onde está o cara agora?

— Não sei. Provavelmente em algum lugar onde possa decapitar cachorros e gatos sem que ninguém reclame.

A relação terminou mal. Entendi.

— Olhe, — disse ela e suspirou. — Aprecio a conversa. Realmente. Nunca serei sua maior fã, mas estou disposta a admitir que você não é o cão do inferno que pensei que fosse. Razão pela qual acho que será melhor se nos separarmos e voltarmos à nossa guerra depois.

— Fique. Me deixe cuidar de você.

— Não estou doente.

— Cuidamos disso. Você está.

— Não. Eu já disse, sou muito poderosa. Você nunca conheceu ninguém como eu, portanto não pode saber como vou reagir a... — Uma tosse interrompeu sua negação. Ela se encurvou, a força era demais para seu corpo e tampou a boca.

Passaram-se minutos antes que ela se acalmasse. Estendeu as mãos trêmulas. Tinha manchas vermelhas em suas palmas.

Neve começou a cair mais uma vez e desta vez, brilhantes relâmpagos cruzaram o céu. Percebeu que o tempo respondia ao seu humor e pensou que isso deveria ser um sinal de medo e dor.

Ela olhou em seus olhos e balançou a cabeça.

— Não. Não.

— Sim. Você está infectada.

* * *

Em menos de uma hora ela estava tossindo sangue.

Em menos de duas, foi devastada pela febre.

Ela tentou lhe dizer algo, como “chuva”, “afogar” e “servos”, mas o significado se perdeu em Torin. A única coisa que ele entendia era “não... Matar”.

Ele lhe disse que a mataria se fosse uma portadora. E deveria, seria melhor. Para ela, para o mundo.

Então, por que tentar salvá-la?

Porque ele não podia evitar a tentação de abraçá-la? Porque lhe devia.

Porque ele não podia tê-la, nunca, se ela morresse.

Golpeou o chão, levantando poeira. Eles se ocupariam dessa coisa de portadora, quando fosse necessário.

O mais suavemente possível, deu-lhe os remédios. Usou uma parte da água para manter sua testa fria e derramou o resto em sua garganta. Mas, no dia seguinte, a água acabou e ela precisava de mais. Sua tosse piorou e sua febre se intensificou, ficando perigosamente alta. A mulher que era forte o suficiente para derrubar uma prisão para imortais se debilitou até que já nem sequer contorcia-se de dor, seu peito mal subia e descia, sua respiração sibilante... Às vezes, inclusive falha.

A morte. Ele sabia bem.

Mas o sinal mais claro de uma morte iminente? Cerca de vinte metros ao redor, a grama morreu. As árvores próximas caíram e secaram, deixando nada mais que folhas quebradiças e casca negra.

Ao menos deixou de nevar. Pequeno consolo.

— Apenas aguente firme princesa. — Disse, sabendo que não podia ouvi-lo, mas obrigado a falar de qualquer forma. Ele a pegou nos braços, com cuidado para se assegurar que suas roupas se mantivessem como uma barreira constante.

Mas, inclusive sem o contato de pele com pele, conseguiu encher-se de endorfinas, uma onda atrás da outra da mais intensa felicidade que jamais conheceu. Endureceu. Palpitou.

Preciso de suas mãos em mim outra vez.

Chega!

Levou-a pelo bosque, em direção à clareira que compartilhara com o Trio Terrível. Lutariam. Eles não entenderiam porque ele estava ajudando uma mulher tão decidida a matá-lo. Quase não entendia a si mesmo. Mas não estavam ali e parecia como se houvessem desaparecido por um tempo, poupando-o do incômodo combate.

Torin colocou Keeley sobre a represa. Colocou um pano na água fria antes de deixá-lo em sua testa, limpando o suor. Batia os dentes e a cada segundo tinha uma convulsão, mas a febre não diminuía.

Ele a pegou e a colocou no centro da represa com roupa e tudo. O líquido ondulou e lambeu seu caminho até o queixo dela... Mas o calor que propagava realmente esquentava a água. A frustração e o medo o comiam.

— Hades, — ela murmurou, sua voz bem rouca. — Meu...

Um terrível silêncio se apoderou dele. Hades, o governante do Submundo? Um macho no qual Torin não confiaria nem um chiclete e muito menos uma vida? Pura maldade? O pai de William, O Sempre Excitado, e Lúcifer, o Rei dos Demônios?

Ainda que, para ser justo, Hades não era o pai biológico de William e Lúcifer. Ele os reclamou através de algum tipo de sombra, adoção sobrenatural. Mas para ser ainda mais justo, isso fazia dele ainda pior.

Keeley chamando por este macho? Sério?

— Não, — ela implorou. — Por favor, não faça isso.

Hades a machucou? Não era uma grande surpresa e, no entanto, Torin apertou os nós dos dedos. O que ele fez a ela voltará ao macho em cem por cento.

— Shh. — Em um esforço para acalmá-la, Torin alisou uma mão enluvada ao longo da curva de sua mandíbula.

Isto não é para mim, é para ela.

Mentindo a si mesmo agora?

Maravilhou-se com a delicadeza de seus ossos e teve que lutar contra mil ondas de felicidade, cada uma mais embriagante que a anterior.

— Estou aqui. Torin está aqui. Nada de ruim vai te acontecer, princesa. Não deixarei.

— Eu te amo. Você me ama. Nosso casamento... Por favor.

Ficou rígido, vários fatos ficando cristalinos. Hades era o noivo que ela havia mencionado. Na realidade, ela planejou um futuro com ele. Implorou por ele.

Ciúmes. Sim, sentia-o. Ciúmes e não indigestão. Ele não podia mais negar a verdade. No entanto, não toleraria tal emoção. Keeley não era sua. Ela não lhe pertencia e nunca pertenceria. Inclusive se lidassem com seus problemas, pouco provável, nunca seria capaz de satisfazê-la. O que tinha para oferecer, nunca seria o suficiente.

Descobriu isso da pior maneira.

Ver descontentamento em seus olhos? Preferia morrer.

Tinha experiência suficiente com humilhações.

— Ajude-me, — sussurrou. — Estou indefesa. Presa.

— Shh, — disse novamente. — Eu a tenho. Não vou a nenhuma parte.

— Torin? — Sua cabeça se inclinou para ele. Seus braços flutuaram ao longo da superfície da água, roçando as pontas de seu cabelo. Molhadas, as mechas pareciam cor de mel em vez de azul.

Ficará tão bonito ao redor do meu punho. Vou girá-la levemente para direita, tomar sua boca com uma habilidade que ela nunca antes experimentou e...

Nada.

Ele lançou uma respiração entrecortada, então percebeu que a água esfriou consideravelmente.

Sua febre cedeu, afinal?

Levantou-a da água e a acomodou sobre a grama, tenso e com medo, enquanto esperava ver se a grama secava. Enquanto os minutos se passavam e a grama continuava verde e exuberante, ele relaxou.

Seu olhar deslizou sobre ela. A cor de sua pele melhorou muito, o rubor da febre se foi. Mas seu vestido estava grudado na pele, delineando cada magnífica curva.

Ficou tenso novamente... Precisava olhar para outro lado. Mas não importava quão diligentemente tentasse, seu olhar se manteve grudado nela. Seus seios eram deliciosos, tinha vontade de apertá-los. Seus mamilos estavam duros, praticamente rogando para serem chupados. Tinha o estômago côncavo, permitindo que a água entrasse em seu umbigo.

Poderia lambe-la a água.

Deixe disto.

Errado em todos os níveis.

Suas pernas eram longas e ágeis, a longitude perfeita para envolver ao redor de sua cintura. Ou seus ombros. Não tinha cicatrizes ou tatuagens, sua pele era como seda.

A promessa de sexo fervia nela.

Seu controle já desgastado ameaçava fraquejar.

Não!

Ele passou uma mão pelo rosto, finalmente rompendo o feitiço que ela teceu de alguma maneira. *Sim. Culpe-a. Idiota!* Que demônios acontecia com ele? Estava doente, provavelmente morrendo e ele a estava cobiçando?

Sou muito mau.

Faça o bem.

Logo se desfaça dela. Depois poderia procurar por Cameo e Viola com a consciência tranquila.

Como o Trio Terrível, Viola ficou presa no Tártaro no momento errado e recebeu um dos demônios que sobraram. Estremeceu. Conseguiu o Narcisismo. O pior do pior. Viola era um pesadelo para se ter por perto, mas também era parte de sua família.

Um homem protegia sua família.

Mari era a única família de Keeley, pensou. E eu a levei.

Devia à Curadora mais que vingança. Devia-lhe outra família. Mas não havia maneira de introduzir uma portadora entre inocentes. Seria como pescar em um barril com um granada dentro.

Seus amigos, por outro lado... Eles sabiam como tratar os portadores. Estiveram lidando com Torin durante séculos e nenhum deles jamais ficou doente. Eram experientes em fugir dele. Talvez pudessem ser a família de Keeley e assim não teria que matá-la.

A ideia... Não o repelia.

Ameaçava a segurança deles.

Sim, mas Torin sabia que ela não os machucaria. Via um núcleo de honra sob a raiva.

Ela poderia inclusive encontrar um pouco de felicidade com o grupo. Dois de seus amigos estavam vivendo com Harpias, uma raça de mulheres conhecidas por causar enorme derramamento de sangue... E fazer com que homens adultos urinassem na calça de medo. Isso tinha que ser um sonho de melhores amigas para Keys. E, não que importasse, nenhum dos homens daria em cima dela; todos estavam comprometidos.

Bom, exceto William, o Sempre Excitado, que vivia com eles, mas o cara estava de olho em sua pupila, Gilly, muito mais intensamente nos últimos tempos. A garota era humana e estava prestes a completar dezoito anos em breve.

Torin não tinha certeza do que iria acontecer entre os dois no dia de seu aniversário, mas sabia que algo iria acontecer.

Não era importante. Keeley provavelmente iria protestar pela mudança para Budapeste. Provavelmente? Há! Mas teria que encontrar uma maneira de convencê-la. Já que não havia melhor solução... E não havia outra maneira de poder mantê-la.

CAPÍTULO SETE

Cameo, a guardiã da Miséria, arrombou a fechadura das portas de trás de um velho caminhão de sorvete. Dobradiças enferrujadas rangeram quando as portas se abriram. Ela saltou para dentro do veículo e buscou no freezer de um lado ao outro até que teve seus dedos intumescidos de frio. Seguramente, ela acharia o que estava procurando, maldição!

Soltando um grunhido que seus amigos uma vez chamaram de “TPM Aço Deprimente”, Cameo esmurrou a parte de trás da cadeira do motorista. Se não achasse chocolate logo, iria cometer um assassinato a sangue frio. Qualquer tipo de chocolate. Chocolate crocante. Sanduíche de sorvete. Napolitano.

E ela já tinha um objetivo em mente.

— Você vai chorar? — O objetivo em questão perguntou. — Aposto que você vai chorar.

Ele estava na porta aberta, perscrutando dentro do caminhão, olhando para ela com seu sorriso patenteado. Seu nome era Lazarus, e eles eram companheiros há... Ela não estava certa de quanto tempo. O tempo tinha deixado de existir.

Em uma tentativa de recuperar uma... *Amiga? Ugh. Não. Conhecida? Melhor.* Em uma tentativa para recuperar sua conhecida Viola, Cameo tocou a Haste de Partir, um artefato antigo criado pelos Titãs; era algum tipo de ponte entre os mundos, supostamente deveria levar para caixa da Pandora. *Mal posso esperar para quebrar a maldita caixa em mil pedaços! Era simplesmente muito perigosa.*

Em um segundo, ela estava com a mão na Haste, no próximo, ela soube que estava em outra dimensão... Reino... O que seja!

Lazarus havia tocado a Haste também, só que tinha feito meses antes. Ele havia encontrado uma maneira de puxá-la no momento certo e sair do outro lado com ela. Ela não estava certa de como ou por que ele fez isto. Ela perguntou, mas ele não era de dar respostas. Ou compreensão. Ou compaixão.

O que ela sabia? Eles acharam uma entrada para outro reino e caminharam através dele. De lá, acharam ainda outra entrada, outro reino. Nenhum dos quais ela estivesse familiarizada. Algumas áreas eram primitivas. Algumas eram bem povoadas e modernas. Todas perigosas.

— Você considerou antidepressivos? — Lazarus perguntou. — Acho que pode ajudar com as crises de choro. Ou isso eu ouvi. Poderia ajudar com sua voz, também. Eu mencionei que sua voz é trágica?

Mais ou menos mil vezes.

Ela diminuiu a distância entre eles. Ele era um homem bonito. Um dos mais belos já criados; só pergunte a ele. Mas era intenso. E selvagem, e quando matava, ele matava. Depois, ele

brincava um pouco. Nem mesmo seus amigos possuídos pelo demônio lutavam com tanta brutalidade ou brincavam tão violentamente, e eram conhecidos por arrancar a medula espinhal do inimigo pela boca.

Estando dentro do veículo, como ela estava, com os pés firmemente plantados no chão, ela deveria ser a mais alta dos dois. Não era. E ele a irritava. Ela tinha 1,71m, não era pequena de forma alguma, mas era uma penugem minúscula em comparação a Lazarus.

— Você considerou o fato de que eu tenho punhais e não tenho medo de usá-los? — Ela perguntou.

Ele se encolheu, os cabelos escuros caindo em sua fronte.

— Por que usar punhais? Sua voz é arma suficiente.

Ela sabia que cada palavra que dizia era imersa em dor, mergulhada em arrependimento e cheia de tristeza, obrigada.

— Se minha voz faz você querer se matar e me poupar o trabalho de dar o golpe final... Bem, por que não gasto as próximas horas contando tudo sobre a minha vida?

Seus lábios se curvaram nos cantos. Ele a levantou pela cintura e a girou no ar, deixando-a no chão. Suas mãos ficaram onde estavam, permanecendo nela, e seus olhos escuros cintilavam.

— Por que eu me mataria? Estar ao seu redor é torturante, sim, mas também altamente divertido.

A maioria de homens sentia-se intimidada por ela. Seus amigos eram protetores com ela e faziam tudo em seu poder para poupar seus sentimentos. Este sujeito a provocava a cada passo, sem medo das consequências.

Ela empurrou suas mãos para longe, mas ele se agarrou a ela por vários segundos mais, só para incomodá-la, ela apostava.

Mas... Isto. Esta era a razão pela qual não se permitia sentir-se atraída por ele, não importando o quão bonito ele fosse. A personalidade importava, e a dele era um saco.

A minha também. Isso não significa que somos perfeitos um para o outro?

Não!

— Solte-me. — Ela exigiu.

— Ainda não.

Um minuto passou. Dois. Ela podia ter lutado, mas para que desperdiçar forças... Especialmente desde que apreciava onde estava.

Ele só a deixou quando decidiu que estava bem e pronto.

Ela foi para longe dele. Hoje, ela encontrou-se em uma terra muito parecida com o mundo ao que estava acostumada. Apenas, não existia nenhuma pessoa. Os carros estavam batidos e abandonados. As estradas estavam desertas. As árvores e folhagens cobriam tudo. Os edifícios desmoronados.

Os ossos dos mortos estavam em todos os lugares. Mas os fios de eletricidade ainda funcionavam e as baterias não pararam. Era estranho.

— Você já teve um namorado? — Lazarus perguntou, mantendo o passo atrás dela.

— Eu tenho milhares de anos. O que você acha?

— Acho que você é uma solteirona virgem faminta por um pedaço de carne masculina.

Ela respirou fundo... Segurou... Segurou... Lentamente expirou. *Eu sou uma mulher tranquila, racional.*

— Eu tive vários namorados, e não sou virgem. E se você me chamar de puta, eu cortarei sua língua.

— Não, você não vai. Você quer minha língua onde está. Confie em mim. Mas estou curioso. Quantos namorados?

— Não é da sua conta.

— Muitos para contar. Anotado. Como você é na cama?

— Você nunca saberá.

— Por favor. Eu posso adivinhar. Toda vez que um sujeito conseguiu estar dentro de você, você gemeu, mas não de prazer. Você fingia, porque você estava infeliz. Ele imediatamente perdia sua ereção e decolava, falando alguma tolice sobre ter que estar em outro lugar. Você saía insatisfeita, e ele nunca falava com você novamente.

Ela se enfureceria... Se ele não estivesse certo. Na maior parte.

Ela tentou ter relações, mas só uma vez por amor. Com um humano surdo que seus inimigos mataram mais tarde. Duas vezes, por respeito e admiração mútuos. Com guerreiros imortais possuídos como ela. Inúmeras vezes, por desespero. Com qualquer um que mostrasse um pouquinho de interesse e parecesse capaz de desconsiderar suas falhas.

— Tenho sido satisfeita na cama, — ela disse, — e meu homem também.

— Homem, singular. Interessante.

Por que ele está fazendo tantos círculos ao meu redor?

— Eu tive outros.

— Sim, mas você não mencionou nada sobre alcançar satisfação com eles.

E ela não podia, sem mentir.

— Feche a boca. — Ela estalou.

— Acertei um nervo, raio de sol?

Só o mais cru que ela possuía.

Ela sentia falta de Alexander, seu humano, todos os dias de sua vida. Apesar do que ele fizera com ela no fim do relacionamento.

Ele foi jogado para fora de sua casa na idade de oito anos, quando ficou doente e perdeu a audição. De alguma maneira, ele havia sobrevivido na parte pobre da Grécia antiga para se tornar um ferreiro muito respeitado, tornando-se um homem bonito, forte e honrado.

Ele tinha sido sua única chance de felicidade.

Não pense nele.

Só faria seu demônio mais forte, alimentando sua necessidade de miséria.

— Somente... Feche a boca. — Ela disse. Mas sabia que Lazarus não se calaria. Ele nunca se calava. Ele pressionaria e cutucaria até que ela estourasse, e então ele se sentaria e riria enquanto ela lutava pelo controle de suas emoções. Ele amava rir. E ela queria muito, muito juntar-se a ele. Parecia divertido. Mas não estava com humor para ser seu entretenimento.

— E você e sua esposa, hein? Você deu prazer a ela?

Ele respirou fundo.

— Não a chame disso.

Finalmente. Ela acertou um nervo também.

— Por que não? É isso que Juliette é, certo?

— Ela é o inimigo. Você aprenderá a diferença quando eu a encontrar.

Juliette era uma harpia, e harpias acasalavam por toda a vida. A menina olhou para Lazarus e decidiu que ele era dela. Seu consorte; ela fez todo o possível para mantê-lo ao seu lado, de alguma maneira escravizando o guerreiro poderoso. Para escapar, Lazarus permitiu que o amigo de Cameo, Strider, o guardião de Derrota, decapitasse a ele, e a Haste sugou seu espírito e corpo para o lado de dentro... Onde as duas partes de alguma maneira puderam se reunir e curar.

Ela não entendia como, mas ele estava aí.

Por que eu tive que tropeçar com ele e não Viola?

Haste estúpida.

— Meus amigos me acharão, sabe. — Torin assistiu ela desaparecer. Ele estava procurando-a, ela sabia que estava, e nunca desistiria. Ele a amava.

Como um amigo. Talvez... Como uma namorada.

Torin era um dos únicos dois imortais com quem Cameo teve algo. Trabalhando em torno da coisa sem tocar havia sido difícil, mas eles fizeram isto, dando prazer a eles mesmos na frente um do outro. Tinha sido divertido, excitante... A princípio. Mas eles dois seguraram uma parte deles mesmos atrás, impedindo-os de alcançar outro nível, mais profundo. Naquele momento, ela não soube o motivo. Olhando para trás, ela claramente podia ver que o medo era o culpado.

Ele esperava que ela se cansasse do acordo, desejando algo melhor e o deixasse.

Ela esperava que ele desenvolvesse um desgosto por sua voz, desejando algo melhor e a deixasse.

— Neste momento de nossa jornada, eu sou seu único amigo, — Lazarus disse, uma ponta de raiva em sua voz. — Você não sobreviverá sem mim.

— Na verdade, eu poderia saborear a verdadeira felicidade, pela primeira vez na minha vida, sem você.

Ele achatou suas mãos sobre seu coração.

— Ouch. É como se você me apunhalasse com um daqueles punhais que está sempre alardeando.

Eu gostaria.

— Mas só para esclarecer, — ele adicionou, — você está me dizendo que nunca conheceu a verdadeira felicidade, até quando seu homem estava dando a você todo aquele prazer surpreendente?

Ela não podia esconder nada dele?

— Por que você está tão interessado na minha vida sexual?

— Não tenha muitas esperanças, raio de sol. Não cheguei a uma conclusão final ainda, mas estou considerando lhe dar uma chance.

Incrédula, ela parou para olhar fixamente para ele.

— Me dar uma chance?

Seus olhos escuros brilhavam de alegria.

— Sim, e não me agradeça. Mas como eu disse, não tenha esperanças. Atualmente, não estou inclinado por nenhum dos casos.

Ela apertou a língua no céu da boca.

— Me deixe te salvar da dificuldade imposta ao seu pobre cérebro abusado com os prós e contras. Você é, aparentemente, o último homem na Terra e ainda não quero você. Eu preferiria acasalar com um porco-espinho.

— Então você gosta de dor? Entendi.

Gah! Ela o deixou na poeira.

Ele correu atrás dela, chamando, — Algumas outras surpresas deliciosas que eu devesse saber? Porque esta pequena revelação pôs você mais perto da caixa do sim.

Ela virou-se sem olhar para ele.

— Uma afinidade com a dor e ela gosta de dar o tratamento frio dos ombros. É como se eu ganhasse na loteria, — ele disse. — Não terei que me preocupar por uma situação de merda. Tudo que terei que fazer é pressionar seu temperamento e você se libertará por conta própria.

Raiva a encheu e ela parou, totalmente chocada. Está certo. A raiva a encheu. Encheu. Não deixando nenhum espaço para tristeza.

Era a lei de deslocamento em ação. Se você estivesse cheio de uma coisa, não havia lugar para qualquer outra coisa. Esse era seu plano desde o princípio?

Não, não. Claro que não. Ele teria que se importar com seus sentimentos.

Mas era a primeira vez em muito tempo que ela não sentia nenhuma sugestão de depressão ou angústia ou sofrimento ou mil outras variações de Tristeza. Ela fechou seus olhos e saboreou, respirando o ar que, de repente, cheirava mais fresco e aquecido no calor de um sol que não mais parecia queimar tanto.

Mas muito cedo, uma tampa foi puxada e a raiva drenada. A tristeza retornou. Sempre retornava.

Ela nunca havia sido capaz de sentir qualquer tipo de prazer... Ou diversão... Ou felicidade mais que alguns segundos. Constantemente, era bombardeada com pequenas irritações ao longo de qualquer dia. Um som que era muito alto, muito constante. Uma temperatura que não estava certa. Uma dor no peito que não passava. Tudo trabalhava em conjunto para construir algo verdadeiramente terrível: uma tristeza que não podia ser combatida.

Era uma existência verdadeiramente terrível.

Por que você simplesmente não desiste?

Palavras do demônio, não dela.

Dane-se.

Ela não daria esse prazer ao bastardo.

Lazarus não disse uma palavra quando ela voltou a caminhar, e isso salvou a vida dele.

Eles chegaram a um supermercado abandonado que ainda não havia desmoronado. Poeira cobria a porta de vidro rachado. Ela espalmou uma de suas armas e limpou o pó para perscrutar o lado de dentro. Nenhuma luz. Só escuridão. Nenhuma sombra se movendo, e ela entrou.

— Pergunto se a farmácia está abastecida. — Lazarus disse.

— Indo ficar alto?

— Indo agarrar para você algum antidepressivo sobre o qual nós conversamos.

Te odeio.

Ela agarrou um dos carrinhos e passeou pelos corredores, renunciando as latas de fruta e garrafas de água embora não comesse havia dias e seu estômago estivesse roncando de fome. Ela foi direito para seção de gelados e, depois de drenar duas latas de cerveja, lançou dois pacotes de seis no carrinho. Em seguida, se dirigiu ao corredor dos doces.

Ursinhos de goma. Hots vermelho. Pastilhas. Caixas de chicletes coloridos azedos. Mas nenhum chocolate.

Por que eu?

Lazarus apareceu com um pote de amendoins, uma pistola de plástico e um par de algemas falsas.

— Sêrio? — Ela disse.

— O quê? Eu gosto de brincar de polícia e ladrão.

— Eu não vou brincar de polícia e ladrão com você.

— Se fosse realmente um jogo, eu brincaria com você.

Eu sou uma mulher tranquila, racional; seu novo mantra.

— Eu não vejo ninguém mais ao redor. Você vê?

— Claro que sim.

Ela endureceu.

— O que isso quer dizer?

Ele suspirou como se abatido.

— Pensei que você era assustadoramente valente, despreocupada com o que estava acontecendo ao nosso redor, mas acontece que é apenas cega. É quase doloroso. — Ele colocou uma mão em seu coração. — Odeio dizer isto, raio de sol, mas seus pontos legais estão em queda livre.

— Me diga! — Ela insistiu. A última vez que ele disse que ela não estava realmente olhando para o que estava acontecendo em volta deles havia um autêntico monstro na vizinhança.

— Eu farei melhor. Mostrarei a você. — De repente, sério, Lazarus se curvou, nariz-com-nariz, e perscrutou seus olhos. — Posso ver espíritos e posso compartilhar essa habilidade por pouco tempo ligando minha mente com a sua. De nada.

Ela tentou desviar o olhar, ele era muito intenso, muito fascinante, e todo instinto que possuía gritava que se não fosse cuidadosa, se perderia completamente e nunca mais se encontraria. Mas ele a agarrou pelo queixo e a segurou no lugar, forçando a conexão.

Pequenas chamas saltaram para a vida naqueles olhos negros, sem fim. Crepitando, fumando. Literalmente fumando. Tentáculos flutuaram dele e saturaram o ar entre eles. Toda vez que ela respirava, sentia o odor de turfa e cinzas. Sua mente se embaçou, e seus pensamentos descarrilaram. Ele se tornou tudo que ela via; tudo o que sabia.

Tudo que ela queria.

— O que você... Está fazendo... Pare. — Ela disse, e pensou que poderia estar balançando em seus pés.

Ele a soltou, quebrando o feitiço. Ela rapidamente piscou, e agitou a cabeça. A névoa clareou. O intoxicante odor desvaneceu.

— Olhe. — Ele disse, seu tom sombrio.

— Não faça isso... — Que diabo? O que eram aquelas coisas?

Eles. Estavam. Em todos os lugares. Corpos de jacaré, cabeças humanas... cabeças humanas zumbis. Eles estavam subindo nas prateleiras, avançando através do chão, e cada um deles estava olhando fixamente para ela como se ela fosse um delicioso bufê tudo-que-você-puder-comer.

— Você sabia que quase duzentas mil pessoas morrem por dia? — Ela disse, a voz estranhamente destituída de emoção. — Em nosso mundo, quero dizer. Nosso outro mundo.

— E desde que existem só dois de nós deixados neste aqui, nós somos definitivamente os próximos. É isso que você está tentando dizer?

Ela pegou seus dois punhais.

— Não. Estou dizendo que vou cumprir minha cota de hoje matando aquelas coisas.

* * *

Baden, o antigo guardião da Desconfiança, permanecia no centro de um círculo de pedras. Uma versão com esteroides de Stonehenge. Entre cada uma das pedras havia uma parede de névoa, e o que aparecia sobre as diferentes áreas de nevoeiro eram cenas cinematográficas. Cenas das vidas de seus amigos.

Cameo precisava de sua ajuda. Ela não podia ver além do robusto exterior de seu companheiro, não sabia que ele era um monstro pior do que os que os rodeavam. E Baden não podia dizer a ela. Ele estava preso ali.

A vida era uma merda porque ele não estava apenas preso, estava preso com Cronus, o antigo guardião da Cobiça, e Rhea, a antiga guardiã de Discussão, ambos membros da realeza, deslocados em busca de um humilde servo. *Não vai achar um aqui.* E ainda havia Pandora. Ela nunca seria uma guardiã de demônio, menina sortuda, mas sempre seria um saco.

Todos os quatro haviam sido decapitados em sua vida natural, e todos os quatro espíritos deixaram seus corpos mutilados e flutuaram para cá, incapazes de parar a jornada, agora, incapazes de partir... O que quer que fosse isso.

— Por que você se tortura deste modo?

A voz suave e doce veio por trás dele. A cadência era um engano. Um que ele conhecia bem. Ele se virou e viu como Pandora atravessava a névoa. Ela tinha 1,83m de atitude ruim com cabelos até os ombros de um negro azulado. Suas feições eram afiadas ainda que bonitas, o resto de seu corpo quase tão musculoso quanto o dele. Em conjunto, ela era um pacote bom, se você gostasse de suas mulheres com coração de gelo.

Ele preferia um pouco de calor em sua cama, obrigado.

Desde o momento de sua chegada, eles estiveram em estado de guerra, atingindo um ao outro em todos os sentidos imagináveis. Mas, no momento em que Cronus e Rhea chegaram, eles haviam se unido, atingindo os membros da realeza.

— Torin está com a Rainha Vermelha, — ele disse. — E ela tem...

— O quê!? A Rainha Vermelha? Me deixe ver. — Pandora moveu-se para a seção da névoa que exibia as interações de Torin com a lendária fêmea cujo imenso poder havia criado, de alguma maneira, o misterioso Triângulo das Bermudas, cujo temperamento tinha começado a Era do Gelo. Uma mulher que havia criado uma rede de espiões ao longo de quase todos os reinos existentes, dentro de cada casa real, dentro de cada raça de imortais e seres humanos por igual. Havia muito pouco que ela não soubesse.

Havia pouco que ela não pudesse fazer.

Se dois clãs estivessem lutando e ela escolhesse um lado, o opositor imediatamente levantava a bandeira branca da rendição.

Para um homem morto como Baden, ela era um pote de ouro.

Ela e Torin estavam no Reino das Lágrimas e Lamentações onde estavam brincando de Dr. Ken e Barbie Maníaca Homicida. Baden nunca viu Torin tão determinado em curar alguém.

Tentando ficar com alguém, apesar das consequências?

Não posso culpá-lo.

Entretanto, se Baden tivesse beldades a sua escolha, ele escolheria alguém um pouco menos... Assassina. Ele estava preso com uma víbora de cabelos escuros por milhares de anos. “Doçura” seria uma boa mudança.

Enfim.

Baden sabia o quanto Torin queria recuperar Cameo e Viola e retornar à seus amigos.

— Você acredita que a Rainha Vermelha pode nos salvar? — Pandora perguntou, esfregando as mãos.

— Se ela sobreviver à doença... E se Torin aprender a magnitude de seu conjunto de habilidades particulares... Sim. Ele se assegurará de que ela lance uma busca e resgate bem sucedidos.

Primeiramente, Keeley poderia obter um par de coroas serpentina de Hades, que tinha rodado, negociado e matado para adquirir cada jogo já forjado. As relíquias místicas poderiam ser usadas por humanos ou imortais e fariam todo espírito tangível para eles. Mas, mais importante, as relíquias podiam ser usadas por um espírito como Baden, fazendo-o tangível para tudo e todos.

Eu posso recuperar tudo que perdi.

— Mas, Pandy, — ele adicionou com um sorriso. — Nós dois sabemos que ela virá por mim e só por mim. Você será deixada para trás, a menos que eu decida levar você comigo. Pense nisso na próxima vez que quiser me atacar.

CAPÍTULO OITO

Não tenho outra escolha, certo?

Durante três dias, Torin cuidou de Keeley muito melhor que seus pais negligentes, marido sádico e amante traidor. Juntos! Atendeu todas as suas necessidades, deu-lhe comida e água, protegeu-a dos animais selvagens e limpou sua testa quando o suor se atrevia a escorrer. Inclusive esculpiu todo um zoológico em miniatura em lascas de madeira, cada um mais lindo que o outro e cheios de detalhes.

Empurrava as peças para ela com um resmungo “Aqui”, como se ele não tivesse certeza de como iria receber os presentes.

É meu! Eu nunca vou compartilhar!

Agora ela lhe devia a morte e a vida. Ela não tinha ideia do que fazer a respeito.

Será que teve tanto cuidado com Mari, também?

Keeley se lembrou da forma como gritou “Não morra. Não se atreva a morrer”. E “Vamos Mari. Fique comigo”.

Ele cuidou de Mari, percebeu. Em sua dor, ela ignorou completamente a dor dele.

Na prisão, ele havia removido seu coração como um meio de sobrevivência, já que estava partido e não era capaz de lidar com isso.

Sentiu dor no estômago.

Uma vez mais, ouviu o conselho de Mari em sua mente.

Perdoe. Esqueça seu livro caixa. É o que precisa fazer.

Tentou pensar em um protesto, mas sua visão do mundo estava mudando. Torin cometeu um erro. Um que lamentava. Ele estava machucado, provavelmente ferido pelo resto de sua vida. Ela não precisava de nada mais, certo?

— Torin? — Disse ela.

Ele estava ocupado preparando a próxima refeição, de costas para ela. Seus ombros se expandiram, como se os músculos estivessem cheios de nós pela tensão.

— Sim, Key?

— Estou completamente fora da zona de perigo? — Como nunca havia experimentado nada além de soluços, ela estava mal preparada para o ataque do demônio de Torin. A sensação de ácido no estômago várias vezes? Confere. A sensação de ser queimada viva? Confere. A

garantia de que todos os ossos de seu corpo foram quebrados e sentir filamentos de gelo dentro deles... Depois fogo... Gelo novamente. Confere, conferido e testado.

Pelo menos estou viva.

Eram todas as doenças tão vis?

— É possível que deseje o contrário, — disse. — Você é uma portadora, mas sim. Vai sobreviver.

— Bom. — Mas? Ser portador significava que agora poderia deixar as pessoas doentes.

Ela teria que abandonar seus desejos secretos e grandes sonhos: a conquista de um pequeno reino de imortais, governar como sua rainha benevolente e logo se casar com um homem agradável que nunca iria inflamar seu temperamento e, finalmente, ter sua própria família.

Pela primeira vez, Keeley estava sendo adorada e mimada.

Engoliu o nó na garganta.

— Não me sinto uma portadora.

— O que sente não importa. Lembra? Você não pode se dar ao luxo de escorregar.

— Assim como você?

— Exatamente. — Grunhiu.

Sentiu um tremor.

— Apenas espere. Vou demonstrar que está errado.

— Por favor, não o faça. As pessoas vão morrer.

— Não irão.

Ele a ignorou, dizendo: — A primeira coisa que temos que fazer é encontrar um par de luvas.

Não. Não! O chão deu uma pequena sacudida.

— Tenho desvantagens suficientes. Não vou tolerar outra.

— Sinto muito princesa, mas não podemos desfazer o que foi feito.

Mas poderiam encontrar uma cura. Com certeza. *Não ficarei presa a uma enfermidade miserável.*

— Disse que me mataria se eu me tornasse uma portadora. Porque não tentou?

— Mudei de ideia.

— Por quê?

O silêncio que se seguiu estava cheio de teimosia.

Certo. Ela mudou a direção.

— Posso fazer com que fique doente? — Poderia tocá-lo sem consequências?

Queria tocá-lo outra vez?

Lembrou-se da forma como a protegeu durante a luta com o Tácito, quando a dureza dele pressionou contra sua suavidade. Quão voluptuosa se sentiu ao ser desejada por um dos guerreiros mais ferozes.

Como seu contato foi tão maravilhoso quanto sua doença foi horrível.

Não podia respirar mais sem sentir um toque de sândalo e especiarias. Não podia fechar os olhos sem ver aqueles olhos esmeraldas brilhantes, cintilando maliciosamente ou o cabelo branco caindo em cascatas como neve sobre sua testa, tentando esconder seus olhos. Ou aqueles lábios vermelhos e suaves.

Uma onda elétrica de necessidade se estendeu por cada centímetro dela. Queria fazê-lo. Queria tocá-lo. E que a tocasse... Em todas as partes.

— Não, — disse. — Eu sou um portador. Mas posso deixá-la mais doente.

Decepção esfriou seu desejo. Ela fez desenhos em seus próprios braços.

— Quais são seus planos agora que estou melhor?

— Sair deste reino! Chegar em casa, — fez uma pausa. — Vou levá-la comigo.

Queria que ficassem juntos?

— Mas Torin? — Disse ela, surpresa por sua repentina falta de fôlego.

— Sim, Keys.

A rouquidão de sua voz era sedosa, uma carícia íntima, de alguma maneira uma porta mental, o que permitia seu anseio retornar. Ela queria dizer “Isto não é sábio”. Em troca, disse. — Você já teve uma namorada? E se sim, dormiam juntos?

Tema perigoso. Vá com calma.

E ela pensou que o tinha visto tenso antes.

— Sim... E não.

— Como ela, — *ou ambos* — cuidava de suas necessidades? Como?

— Não vamos ter esta conversa, Keeley.

— Porque fica envergonhado.

— Porque não é da sua conta.

— Errado. O mundo me pertence, estou vinculada a ele, o que significa que tudo é da minha conta.

Balançou a mão no ar, um movimento inconfundível.

— Falando em vínculos, não crie um comigo.

Sete palavras. Uma rejeição. A mágoa mais forte do que ela teria pensado possível. Ela retrucou: — Não se preocupe. Um vínculo permanente com a peste bubônica não é o ponto alto da minha lista de prioridades.

— Ótimo. — Disse.

Uma leve bruma começou a cair sobre eles.

— As mulheres o deixaram porque não podia satisfazer suas necessidades físicas? — Perguntou.

Devo machucá-lo da mesma forma que ele me machuca.

Virou-se e estreitou o olhar no dela. As gotas de água presas em seus cílios. Fúria irradiava dele e, no entanto, sua pele estava pálida.

— Sim. — Admitiu em voz baixa. — Elas me deixaram. Feliz agora?

Nem perto. O que a desconcertava. Acabava de dar olho por olho e, no entanto, ela desejava se desculpar.

O que há de errado comigo?

— Então nunca as tocou? Mesmo com luvas?

— Poucas vezes, — ele franziu o cenho. — E quanto a você e Hades?

— E quanto a nós? — Perguntou, a nevoa sumindo tão rapidamente como apareceu.

— Vocês dormiram juntos, certo?

Já ouviu falar de namoro tumultuado?

— Sim. Também terminamos.

— Por quê?

— Porque, como você e suas namoradas anteriores, ele não podia satisfazer minhas necessidades. — Quer dizer, evitar cicatrizes de enxofre e masmorras.

Torin passou a língua pelos dentes.

— Então, você é difícil de agradar?

— Difícilmente. Sou muito fácil.

— Difícilmente. — Zombou. — Estou cuidando de você há dias, princesa. Se pudesse, teria feito soar uma campainha para chamar minha atenção cada vez que decidia que queria algo. Apesar de estar a apenas alguns metros de distância.

Disse como se fosse algo ruim.

— Sou uma rainha. Isso é o que fazemos.

— Bom, então, não é de estranhar que a realeza tenha tão má fama.

Oh, não, ele não disse isso.

Não podia insultá-la sem sofrer as consequências.

— Você tem que se sentir honrado por estar na minha presença, guerreiro. Diga.

— O quê? Que você é temperamental? Sinto muito, princesa, mas a ameaça tinha prazo de validade e já caducou.

Ondas de ira, um trovão.

— Quer dizer que não posso machucá-lo por causa do enxofre? Porque já discutimos isso. Posso encontrar uma maneira. Prometo.

Com o tom baixo, quase triste, disse. — Estou dizendo que não tenho medo da possibilidade. A morte acontece a todos nós em algum momento.

Bem. Como ela deveria lidar com este homem? Nunca teve problemas para intimidar um oponente antes.

Outro trovão, ainda mais forte que o primeiro.

Com um suspiro, Torin se colocou diante dela e segurou seu rosto entre as mãos enluvadas.

— Olhe para mim, princesa. Por favor.

Está me tocando. E é bom, está tudo bem. Preciso de mais. Tenho que ter mais. Ela não podia se concentrar nele.

— Tenho que dizer algo, — disse. — Algo que vai mudar sua vida.

Não me deixe ir.

— Oh! — *Bem.*

— Conhecimento é saber que tomate é uma fruta; sabedoria é não colocá-lo em uma salada de frutas.

Ela piscou, sua mente não pôde entender o significado.

— Eu... Não sei como responder a isso.

Os polegares dele tocaram seus lábios. Olhou para o céu, assentiu com a cabeça e a soltou, as comissuras da boca tremendo.

— Acho que nossa tempestade decidiu ir embora.

— Isso é bom.

Me toque outra vez.

Voltou à fogueira.

Tentá-lo... Qualquer coisa para ter uma conexão física.

Autopreservação falou: Será que não aprendemos nossa lição? Devemos repetir? Os garotos maus fazem coisas más.

Não me importa.

Queria Torin. E ela o teria.

Ontem queria matá-lo. Hoje está desejando seduzi-lo?

E daí? Sou uma mulher. Estou autorizada a mudar de opinião.

Seriam um casal, decidiu. Toque: um prazer que foi negado a ela durante muito tempo. Um fato que nunca se permitiu esquecer. Ele teve namoradas, portanto, sabia lidar com uma relação romântica. Eles poderiam fazer isso, poderiam fazer funcionar. E seriam vigilantes, cautelosos, nunca brincando com o perigo.

Tudo o que tinha a fazer era levá-lo a concordar.

Não havia melhor momento para tentar.

— Estou suja, — anunciou. — Absolutamente suja e vou tomar banho.

— Bom para você.

Tão sarcástico.

Inconsciente de sua queda iminente.

— Seja bonzinho e me ajude a tirar o vestido. — Disse.

Um som estrangulado o deixou.

— Não tem nenhum fecho, nem zíper. É só puxá-lo.

— Bem, boas notícias então. Tão forte como você é, não deve ter nenhum problema.

Seu olhar a percorreu e esquentou. Lambeu os lábios, como se já pudesse saboreá-la. — Qual é o seu joguinho, princesa?

— Isso importa?

— Sim. E porque diabos está me olhando desta forma?

— Que forma?

— Como se eu fosse um herói. Não sou um herói. Sou o vilão.

Não percebia que isso apenas a fazia querê-lo mais?

— Bem, seja um bom vilão e me ajude a sair do vestido.

— Não! — Seu tom encaixava no gutural enquanto acrescentava. — Não vou me aproximar de você.

Ele definitivamente estava tentado. Quão forte era seu controle?

— Muito bem. Vou me aproximar de você. — Em um passo, ela diminuiu a distância entre eles. Estendeu a mão.

Ele se afastou apenas para ela se aproximar mais.

Ela envolveu os dedos ao redor dos pulsos dele e guiou as mãos até os quadris.

Resistiu. No início.

— Relaxe guerreiro. Estamos protegidos pela roupa.

Seus dedos se apertaram ao redor dela e a agarrou com força. Pensava que iria flutuar como um balão esquecido?

— E agora? — Ele grunhiu.

Não exatamente rendido, mas quase lá.

Ela se inclinou para frente, com cuidado e com seu hálito roçando sua orelha.

— Tudo o que precisa fazer é se sentir bem.

— Eu posso fazer isso. — Ele a puxou contra si. De repente, estavam juntos, as partes mais suaves dela tocando as mais duras dele. Um grunhido saiu de seu peito, como se, neste momento roubado, houvesse retrocedido e se transformado em algo pouco mais que um animal. — Estou fazendo isso neste momento.

O prazer... Pensamentos sobre ser cuidadosa se evaporaram como nevoa.

— Quer fazer mais?

— Mais. Sim. — Seus lábios se separaram enquanto lutava para respirar. Olhos vidrados com uma selvageria que ela nunca viu em ninguém além de prisioneiros condenados e apertou-a o suficiente para deixar um hematoma. — Vou tomar mais e você vai gostar.

Qualquer outro dia, ela teria adorado esta pressão implacável. Mas a febre a havia deixado frágil e dolorida e havia uma boa chance de que, estando tão perto do enxofre, ela se debilitasse a cada segundo que passava.

— Tenha cuidado comigo. — Sussurrou.

Foi como se o houvesse golpeado. Amaldiçoou e deu um passo atrás, cortando o contato.

Inaceitável. Ela o seguiu e quando ele não pode ir mais longe, ela envolveu seus braços ao redor de seus ombros.

— Eu não disse para parar, guerreiro.

— Você deveria. — Suas pálpebras desceram lentamente, cobrindo seus olhos. — O que aconteceu com a sua promessa de me machucar?

O que tem isso?

Seu sangue esquentou enquanto se esfregava contra ele. A deliciosa fricção aumentava a necessidade dele, a tensão aumentando em seu ventre. O que aconteceria se ela mordiscasse seus lábios... Colocasse a língua em sua boca?

Devo resistir à tentação!

— Keeley.

— Não fale. — Disse. — Apenas tem que se mover contra mim.

Um momento de inércia. Então, ele mexeu o quadril, sua ereção pressionando contra o centro dela. Quando ela ofegou, ele se retirou. Deu a volta por trás e outro suspiro saiu. Ele a puxou para mais perto, ela se esfregou com mais força.

Sim. Sim!

Isto era exatamente o que ela precisava. Mas suas mãos apertaram-na com mais força e doeu um pouco e ela gemeu. Um segundo mais tarde... *acabou?*

Ele a afastou e fechou os punhos enquanto lutava para respirar.

— Vou dizer isto apenas uma vez. Nada vai acontecer entre nós, princesa. Se tentar algo assim novamente, verá uma parte de mim que inclusive os monstros temem.

Seus joelhos tremiam, ameaçando derrubá-la.

— Bem. Faça o que quiser. — *Por agora.* Não iria desistir, ela sorriu com o que esperava ser um sorriso de sereia e tirou o vestido enquanto ele a olhava.

— Vou cuidar de mim eu mesma.

Suas narinas se abriram e uma vez mais se afastou dela. Mas seu olhar... Seu olhar permaneceu preso nela, esquentando-a... Comendo um pedaço saboroso de cada vez.

— Entre na água, — disse. — Agora!

— Por quê? Me acha repulsiva? — Lentamente deu a volta e se pavoneou diante dele. Mas não entrou na água. Ficou em pé contra as rochas e lhe devolveu o olhar, orando para que fosse atraente. Passou uma mão pelos lados e disse. — Ou me acha irresistível?

* * *

Levou uma eternidade para Keeley entrar na água e Torin teve que lutar contra seus instintos mais básicos de guerreiro. *Toque. Tome-a. Aproprie-se. Então nunca a deixaria ir.*

Ela seria sua, apenas sua.

A mulher era tão bonita que se despedaçava cada vez que a olhava. Mas a atração ia além da aparência. Ela era aberta e honesta, uma raridade. Também era destemida, a primeira amante em potencial a mencionar o demônio gigante na sala: que suas namoradas o deixaram porque não podia satisfazer suas necessidades físicas, como se estivesse falando casualmente do clima.

Todo mundo sempre pisava em ovos ao redor da questão como se a verdade de alguma maneira o quebrasse, sem perceber que já estava quebrado. Mas esta garota... Ela não parecia entender que ele nunca seria suficiente para ela. Que logo precisaria de mais do que poderia lhe dar.

Demônios, porque não entendia? Suas mãos ainda doíam por tocá-la. Estes seios... Os pelos castanhos entre suas pernas... Poderia brincar com ela... Afundar seus dedos de forma agradável e profunda. Não seria muito agressivo com ela, não de novo. Não iria apertá-la com muita força ou empurrar muito forte. Não faria isso. Ela gostaria quando o fizesse.

Ou não.

A decepção era sua especialidade. Como acabava de comprovar.

Keeley se inclinou sobre a borda e procurou algo em sua mochila. As pontas de seus belos seios apareciam sobre a linha da água, seus mamilos como pequenos botões duros.

Cara. Olhe para o outro lado.

Ela pegou uma barra de sabonete e a segurou no alto como se fosse um prêmio, sorrindo sedutoramente. Mas tudo nela era sedutor, roubando pedaços de sua sanidade.

— Estou a ponto de me tornar a rainha da limpeza. — Cantou com sua voz rouca. Logo o percorreu com seu olhar e acrescentou. — Mas sem dúvida poderia ser convencida a me sujar novamente.

Algun homem morreu por excesso de desejo ou Torin seria o primeiro?

O que queria dele?

Como Hades a satisfaz?

Pergunta estúpida. Uma que Torin desprezava. O tipo estava na parte superior de sua lista para matar. Inimigo número um.

Precisava se afastar. Agora!

— Eu irei caçar algo para comermos e volto logo.

Keeley se sacudiu, ofegando.

— Mas...

— Você vai se queixar por não ter mais minha companhia, princesa? — Colocou a quantidade certa de desprezo em sua voz, para garantir que a irritasse. — Que doce!

Seus olhos se estreitaram a pequenas fendas.

— Se sou uma princesa, então você é o Príncipe Encantado. Portanto, continue e leve o tempo que precisar, Encantado. Nesse momento, tenho certeza que vou ter mais diversão sozinha.

Impacto direto.

Virou-se para ir.

— Torin. — Ela chamou, sua voz sexy de *não vou dar-lhe nada*.

— O quê? — Perguntou.

— Vai chover logo. Acredite em mim, queremos sair deste reino antes que aconteça.

— Por quê?

— Gosta de se afogar?

— Alguém gosta?

— É por isso.

O que um pouco de chuva tem haver com afogamento?

— Eu voltarei quando voltar. — Afastou os pés como se estivesse em chamas. O resto, sem dúvida, estava.

Por que estava fazendo isso com ele? Agindo como se tudo fosse perdoável? Como se ela se preocupasse com seu bem estar... E fosse morrer se não o tivesse em sua cama? O no chão. Ou na lagoa.

Castigo. Poderia ser. Mas ele não acreditava. A forma como ela o olhou antes de entrar no lago... Como se já o sentisse empurrando dentro dela...

Ele teve que ajustar a calça antes que sua ereção se libertasse.

Estava realmente atraída por ele? Não era irresistível como seu amigo Paris, o guardião da Promiscuidade ou determinado como Strider, o guardião da Derrota, mas estava bem, sim, ele parecia um guerreiro feroz. Desde sua possessão, muitas mulheres tentaram conseguir um pedaço de seus bens e serviços.

Mas nem sequer poderia seguir a linha de perigo com Keeley. Com luvas tocava aqui e... ali. Não poderia conviver com as consequências se errasse.

Caminhou pelo bosque durante mais de uma hora antes de finalmente pegar o rastro de... Algo. Um grupo de fera de quatro patas de origem indeterminada. Continuou observando a combinação de cascos e pegadas de patas até que viu suas presas. Cervo Ginormous, de costas para ele, sem ideia de que seria o prato principal para o jantar. Deixou o acampamento sem uma pistola ou rifle, percebeu. Teria que usar sua faca. Bem. O que fosse. Uma batalha faria algum bem. Escalou uma das árvores, posicionou-se para o ataque e silvou.

Todas as criaturas ficaram rígidas. O maior deles se virou e começou a procurar enquanto Torin fazia seus cálculos. Ele não estava lidando com qualquer tipo de cervo, estava lidando com algo completamente diferente. Uma mistura de leão, demônio, gorila e um pote de mel mal cuidado.

Torin ficou em silêncio.

Talvez pudesse passar despercebido.

Claro que, quando a criatura levantou a vista, olhou-o nos olhos: um vermelho neon contra o verde de outro mundo.

Muito tarde.

Isso não é nada, pensou e saltou.

* * *

Um ruído de galho quebrado chamou a atenção de Keeley sobre um visitante iminente.

Servos de Hades, finalmente?

Um murmúrio irritado a fez saber exatamente quem era seu visitante e não era uma horda de demônios. Talvez um pouco, considerando a emoção em suas palavras de despedida, ela ficou

em pé e alisou a calça de camuflagem que encontrou dentro da mochila, pronta para enfrentar Torin.

Ele apareceu através da parede de folhas e a viu. Parou abruptamente, seu olhar percorrendo-a, estreitando-se e entrando em erupção com o calor.

Esperou a batalha começar.

— Houve uma tempestade enquanto eu estava fora. — Disse.

Bom. Não era a abertura que ela esperava, mas não era uma perda total, também.

— Sim. — Enquanto ela estivesse viva, iria dirigir qualquer conversa na direção que queria. — A chuva fez as flores florescerem, muito como...

— Apesar de não ter durado. — Ele interrompeu.

— Correto. — Porque a chuva não era proveniente do reino, mas dela. — Assim como o meu banho causou...

— Você não se afogou.

Argh!

— Não. — Ela passou uma mão em sua lateral. — Eu floresci. — Antes que pudesse interrompê-la novamente. — Não acha?

Ele a olhou pela segunda vez e encolheu os ombros. — Suponho que sim.

Supunha?

Decepção a golpeou.

Ela lhe devolveu o olhar, pensando que precisava insultá-lo. Olho por Olho. Mas mudou de ideia quando viu o cenho franzido e pensou em acalmá-lo.

— Tudo bem? — Perguntou. Tinha arranhões por todo o pescoço e braços e sua mão segurava a perna de um Neplilim que ele arrastava.

— Estou bem. Aqui está o jantar. — Disse, lançando a criatura na fogueira que construiu. — Não precisa se preocupar com qualquer doença porque eu o toquei. A enfermidade morreu com ele.

— Volte apenas um pouco. Não preciso me preocupar... Como assim? — Ela bateu em seu peito para dar ênfase. — Não tenho que me preocupar?

— Sim, você. Você cozinha. Nós comemos.

Devido a Hades e seu veneno, ela comia apenas o que encontrava.

— Enquanto isso, — Torin acrescentou, — preciso de um banho.

Banho?

— Não! — Gritou. — Não se aproxime da lagoa. — Ainda não. Iria matar o clima *olá-como-vai-você* que estava acontecendo ali.

Franziu o cenho e como o teimoso e obstinado guerreiro que estava provando ser, aproximou-se da água.

— Sêrio? — Gritou.

— Bem. — Ela se moveu de um pé a outro. — Dois dos presos liberados por você apareceram, e mesmo achando que eu era uma anfitriã medíocre, pensaram que poderiam me desalojar; *a razão da tempestade*. Depois me acharam encantadora. — Ela resmungou.

Ele examinou o acampamento, e ela desejou ter a capacidade de alterar a percepção das pessoas. Um rio de sangue e entranhas os rodeava. Felizmente, a lagoa tinha algum sistema de filtragem e já não era algo... Pesado.

— Você os matou antes que eles a tocassem? — Perguntou.

— Eu sou a invencível Rainha Vermelha. O que acha? — O olhar terrível em seus olhos quando se aproximou dela, junto com as palavras repugnantes que saíam de sua boca, a enfureceu ao ponto do não retorno.

— Bem, — Torin se inclinou para beliscar o que parecia ser um pedaço de intestino delgado entre seus dedos enluvados. Lançou a coisa o mais longe possível entre as árvores. — Acho que eles tiveram o que mereciam.

Ele não tinha medo de seu poder, não estava fugindo dela, mas quando ele teve?

Eu o quero mais do que nunca.

— Agora, — disse para distrair-se. — Sobre o jantar. Já organizei um banquete. Sinto muito, mas não há tripas assadas.

Ouviu dizer que o caminho para o coração de um homem era através do estômago. O qual era um ditado estranho, porque ela já abrira um torso masculino e sabia com certeza que o coração ficava entre a quarta e a quinta costela, mas entendia o espírito da coisa. Se fosse capaz de suavizar as emoções de Torin em relação a ela, talvez pudesse tentá-lo mais facilmente a dar prazer a ela.

Ele me deve, afinal. Não a deixou triste? Não estava obrigado a fazê-la feliz? Uma maneira de tirá-lo por completo de seu livro de contas.

— Sei que não estou exagerando quando digo que você está a ponto de ter a melhor experiência de sua vida. — Aproximando-se de Torin, ela levantou uma placa de pedra amavelmente. — De nada.

Fez uma careta enquanto olhava sua oferta.

— Galhos. Folhas. Cogumelos. Insetos? Eu passo.

— Tomarei como um sim, por favor, e obrigada.

— Tome como um não.

— Um não suave? Como um talvez?

— Um não duro. Como absolutamente não.

— Então... Devo guardar para mais tarde?

— Guarde para nunca.

— Mas... Procurei para você. — Não importa. — Ela encolheu os ombros para esconder seu mal estar. — Azar seu.

— Sorte minha.

— Alguém está claramente com vontade de discutir. — Disse.

— O que posso dizer? Você tira o pior de mim.

Uma repentina e leve nevoa começou a cair sobre eles.

— Está orgulhoso de si mesmo? — Perguntou em voz baixa. — Eu estou a cinco segundos de me matar e logo matá-lo.

Torin olhou ao redor e suspirou.

— Sabia que cinquenta e um por cento de todas as estatísticas são inúteis?

— Uh... Não?

— Sim e setenta por cento das pessoas não entendem frações.

— Isso é... Ruim?

A névoa parou e Torin disse: — Vou tomar um banho. — Ele pegou a camisa pelo pescoço e a tirou.

Um protesto morreu antes que saísse de seus lábios. Olhar para longe se tornou impossível. Sua mente começou a girar, deixando-a enjoada antes de percorrer o restante de seu corpo.

Ele ficou quieto, com as mãos na cintura da calça. Olhou-a nos olhos e arqueou uma sobrancelha.

— Vire-se.

— Por quê? É tímido?

— Talvez não ache que há uma razão para tentar uma mulher que morre de fome com o que nunca terá.

Um lembrete pungente de sua resistência, a intenção de desencorajá-la. Bem, ela o deixaria pensar que conseguiu. Por agora. Cada vitória chegaria com um plano de arrebentar. Já era hora de ela pensar em um.

— Vou passar sua oferta de cozinhar. — Disse ela dando-lhe as costas.

O farfalhar das roupas picava suas orelhas.

— Não recomendo que faça isso. Morro de fome e como deve ter percebido, — acrescentou sombriamente, — fico de mau humor quando estou morto de fome.

— Você realmente quer se alimentar da descendência de um anjo caído?

— Como?

Quando entrou na água, ela deu a volta. Ele estava imerso até os ombros.

— Quantos anos você tem? — Um imortal mais velho teria reconhecido a fera que havia matado.

— Muito velho. Velho suficiente para entender devidamente essa linha de pensamento: Ei bebê, é bom você ficar esperto, posso cair de quatro por você e não me levantar.

Linha de Pensamento... Linha de Pensamento... Ela quebrou a cabeça até que encontrou uma explicação e se iluminou.

— A minha seria: rosas são vermelhas, violetas são azuis, se não fizer o que eu digo vou matá-lo.

Ele piscou para ela um longo momento, parecendo a ponto de explodir em gargalhadas ou amaldiçoar.

— Sério! — Disse ela. — Quantos anos?

— Vou dizer pelo menos três mil e deixar por isso mesmo.

— Então... Você é basicamente um feto. — Não era de estranhar que estivesse com vergonha de dizer.

Quando ele simplesmente pegou o sabonete, ela o tirou de sua mente e passou a seguinte meia hora eliminando o rastro do Neplilim, não querendo que o fedor do seu cadáver em decomposição fosse um aviso para os seus amigos. E ele tinha amigos. Eles sempre corriam em bandos. O mal era um parasita, dependiam um dos outros para sobreviver.

E era exatamente assim como o mundo via os Curadores, pensou com um suspiro. Era assim como Torin a via?

Sim. Provavelmente. Sua atitude sobre o vínculo...

A união com ele era possível. Sempre era possível. Teria que ter mais cuidado que nunca, principalmente por causa da nova direção de sua relação.

— Como vamos sair deste reino? — Perguntou Torin.

— Você não gostaria de saber. — Disse ela, irritada com ele.

— Hum, sim. Foi por isso que perguntei.

Calma. Devagar. Ele não fez nada errado... no momento.

Ela não pôde resistir a olhar para ele. Ele estava vestindo uma calça limpa, mas estava abaixo da cintura, deixando a mostra um rastro de pelos escuros, combinando com as sobrancelhas. *Tão bonito.*

— Muito simples. — Disse. — Encontramos a chave e abrimos a porta.

— E se eu já tiver uma chave? Onde está a porta?

Uma chave, ele disse. Não a chave. Interessante escolha. Qual era seu jogo?

— Na beira do reino. Cerca de três dias daqui. Ou posso nos riscar para lá. Não vai levar mais que um segundo. Tudo o que você precisa fazer é cortar suas cicatrizes de enxofre.

Ele sorriu, irritando-a novamente.

— Obrigado, prefiro caminhar.

Ela encolheu os ombros como se não fosse nada de outro mundo. Enquanto isso, era uma maldita coisa grande!

— Mais tempo que passaremos juntos, então.

Vestiu a camisa, dizendo secamente.

— Pobre de mim.

Um brilho de ira, trovões rugindo.

— Estou sentindo que você não percebe como é sortudo. Quão privilegiado é. As pessoas pagam fortunas para ficarem do meu lado nas guerras.

— Só que sou seu adversário.

— Eu achava que não, mas certamente poderia ser convencida a mudar de ideia outra vez.

Quando abriu a boca para responder, os três prisioneiros com quem havia trabalhado para capturá-la, de repente, apareceram no acampamento. Instintivamente, ela convocou uma onda de vento para derrubá-los, mas eles devem ter feito cicatrizes de enxofre para bloquear seu poder, já

que passaram pela direita atravessando o vento, aproximando-se dela e de Torin, que pegou uma faca e se colocou na frente dela, disposto a protegê-la.

Um pouco de sua raiva por ele, se esvaiu.

Antes que o trio pudesse se aproximar, convocou centenas de galhos em seu caminho como fez antes com Torin, mas desta vez colocou árvores. Assim, os guerreiros teriam dificuldades para atravessar. Mas tentaram, com diligência, com violência, mais decididos a chegar a ela do que tinha percebido.

— Como gostaria de terminar isto? — Perguntou a Torin. — Estou aberta a sugestões.

— Vamos abrir nosso caminho até a porta.

— Posso mantê-los presos nas árvores mesmo quando eu deixar o acampamento, mas os imortais podem se soltar e nos seguir.

— Se tudo sair da forma que eu espero, vamos estar no seguinte reino antes que eles consigam.

— Vamos nos apressar então. As cicatrizes...

— Vão ficar.

— Muito bem.

Mas quando finalmente o tiver em minha cama, Encantado, estas cicatrizes serão as primeiras a sair, estando de acordo ou não...

CAPÍTULO NOVE

Os dias posteriores foram os mais difíceis da vida de Torin. Literalmente.

Keeley era uma tentação que o envolvia em desejo, mergulhando em êxtase e rolando na satisfação e não havia dúvida em sua mente que ela foi concebida simplesmente para torturá-lo.

A forma como caminhava e falava... exalava sexo. A forma como cheirava... comestível. As coisas que irradiava... feromônios e crack, sem dúvida. Sua força incomparável. Seu sentido de humor, levemente deformado. Combinando perfeitamente com o dele. A forma como pensava. Não tinha certeza se alguma vez conseguiria entrar no interior desta bonita cabeça, e o mistério o intrigava. As coisas que dizia, às vezes, o desconcertava, outras vezes o divertia, e inclusive o irritava, mas jamais o entediava.

A lealdade à sua amiga, apenas poderia superar a dele. Os sons que fazia quando ela desfrutava do que estava comendo... uma carícia sonora. Não que ela comesse muito, o que ele não entendia, mas ela havia se calado todas as vezes que ele perguntou a respeito.

Ela não era como ele imaginou no início. Não era cruel, não era louca... Não realmente. Bom, não para ele. Ela era... Perfeita.

Ele estava consumido pela necessidade de protegê-la, inclusive dela mesma. Queria estar perto dela, para o caso de precisar, para acalmar o pior de suas emoções antes que o mundo ao redor tivesse tempo de reagir. As tempestades quando ela ficava irritada. A neve quando ficava triste. O resplendor do sol quando estava feliz. Um raro acontecimento.

Apenas ele parecia capaz de despertar cada uma de suas emoções, como se tivesse seu coração na palma de sua mão e o convertesse, portanto, no que quisesse. O que era outra razão pela qual a desejava. Ele a afetava e gostava disso.

Enquanto caminhavam através do reino, ele tentava se concentrar em seus hobbies. Qualquer coisa para deixar de pensar nos desejos que ele não iria realizar. Esculpiu um conjunto de peças de xadrez em forma de gnomo. Dobrou mil folhas em flores.

Keeley os roubou.

Outra coisa que gostava nela. Tomava o que queria.

— Está chovendo. — Disse ela à suas costas.

— Percebi. — A tempestade que caía não tinha nada ver com suas emoções. Tudo começou no dia anterior pela manhã e não parou nenhuma vez. As poças pareciam lagos e realmente, agora chegavam aos tornozelos.

Mas, mesmo um banho frio constante não podia ajudar na sua situação. Doía. Ele a desejava. E não tinha certeza de poder aguentar outro minuto e muito menos uma hora mais sem

colocar as mãos sobre Keeley. Usaria luvas, não se permitiria tocar a pele dela. Ele tocava levemente seus seios e brincaria entre suas pernas e isso seria o suficiente.

Teria que ser suficiente.

Mas não seria, certo?

A água gelada corria entre suas omoplatas enquanto ele atravessava uma grossa parede de folhas com mais força do que o necessário, abrindo caminho. Olhou por cima do ombro para se certificar que ela não estava parada, de novo.

Ela havia parado para comprovar suas cutículas, de novo.

Isso era irritante. Ela precisava de uma boa toalha, não de uma manicure. Não estava mais contente do que ela. Com o Trio Terrível marcado com enxofre e em liberdade, ela precisava de um guerreiro forte para protegê-la.

Era uma desculpa. Ele sabia. Keeley demonstrou muitas vezes que podia se defender contra qualquer um, em qualquer momento. Mas a dura verdade da questão era a seguinte: não podia realmente cuidar de si mesma. Ela nunca comia, a menos que fosse obrigada. Ela dormia apenas quando estava doente. Com frequência, deslizava dentro de sua própria cabeça, o resto do mundo esquecido.

O que pensava nestes momentos?

Em Hades?

Queria arrancar suas bolas e metê-las pela garganta dele.

— Keeley, — Torin disse. — Caminhe.

Ela franziu os lábios enquanto passava adiante dele.

— Mal humorado, hein?

Maldição. O balanço de seus quadris... O deixava de língua de fora?

Tinha que ser um homem e não um filhote encantado.

Ele nunca agiu desta maneira antes e decidiu que não podia haver uma razão para fazê-lo agora. Apertando os dentes, perguntou. — Vinculou comigo?

Deu-lhe um olhar irritado por cima do ombro, a água caindo por suas bochechas como lágrimas.

— Como uma das pessoas mais inteligentes do planeta, com muito prazer posso dizer que não.

— Bom. — Respondeu enquanto tomava a frente. O que sentia não era decepção. Flocos de neve começaram a cair, integrados à chuva, flutuando ao seu redor. Ele feriu os sentimentos dela, percebeu.

Genial!

Tinha que lidar com a culpa além de tudo. Hora de distrair os dois.

— Notou que as criaturas do bosque estão se mantendo longe de nós?

— Claramente, os detalhes sobre as minhas façanhas se espalharam.

Uma explicação tão boa como qualquer outra.

— Acha que se perguntam por que matamos pessoas que matam pessoas?

— Provavelmente não. Acho que se as criaturas daqui tiverem metade de um cérebro, na realidade, são abençoadas.

Ele bufou e logo começou a rir e depois ambos riram abertamente. A neve parou, demonstrando que ele atingiu seu objetivo.

Ele cortou um novo muro de folhas em pedaços, os galhos das árvores se estendiam até ele, folhas vorazes se rompendo.

— Depois de você.

— Meu herói-vilão, — disse Keeley, movendo-se diante dele. — Sua mãe sabe que você é um cavalheiro na metade do tempo?

Uma dor no peito.

— Não tenho mãe.

— O quê? — Ela se virou para ele. Não havia piedade em seus olhos, apenas curiosidade. — Você nunca teve alguém que te colocasse para dormir?

— Eu vim a este mundo completamente formado. E você?

— Da maneira antiga, ainda que não goste do pensamento de minha mãe fria e meu pai ganancioso se pegando.

Fria e ganancioso. Não gostava da ideia da pequena Kee Kee ser submetida a este tipo de coisa. A Fada de Açúcar deveria ter sido mimada.

Ele estendeu a mão para tirar o cabelo molhado do rosto dela, mas terminou deixando sua mão cair. Não poderia esquecer. Nem por um momento. Mas estava ficando cada vez mais difícil evitar a si mesmo.

— Eram cruéis com você? — Perguntou, caminhando ao redor dela e tomando a dianteira.

— Durante os bons tempos, sim. — Ela ficou ao lado dele, mantendo o passo. — Durante os piores, não davam a mínima para mim. E provavelmente foi por isso que me assegurei de conseguir os “bons” a maior parte do tempo possível.

Partindo meu coração.

Uma filha tão negligenciada que preferia ser castigada a ignorada.

— Sinto muito.

Com um encolher de ombros descuidado, ela disse: — O passado me moldou da forma que sou. Como posso me arrepender?

Nenhuma piedade. Entendia. Mas queria saber mais sobre ela. Queria saber tudo sobre ela. Porque... Não deveria admitir... Não podia evitar... Estava totalmente com ela. Estupidamente, de forma tola, mas era assim. Não havia dúvidas de que gostava da aparência dela, sua ereção constante era prova disso. Mas o mais importante era que gostava dela. De quem era ela, inclusive o que era.

Nunca uma relação foi tão condenada.

— Ouvi que os Curadores foram criados antes dos humanos, — disse. — Verdadeiro ou falso?

— É verdade. A Terra era nossa. Mas, como você sabe, os anjos caídos desafiaram o Altíssimo, perderam e chegaram aqui. Os Curadores que se uniram a eles perderam sua luz e não se passou muito tempo antes que a maior parte da Terra fosse infectada.

A maior parte, disse.

— Não toda?

— Havia uma seção murada, fora, um jardim onde foram criados os seres humanos. Mas o líder dos anjos caídos mais tarde encontrou uma forma de entrar ali também.

Lúcifer?

— Essas luzes, — disse. — Ouvi falar sobre isso, mas não tenho certeza se entendo.

— Imagine os Curadores como lâmpadas. Nós literalmente brilhamos. É um sinal externo da consciência interna que possuímos.

— E sem a luz?

— Escuridão absoluta. Sem consciência.

— Como manteve sua luz por todos esses séculos?

— O que o faz pensar que não a perdi? Quero dizer, você não pode vê-la. Está escondida dentro do meu corpo.

— Pensei que você tinha. No início. Agora? — *Uma explicação mais simples?* — Eu ainda estou vivo.

Minutos se passaram sem uma resposta dela.

— A verdade é que, — disse finalmente, — eu quase a perdi. Durante um tempo, a amargura era minha melhor amiga e a escuridão asfixiante se apossou de mim. Então, Mari apareceu e tirou todo o lixo. Pude respirar novamente, pude pensar com clareza e percebi que teria sofrido milhares de prisões simplesmente para conhecê-la.

E eu a levei embora.

Pensou que já tivesse superado isso. Mas, realmente alguém poderia superar o fato de ter destruído a única fonte de alegria de alguém?

— Onde esta porta nos leva? — Perguntou.

— Para o próximo reino.

— Qual é?

— Um lugar diferente deste.

Uma fonte de muita informação.

— Quero ir para casa.

— Sem problemas. — Ela piscou, toda inocente. — Retire as cicatrizes e vou levá-lo diretamente para lá.

Ele sentia-se tentado. Extrair um quilo de sua carne já não parecia ser seu objetivo. Mas se ela se voltasse contra ele, as cicatrizes seriam sua única arma contra ela. Um guerreiro nunca entregava suas armas.

— Quero ir para casa sem retirar as cicatrizes.

Ela deixou escapar um suspiro.

— Bem, então, tenho boas e más notícias.

— Comece com a boa.

— Más notícias, — disse ela e girou os olhos. — Riscar é a única maneira de saltar através dos reinos. Bom, isso e portais abertos. Mas eu não posso riscar você e não posso abrir um portal sem as ferramentas necessárias. Isso significa que teremos que viajar de reino em reino até chegar à sua casa e isso poderia levar anos. — Ela marchou adiante dele e estendeu a mão, impedindo-o. — Mas a boa notícia é que finalmente chegamos à porta.

De jeito nenhum. Estavam à beira de um penhasco, um mar de nada que se estendia por quilômetros à frente.

— Deixe-me adivinhar, — disse secamente. — Suponho que devemos saltar e eu devo ir primeiro.

Ela revirou os olhos.

— Pensar sempre o pior das pessoas é uma doença, sabe. Cortesia de seu demônio?

— Cortesia minha.

— Bom, suponho que vai ser preciso alguém melhor do que eu para curá-lo disso.

— Você é boa.

Por favor.

— Bajulação é apenas outra forma de mentir e fará com que consiga um punhal no seu estômago. — *Quão bom é isso?*

— Uma pessoa má não teria me avisado. Uma pessoa má o teria feito.

Era evidente que lutava contra um sorriso, ela girou e estendeu a mão. Crepitações de eletricidade se estendiam da ponta dos dedos e flutuavam pelo ar, cada vez mais largas e longas, criando fendas na atmosfera, cada pulsação com uma gama de cores vibrantes.

Apenas uma onda de vento brilhante se expandiu através das cores como uma bala, dilatando-se... Antes de ser chupada para dentro, abrindo...

Uma porta!

Embora ele pudesse ver a escuridão ao redor da borda e a chuva que acompanhava, também podia ver um novo mundo no centro da porta. Um sem chuva.

— A chave. — Disse Keeley, fazendo um gesto para a porta.

Apesar de não gostar da ideia de usar a chave absoluta diante de outra pessoa, considerando o número de pessoas que tentaram matar Cronus para possuí-la, dirigiu-se para frente. Não vendo maçaneta e sem saber o que fazer, colocou a palma contra o centro da porta. Era sólida ao tato... No princípio. Depois, começou a brilhar sob sua mão, ondulando de cima a baixo. Então, facilmente desapareceu e apenas ficou o ar entre ele e o seguinte reino.

— Oh. Você tem a chave absoluta, — disse. — Retirada de Cronus pouco antes de morrer, suponho. Não me admira que fosse capaz de escapar da prisão.

Sem comentários. Não havia razão para começar uma conversa que conduzia diretamente a Mari.

— E agora?

— Isto pode parecer um pouco selvagem, mas... Apenas ande.

Espertinha. Ele entrou na terra seca e quase gritou de alívio.

Keeley se manteve em seus calcanhares. Muito perto para sua tranquilidade.

Olhou ao redor, vendo outro bosque, este saído de um pesadelo. As árvores eram negras desde o tronco até as copas, com videiras torcidas deslizando ao longo dos galhos como serpentes. Pequenas fogueiras brilhavam em todas as direções. A fumaça subia engrossando o ar.

— Bem vindo ao Reino dos Achados e Perdidos. — Disse Keeley, estendendo os braços para abranger a paisagem em ruínas.

Enquanto se movia, ela... Mudou. O cabelo azul escureceu para um rico e profundo vermelho, várias mechas grossas chocolate em todas as partes. A pele azulada adquiriu um tom pêssego cremoso e seus olhos... Escureceram a um âmbar dourado lindo.

Ele pensou que ela era bonita antes. Mas agora...

Era de tirar o fôlego.

— Que demônios houve com você? — Perguntou furioso. Como iria resistir a ela agora?

Ela empalideceu e não era necessária uma mudança climática para demonstrar a ele que uma vez mais, teve a grande honra de ferir seus sentimentos.

— E por causa do lugar. — Disse ela friamente.

Suspirou.

— Sinto muito, fui grosseiro.

Ela bufou e começou a avançar.

— Venha. Há uma cabana perto do formigueiro.

As pontas de seu cabelo vermelho alcançavam a cintura e se enrolavam e ele se perguntou se fariam cócegas em seu estômago quando ela o montasse e se movimentasse sobre ele, forte e rápido e...

Torin gemeu.

Doença protestou. Em voz alta.

Cale-se!

Torin ainda achava estranho o demônio querer escapar da mulher e, no entanto, o demônio não duvidou em bater nela com a doença quando surgiu a oportunidade. Ou talvez não fosse estranho. Como um cão raivoso encurralado, Doença havia atacado.

Os cães raivosos tinham que ser sacrificados.

Um pensamento bem vindo.

— Se isto é um formigueiro, — Torin murmurou. — Eu não quero ver as formigas.

— Sábio.

Depois de uns minutos de silêncio, disse.

— Como você muda as cores desta forma? Nunca me disse nada.

— Na verdade, eu disse. A mudança acontece de forma natural. Sou a estação ao meu redor.

Bom. Isso tinha sentido. Perguntou-se que aparência teria na primavera e no verão... temperados.

Uma videira se estendeu, parando e flutuando perto dela como se a cheirasse, preparando-se para atacar. Torin estendeu a mão. Sem virar a cabeça Keeley o agarrou antes que pudesse fazer contato. Um grito agudo ecoou quando a videira murchou em cinzas.

— Impressionante. — Disse.

— Obviamente.

Não sorria.

Apenas iria animá-la.

— Antes perguntou minha idade. É minha vez de perguntar a sua. Quantos anos têm?

— Muitos mais que você. Estou ficando vergonhosamente velha desde o principio dos tempos. O que significa que sou muito mais sábia que você, também. Sei coisas que sua pequena mente não poderia sequer começar a entender.

Provavelmente era verdade.

— Insultar a beleza do meu cérebro quando nem sequer me viu nu? Péssima ideia, princesa. Péssima ideia.

Ela ficou rígida, logo suspirou.

— Você está certo. Minhas desculpas.

Sua pequena banana de dinamite havia começado a controlar melhor seu temperamento. Antes, sua declaração teria provocado um discurso inflamado sobre rainhas que nunca erram.

Sua mente se aferrou a um pensamento. Tão inteligente como era, tanto quanto parecia saber e enquanto ela estava por perto, ela poderia ser capaz de encontrar Cameo e Viola... E a caixa de Pandora.

Estava procurando há tanto tempo. Havia quase desistido.

Mas podia confiar nesta mulher com tais tarefas críticas?

Na verdade... Sim. Se ela dissesse que faria algo, ela faria. Seu senso de honra não permitia nada menos.

Na guerra, nunca viu nenhuma honra entre os seus. Ele sempre lutou sujo. Baixo mesmo. Ele não pensava duas vezes em golpear um objetivo pelas costas. Não havia escrúpulos em chutar alguém enquanto estava caído.

Com ela, tudo virou do avesso e de cabeça para baixo.

Na parte superior da montanha, ele conseguiu sua primeira olhada da “cabana”, uma estrutura de troncos descomunal capaz de abrigar uma equipe de futebol inteira mais o campo.

A fumaça se elevava da chaminé e o cheiro de algo delicioso assado perfumava o ar, o que o deixou com água na boca. Torin estava vivendo de ervas, galhos e cogumelos, insetos nunca estiveram em seu cardápio, e isso, simplesmente já não era bom o suficiente.

Acaso um amigo ou inimigo esperava dentro?

— Conhece o dono?

— Provavelmente não.

— Provavelmente? Não sabe?

— Guerreiro, minha mente é como um painel de lembretes. Tenho milhões de lembranças cravadas nela. Retratos, conversas, planos, batalhas, esperanças, sonhos, dores, tristezas e em ocasiões a informação se perde. Às vezes, é demais e tenho que guardar certos anos na Caixa do Tempo Esgotado.

Era... Adorável.

Inferno.

— Deixa pra lá. Me deixe lidar com isso. — Disse, seguindo adiante.

— Tem certeza que é prudente? Neste reino em particular, existe uma raça de gigantes.

— Pontos fortes? Pontos fracos?

— Sim. Eles têm.

Ele revirou os olhos.

— Quais são?

— Acabo de dizer. Gigantes.

— E você é a inteligente da nossa pequena dupla. Princesa, eu quis dizer os pontos fracos e fortes dos gigantes.

— Oh. Bom, você deveria ter deixado mais claro. Mas, não o fez, portanto o erro é seu. A fraqueza está nas articulações. Carregam muito peso e suas articulações se deterioram rapidamente.

Bem, está bem, então. Ele bateu na porta. Apertou o agarre sobre o punhal, pronto para ir direto nos joelhos do gigante. Não havia nenhuma razão para usar suas armas e chamar atenção não desejada de alguém passando pelas proximidades.

Ouviu passos. As dobradiças rangendo quando a porta se abriu. Torin teve que olhar para cima, acima, acima. Um homem enorme, do tamanho de um caminhão parou na frente dele, um gigante perto de outros gigantes.

— Você não deve ter recebido o memorando, humano. Gosto de caçar minha comida. — A voz do Caminhão retumbou como um trovão. — Não gosto que minhas refeições apareçam na minha porta. Tira toda a diversão.

— Eu não sei sobre o meu companheiro, — disse Keeley, brincando com uma mecha do cabelo. — Mas sou muito doce. Tenho certeza que daria uma boa sobremesa.

O gigante olhou e gritou como uma garota assustada.

— Você!

— Eu diria que ele te conhece. — Torin murmurou.

— Vítima provável da Caixa do Tempo Esgotado. — Ela disse.

— Me neguei a espionar para você, então você arrancou um dos meus rins e me fez comê-lo. — Disse o gigante através dos dentes que batiam.

— Tenho certeza que adorou. Quanto à hoje, estou aqui...

— Para me fazer comer o outro, como prometeu, — disse. — Eu sei! — Ele não esperou sua resposta, saiu da cabana e correu. Apenas correu.

Torin apertou a ponta do nariz.

— Tenho a sensação que isso vai ser uma ocorrência comum com você.

— Obrigada.

— Sim, porque foi totalmente um elogio. Espere aqui enquanto procuro os demais ocupantes.

— Esperar aqui? Sabe que sou a criatura de quem o bicho papão se esconde, certo?

— E você sabe que o bicho papão é um idiota, certo? — Cara, gostava de tocar campainhas e se esconder no mato.

— Sim. Mesmo assim.

Oh, esta garota.

— Eu sei que é uma mulher de dar medo, mas seu conjunto de habilidades em particular será um último recurso. — Se tivesse que lutar, ela iria destruir a casa e tudo nela e ele queria três coisas: comida decente, uma cama confortável e em suas fantasias, uma mulher disposta. — Basta fingir que sou seu humilde servo proporcionando seu conforto.

— Há! Não é como se estivéssemos no Reino do Impossível Finalmente Possível.

Cara. Ele não era tão ruim.

Torin entrou na enorme sala, inclusive na ainda maior cozinha e no *você-está-brincando-comigo* quarto. Cabeças de animais penduradas nas paredes, os olhos brilhantes observando cada movimento seu. A maioria eram criaturas que nunca viu antes e nunca iria querer ver novamente. Ao menos, ninguém esperava nas sombras.

Em seu caminho de volta para a sala, descobriu que Keeley não apenas entrou na casa, como também se colocou cômoda na cozinha, a mochila descansando a seus pés.

— Não entendeu o significado de espere aqui? — Perguntou, enchendo duas bacias com a sopa fervendo no fogão. Um caldo claro que parecia uma variedade de verduras. Nenhuma carne havia sido acrescentada ainda. Ao lado da panela havia algo em uma tábua gigante; era tão negro quanto piche e deveria proceder de algum animal doente. Ou dos humanos que o gigante gostava de caçar.

Torin jogou pela janela e lavou as luvas antes de ir para a mesa. Captou o cheiro das folhas de outono e de canela e ficou tenso. A fragrância doce que vinha de Keeley, como se acabasse de passar Obsessão da Mãe Natureza; tão diferente e tentadora como sua nova aparência, enchendo sua cabeça e pulmões, trazendo consigo uma nevoa de excitação vertiginosa.

Tenho que colocar minhas mãos sobre ela.

Logo.

Nunca.

Colocou a bacia diante dela e logo se deixou cair no assento com um golpe duro. Doença golpeou contra seu crânio.

— Eu me fiz entender, — Keeley disse finalmente. — Você, no entanto, tem a ideia errônea e risível de que pode me dar ordens. — Ela brincou com a comida, na realidade não comendo. — À propósito, obedecerei... Mas apenas na cama. Uma garota tem que colaborar em algum lugar.

Ele agarrou os braços da cadeira com força mortal, o esforço para permanecer em seu lugar, longe dela, era angustiante. O suor escorria por sua testa. Seu coração quase pulou do peito.

— Coma. E nunca vamos terminar na cama Keys. É uma promessa. Acredite em mim, é para o seu próprio bem.

— Eu sei. — Queixou-se, girando a colher em todo o caldo. — Mas isso não faz a abstinência mais fácil.

Estava fazendo beicinho porque não podia dormir com ele? Era. O. Sonho. De. Todo. Homem. *Meu sonho.*

Respirou fundo... Soltou. Tinham que mudar de assunto.

— Alguma vez alugou seus serviços?

— Minhas excelentes habilidades sexuais?

— Não! — Os braços da cadeira se romperam em suas mãos.

Ela franziu o cenho.

— Você se comporta como se eu não tivesse nenhuma razão para falar assim e, no entanto, era uma conclusão lógica considerando o que disse antes de perguntar.

— Tem razão. — *Me mate.* Deixou cair os pedaços de madeira no chão. — Quero dizer suas habilidades superiores de Curadora.

— Por quê? Tem um inimigo que deseja que eu elimine?

— Preciso de ajuda para encontrar meus amigos desaparecidos. Eu os amo da mesma forma que você amava Mari.

— Ora, ora. Olhe para você. Provando que demônios são manipuladores experientes. Bom trabalho!

— Estou apenas afirmando um fato. Farei qualquer coisa para encontrá-los.

Ela arqueou uma sobrancelha, de repente intrigada.

— Qualquer coisa?

O baixo tom de sua voz... Agora rouca pela excitação... Disparou uma lança de prazer diretamente entre suas pernas.

Quantas destas lanças ele sentiria antes que esta conversa terminasse?

— Qualquer coisa, exceto colocar sua vida em risco. — Disse.

* * *

Cuidando Dela. Protegendo-a outra vez. Como se supunha que uma garota mantivesse qualquer tipo de distância emocional dele?

Pergunta melhor: como se supunha que uma garota mantivesse qualquer distância física dele?

Keeley havia acabado de vê-lo abrir caminho pela floresta, seus músculos se esforçando e ondulando e tudo o que ela queria era se atirar em cima dele. Depois, ela teve que vê-lo espreitar pela casa, decidido a desmascarar um inimigo e para quê? Protegê-la. Ela deveria ignorar as fantasias selvagens que ganhavam vida diante de seus olhos? Precisava dele desesperadamente. Cada centímetro dele.

As consequências começavam a importar cada vez menos. Maldita doença. Era a privação que a mataria.

E, na realidade, ele poderia estar errado. E se eles pudessem ficar juntos e ela não ficasse doente pela segunda vez? Ela lutou contra os efeitos de seu demônio e ganhou ou não? Isso tinha que significar algo.

Tenho que romper sua resistência da mesma forma que rompeu a minha.

Além disso, ele me deve.

Na verdade, não. Ele não devia nada. Neste momento, ele não lhe devia nada.

A verdade liberta!

Ela o culpou por isso? Não deveria. Mari teria encontrado uma forma de tocar Torin, mesmo se ele dissesse não, inclusive se ele houvesse tomado medidas para impedi-la. Mari, apesar de sua bondade, era teimosa e cabeça dura.

Keeley finalmente aceitou a culpa de sua amiga pelo que aconteceu. A garota havia concordado com os termos de Cronus.

Qualquer ressentimento persistente que alimentava contra Torin murchou totalmente, seu livro de contas estava branco como a neve. O problema era que ela acabava de perder sua única defesa contra o fascínio dele. Não haveria forma de impedir que o vínculo se formasse.

Ele iria pirar... odiá-la.

Não posso permitir que aconteça.

Sua cabeça se inclinou para o lado enquanto ela considerava seu próximo movimento. — Não entendo você. — Admitiu.

O olhar dele desceu a seus lábios, demorou ali e a aqueceu.

— Isso é bom, porque eu não entendo você também. — Ele empurrou o prato de sopa que lhe deu mais perto. — Coma. Por favor.

O “por favor” quase a convenceu.

Desfrute do momento. Aproveite o dia. Tome o que puder enquanto pode.

— Quer saber o que vai custar para que eu o ajude a encontrar seus amigos? — Perguntou.
— Bem. Para cada um que eu encontrar, você vai me tocar. Me dar prazer. Quando e como eu disser. — Ele não devia nada a ela... mas iria.

Estava decidido a resistir à ela, e ao menos, era algo que entendia... Mas não apoiaria. Ele precisava de um empurrão e ela daria um nele.

* * *

Colocar minhas mãos em Keeley? Sim, por favor.

Dar prazer a ela? Mil vezes sim.

Torin pagaria encantado por este privilégio, no entanto, ela estava disposta a pagá-lo. Acaso a vida poderia ser melhor? Ou pior?

Proceder com mais precaução?

— Você me quer?

Um aceno lento dela.

— Por que eu? — Perguntou. Ele tinha que saber.

— Porque não?

Porque não, por certo. Moveu sua mandíbula.

— Quer as Top Dez razões, que a maioria você já conhece, ou uma ou duas são suficientes?

Ela inclinou-se para trás, tamborilando os dedos sobre os braços da cadeira. Praticamente podia ouvir as engrenagens girando em sua cabeça enquanto refletia sobre a resposta apropriada.

— Que você é irritante e até mesmo defeituoso? — Ela disse. — Sim. Mas também é quente. E sim, eu sou um pouco superficial. Também estou desesperada.

A palavra defeituoso foi como veneno em sua mente, infectando tudo o que encontrou.

— Você está desesperada, certo? — Sabia isso. *Porque estava tão irritado por isso?* — Uau. Fico lisonjeado.

Parecendo uma criança que acabava de fazer um projeto de arte, sem saber se o que havia criado era lixo ou uma obra-prima, ela disse: — Não deveria ter admitido?

— Não! Um homem gosta de pensar que é especial. — Torin passou a mão pelo rosto. *Estas palavras haviam realmente saído de sua boca?*

— Você me interpretou mal. Você é especial, — ela disse séria. — Disse que gosto de olhar para você?

Ele zombou.

— O aspecto físico é a única coisa que pensa?

— Eu disse que sou superficial? — Disse. Uma nota zombeteira entrou em sua voz, esfriando o pior de sua ira.

— Mas o que estou tentando dizer, — acrescentou, medindo cada palavra como se não quisesse revelar demais, — é que, enquanto você é estas coisas, também é forte e feroz, até mesmo sanguinário. E enquanto é tão duro quanto aço, também é doce. Você é uma contradição ambulante e acho fascinante. Às vezes, tenho certeza que está atraído por mim, outras vezes não tenho tanta certeza, mas por causa do seu demônio, tenho certeza que você nunca irá fazer nada a respeito, inclusive se quiser. Isto coloca a responsabilidade em minhas mãos. Quero prazer. Você está aqui. Pode me dar.

A primeira parte de seu discurso foi quente. A segunda parte o gelou. Ele era uma conveniência, nada mais.

— Diga, — apertou. — Por que eu iria querer dar prazer a uma mulher que é irritante e também defeituosa?

Ela suspirou e disse.

— Não sou defeituosa.

— Princesa, seu temperamento a torna tão defeituosa quanto um preservativo furado. — Ele não pôde deixar de acrescentar. — Mas você é divertida e espirituosa, frágil e, no entanto, incrivelmente forte. É perigosa para todas as regras que estabeleci para mim mesmo. E você também é um tesão. Gosto de olhar para você também.

Seu queixo caiu.

— O quê? Se me disser que ninguém nunca ficou poético sobre o quão bela você é, eu pessoalmente vou caçar todas as pessoas que conheceu e chamá-las de idiota.

— Um tesão? — Sua mão foi para o pulsar acelerado no pescoço. — Sério?

Coloque este trem desgovernado de volta aos trilhos.

— Mas devo rejeitar sua oh, oferta tão generosa. Todas estas coisas, sem importar o quão suave eu for, colocará sua vida em perigo. — Como se pudesse ser suave com ela. — Eu não deveria ter que lembrá-la que mal se recuperou da primeira doença.

— Mas...

— Sem *mas*. Odiei te ver se contorcendo de dor. Odiei te ouvir chorar por misericórdia que nunca iria receber. Está melhor agora, mas quem sabe se irá se recuperar uma segunda vez.

Ela se remexeu na cadeira, com o olhar fixo nele e sentiu um calafrio.

— Está tentando me dizer educadamente que não gosta de me tocar?

O demônio golpeou contra seu crânio, gritando obscenidades, ainda decidido a afastá-la.

— Não. Não estou educadamente tentando dizer algo. Não sou educado. Não reparou? — A situação seria um inferno mais fácil se ele pudesse se livrar de sua consciência e mentir para ela, mas não. Para qualquer outra pessoa, com certeza. Mas para ela não.

Um raio de sol se filtrava pela janela.

— Você nunca pensou em me tocar? — Perguntou vacilante.

Em. Todo. Maldito. Momento.

— Princesa, eu queimo por você. — Para que não houvesse dúvidas entre eles a esse respeito.

Ela avançou para baixo em sua cadeira até que seus joelhos se tocaram e ele teve que engolir um rugido quase animalesco. Teve que agarrar a mesa para não chegar a ela... Mas a borda se rompeu também.

Outro suspiro escapou dela... De surpresa. Talvez até de excitação.

— Mas deve pensar nas consequências antes de viajar por esta rota. — Maldição! A partir de um não definitivo? — Acidentes podem acontecer, mesmo com minhas luvas no lugar e ambos completamente vestidos. Além disso, suas expectativas podem ser muito altas.

Ela franziu o cenho.

— O que quer dizer? Muito altas?

Ele não iria explicar, tinha seu orgulho e balançou a mão no ar.

— Sim ou não. Está disposta a aproveitar a oportunidade?

Que diabos estou fazendo?

Não havia nenhum pinga de hesitação nela.

— Sim. — Disse ela com um aceno de cabeça. — Estou.

Ignorou a tentação de puxá-la para seu colo. Precisava planejar melhor a maneira de proceder... Atender suas necessidades sem prejudicá-la.

— Agora que a forma de pagamento foi estabelecida... — Ela se endireitou, de repente toda profissional e perguntou: — Quantos amigos estão desaparecidos?

— Dois. Três se você souber como rastrear espíritos dos mortos. — Torin esteve procurando o guardião da Desconfiança desde que descobriu que o espírito de Baden ainda estava por aí, preso em outro reino. — Foi assassinado há vários séculos.

— Eu posso rastrear os espíritos da mesma forma que os demais. Facilmente. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e os mais profundos instintos masculinos de Torin responderam. Como sempre. — Vou esperar o mesmo pagamento.

Ele pagaria. Ele pagaria bem duro.

Não, suavemente. Teria cuidado com ela. Preferia morrer antes de assustá-la, feri-la ou fazê-la se arrepender de seu desejo por ele.

— Você conseguirá.

Com um intenso olhar ela disse.

— Isso é tudo? Apenas três tarefas?

Ansiando por mais pagamento? Era demais. Mas ainda assim ele respondeu: — Outro, se possível. Localizar e destruir a caixa de Pandora.

— DimOuniak, quer dizer.

O nome “oficial”. Ele assentiu com a cabeça.

Ela pensou por um momento.

— Eu posso fazer isso também. Com qual tarefa gostaria que eu comesse?

— Cameo e Viola.

Ela tamborilou suas unhas novamente.

— São suas namoradas?

Com ciúmes?

A ideia o excitava.

Oh, chocante! Não que tudo sobre nela não o excitasse.

— Não. — Disse.

— Bom. O que aconteceu com elas?

— Tocaram em algo que não deviam e desapareceram.

— Preciso de mais detalhes.

— Você sabe o que é a Haste de Partir? — Perguntou.

— Todos não sabem?

Está bem, então.

— Sabe o que faz?

— Claro.

Bem, nem todos sabem.

— Diga.

— Funciona em conjunto com outros três artefatos. A Jaula da Compulsão, a Capa da Invisibilidade e o Olho-que-Tudo-Vê. Vou precisar de todos os quatro para as coisas que você pediu, mas isso não é um problema porque sei onde estão. Eu os roubei e escondi há muito tempo e...

— Na realidade, não sabe onde estão. Meus amigos e eu os encontramos.

— Espere. Quero me assegurar de que ouvi bem. — Ela inclinou-se para frente, colocando as mãos sobre as coxas dele. — Já os tem?

O calor de sua pele se filtrou através do tecido de sua calça e disse entre dentes.

Muito... Mas não o suficiente.

Preciso de mais.

Preciso de mais. Devo ter mais.

— Correto. — De alguma maneira encontrou forças para afastar suas mãos longe dele. Ele lhe pagaria quando chegasse o momento... Duro... Maldição, suavemente, mas ele não podia admitir que nada mais acontecesse entre eles. Nenhum tratamento espontâneo. Nunca mais. Seria sua queda.

Mas era um caminho a seguir.

— Você não precisa de mim, — disse com beicinho. — Pode encontrar as mulheres, o falecido e a caixa sem mim.

Esfregou o peito dizendo: — Nós não sabemos como fazer os artefatos funcionarem.

— Está me dizendo que você tem os meios para localizar qualquer pessoa ou coisa no mundo, incluindo o objeto mais desejado na existência, assim como abrir um portal em qualquer lugar neste mundo ou no outro e, ainda assim não sabe como proceder?

— Explique. Por favor. — Acrescentou. — Qual o objeto mais desejado? A caixa?

Por um momento as nuvens rodaram sobre seus olhos.

— Como pude ter esquecido? Mesmo por um momento. — Disse ela, com reverência em seu tom. — É parte de uma guerra que nem sequer entende o que significa e, graças aos meus espiões, tenho respostas para as perguntas que nem sequer sabe perguntar.

Por favor, sem retroceder mentalmente.

Felizmente o céu abriu um segundo mais tarde e ela acrescentou: — Vai ter que entregar os artefatos para mim. Os quatro. Devo usá-los. Não posso encontrar e libertar suas namoradas sem eles.

— Não são minhas... — Suspirou. *Para que discutir?* — Bem. Estão com os outros guerreiros possuídos por demônios. Todos os quais deve prometer não matar. Ou machucar de alguma maneira. Ou deixar que alguém mate ou machuque.

Uma pausa. Em seguida, com a voz desprovida de emoção, disse: — E se eles me atacarem?

Lá fora, uma chuva leve caía.

Bom, inferno. O que fiz desta vez?

— Não o farão.

— Como pode ter certeza?

— Não vou permitir.

A chuva parou tão repentinamente como começou. Será que ela pensou que ele daria um passo atrás e assistiria seus amigos derrubá-la?

Nunca.

— Muito bem, — disse com uma inclinação de cabeça. — Estou nessa.

Ele soltou um suspiro que não sabia que estava segurando. Tanto dependia de sua resposta.

— Fale desta guerra que não entendo.

Um brilho de cálculo apareceu em seus olhos.

— Esta informação não era parte de nosso acordo, guerreiro. Irá custar.

Isso daria cinco pagamentos no total. Mas este... Este ela insistiria em cobrar hoje. Ele sabia. Sua resistência estava desmoronando. Havia realmente uma razão para postergar?

Sua mão disparou e se apoderou dela pelos cabelos, puxando-a para ele.

— Keeley. — Seu hálito quente acariciou seu rosto.

— Sim, Torin.

Sua mente gritou: *O que está fazendo?* O desejo de empurrar sua língua profundamente dentro de sua boca o atormentava bem mais do que qualquer doença que já teve. — Quero...

Você segura, pensou.

Mas um único momento de fraqueza poderia custar a ambos.

Um rápido retorno de sua resistência. Ajudou-a a se instalar em sua cadeira.

— Concorde. — Endireitou-se.

Ela estremeceu e ele se perguntou se temia o que quase aconteceu ou desejava que tivessem ido adiante.

— Os Titãs e os Gregos querem a caixa, — disse. — Não porque esperam terminar com o reinado de terror seu e de seus amigos, o que seria apenas um bônus, mas porque querem o que ainda está escondido dentro dela.

Ainda?

— Não há nada em seu interior, apenas demônios e lhe asseguro, ninguém quer isso.

— Está errado.

— Estou certo. — Insistiu.

— Não, está muito, muito errado.

— Certo.

— Ouça! — Disse enquanto uma súbita rajada de vento balançava seu cabelo. — Zeus não ordenou a Pandora que guardasse a DimOuniak devido aos demônios presos dentro. Isso realmente soa como ele? Ele é egoísta. Sedento de poder. Ele não se preocupa com o destino dos seres humanos ou mesmo dos gregos. Preocupa-se apenas consigo mesmo e nada mais.

Indiscutível.

— Então, porque alguém para guardar a caixa?

— Por causa do que ainda está dentro.

Frustrado ele disse: — E agora chegamos ao ponto de partida. Os demônios estavam dentro dela. Eles foram libertados e colocados dentro de mim e dos meus amigos. A caixa está vazia.

— Há uma enorme lacuna em sua teoria, guerreiro. — Esfregou a testa, sua própria frustração claramente evidenciada. — Os demônios são uma moeda de dez centavos entre dezenas. Porque se preocupar com os da caixa e não com os outros soltos por aí?

— Porque os nossos são mais poderosos.

— Uma tentativa de elogiar a si mesmo? — Ela balançou a cabeça, claramente impressionada. — Pense nisso. Os demônios não foram colocados dentro da caixa para salvar o mundo do mal. O mal já estava aqui. Os demônios foram colocados dentro da caixa para evitar que as pessoas encontrassem o tesouro.

A palavra tesouro foi como um anzol em sua boca, atraindo-o mais profundamente para sua história.

— Que tesouro?

Todo seu rosto suavizou e ela disse com adoração.

— A Estrela da Manhã.

Ele quebrou a cabeça, mas não encontrou nada.

— E o que é isso?

— Algo que o Altíssimo criou; uma extensão de seu poder... Um poder muito mais forte do que o meu. Com ele, nada é impossível. Os mortos podem ressuscitar. Qualquer doença pode ser curada. Os demônios podem ser removidos sem consequências adversas.

O que ela descrevia... Era cada um de seus sonhos se tornando realidade. Ele poderia ser liberado de Doença e voltar à sua antiga glória. Poderia ter a vida que sempre desejou... Poderia ter tudo o que sempre quis.

Poderia trazer Mari de volta a vida.

Poderia ter Keeley em sua cama. Nua. Sua para fazer o que quisesse. Sem consequências.

Ele colocaria suas mãos sobre ela. Seguiria cada curva, e aproveitaria o calor e a suavidade de sua pele. Ele a faria gemer e se contorcer, mais forte e duro do que antes. Colocaria os dedos dentro dela; a tomaria desta forma na primeira vez. Então lamperia o mel que ela oferecia. Depois... Oh, poderia enchê-la com tudo que ele era.

Todo o projeto de vida de Torin mudaria. O gol que mudaria o final do jogo. Esperança reavivada. Não se deteria ante nada para ter a Estrela da Manhã.

— Sabia que iria desejá-la, — disse Keeley novamente. — Originalmente, os seres humanos eram os proprietários da Estrela da Manhã, mas Lúcifer a roubou e colocou dentro da caixa junto com os demônios, muito provavelmente para assustar os ladrões. De alguma maneira, Zeus se apoderou dela.

— Mas se essa Estrela da Manhã é tão importante, porque dá-la à Pandora? Ela é apenas uma guerreira. E uma incompetente, isso sim.

— Pense nisso, — disse Keeley novamente. — A caixa não foi dada a ela por causa do que ela poderia fazer, mas sim por causa do que não poderia fazer: resistir ao seu fascínio. Ouvi falar de sua curiosidade insaciável.

— Mas... Se isso é verdade, porque Zeus não a abriu por si mesmo? E porque castigar a mim e aos meus amigos por fazê-lo?

— Guerreiro estúpido. Ele queria a Estrela da Manhã não a ira dos demônios. E vocês não foram castigados pela abertura da caixa... Foram castigados por perdê-la.

Torin absorveu essa inundação de novas informações, comovido até a alma.

— Se Zeus esteve esperando que ela fosse aberta, porque não aproveitou para agarrá-la enquanto estávamos ocupados lutando contra os demônios?

— Alguém se adiantou.

— Quem?

— Não importa. — Ela ficou rígida, sua atenção dirigida para outro lado. Suas orelhas se contraíram, lembrando-lhe um cão que acaba de ouvir um ruído estranho e nunca, nunca iria admitir isso em voz alta. Ainda que fosse linda como o inferno. Ela franziu o cenho.

Mal abafou um gemido, pensando que ela prestes a recuar novamente.

No entanto, ela disse: — Os servos de Hades me encontraram. — Ficou em pé e pegou uma faca na mesa da cozinha.

CAPÍTULO DEZ

Emoções.

Tiram o melhor de mim muitas vezes.

Keeley apertou a faca. Os servos a seguiram até este reino. Eles não se conformariam em apenas zombar dela, como haviam sido forçados a fazer dentro da prisão.

“Deveria me inclinar diante de você, Vossa Imundície.”

“Aqui, cachorrinho, cachorrinho.” Um rato era lançado através das barras. “Desfrute de um delicioso lanche.”

Gargalhadas, gargalhadas. Oh, como ela odiava gargalhadas.

Não, hoje eles vieram para lutar contra ela.

Quem ou o que Hades enviou para ela desta vez? Havia tantas variedades de servos para escolher. Tipo animal. Humanoides. Neplilim. Espíritos. E muitos outros.

— Você tem alguma experiência real em batalha? — Perguntou Torin, afiando a faca na mesa da cozinha.

Será que ele não se lembrava de ter sido beijado no rosto por um galho?

— Alguma. — No entanto, a maioria das lutas terminou em um segundo e ela nem sequer teve que dar um soco. Mas não podia ir por este caminho; iria derrubar a casa. Torin se machucaria porque com suas cicatrizes estúpidas de enxofre, não seria capaz de riscá-lo.

— Se você sair, — ela disse, — posso...

Levantou a mão, falando sobre ela.

— Não vou a nenhum lugar.

— Mas...

— Não, princesa. Se você está aqui, eu estou aqui. Ponto final. — Um tom duro como ferro.

Ela bateu o pé.

— Nada de ponto final. — A casa começou a tremer. — Tenho habilidades muito loucas e pretendo usá-las. Sua presença me atrapalha. Então, você vai sair ou eu vou... Eu vou...

— Agora, princesa, — disse e traçou a linha de sua mandíbula com um dedo enluvado, — concentre-se em mim.

Ele está me acalmando...

Conhece-me muito bem... Sabe que é a minha fraqueza.

— Eu sei que você é a Super Poderosa Mulher Maravilha e tudo mais, — continuou, todo sedução e calor, — mas estou louco por um combate. Preciso disso. Portanto, fique de lado e me deixe no campo. Por favor?

Deveria ignorar meu coração acelerado.

O tremor parou... Totalmente.

— Um plano terrível, — murmurou. — Não serei capaz de controlar minha reação caso você seja ferido. Talvez seja melhor se não houver uma luta em absoluto. — *Sim. Excelente ideia.* Ela se afastou dele, sem dúvida a coisa mais difícil que já fez e correu para a porta, cortando o pulso no caminho.

— O que está fazendo?

Gotas de cor vermelha se agruparam na frente da porta. Mas, no momento em que chegou à primeira janela, a ferida estava fechada e ela teve que abrir novamente.

— Estou bloqueando a entrada dos demônios.

— Bem, você simplesmente pode parar com isso neste segundo. Se o inimigo não for capaz de chegar a nós aqui, ele apenas nos perseguirá em outros lugares.

Ela ignorou-o, dizendo: — O mal não pode entrar em uma casa marcada com o sangue dos puros. E como ainda tenho a luz dos Curadores dentro de mim, ainda sou considerada pura. — Enquanto corria para a última janela, oito servos quebraram o vidro. Fragmentos caíram na sala, vários picando sua pele.

Ela parou em seco.

As criaturas eram do tipo animal. Não eram seus favoritos. Aranhas, com dez patas cada uma, arrastando-se ao longo das paredes. Mas, os extremos das pernas não eram suaves e pegajosos, eram ganchos de metal e cortavam tudo que tocavam.

Todos os servos a olharam, seus lábios peludos se levantaram zombando, revelando presas longas e afiadas.

Algo a impedia de enviá-los para outro reino... E havia apenas uma resposta viável. Eles estavam protegidos. Obra de Hades, sem dúvida.

— Nosso rei soube que escapou e quer falar com você, Keeleycael. Não espere diversão.

Hades podia riscar qualquer um, exceto ela. Ele sempre odiou isso.

— Oh, não se preocupe. Vou ter uma conversa com seu rei logo, logo. — Calma por fora, mas tremendo por dentro. Não estava pronta para enfrentá-lo. Ainda não. Em breve.

Antes de sua conversa com Torin, havia se esquecido da Estrela da Manhã. Se, quando, a possuísse, ela seria capaz de matar Hades, libertar Torin e todos seus amigos dos seus demônios e trazer Mari de volta a vida. Tudo de uma só vez.

Então Keeley poderia criar um reino dos seus sonhos. Amplo, impenetrável e diversificado. Um lar para imortais que foram desprezados por seu próprio povo.

Ela iria repensar sua decisão de se casar com um amável e doce homem, afinal. Estava começando a pensar que combinaria melhor com alguém... Volátil.

— Darei aos rapazes cinco segundos para saírem, — Torin disse ficando na frente dela, em uma postura de desafio, agressão e emoção. Pegou outra faca e segurou as duas com suas mãos enluvadas. — Fiquem e vou puxar seus intestinos... pela boca.

A ameaça não caiu bem aos servos. Eles silvaram para ele.

— Um, — a voz de Torin soava ansiosa. — Cinco. — Ele não deu nenhuma outra advertência e lançou-se para frente.

As aranhas caíram do teto e paredes e foram diretamente para ele, Keeley momentaneamente as esqueceu. A preocupação a afligiu... Desconhecida para ela. Se um único fio de cabelo da cabeça de seu guerreiro...

Uau. Era bom.

Não tinha porque se preocupar.

Torin ficou de joelhos e deslizou o resto da distância, passando por baixo de um dos servos e passando a ponta da faca pelo torso da criatura. Sangue salpicou no chão; órgãos voaram.

Um a menos. E de maneira espetacular.

Ela pulou para cima e para baixo, aplaudindo, e sete pares de olhos pequenos e brilhantes repentinamente se focaram nela.

Sorrindo com frieza, disse: — Não podem culpar o Guardião da Doença por suas ações. Ele avisou.

Diferentes graus de raiva completaram suas palavras. Cada um dos servos voou em alta velocidade, aproximando-se dela. Quase a tocando. *Risque isso. Não cada um.* Torin agarrou dois pelas pernas e jogou-os para trás. À medida que as criaturas se agitavam, tentando encontrar o alvo, ele os soltava e os apunhalava através do crânio.

Três caídos.

Deixe de olhar encantada. Participe!

Certo. Cinco servos, quase ao alcance. Keeley entrou em ação, cortando uma garra dirigida a seu pescoço, assim como a garra dirigida a seu coração. Uma terceira garra bateu em seu braço, mas ela correu com impulso, caindo de joelhos e girando fora do círculo da luta.

Cotovelada. Cotovelada. Ela apunhalou um cervo por trás, cortando seus rins.

Quatro caídos.

Isto era quase divertido.

Uma garra foi em direção a ela. Com uma mão, Torin tirou-a do caminho. Com a outra, cortou o atacante. Outro baque ecoou.

Música para os meus ouvidos.

— Pare. — Torin gritou.

Gritou... Com ela? Sem música.

— Eu estava indo muito bem.

— Mas é minha vez. — Quando Torin dançou entre os servos, os braços movendo-se rapidamente, cruzando e logo se endireitando, arrancando sempre uma parte do corpo de uma das aranhas, ele a olhou duro. Para se assegurar que ela estava olhando?

Tentando me impressionar?

Sentiu o peito formigar. Ninguém fez uma coisa assim por ela. O Rei Mandriael se impressionava com ele mesmo e assumiu que todos também. Hades simplesmente não se importava o suficiente. Seu lema: “Me aceite ou me deixe... inferno, apenas vá em frente e me deixe.”.

Espere. Formigamento quente... Ou o começo do vínculo? Ela engoliu saliva, negando com a cabeça. *Não! Não aqui, não agora. Nunca. Não com ele.* Mas o calor tornou-se mais intenso, o formigamento mais forte.

Isso tem que parar.

Um coração ainda batendo rodou em sua direção.

Era um presente.

O calor dentro dela chutou a outro nível até a transpiração criar um brilho em sua pele.

Se eu me vincular a ele, vai me chutar para fora de sua vida.

Outra garra se uniu à pilha crescente de brindes, depois, uma medula... Um pâncreas. Eeeeeee... Chegando um estômago chapado.

Esquentando... Não, ardendo. Tão quente. Ardor nos braços, o formigamento como punhais cortando-a. Prestes a acontecer a qualquer momento... Querendo ou não...

Talvez Torin mudasse de opinião sobre o vínculo. Ele havia esculpido peças de xadrez para ela, afinal. Ele abria caminho na floresta para ela e procurava comida, sem nunca perceber que secretamente ela jogava fora cada pedaço, sem querer se arriscar a ser envenenada. Ele fez tudo isso. Por ela.

Também se assegurou que tivesse uma cama suave a cada noite. Perguntava se sentia frio e adivinhava o fogo quando dizia que sim.

— Nem sequer estava olhando? — Exigiu.

Sua voz alta e cheia de incredulidade a arrancou do medo e esperança de suas reflexões. Sua voz forte e cheia. Ficou em pé diante dela, coberto com sangue do inimigo. Cabelo vermelho estava grudado em sua cabeça. Sua camisa tinha vários rasgos, revelando profundas feridas no peito.

Nunca pareceu mais bonito...

— Os demônios... — Ela começou.

— Estão mortos. Não podem se transformar em portadores. — Ele franziu o cenho. — Você não viu.

— Sim! — Assegurou ela, tentando não revelar o fato de que seus joelhos estavam fracos. — Um trabalho molhado verdadeiramente impressionante, Encantado. Um dos melhores que vi em minha vida.

Sua expressão se suavizou enquanto seu peito se estufava de orgulho, uma reação que ela já havia visto uma vez. Gostou antes, e realmente gostava agora.

— Posso ser temível. — Disse.

Havia alguém dito o contrário a ele? Obrigaria o culpado a se ajoelhar diante dele e pedir misericórdia, que nunca chegaria!

— Você pode ser e é.

Ele assentiu com a cabeça, satisfeito com isso.

— Mais demônios virão caçá-la?

— Hoje, provavelmente não. Mas logo. — Quando as aranhas não puderem voltar para Hades, ele saberia que estavam mortas. Buscaria vingança.

Não era o tipo que deixa a mais leve infração passar em branco.

— Porque te atacam? — Perguntou Torin.

— Eles têm a tarefa de informar minha condição à Hades.

Ele plantou os pés bem separados, como se estivesse se preparando para outra batalha.

— Por quê? Ele ainda a quer?

— Pode ser. Mas não porque me ame, se é isso que está pensando. Ele nem sequer me amou quando estávamos juntos ou não teria me vendido a Cronus por um barril de uísque. — A amargura se mostrando. — Sou uma ameaça e ele não gosta de ameaças.

Torin estreitou os olhos.

— Um barril de uísque? Você, que não tem preço?

E com isso, o vínculo se estabeleceu.

Um grito de dor abriu seus lábios, um furioso inferno dentro dela. Seu poder se impulsionou, estalou e a necessidade por Torin, de repente se intensificou a um nível quase insuportável.

— O que está acontecendo? — Torin exigiu. — O que aconteceu?

Como pude permitir que acontecesse?

Não posso dizer a ele. Não devo sequer pensar nisso.

Nunca confiaria nela.

— Estou... Bem, — disse ofegante. — Estou bem. — *Nunca experimentei nada tão delicioso.*

Quero tocá-lo.

Não. Não.

Um som agudo saiu da respiração dele.

— Seus olhos estão brilhando. Isso é muito ruim, mas combinado com a forma como está me olhando...

Lambeu os lábios. Queria beijá-lo.

— Como estou te olhando?

— Não como se eu fosse apenas um herói... Como se fosse algo especial. — Disse as palavras como se não pudesse acreditar nisso quando falou.

— Isso não deveria ser uma surpresa. Eu disse que você é.

— Mas não sou! — Gritou. — Ainda não.

Ainda? Não até... O quê?

Devo tê-lo.

— Sou uma má aposta neste momento, — disse e se afastou dela. — Sabe disso, mas está permitindo que o desejo influa em seus pensamentos. Pensei que era mais inteligente.

Jogando a culpa nela?

Ou lutando contra suas próprias emoções?

Isso. Seu desejo palpitava através do vínculo, alimentando o dela.

Tinha que fingir que não sentia.

Não podia fingir. Estava muito desesperada.

— E eu pensei que fosse mais inteligente também, — disse. — Você não pode decidir o que acontece entre nós. Não mais. — Ela se aproximou dele lentamente, de propósito. Poderia roçar nele, mas não o fez, ainda. Parou a um sussurro de distância. — Você não é o predador nesta situação. Eu sou. Tomo o que quero.

Continuou tentando se distanciar dela enquanto suas bochechas ficavam vermelhas.

Ela o seguiu, decidida.

— Não vai negar meu prêmio.

Seu olhar caiu para a boca dele, as pupilas aumentaram como se tivesse tinta sobre sua íris. O calor que irradiava dele era um magnífico golpe.

— Prêmio... Pelas informações?

— Use qualquer desculpa que quiser, — Pela primeira vez em muito tempo, não se importava com o amanhã, apenas o hoje. O Agora. Queria estar com este homem. — Mas isso vai acontecer. — Keeley tocou o peito dele com o dedo.

Ele não retrocedeu, não desta vez. Permaneceu no lugar, apertando os dentes enquanto lutava por controle.

Vou ajudá-lo a perdê-lo.

Traçou a ponta do dedo da gola da camisa até a cintura da calça, com cuidado para evitar as feridas. Ele amaldiçoou, mas ainda assim não se afastou dela.

— Mais? — Perguntou ela, espalmando as duas mãos em seu peito. Seu coração pulsava irregular. Lentamente moveu suas mãos para cima... Até... Até que seus braços se envolveram ao redor da nuca dele.

— Keeley, — disse com um gemido. Logo balançou a cabeça. — Devemos esperar. A Estrela da Manhã.

— Eu não quero esperar. Não mais. — Ela ficou na ponta dos pés, seus lábios se aproximando mais e mais a cada segundo que passava. Cada vez mais perto do ponto do não retorno. — Eu quero o que quero e quando quero.

Ele parou de respirar. Ela parou de respirar. Estavam ali, perdidos em um momento suspenso de absoluta agonia. Agonia e prazer. Mmm, prazer. Não estavam realmente fazendo nada e, no entanto, a promessa de mais era uma tentação irresistível... Levou-a ainda mais e mais perto... Até que não pôde mais aguentar a tensão crescente e apertou seus lábios contra os dele.

Ele estremeceu. Ela lambeu. Seus lábios permaneceram fechados para ela, mas estavam suaves. *Ainda pensa que pode resistir?* Ela foi contra ele, fundindo seus corpos e deu outra lambida, desta vez sua língua apareceu para encontrar a dela.

E foi assim. Com um gemido, ele abriu o resto do caminho para ela. Suas línguas duelaram, uma onda de êxtase superando-a por completo... Afogando-a e desfazendo-a... Inclusive fazendo-a ansiar o fim.

Seu beijo era rude e cru, desesperado quando ele a empurrou contra a parede. Agarrou-a pela cintura e a levantou, sem afastar a boca dela. De repente, seus corpos estavam perfeitamente alinhados. Duas peças de um quebra-cabeça se encaixando. Quando ela envolveu as pernas ao redor dele, as dele mãos foram para seus cabelos, segurando as mechas. Mas não ficaram ali por muito tempo. Elas vagaram sobre ela, apertando seus ombros, segurando seus seios.

A parte inferior esfregando contra a parte inferior dela.

— É tão maravilhosamente duro. — Disse sem fôlego.

— É tão incrivelmente suave. — Ele a apertou com mais força.

Ela gemeu o nome dele com toda a necessidade reprimida em seu interior e... Ele gemeu em agonia e afastou-se dela. Ela caiu no chão.

Ele estava tremendo.

Ela tremia muito forte e ofegava. Endireitou-se.

Ficou ali por um longo momento, olhando-a com os olhos estreitos lutando por ar.

— Não deveria ter feito isso. Não deveria ter permitido.

— O dano está feito, se houver algum dano.

— Contato prolongado.

— Não me importa, — disse. — Quero mais...

Seus punhos se apertaram enquanto avaliava suas palavras. Finalmente disse: — Quer mais princesa? Muito bem. Contra meu melhor juízo, o terá. Apenas espero que esteja pronta.

* * *

Torin agarrou Keeley pela parte posterior do pescoço como gostava, do jeito que *ela* gostava, e a arrastou contra ele. A fome arranhava suas entranhas desde que terminou a luta com as aranhas; inferno, muito antes.

Ele deveria estar familiarizado com isso. Sempre conheceu a fome. Desde sua posse, não houve nada além disso para ele. Nunca havia realmente aprendido a ir devagar, tomar apenas um pouco de cada vez. Como uma última refeição. Como demonstrou. E agora ele só queria devorar, devorar, devorar até que não sobrasse nada. Quando ela se atreveu a diminuir a distância entre eles, o cheiro de canela exalando dela, enchendo seu nariz, dominou seu cérebro, sua boca encheu-se de água e suas mãos coçaram, e resistir foi inútil.

Em seguida, ela o beijou e ele se sentiu como um homem que havia acabado de saltar de um avião, sem paraquedas. Ele amou o passeio abaixo, a queda livre, mas odiou o pouso. Ou odiaria, se tivesse sobrevivido. O velho Torin se queimou, chamuscou e consumiram. Mas um novo Torin se levantou, mais forte, mais fraco, tudo o mais e Keeley converteu-se em sua única fonte de água.

Um homem precisa de água para sobreviver.

Ele enfiou a língua em sua boca. Seus dentes chocando-se entre si, provocando uma forte onda de dor. Lutou pelo controle e se moderou. Sua língua rodou contra a dela, dando em lugar de tomar. Ela acompanhava cada assalto luxurioso de sua língua, retribuindo. As mãos dela apertavam ao redor de sua cintura, segurando-o como se temesse que flutuasse a qualquer momento.

Ele a saboreou, um bom vinho que não merecia e apurou seu gosto; obrigou-se a ser amável com ela. Bem, bem. Assim mesmo. Tomando seu tempo, o que lhe permitiu memorizar cada detalhe delicioso. A seda de seu cabelo roçando seu rosto. A suavidade de seus lábios. A carícia aveludada de sua pele. O mel de seu cheiro. O açúcar de seu gosto.

— Torin, — ofegou, logo levantou a cabeça e levou toda sua bondade com ela. — Quero...

— Não, — disse, sabendo que o pior aconteceu. Ela decidiu colocar fim as coisas. — Vou fazer melhor. — Ele faria. Porque não havia feito. Achava que nunca havia feito. Ela havia se tornado cada fantasia que teve. Não, ela era melhor fantasia que já teve.

— Impossível. — Disse com um doce sorriso suave.

Relaxou e puxou-a contra ele.

— Quero mais.

— Sim, — disse ela contra seus lábios. — Você prometeu. Eu preciso. Apenas desejo...

Tudo, as batidas furiosas de seu coração se acalmaram.

— O quê? O que deseja? Diga e eu darei a você.

— Vou te mostrar. — Ela o empurrou para o chão e sentou-se de joelhos sobre ele. — Mantenha suas mãos dos lados.

Não tocá-la?

Apenas a ideia resultou pior que qualquer uma das ameaças que uma vez emitiu e preferia que sua pele fosse removida com um ralador de queijo, seus órgãos virando suco.

— Por quê? — Perguntou. — Fui muito duro com você?

— Muito duro? — Ela esfregou o nariz contra o dele. — Guerreiro, não há tal coisa como ser duro comigo. Mas esta é a primeira vez que coloco minhas mãos em você... Provavelmente a primeira vez que você tem isso. Tenho a intenção de aproveitar cada segundo e me assegurar que adore também.

Aproveitar... Sim.

— Não posso não te tocar. — Ele segurou a plenitude de seus seios, desfrutou da sensação da suavidade cheia, o peso. Os mamilos ficando duro sob a palma de sua mão. Magnífico.

Ela agarrou a gola da camisa e rasgou o tecido pelo centro. Logo suas mãos estavam sobre ele, suas unhas na pele recém-curada.

— Me toque então, mas faça o que fizer, não deixe de me beijar, Encantado.

— Nada irá me parar. — Ele segurou um punhado de cabelo e puxou-a para trás, para outro sabor. Cuidadosamente.

Mas ela gemeu sua aprovação e depois de um tempo, os avisos dentro de sua cabeça deixaram de ter importância. Não havia tal coisa como muito duro, como ela disse e nunca mentia. Sua língua se reuniu com impaciência com a dela, empurrando com força, provocando um selvagem prazer carnal dentro dele. Quanto mais ela exigia dele... Quanto mais ela respondia, mais ele devorava, se banquetecendo.

Estava morto de fome e ela era um banquete.

— Mais. — Ordenou.

Ela passou os dedos em seus cabelos e puxou os fios.

Para pará-lo?

— Vou te dar mais se não se contiver, — disse ela. — Não vou quebrar.

Bom, ele poderia. Já estava ofegante. *Mas minha mulher esta ainda mais ofegante.* Tinha a boca vermelha, úmida e inchada. Reivindicada.

— Não sabe o que está pedindo. — Disse.

— Pedindo? Não, Encantado. Estou ordenando. Me dê mais forte. — Disse ela e apertou sua boca contra a dele, firme e determinada enquanto lambia o interior.

Seu controle estava sucumbindo...

Sua língua rodou contra a dela com mais força e ainda que odiasse a si mesmo, sabia que a pressão era demais; apesar de ela exigir que tomasse, tomasse, tomasse não podia parar. Porque ele doía. Terrivelmente. Seus músculos se apertavam sobre o osso. O desejo mais feroz que havia experimentado fazia estragos em suas veias, um fogo inextinguível. Ele não queria apenas tocar Keeley. Queria possuí-la e obrigá-la a sentir tão violentamente como sentia.

O controle... Quebrado.

Aperto suave. Ele a levaria ao clímax e então perseguiria o próprio.

Tomou-a com mais força e mais rápido, mas ela não parecia se importar. Gemendo, ela se contorceu contra ele. Suas unhas raspavam as costas dele e se não fosse pelo que sobrou de sua camisa, ela teria tirado sangue.

Ele adorou.

Segurou seus seios novamente, estes seios pesados e cheios e roçou o polegar sobre seus mamilos. As luvas irritavam e ele deixou de beijá-la por tempo suficiente para tirar uma com os dentes. Esta mão voltou a ela de imediato, seu polegar uma vez mais acariciando o pequeno e doce botão. Ainda assim havia uma barreira. Puxou a camiseta dela pela cabeça, ela deixou e estremeceu. Era tão suave como seda. Quente. Talvez a coisa mais doce que tocou alguma vez.

Abaixou a cabeça. Ela soltou outro gemido, arqueando-se contra ele e seu eixo estremeceu contra o zíper. Maldição. Estava perto de lançá-la sobre suas costas, rasgar sua calcinha e fundir-se dentro dela, a pressão dentro dele aumentando a um nível quase insuportável.

Ela havia sido feita para ele. Tinha certeza.

Segurou-a pela bunda, esfregando-a forte contra ele, mas ela parecia não se importar com isso também. Seus mamilos roçavam o peito dele e ela parecia adorar a fricção tanto quanto ele, ofegando seu nome uma vez e outra.

Vá mais devagar!

Em qualquer momento iria explodir. Esta necessidade...

Era demais. *Muito intenso*, pensou novamente. Correndo através dele, disparando em seu sangue, ela o excitava, fazendo-o arder. Deixando-o viciado.

Não podia renunciar a ela. O demônio não importava, não importava até mais tarde.

Uma chuva de gelo em seu interior.

O demônio. Mais tarde.

As palavras ecoaram em sua mente, chovendo gelo através do resto de seu corpo. Keeley adoeceria. Uma vez mais. Com suas ações, garantiram isso. Pelo que sabia, quanto mais tempo a beijasse, tocasse, mais doente ela ficaria.

Sempre tocou alguém brevemente. Nunca teve este tipo de contato prolongado. Era um território novo para ele e não podia ter certeza do que iria acontecer.

E se desta vez ela morresse?

Com um rugido ele a afastou. Ela se deixou cair no chão enquanto ele se levantava.

Maldição! O que eu fiz?

— Sinto muito. De verdade, princesa. Deveria tê-la forçado a esperar.

Ela arrastou pesadamente as pernas trêmulas.

— Apenas lamento que tenha parado. — Com os olhos aturdidos, estendeu a mão para ele.

Ele se esquivou.

Me mate!

Melhor ele morrer do que ela.

— Não. Não podemos.

— Podemos. — Uma vez mais estendeu a mão.

Novamente, ele se esquivou.

— Não Keys, não podemos. — Ele deu outro passo longe dela. Era um ponto de ruptura. Se ela fosse a ele novamente, poderia simplesmente deixá-la pegá-lo. — Devemos nos preparar. Você vai adoecer.

Ela parou, o lembrete mudando toda sua atitude. De flexível e disposta à tensa e vigilante.

— Sinto muito. — Repetiu, mas as palavras nunca seriam boas o suficiente.

CAPÍTULO ONZE

Keeley pegou duas camisetas da mochila. Uma dizia “Strider Pode Bater em Mim A Qualquer Hora”, e a outra “Eu Deixei Meu Coração Em Paris”. Ela não podia disfarçar seu tremor. Depois que ela e Torin se vestiram, ela vasculhou a casa procurando uma tesoura, uma agulha e um pouco de linha.

— Suas camisas têm as mais estranhas declarações. — Ela murmurou.

— Meus amigos as fazem para mim.

Não era à toa que ele amava esses homens tão profundamente.

Ela se sentou na frente da lareira crepitante e trabalhou, cortando e costurando pequenos pedaços de suas camisas velhas, entretanto sua mente não estava na tarefa. *O que eu fiz? Como que ela conseguiu se convencer que não adoeceria... E que, se ela suportasse outra doença estaria bem? Doença significa fraqueza e fraqueza significa vulnerabilidade.*

Lá fora, a neve soprava; suas emoções mudando a estação do outono para o inverno.

— Como você se sente? — Torin perguntou, quebrando o silêncio enquanto andava na frente dela.

— Bem. — E era verdade. Ela se sentia bem. Mas ela se sentiu bem da última vez, também.

— Bom. Isto é bom.

Mas quanto tempo duraria?

Ela segurou a camisa contra a luz. Ótimo! Ela fez tudo errado. Ela desfez seus pontos e, fazendo seu melhor para permanecer tranquila, começou novamente.

— Me distraia. — Ela disse.

— Certo. Quem roubou a caixa de Pandora depois que foi aberta? — Ele perguntou. — Você nunca disse.

— E não irei. — Ela ouviu os rumores, sabia que Torin era amigo do homem. Ele poderia não acreditar nela, poderia até tomar partido contra ela. — Eu não quero conversar sobre a caixa.

— Bem. Nós jogaremos o jogo das perguntas. Eu perguntarei a você dez fáceis ou uma única difícil. Você escolhe.

— Difícil. — Claro.

— Se ver é crer, então como as aparências enganam?

— Ver não é crer. Eu pensei que você disse que seria difícil.

— Sim, mas como você sabe que ver não é crer?

— Desculpe, Torin, mas você disse que só perguntaria uma pergunta difícil. Eu já respondi.

Ele riu, encolheu os ombros.

Estou sem ideias.

— Diga-me como você era antes da sua possessão.

— Feroz. Sanguinário.

— Em outras palavras, — ela disse, — nada mudou.

— Não seja ridícula. Eu sou bom agora.

— Que tipo de pessoa maluca te disse isto? Você é tão bom quanto eu.

— Desde que acho que você é feita de açúcar e especiarias, tomarei isso como um elogio,
— Ele correu sua mão pelo cabelo. — Mas essa não é a hora para me provocar, Keys. Eu estou perto de balançar você tão forte que seu cérebro vai bater contra seu crânio. Talvez isso finalmente coloque um pouco de bom senso em você.

— Tão bom, — ela brincou.

Ele olhou fixamente para ela.

— Você já perdoou um inimigo, se perguntou se as ações dele seriam um acidente, como as suas frequentemente são? — Ela perguntou.

— Não.

— E isso não define você como mau?

— Bem! Eu sou mau. O que isso importa?

— Autoconhecimento é apenas um dos muitos serviços que ofereço.

— Eu prefiro minhas mulheres silenciosas.

Eu sou sua mulher?

Coração estúpido, pulando uma batida.

— Talvez um vínculo com você prevenisse outra doença. — Ela disse suavemente. *Não faça isto. Não vá lá.*

Muito tarde.

E se o vínculo a ajudou?

Ele parou de andar para olhar fixamente para ela e amaldiçoar.

— Ou talvez fizesse você muito mais doente. Uma linha direta com o demônio? Não.

Esperança, rapidamente frustrada. Ele estava certo? Ela sofreria mais desta vez?

Ela terminou seu projeto e lançou para ele.

— Eu sei, eu sei. Eu sou Super Talentosa além de pensativa. Você não sabe o que faria sem mim. De nada.

Ele segurou o material contra a luz.

— O que é isto?

— Só a melhor coisa para um homem com sua doença em particular. Uma camisa com um capuz retrátil. Dessa forma você pode cobrir seu rosto durante uma luta e não terá que se preocupar com os seus oponentes acidentalmente roçando sua pele.

— Eu não me preocupo de qualquer maneira. Se meus oponentes não são mortos por Doença, eles são mortos por mim.

Sim, ela viu seu punhal trabalhar.

— Bem, eu era sua oponente e ainda estou aqui.

Ele ofereceu a ela um meio sorriso.

— Você está certa.

— Sempre.

— Eu não sei o que dizer.

Ninguém deu a ele presentes antes?

— Diga obrigado, e coloque isto.

— Obrigado. — Com movimentos rápidos, ele removeu sua camisa e vestiu a nova, depois colocou o capuz no lugar.

— E aí? — Ela perguntou. — O que você acha?

— Não leve a mal, princesa, mas eu meio que me sinto como Batman.

— Bem, você é o Batman? Alguém já viu os dois juntos em um quarto para provar isto? — Ela acenou uma mão para ele — Não é sua identidade secreta?

Ele ergueu o capuz para olhar para ela, e ela riu. Um raio de sol entrou pela janela como se estivesse à procura dela propositalmente.

A expressão dele suavizou com uma emoção que ela não estava certa de ter visto nele. Ternura, talvez.

— Seus olhos estão brilhando. — Ele disse.

— Estão? — O riso se transformou em risadinhas ofegantes.

— Sim. E é adorável.

Perdendo sua diversão, ela colocou a mão no estômago, que estava agora incomodando como se a Terceira Guerra Mundial estivesse acontecendo dentro dele.

— Eu... dói... — Ela ofegou, e engasgou. Colocou uma mão na boca, mas não havia nenhuma ajuda para isto. Ela curvou-se e vomitou.

* * *

Torin corria pela floresta, suas botas deixando pegadas profundas na terra. Qualquer um com um mínimo de habilidade poderia localizá-lo. *Me ache e morra*. Até a pessoa mais poderosa do mundo, se isso era realmente o que Keeley era, caiu vítima de Doença.

Como ele pôde deixar acontecer?

Novamente!

Ela não duraria muito mais tempo. Ela precisava de um médico, remédios.

Torin sabia que plantas a ajudariam. Milefólio, flores de sabugueiro e hortelã ajudariam com a febre. Gengibre, camomila, olmo, folha de framboesa, mamão e raiz de alcaçuz. Todos combateriam o vômito. Tantas opções, e ainda assim ele não podia usar nenhuma delas.

Ele estudou as plantas do reino dele, não as deste reino. Eram as mesmas? Diferentes? Talvez venenosas?

Ele tinha que achar ajuda.

Ele localizou vários conjuntos de pegadas enormes em direção a uma cidade com edifícios múltiplos feitos de barro e palha, cada uma de altura e largura que faziam com que parecesse uma cabine de castigo para crianças. Existia um bar, um supermercado, outro bar, um... ele não estava certo o que era isso. Uma loja de peles? Os “couros finos” pareciam ter vindo dos humanos.

Um macho com piercings por toda parte de seu rosto entrou no edifício mais distante à direita. O letreiro dizia “Tônicos Curador & Elichiris Ezótico”. Lá. Era lá que ele precisava ir. Os erros ortográficos reforçavam a confiança zero, mas que opção ele tinha?

Torin ajustou seu novo capuz no lugar, seu peito apertando quando ele lembrou quão diligentemente Keeley trabalhou nele, e pôs-se em movimento, urgência dirigindo-o. Ele permaneceu nas sombras quando uma horda de gigantes caminhou pela rua. Ele conseguiu chegar à varanda certa sem ser notado. Ou conseguindo uma hérnia quando ele abriu a massiva porta da frente.

— Tire as verrugas, — Piercings estava dizendo. — Eu pagarei vinte libras em diamantes, — ele soltou uma bolsa aveludada preta no balcão na frente dele. — E você conseguirá mais vinte se nunca falar uma palavra sobre isso.

— Posso fazer isso, — respondeu o homem, seguramente o farmacêutico, que era coberto de tatuagens. — Mas custará a você quarenta libras em diamantes.

Hum, isso é era o que o sujeito ofereceu.

— Trinta. — Piercings disse.

— Feito! — Tatuagens respondeu.

Serio? Este é o lugar onde estou procurando ajuda?

Torin não estava com humor para desperdiçar tempo ou negociar. Tão silenciosamente quanto possível, ele girou a fechadura na porta da frente e mudou o sinal para Fechado. Ele conhecia suas próprias limitações, sabia que não podia lutar com dois gigantes de uma vez sem consequências graves, e considerando a loja de pele rua abaixo, existia uma boa chance deste par de agradáveis companheiros quererem esfolá-lo; ele teria que derrubar um deles.

Ele andou para frente, parando bem atrás de Piercings. O topo de sua cabeça alcançava o meio das costas do gigante. Ele pegou a lâmina que tirou da cabana, abaixou e cortou o tendão de Aquiles do macho.

Um uivo de dor ecoou pelas paredes. Piercings caiu de joelhos, e o edifício inteiro tremeu. Torin se aproximou e cortou sua garganta.

O cadáver sangrento caiu no chão.

Torin olhou fixamente para Tatuagens.

— Eu odiei fazer isto, e me desculpo se ele era seu amigo, mas como você pode ver, estou disposto a fazer qualquer coisa para conseguir o que quero.

Tatuagens estreitou seu olhar.

— E o que você quer, humano?

— Eu não sou humano. E quero um tônico para um amigo que está febril e não para de vomitar sangue, — ele andou para frente como se o sujeito fosse atender sua exigência; porque ele iria, totalmente. — Se você me der algo venenoso para me castigar pelo que fiz ao outro sujeito e meu amigo sofrer ou morrer, voltarei por você. E não o matarei imediatamente. Brincarei com você primeiro... Até que me implore pelo doce beijo da morte.

Longe de impressionado, Tatuagens lançou-se para frente e agarrou a extremidade do balcão, separando-os.

— Você acha que saíra vivo desta loja.

Sorrindo friamente, Torin embainhou a arma a seu lado. Então, começou a puxar os dedos de suas luvas.

— Quero que saiba, que você escolheu este caminho. Não eu. Então. Eis o que irá acontecer a seguir: Vou tocá-lo, e você será infectado com a mesma doença que está matando ela. Eu me esqueci de mencionar que sou Torin, o guardião do demônio da Doença? Assim que você desenvolver os sintomas, e vai acontecer, você mesmo fará um tônico na esperança de salvar a si mesmo. Você estará muito fraco para me impedir quando eu tomá-lo de você.

Tatuagens empalideceu por baixo de sua tinta e deu um passo para trás. As prateleiras impediram que recuasse mais.

— Você está mentindo.

— Você descobrirá, não é? — Torin enfiou a luva em seu bolso e puxou a outra. — Uma vez que eu obtiver o que quero, partirei e gritarei que você precisa de ajuda. Seus amigos correrão para dentro. Eles tocarão em você, e eles também ficarão infectados. Uma praga varrerá através de seu mundo, e milhares morrerão. Tudo isso porque você recusou ajuda à Rainha Vermelha.

Os olhos do macho quase saltaram para fora da cabeça.

— Você é um emissário da Rainha Vermelha? — De repente, ele teve dificuldade para respirar. — Eu ouvi um rumor que ela retornou... Não quis acreditar... Sim, sim, claro que farei qualquer coisa para ajudar sua mais elevada majestade. Por favor, diga-lhe como eu estava ansioso para oferecer meus serviços. — Ele correu em torno da loja, juntando frascos.

O que, exatamente, o Furacão Keeley havia feito neste reino?

Cinco minutos mais tarde, Tatuagens ofereceu a Torin um grande cantil cheio com um líquido pungente e escuro.

— Isto a acalmará.

— Eu não estava brincando. Se isso prejudicá-la, eu voltarei. Se fugir, acharei você.

— Nenhum dano. Eu juro! Ela deve beber um gole três vezes ao dia. Não é uma cura mágica, — Tatuagens apressou-se a adicionar, — mas realmente ajudará. Se ela morrer, não será minha culpa. Certifique-se que ela saiba que fiz tudo que podia.

Se ela morrer...

Aquelas palavras assombravam Torin enquanto ele refez seus passos pela floresta. Se ela morresse, não seria exatamente culpa do gigante.

Bem, ela não podia morrer. Simplesmente não podia. Não porque, mais uma vez, ele caiu vítima de uma amizade que devia ter evitado. E não porque ela o divertiu, encantou e o acelerou de um modo que nenhuma outra mulher jamais conseguiu. Mas porque o mundo seria um lugar escuro, muito escuro sem ela.

Ela era verdadeiramente uma luz.

E não serei aquele que irá apagá-la.

Suas mãos se fecharam, e o cantil que ele segurava quase caiu.

Cuidado.

Na cabana, o odor de sangue ainda não havia se dissipado. Ele não estava certo se procedia das aranhas ou de Keeley, que permanecia esparramada no sofá. O suor escorria dela, fazendo com que os fios de seu cabelo grudassem em seu rosto. Suas bochechas estavam avermelhadas pela febre, seus lábios rachados de serem mastigados.

Eu fiz isto. Eu.

Deixei-a nesta condição, sozinha, incapaz de cuidar de si mesma, agonizou ele. Era melhor que o tônico compensasse isso.

Seus olhos estavam fechados, a cabeça se debatendo de um lado ao outro.

— Papai, por favor. Eu não quero ficar com o rei, — uma procissão de náuseas secas. — Você me deu a ele, agora me ajude a deixá-lo. Por favor! Eu não posso... Apenas não posso aguentar mais...

Seu próprio pai a entregou para um macho que ela desprezava? Um macho que claramente a machucou. Bastardo!

Torin se deteve enquanto culpa, ira e mágoa se agitavam dentro dele, um coquetel especial que ele bebia diariamente. Que hipócrita que ele era. Ele a machucou mais que qualquer outro jamais poderia.

Ele verificou duas vezes para ter certeza que havia calçado as luvas antes de alisar o cabelo no rosto de Keeley.

— Eu voltei, princesa, — ele disse. — Eu protegerei você com a minha vida, até de suas lembranças.

Seu tórax subiu e desceu em rápida sucessão enquanto ela se contorcia contra as almofadas.

— Eu não falei com ninguém hoje, eu juro. Por favor, não a mate, Majestade. Por favor. Ela tem uma família. Ela... Nãããã! — Soluços. Mais náuseas secas.

— Shh, princesa. Poupe suas forças. — Torin passou um pano frio por sua testa antes de acariciar os cantos de sua boca suja de sangue com os polegares. — Tudo vai ficar bem.

Seus lábios se separaram do jeito que ele queria, e ele despejou um pouco do tônico por sua garganta. Uma crise de engasgos teria feito o líquido derramar, então Torin a forçou a engolir

aplicando pressão em sua mandíbula e massageando sua garganta. Cruel para ser gentil. Uma das coisas mais difíceis que ele já fez.

Ela bateu em suas mãos, mas seus esforços foram em vão. Fraca como estava, ela não podia ter espantado uma mosca.

Tanto poder dentro dela, ele pensou, e ainda assim ela era tão frágil.

Ele esperou por qualquer sinal de melhora. Em vez disso, ela piorou. Sangue borbulhava de sua boca, sufocando-a, o que a levou a outro ataque de vômito. Ele não estava certo sobre a quantidade de remédio que ela manteve.

Maldição!

O demônio riu; alegre pelo rumo dos acontecimentos.

Desamparo... Ódio.

Queria que você estivesse morto.

O riso só ficou mais alto.

— Hades, — Keeley gritou de repente. — Me ajude.

Torin pressionou sua língua no céu da boca.

— Torin está aqui, princesa.

— Torin... — Finalmente Keeley se acalmou e deslizou no que parecia ser um sono pacífico. Torin arrastou as aranhas mortas para fora da cabana. A neve parou de cair, e o sol parou de brilhar. O céu estava apenas... Cinza.

Um sinal de morte iminente?

Não!

Quando ele teve todos os oito corpos e suas várias partes divididas em uma pilha, ele acendeu um fósforo e lançou-o no centro da carnificina. Não demorou muito para que as chamas se espalhassem e a fumaça escura flutuasse pelo ar, levando o odor pungente de carne carbonizada. As criaturas haviam cortado sua pele, e embora já estivessem mortas, ele não queria que Keeley entrasse em contato com elas quando despertasse.

E ela iria. Ele tinha que acreditar nisto. Porque o pensamento de passar um único dia sem ela, de repente, era intolerável.

* * *

Traída por Hades, o único homem que havia afirmado amá-la? Não. Impossível.

— Torin está aqui, princesa.

Torin... Seu novo homem.

Mas... Ele não pode estar aqui. Eu estou presa. Só.

Keeley lutou entre as lembranças e a realidade... Não tinha certeza de qual ganhou... Só sabia que era impossível criar ordem no caos e se ela falhasse em limpar seus pensamentos...

Ela estava andando nos limites de uma câmara, seu coração totalmente partido. Os homens de Hades vieram por ela uma hora antes, fechando-a no interior do menor e mais escasso quarto normalmente reservado para os mais humildes dos servos. Seu noivo não podia saber que ela estava aqui. Embora seus soldados não fizessem nada sem sua permissão expressa.

Ela deveria ser capaz de lutar por sua liberdade longe de sua influência, mas suas novas cicatrizes a impediam de fazer qualquer coisa.

Como aconteceu?

Ela se lembrou de como Hades lhe dera um vinho especial para colocá-la para dormir de modo que não sentisse qualquer dor quando o enxofre a tocassem. Enquanto um de seus criados aguardava, pronto para dar a Keeley uma única cicatriz para temperar o pior de seu poder, de forma que Hades e seu povo estivessem seguros ao redor dela.

Mas Keeley acordou só, com centenas de cicatrizes, debilitada, incapaz de fazer muito mais que respirar.

Hades mataria o criado quando descobrisse o que havia feito a ela. Certamente, não eram ordens dele. Ele a amava e nunca a machucaria de propósito.

— Hades. — Ela gritou pela milésima vez. Se continuasse assim, ela perderia a voz. — Eu preciso de você!

Finalmente ele apareceu, relampejando no centro do quarto.

Ele era um homem bonito com cabelos e olhos escuros, olhos que brilhavam vermelhos cada vez que ele considerava uma matança. Ele tinha dois metros de arrogância. Mas vestia isto bem. Ele tinha força para suportar a altitude. Mulheres em todo lugar o desejavam.

Mas ele me escolheu.

— *Eu acredito que suas novas acomodações são confortáveis.* — *Ele disse.*

Ele foi tão casual...

Ele sabia.

Um ferimento profundo cortou por todos os pedaços dispersos de seu coração.

— *Por quê? Por que você fez isso comigo?*

— *Você era muito poderosa. Se alguma vez se virasse contra mim...*

— *Eu nunca me viraria contra você!*

Ele andou para frente, dizendo: — Eu poderia perder tudo que estou tentando construir.

— Keeley.

Ela franziu a testa. A nova voz pertencia a um macho, mas não era Hades.

— É hora de mais remédio, princesa.

A imagem de Torin encheu sua mente, ofuscando os limites da câmara odiada... A lembrança odiada. Ela viu seu cabelo branco na altura dos ombros. Seus olhos verdes de gato. A sexualidade latente que sempre fazia sua boca salivar. Como agora. Ugh! Isso era muita água. Uma quantia embaraçosa. Sufocando-a... *Não posso respirar*, tinha que respirar...

— Engula.

Líquido frio escorregou por sua garganta ferida e em seu estômago igualmente ferido.

— Boa menina. — Ele disse.

Algo morno alisou através de sua testa superaquecida, oferecendo conforto. Não sua mão. Seguramente não. Ele se recusou a tocá-la.

Tocá-la.

As palavras ressoaram em sua mente, picando-a. Ele não a tocou, não a princípio, mas ela tocou nele. Então ele a agarrou e deu-lhe o beijo mais quente de sua vida. Ela ficou doente. Horivelmente doente. Tudo por causa do seu demônio.

Isso mesmo. O demônio. *Odeio esse demônio.*

Raiva queimou por ela, quente, tão quente, que a almofada embaixo dela começou a tremer.

Vou matar esse demônio.

— Não de novo. — Torin murmurou. Um segundo depois, ela estava flutuando — Como? Por quê? — Mas a agitação continuou.

O som de pratos batendo foi registrado. Troncos batendo.

Oh, sim, ela pensou friamente. *Doença sofrerá por tudo que fez...*

Torin amaldiçoou, e ela foi caindo. Ela... Rolou colina abaixo? Grama e sujeira encheram sua boca. Vertigem a atingiu. Quando ela se acalmou, lutou para abrir os olhos. Lama tinha manchado seus olhos? Ela piscou, Torin surgiu. O Torin real, pairando sobre ela.

Seu sorriso era sombrio.

— Bem-vinda de volta, princesa.

CAPÍTULO DOZE

Torin vacilou. Keeley havia sobrevivido à outra doença, e tão rapidamente quanto adoeceu, ela se recuperou. Depois de uma hora destruindo a cabana, literalmente, ela estava firme em seus pés, totalmente pronta para correr, sem efeitos colaterais prolongados.

Na primeira vez, ele entendeu. Outros se recuperaram também, ainda que se tornassem portadores. Mas desta segunda vez...

Como ela sobreviveu? Ele pediu sua opinião, e sua resposta tinha sido a habitual: — Olá. Rainha Vermelha. Super Poderosa.

Talvez. Provavelmente.

Ela sobreviveria a uma terceira? Uma quarta?

Considerando a barganha que fizeram, ela poderia estar disposta a arriscar. Mas ele não estava. Não mais.

Já ouvi isto antes.

Sim, mas digo a sério desta vez.

Propostas encerradas, ele a levou pela floresta. Permanecendo na busca por gigantes vingativos. A poeira da cabana em ruínas trilhou-os. Keeley ficou atrás dele, quieta, e o silêncio o enervou.

— Você me odeia? — Ele perguntou.

— Odiar você? Por que eu o odiaria?

— Você tem realmente que perguntar?

— Obviamente. Porque eu o fiz.

— O demônio, — ele disse com um suspiro. — O vômito.

— Hum, talvez esteja se esquecendo que *eu* toquei em você.

Não. Ele não esqueceu, nunca esqueceria. O toque dela havia provado somente o quão básica sua necessidade por ela poderia se tornar, quão esgotante... Quando ele finalmente conseguiu colocar suas mãos nela, nada importou apenas o prazer.

— Não vamos falar sobre isso. — Ele procurou um lugar seguro para fazer um acampamento, e quando pensou que pegou o som de passos, ele recuou, procurando pegadas que nunca encontrou.

O desejo deveria estar apodrecendo seu cérebro.

E, maldição, o ar quente e pegajoso tinha que estar assando suas entranhas. O tempo havia passado do outono, para o inverno, e para o inferno simplesmente, mas ele não pensou que tivesse alguma coisa a ver com Keeley. Seu humor não combinava com a temperatura de milhões de graus.

— Estou com quarenta graus nesta camiseta. Não chegue a menos de três metros de mim até que eu coloque isto de volta. — Ele arrancou o material sobre a cabeça, em seguida o colocou ao redor do pescoço para pegar o suor que gotejava pelas têmporas. — Estou falando sério.

Keeley passou seu olhar sobre o torso nu dele, e maldição se ele não sentiu isso como uma carícia.

— Você é tão ruim, — ela murmurou. Talvez o humor dela combinasse. — Estou superaquecida, também, sabe. Acho que meus órgãos internos se tornaram algum tipo de ensopado. — Ela arrancou as mangas de sua camisa e lançou-as nele.

A aparência dela sem as mangas o fez pensar sobre o modo como pareceram seus braços e pernas quando ela acordou pela primeira vez. O que quer que tenha visto, ou não visto, relaxou-a. Quando ele perguntou-lhe por que fez isto, ela disse: — Como se eu fosse realmente te dar alguma ideia.

Que diabo queria dizer isto?

— Estúpidos duplos sentidos, — ela disse. — Se removesse meu top para me refrescar, eu estaria provocando, apenas implorando por êxtase.

— Fique fria, princesa. Eu nunca faria você implorar.

Mas isto não é exatamente o que fiz?

— Você está dizendo que apenas me daria isto livremente? — Ela perguntou.

— Não estou dizendo nada. — Se isto continuasse, eles acabariam onde começaram. Em apuros. — Mas por que arriscar picadas de insetos? Vamos achar um casaco para você. Talvez uma pele.

— Como se qualquer inseto ousasse se aproximar de mim.

— Ainda assim. Não custa ser cuidadoso. — Ele vasculhou dentro da mochila. — Sei que temos um top extra aqui em algum lugar.

— Tente me fazer vestir isto e eu o amarrarei, cortarei você e deixarei os animais usarem seus órgãos como um lanchinho!

— Todos precisam comer. — Ele puxou as mãos vazias para fora da mochila. — Infelizmente, estamos sem roupas limpas.

— Por que não descasco a pele de seu corpo? Você pode ser meu casaco.

— Esperta. Você ficará quentinha durante a próxima nevada.

Ela bateu o pé.

— Minha inabilidade para aborrecê-lo é de enlouquecer.

— Gritarei com você se isto fizer com que se sinta melhor. — Inferno, isto poderia fazê-lo se sentir melhor, também.

Ela animou-se, dizendo: — Isso seria extremamente útil, obrigada.

Ele pensou por um momento, e gritou: — Como ousa despir seus braços em público! Você sabe muito bem que isto é uma provocação. Dá ideias aos homens. Faz com que pensem que você é boa para carregar caixas pesadas, que acontece de ser exatamente meu trabalho! Isto é humilhante.

Ela riu, e seus seios balançaram. Os seios que ele segurou em suas mãos. Seus mamilos estavam duros, provavelmente doloridos, precisando ser beliscados e chupados.

Vire-se! Agora!

Ele não o fez. Não conseguia.

O riso de Keeley morreu, e o silêncio caiu sobre eles.

— Torin, — ela sussurrou.

— Não, — ele disse, e quando ela lambeu os lábios, forçou-se a dizer isto novamente. — Não.

Um ramo estalou, sinalizando o fim da solidão deles.

Graças a Deus. Torin agarrou uma das lâminas que conseguiu encontrar nos escombros da cabana.

— Esconda-se atrás daquela pedra. — Ele esquadrinhou a floresta, tentando desentocar qualquer pista sobre seu convidado indesejado. Ou convidados. Humano, animal ou gigante? Ou uma combinação de todos os três?

Keeley olhou para a pedra em questão e franziu o cenho.

— A Rainha Vermelha não se esconde.

— Ela o faz quando não estiver usando luvas. Não se esqueça de que é uma portadora. Além disso, esteve doente. Você precisa poupar sua energia. E se suas emoções levarem a melhor sobre você? Provavelmente será melhor se não destruir o reino inteiro enquanto ainda estamos aqui.

Seu cenho ficou sombrio.

Uma vez que o chão não estava vibrando no momento com os passos chegando, ele duvidava que o visitante fosse um gigante. Desde que a criatura não significasse nenhum dano à Keeley, poderia ir embora. Um movimento errado, em palavra ou ação, porém, e isso mudaria.

Keeley suspirou e marchou em direção à zona de segurança.

— Tudo bem. Que seja. Estou de bom humor para discutir.

De verdade?

— Isto é bom humor? — O sol não estava exatamente brilhando.

Ela tropeçou em uma videira, não, não uma videira. Uma armadilha. Bem parecida com uma que Torin havia montado no outro reino. Um clique se seguiu e uma lufada mandou-a longe. Quando ela caiu de joelhos, uma lança disparou de um buraco em uma árvore. Destino: o coração dela.

— Não! — Torin mergulhou na direção dela.

Ela pegou a arma pelo cabo antes que pudesse afundar dentro de seu peito, ou no dele.

Ele rolou com o impacto e disparou de pé, seu alívio durou pouco. Dois humanos irromperam das folhagens. A mente dele disparou fatos como balas. Machos. Primitivos. Cada um vestindo uma tanga e segurando uma daquelas lanças feitas pelo homem. Provavelmente, os humanos que os gigantes gostavam de caçar.

O da direita avistou Keeley e ergueu sua lança, preparando-se para lançá-la.

Inimigo.

Uma vez mais, Torin não desperdiçou tempo com negociações. Simplesmente lançou sua lâmina; fatiando a garganta do macho, o sangue jorrando quando ele caiu de joelhos, então pelo rosto dele, a arma dele inútil.

O outro homem, vamos chamá-lo de Tarzan, franziu o cenho e ergueu sua própria lança.

Torin agarrou outra lâmina.

— Não faria isto se fosse você.

— Oh, delícia, — Keeley saltou e bateu palmas, um raio de sol de repente iluminando-a como um holofote. — Dois guerreiros sensuais batalhando até a morte. Isto é muito melhor do que a luta da aranha. Você tem o meu selo de aprovação, Torin. Continue.

Os olhos escuros do Tarzan arregalaram com um pouco de choque e muito ódio.

— Você! — Ele ofegou. — Ouvimos que estava de volta, mas pensei que os rumores fossem infundados, que nunca ousaria retornar.

— Eu? — Ela olhou para trás antes de tocar seu peito. — Acho que está falando da garota errada.

— Como se pudesse ser esquecida. Você quase destruiu toda a minha aldeia, arrancando todas as nossas árvores sagradas pela raiz, em uma única piscada, e espancando o clã inteiro com elas.

— Eu fiz isto? Bem, estou certa de que tive uma boa razão. — Ela bateu em seu queixo, pensativa. — Mas estou tendo dificuldades para localizar a memória. Talvez esta fosse outra vítima da Caixa do Tempo Esgotado.

Torin manteve sua atenção no Tarzan e sua lâmina em riste.

— Oh, lembrei! — Keeley disse. — Seu povo habitualmente lança crianças em covas de fogo como sacrifício para seus deuses. — Os olhos dela estreitaram quando a árvore ao lado dela disparou do solo e pairou no ar. — Tenho um grande problema com isto.

— E eu tenho um problema com você. — O Tarzan correu na direção dela, um projétil letal. A meio caminho, ela rebateu a árvore nele. Ele estava pronto para o ataque e mergulhou, passando sob o tronco, e então continuou avançando.

Torin lançou a faca, cravando o sujeito no peito, não, na parte de trás. O guerreiro moveu-se mais rápido do que o esperado... E se chocou com Keeley, derrubando-a, prendendo-a no chão e passando as mãos ao redor do pescoço dela, pele com pele.

Uma névoa escura caiu sobre Torin, um rugido selvagem estourando do fundo de sua garganta. Ele lançou-se no sujeito, arrancando-o para longe de Keeley. Eles bateram no chão e rolaram, Tarzan recebendo o impacto do choque. No momento em que pararam de se mover, Torin se sentou e atacou. O nariz do sujeito quebrou. Seu lábio rasgou, e seus dentes pularam fora. Sua mandíbula estalou fora do lugar.

— Não toque na Rainha, jamais.

Os olhos do Tarzan se fecharam o resto dele relaxou. Sua cabeça pendeu para o lado.

Torin não parou. A Rainha Vermelha era dele. Só dele. Nenhuma outra mão jamais faria contato com ela. Ele morreria primeiro.

— Já chega, — Keeley gritou. — Vivo, ele dará um excelente rato de laboratório. Foi à razão pelo qual não o risquei para longe antes de ele atacar.

Para somente descobrir que tipo de doença ela espalharia? Esperta.

Torin olhou para o Tarzan.

— Parabéns. Decidi poupá-lo para que eu possa observá-lo sofrer. — Ele endireitou-se, seu olhar passando rapidamente por Keeley. Ela permaneceu no chão, e a preocupação o impeliu para o lado dela.

— O que há de errado, princesa?

Ela apoiou seu peso sobre os cotovelos, cachos de cabelos vermelhos claros emoldurando as bochechas radiantes. As contusões já arruinando a linha elegante de sua garganta. Depois de morder o lábio inferior, ela disse, — Acho que devo ter torcido meu tornozelo.

— Vejamos. — Ele ergueu suavemente a bainha do moletom dela. Inchação leve, vermelhidão secundária. A raiva o bombardeou. Ele se levantou e retornou para o Tarzan, *vou rasgar a garganta dele... Com meus dentes*. Mas Keeley enrolou os dedos ao redor do pulso dele, impedindo-o.

— Você tem sangue no rosto. — Ela disse com uma suave inflexão feminina, em seu tom... Uma que fez seu peito apertar dolorosamente.

— Não é meu. — Ele queria substituir a memória de estar sufocando com uma memória de prazer. O que ele não podia... Outra bomba de raiva detonou. — Vamos sair daqui antes que mais sujeitos com lanças apareçam. — Ele usou as videiras para amarrar o Tarzan a ele, planejando arrastar o guerreiro atrás dele, então ergueu Keeley em seus braços, com cuidado para não expor nenhuma pele dela.

Ela se aconchegou contra ele, feliz, um raio de sol os bloqueou enquanto ele caminhava adiante.

— Torin... Sabe quando disse que torci meu tornozelo? Bem, eu torci. Mas também curei.

— Quer que eu a coloque no chão?

— Ao contrário. Quero que me segure mais perto. — Ela começou a morder seu lábio inferior novamente. — Talvez não devesse admitir, mas o que nós fizemos na cabana apenas fez meu desejo por você aumentar.

Correntes fortes de luxúria o percorreram.

— Não fale assim.

— Não dizer a verdade?

— Você só deixa as coisas mais difíceis para mim.

— Este é o ponto! — Ela disse. — Nós dois queremos um final feliz. Mas talvez eu também queira um pouco mais no meio...

Resista.

Indo para o norte, ele topou com várias armadilhas. Ele imaginou que o que restava da aldeia do Tarzan também estava daquele jeito e mudou de direção. Depois de outra hora de caminhada, topou com uma caverna deserta.

Ele colocou Keeley sobre uma pedra, e embora odiasse fazer isto, soltou-a. Quando ela olhou fixamente para os lábios dele e lambeu os próprios, ele forçou-se a se afastar dela.

Tão grosseiramente quanto possível, ele amarrou um Tarzan ainda inconsciente à uma parede rochosa.

— Preciso proteger o perímetro.

— Seja cuidadoso.

— Eu sempre sou. — *Exceto com você. E isso tem que mudar. Antes que seja tarde demais.*

Torin trabalhou como um louco, transformando galhos em lanças, fixando videiras como fios para tropeçarem, cavando covas e escondendo-as com folhagem. Em certo ponto, cada pedacinho de calor foi extraído do ar, deixando uma camada fina de gelo. A ponta de seu nariz congelava, e seus pulmões queimavam. Ele acabou e lavou suas luvas em um rio próximo. A água estava gelada também, e ele amaldiçoou.

Ele correu de volta para a caverna antes de ficar congelado criogenicamente. A primeira coisa que notou quando entrou: Tarzan ainda estava inconsciente. Segunda: Keeley havia criado uma cortina de ramos e folhas, e pendurou-a no teto da caverna, criando dois compartimentos. O lado do Tarzan, e o dela. Um fogo quente crepitava no dela... Perto de onde ela se recostava contra a parede rochosa, seus joelhos estavam levantados e espalhados.

Ela estava nua, pronta para ele.

— Eu queria dar-lhe as boas vindas corretamente. — Ela disse com um sorriso lento, quase tímido. Luz e sombras retorciam sobre ela, como se tivesse ganhado vida de uma pintura. — Também queria tentá-lo... Consegui?

Torin parou de respirar. *Vá embora. Não, fuja.* Mas assim que sentiu o cheiro dela... Toda aquela canela agora misturada com baunilha... Já estava bem perto dela, não conseguia nem se lembrar de ter diminuído a distância. Mas ele tinha, e de repente, ela estava ao alcance e ele estava caindo de joelhos.

— Seremos cuidadosos desta vez, — ela disse. — Tudo que preciso é uma chance de provar que há uma maneira.

— Sim. Uma chance. — Ele tremeu quando agarrou os joelhos dela, elétrico, até com as luvas, e a forçou a abri-los mais...

Nunca tinha visto nada mais bonito. Ele roçou a ponta do dedo pelo calor úmido que ela oferecia. Queira tudo isto para si mesmo. Queria ela.

Ele deveria ter falado as palavras em voz alta, porque ela gemeu, curvando-se para trás, e dizendo, — Sou sua.

— Eu cuidarei do que é meu.

Será que conseguiria manter o controle absoluto.

Não tinha certeza de que milagre a tinha convencido a fazer isto, fazê-la tão impaciente por tê-lo, apesar de tudo o que fez para ela, mas ele seria eternamente grato. Ou eternamente arrependido.

O tempo diria.

Mas ele não pararia. Não pararia tão cedo. Não novamente.

Ele rolou seus mamilos entre os dedos, então os apertou suavemente, desejando que pudesse chupar um, então o outro. Ele resistiu ao desejo, deveria resistir, e retornou sua atenção para o núcleo dela. Não podia se afastar. Ele a separou, encontrando o lugar que a faria implorar, e pressionou.

— Torin, — ela choramingou. — Sim!

Ele pressionou mais forte. Nunca tinha ido tão longe com uma mulher, mas com Keeley, ele queria ir mais longe.

— Dentro de mim. — Ela pediu.

Ele deslizou um dedo dentro do bom e profundo, e ficou maravilhado.

— Você está tão molhada para mim.

— Ficando mais molhada. — Ela disse asperamente.

Dentro. Fora. Ele a trabalhou, saboreando cada sensação. A tensão dela. O deslizar escorregadio. Sabia que pareceria bom. Mas isto? Primoroso.

A princípio, ele se moveu devagar, sempre saboreando. Mas logo, isso não era suficiente para nenhum dos dois e ele pegou velocidade. A tensão dela nunca aliviou, apenas intensificou suas paredes internas agarrando-o, tentando segurá-lo do lado de dentro. Sua ereção pulsava ao mesmo tempo em que seus movimentos, exigindo o mesmo tipo de atenção. Ele mordeu o lado da língua, sentindo gosto de sangue, e inseriu um segundo dedo.

Um suspiro de prazer escapou dela.

Quanto mais força trabalhava nela, mais ela parecia gostar. Nunca ficou tão satisfeito. Ela até mesmo levantou seus quadris para encontrar suas estocadas, e isto foi a agonia mais doce. O aperto intensificando. Dentro e fora. Dentro e fora. Ele acelerou o ritmo. Empurrando e empurrando, mais rápido e mais rápido, usando cada vez mais força com cada deslizar para cima até que ela apenas conseguia balançar para frente e para trás.

— Minha rainha gosta disto. — Ele estava pasmo, humilhado.

— Sim! Oh, sim. — Ela gemeu, apertando seus seios. — Mas quero com mais força. Mais rápido.

— Não quero machucá-la.

— Mais forte!

Tão mandona. Incapaz de negar-lhe, ele deu-lhe mais forte. Os sons que ela fazia depois disto... Ronronando diretamente com o fundo de sua garganta, como se não pudesse acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Mais suspiros. Ruídos rudes que eletrificavam o ar.

— Te darei ainda mais. Tomarei... Sei que você pode. — Ele alimentou-a com um terceiro dedo, e isto foi tudo que levou. Ela gozou imediatamente, choramingando o nome dele, puxando um gemido dele. Continuou empurrando seus dedos dentro dela enquanto ela estremecia, até que ela não aguentou mais e afundou no chão, esgotada.

Impulsionado após toda a sensação, rasgou a cintura de suas calças e usou o desejo dela para lubrificar seu eixo. Ele bombeou para cima e para baixo com uma violência que não deveria tê-lo surpreendido. Ela sentou-se, fazendo o que para ele, ele não sabia. Não ousava arriscar descobrir. Teria deixado-a fazer, fazer-lhe o que fosse, não importa o quão perigoso. Ele a empurrou para baixo e ergueu-se sobre ela, mais e mais irracional a cada segundo que passava. Apoiou uma mão na têmpora dela, a outra acariciando... Acariciando.

— Um dia, quero você na minha boca. — Ela disse, e correu seu lábio inferior por seus dentes. — Quero tomá-lo por todo o caminho até o fundo de minha garganta e engoli-lo. Você se lembra de como gosto de engolir, não é?

O que ela descreveu... Nunca poderia dar a ela, mas oh, ele poderia imaginar. Aqueles lábios vermelhos ao redor dele, montando-o. Uma quente e molhada sucção. Uma queimação intensa começou na base de seu comprimento. Ele apertou ainda mais.

Sim... Sim... Prestes a explodir. A queimação subiu por todo o caminho até a ponta, e ele rugiu tão alto, o som ecoando fora das paredes. Seu esperma jorrando sobre a barriga dela. O prazer... Algo tão sublime que somente poderia...

Sobre a barriga dela.

As palavras o atingiram. Assim como a percepção. Assim como o horror. Ele recuou. Não foi um contato pele com pele, mas foi um contato. Possivelmente até mais perigoso.

Ele voltou-se para ela e apressadamente tentou limpá-la antes de ele forçar-se nas pernas trêmulas, ajustando a roupa. Qualquer vestígio de prazer desapareceu.

— Torin? — Ela disse insegura. Quão perfeita ela parecia. O cabelo despenteado, a pele corada com satisfação. Qualquer outro homem a teria puxado para perto e abraçado por horas, simplesmente aquecendo-se em toda aquela deliciosa feminilidade.

Mas, enquanto ele a satisfiz de uma maneira que nunca satisfiz a outra, e ela gostou disto, talvez até mesmo adorou, ele poderia tê-la infectado. Novamente.

— Quando eu voltar, — ele resmungou. — Você estará vestida. Ficará de um lado da caverna, e eu ficarei do outro. Não conversaremos um com o outro. Nós nem mesmo olharemos um para o outro. Se você ficar doente, lidaremos com isto. Até então... — Ele saiu a passos largos da caverna.

* * *

Keeley não estava certa... Não conseguia processar... Tanta coisa.

O prazer tinha sido, foi, esmagador. Uma hora mais tarde, ela ainda não tinha se acalmado. Não poderia se acalmar nunca. E Torin, seu doce Torin, que se transformou em uma besta rosnando, não tinha retornado ainda.

Me evitando?

Onde ele estava?

E onde tinha aprendido aquilo? Usando apenas seus dedos, ele atingiu-a, e em seguida, saciou-a completamente.

Agora espera que eu evite olhar para ele? Evite conversar com ele? Arrancar a lua do céu teria seria mais fácil. Ela o desejava mais do que nunca.

Ela deveria ser capaz de decidir logicamente como proceder. Como lidar com seu crescente sentimento por um homem que a deixaria no momento em que soubesse de seu vínculo com ele, um laço que aumentava ainda mais com cada toque decadente dele. Ao invés disso, ela disparou a falar.

Tenho que contar a ele.

Não quero contar a ele.

Omissão é tão ruim quanto uma mentira.

Omissão é uma gentileza.

Pelo resto de sua vida, ela seria devota a ele. Em seu futuro. A menos que ele cometesse uma traição tão feroz que fizesse o vínculo murchar, como Hades fez, ela iria querer o que fosse melhor para ele, até a custa de sua própria vida. Suas emoções sempre responderiam a ele, o bem-estar dele muito mais importante do que o dela.

Ela riu sem humor. *Ele nunca será tão devoto a mim.* Ele temia demasiadamente os efeitos de seu demônio.

Ela tinha que encontrar a Estrela da Manhã. E rápido.

Enquanto isso, ela teria que ser proativa. Faria tudo em seu poder para mudar a opinião de Torin sobre o vínculo. Ganharia o coração dele. Então lhe contaria.

Plano sem falhas, se não cavasse muito abaixo da superfície. Mas, se alguém poderia ter sucesso, era ela. Ela era uma lutadora. E era isso que os lutadores faziam. Eles tomavam parte nas batalhas, e ganhavam. Faria com que ele a quisesse, toda ela, com a mesma intensidade que o queria. Fácil.

Talvez fácil.

Ok, provavelmente difícil. Mas ela estava pronta para o desafio! No momento que Torin se livrasse do primitivo, ela atacaria.

CAPÍTULO TREZE

Passou um dia.

Dois.

Três.

Quatro. Em sua maior parte, Tarzan curava suas feridas físicas, o que não era uma surpresa. Mas o que era? O tipo nunca ficava doente. Nem sequer espirrava. Nada, nenhuma vez.

Torin cambaleou com o conhecimento embriagador de que Keeley não era portadora da doença do demônio. De nenhuma de suas enfermidades.

Mais que isso, a semente de Torin não a deixou doente.

Não tinha certeza do que pensar sobre isso. Atrevia-se a sentir a emoção? Ou deveria aferrar-se ao medo?

Poderia tocá-la novamente? Pele com pele, sem consequências?

Não havia necessidade de ponderar: ainda era muito arriscado. Mas não podia deixar de pensar no que fez a ela, o interlúdio erótico em constante replay. Teve seus dedos dentro dela. E ela gostou. Gostar provavelmente era uma palavra muito suave. Ela o teria matado se houvesse tirado apenas um dedo antes de ela estar bem e pronta.

Sorriu ante a ideia. Desde seu orgasmo, sois gêmeos começaram a brilhar fora da caverna. Queimou sua mente quando os viu pela primeira vez. Um campo de flores silvestre de cor vermelha, rosa e lilás floresceu em um raio de um quilômetro.

Sua reação assombrosa não teria nenhuma influência em sua decisão de permanecer com as mãos longe dela.

Sou feito de algo mais duro.

Mas isso abateu seu humor, enquanto preparava o café da manhã de Keeley. O de sempre: galhos, folhas e cogumelos. Ela estava sentada com as pernas cruzadas sobre um gramado suave, seu cabelo vermelho cintilante caindo pelas costas em ondas brilhantes. Um homem normal poderia segurar as mechas e inclinar sua cabeça como desejava, reclamando um beijo que deixaria marcas.

Torin colocou a comida a seu lado com mais força do que pretendia. Ela o ignorou, tal como ignorou tudo o mais. Incluindo ele. Ela estava levando suas palavras a sério, negando-se a olhar para ele ou inclusive falar com ele.

Sentia falta dela, ainda que estivesse ali.

Havia esperado deixar as coisas mais fáceis para os dois.

— Coma. Quando terminar, — disse, preocupado por sua falta de apetite e descanso, — Vamos matar Tarzan e seguir adiante. — Uma mudança de cenário poderia melhorar seu humor.

— O quê? De verdade? Terminei! — Ela praticamente saltou. Um segundo depois, Tarzan sumiu. — Eu o devolvi à sua aldeia, — *sem pele*.

Simples assim. Às vezes, Torin esquecia o quão poderosa ela era.

— Agora podemos ir. — Ela caminhou para fora da caverna, deixando o café da manhã para trás.

Por que estava com tanta pressa? Franziu o cenho e jogou as coisas em um pedaço de pano limpo. Foi atrás dela e como seus passos eram mais largos, mais rápidos, logo passou a seu lado, empurrando o pano em sua mão.

— Coma! — Repetiu. — De verdade.

— Claro, claro. — À medida que caminhava pelo bosque, ela deixava cair pedaços no chão.

— Deixe de fazer isso.

— Deixar de fazer o quê?

— Você sabe.

Dobrou o pano, dizendo.

— Eu sei?

Algo que ele aprendeu. Quando esperava evitar uma mentira, mas não queria dizer a verdade ela respondia com perguntas.

— Porque nunca come ou dorme? — Perguntou.

Ela o olhou como se acabasse de acusá-la de assassinar gatinhos.

— Realmente acha que eu ou qualquer outra pessoa poderia ficar sem comer ou descansar?

— Você pode. Faz isso. Por quê?

Ela abriu a boca...

— Não me responda com uma pergunta.

Seus olhos se estreitaram.

— Bem. Eu não como porque a comida pode estar envenenada. E não durmo porque não quero lidar com pesadelos e vulnerabilidade. Mas quem se importa com isso? Vamos falar do que aconteceu conosco enquanto estava nua.

O sufocante calor começou a chegar a ele em mais de um sentido e puxou a gola da camisa.

— Nunca iria envenená-la.

— Nós dois tivemos momentos de diversão, — continuou. — Estou disposta a agendar uma repetição, apesar da sua finalização sofrível. — A declaração surgiu vacilante, gotejando as vulnerabilidades que ela dizia desprezar.

Doía seu peito.

Odiava esta estúpida dor.

Bom, chega! Era hora de colocar um fim nisto. Em tudo.

— Por que ainda me quer? — Aparentemente, não era suficiente. — Não demonstrei que não posso dar nunca o que precisa? Não por muito tempo e nunca totalmente.

— Estas são perguntas excelentes. — Disse ela, incapaz de olhá-lo nos olhos.

Sua resposta o irritou. Matava-o um pouco também.

O quê? Esperava que ela dissesse que poderia dar-lhe tudo o que precisava?

— Independente das minhas razões ainda podemos desfrutar um do outro por um tempo, — disse esperançosa. — Não podemos?

Até que alguém melhor chegasse? Sua ira aumentou; um fogo estranho em suas veias.

A conversa era opcional. *Apenas tenho que encontrar a borda do reino e abrir a porta depois, enquanto mantenho as malditas mãos longe dela.*

Impossível. Ele sabia quão apertada era sua vagina e tinha que experimentar novamente. Experimentá-la. Ela se transformou em uma doença em seu sangue. Ele soltou uma risada afiada de ironia. Como o demônio, ela não tinha cura.

Não podia viver desta forma. Poderia se romper.

Por Cameo e Viola. Por Baden. Pela caixa. Espere, não podia perder a cabeça.

— Concordei em pagar por sua ajuda, — disse. — E o farei. Mas não te darei nada mais.

* * *

Por causa do vínculo, a atitude de Torin chicoteou em Keeley quando antes apenas a desafiava. E porque nenhuma outra raça se parecia com a dela, ele nunca saberia o quanto a machucava a menos que dissesse a ele, e não o faria.

Culpa não era o que queria dele. Ele já sentia muita culpa.

— Se não quer falar sobre sexo... — Começou.

Ele respirou fundo. Com um tom gutural disse:

— Não quero.

— Então vamos discutir seu novo tema favorito? Eu! — *Posso ter perdido a primeira batalha, mas ainda estou na guerra. Seu coração é tão bom quanto o meu.*

— Estou ouvindo. — Disse.

— Fui casada uma vez. Aos dezesseis anos, meus pais me obrigaram a casar com o rei dos Curadores. A união durou quatro anos miseráveis e me assegurei de não ter bebês. Ele era um péssimo pai para os seus filhos.

— Cara. Sinto-me um idiota. Sabia que a haviam dado a um rei, mas não sabia que se casou com ele. Seu título devia ser minha primeira pista.

— Bem, Detetive Torin, foi depois de alguns meses que ele morreu que fiquei noiva de Hades, o pior mentiroso que caminhou sobre a Terra. Foi o maior erro que cometi. — Iniciado negativamente. Terminado positivamente. — Minha cor favorita é o arco-íris e acho firmemente que passas são os melhores doces da natureza. Não me importa o que digam os inimigos! Eu sei tudo sobre tudo e a única vez que me enganei foi no momento que pensei que estava enganada.

Seus lábios podem ter se arqueado nos cantos.

— A noiva de Hades. Deveria estar acostumado a isso, mas ainda estou tendo problemas para envolver minha cabeça ao redor da ideia. Como foi isso?

— Emocionante. No início. Ele foi magnético.

— E homicida.

— Sim, mas no momento fazia parte de seu encanto. Ele me ensinou a me defender.

— No entanto, a lição teve seu preço.

O que queria dizer? Tinha muito medo de perguntar.

Sorrindo ironicamente, ele disse: — Então... O que você diria que é o seu maior defeito?

— Por quê? Isso é uma entrevista de emprego?

— Pode ser.

Para qual posição?

— Bom, meu maior defeito é que provavelmente sou muito egoísta... Na cama.

Ele engasgou com uma gargalhada. Quando se acalmou, disse: — Ficou presa durante séculos, não?

— Sim.

— Então, como é tão... Moderna?

— Fácil. Uma vez tive uma vidente a meu serviço. Ela possuía a encantadora habilidade de permitir outros dentro de sua cabeça para olhar o futuro se desenvolver e eu o fiz. Com frequência.

— Divertido, mas não exatamente útil. Conhecia o futuro e, no entanto, terminou na prisão.

— É verdade. Suspeito que intencionalmente ela reteve alguns detalhes da minha vida. Que melhor maneira de escapar das minhas garras sinistras? — Já bastava sobre ela. — E você? Conte-me todos os detalhes sórdidos.

Má escolha de palavras. Ou talvez as mais adequadas. Ambos estremeceram.

Ela estremeceu com a lembrança do ainda palpitante desejo.

Porque o fez?

— Se você quer respostas, — disse. — Tem que comer. Falo sério.

Oh muito bem. Ele foi honesto em cada passo da viagem. Disse que não iria envenená-la e ela acreditava. Fez um grande esforço para comer um pouco, exagerando cada movimento.

— Mais.

Muito bem!

Agarrou um punhado e colocou na boca. Havia tanto que mal podia mastigar.

Seus olhos brilharam alegremente, dando-lhe uma juvenil, inclusive maliciosa, aparência.

— Nunca me casei. — Disse depois que ela engoliu.

Quando ele não disse nada mais, ela olhou para ele.

— Uau. Vá mais devagar. Não tenho certeza se posso absorver toda esta nova informação.

— Meu maior defeito é minha total falta de defeitos. Sabe o fardo que é ser perfeito o tempo todo?

Ela ajeitou o cabelo.

— Sim, de fato eu sei.

Ele sorriu e lhe deu uma cotovelada no ombro. Logo, percebendo o que fez, ele franziu o cenho e limpou a garganta.

— O que quer saber de mim?

Ela odiava sua irritação pelo toque espontâneo, mas realmente gostava do que fez. Fale sobre o doce progresso.

— Porque tem uma tatuagem de borboleta?

Uma das sobrancelhas se levantou.

— Pensei que soubesse tudo sobre tudo.

— Eu sabia sobre os Senhores do Submundo antes, bem, antes. Meus espiões me contaram várias versões sobre a tatuagem.

— Espiões? Tipo capa e espada.

— Aprendi com o melhor. Hades. — Acrescentou, caso ele não houvesse colocado as peças juntas. Ela fez um gesto a sua cintura. — O significado.

— Coisas diferentes para pessoas diferentes. Consegui no dia da posse demoníaca.

— Então... É uma marca do mal.

— Para mim, sim.

— Bem, se me perguntar, — disse ela, — uma borboleta é um símbolo estranho para isso.

— Não acho que seja um símbolo. Acho que é uma lembrança de que o mal pode se esconder debaixo até mesmo da mais bonita das fachadas.

— É necessário um lembrete frequente?

— Apenas cada vez que olho no espelho.

Ela bufou.

— Você acaba de elogiar sua fachada bonita? Seu ego deve realmente precisar de afago.

— Algo precisa ser afagado corretamente. — Murmurou, seu olhar sobre ela, fazendo-a tremer.

Precisava de uma resposta atraente e brilhante.

— Oh, sim?

Uma boa, Sua Majestade.

Ficou rígido e desviou sua atenção dela.

— Quanto a fatos aleatórios sobre mim. Meu nome pornô é Dr. Miles Long. Eu prefiro comer os Nephilin que capturei à passas. Sinto muito, Keys, mas passas é o resultado da natureza fazendo merda.

Há!

— Meu nome pornô é Ivanna Longone. E se você não tomar cuidado, vou levantar um exército de passas e vamos comê-lo.

— Isso poderia ser divertido. Para mim. — Seu sorriso voltou, iluminando todo seu rosto. — Sou bom com os computadores, posso hackear qualquer coisa e durante séculos matei mais pessoas do que posso contar. Uma vez, — admitiu timidamente, — vivi por isso. Adorava.

— Ainda adora. — Lembrou-se de como ele lidou com perícia com as aranhas. — Mas apenas no campo de batalha.

— E quando se trata da proteção dos meus amigos.

Um familiar ciúme surgiu, mais forte que antes. Por estar no fim da lista desta proteção... Não apenas uma vez, mas para sempre, o futuro deles era tão importante para ele quanto o seu próprio... Poderia ouvir alguma vez algo mais doce?

— Sentem o mesmo por você? — Perguntou.

— Sim.

— Isso deve ser agradável.

— Muito.

— Existe a possibilidade de eles gostarem de mim? — Ah! A carência praticamente escorrendo do seu tom era humilhante.

Ela teria puxado as palavras novamente, mas ele olhou para ela, sua expressão preocupada, inclusive com dor.

— Princesa, eles ficarão loucos por você.

* * *

Viajaram por três reinos mais e Keeley começou a suspeitar que estivessem sendo seguidos. Ela não disse nada a Torin. Não havia nenhuma razão para fazer um escarcéu até que tivesse certeza. E ele faria. Seu humor ficava mais sombrio a cada dia que passava. Inclusive recorreu a fazer o que prometeu na caverna: nunca olhá-la ou falar com ela.

O primeiro reino era uma terra de privação sensorial total. Escuridão e silêncio. Passar por ele foi doloroso, tanto fisicamente quanto mentalmente. O segundo foi nada mais que uma montanha de gelo que tiveram que subir, e desde que Torin se negou a abraçá-la, o frio foi tão ruim quanto a escuridão. No qual estavam no momento tinha vários campos de ambrosia e papoula, narcóticos para os imortais e em todo momento tiveram que se esquivar dos Barões da droga imortais determinados a protegerem seus estoques.

Pelo menos, a veia protetora de Torin estava de volta; uma mudança agradável em sua indiferença e silêncio.

Gostava de pensar que ele usava seu silêncio para combater a intensidade de seus sentimentos por ela, bem como sua desesperada necessidade de reclamá-la e que, no final, seu desejo venceria. Mas a fantasia apenas a levava para longe e uma leve névoa começou a segui-la a cada passo.

Esta manhã ele saiu para caçar o café da manhã. Sozinho. Apenas para ele. Deixou isso muito claro. Já não arrumava sua comida ou esculpia, esperando que deixasse de seduzi-lo.

Bom, estava funcionando!

Um galho estalou. Um guerreiro que ela nunca viu antes entrou no acampamento, com a cabeça alta, os ombros eretos. Posso não tê-lo visto, mas eu o conheço. Era um dos prisioneiros do Reino das Lágrimas e Lamentações. Seu cheiro de pirulito proclamava sua identidade antes que ele dissesse uma palavra.

— Galen. — Disse ela com um sorriso de boas vindas.

Era tão alto como Torin e quase tão musculoso. Tinha a pele clara, o cabelo ondulado e olhos azuis como o céu da manhã. Um aspecto angelical. Suas asas foram arrancadas e estavam em processo de crescimento novamente, pequenas proeminências cobertas de suaves plumas brancas se estendiam sobre seus ombros.

Uma lembrança a tocou. Depois que os Tácitos se apoderaram do Reino das Lágrimas e Lamentações, eles fizeram todo o possível para chegar até Galen. A ideia de perdê-lo havia irritado Keeley; que começou a gostar de sua arrogância e vigor. Então, ela zombou dos Tácitos através das barras de sua cela até que um deles foi até ela com a intenção de silenciá-la. Só que foi ela quem fez a criatura se calar, usando sua navalha para abri-lo desde o nariz até o umbigo, tripas caindo por toda parte.

Isso era verdade. Assim foi como matou seu primeiro Tácito, atraindo a ira de seu irmão.

— Como chegou aqui? — Perguntou. Conhecia um pouco da sua história. Melhores amigos com Torin e os outros Senhores... Até que ele revelou seu plano para roubar de Zeus e abrir a caixa de Pandora.

Quando todos os guerreiros foram lançados na Terra, uma longa e sangrenta guerra se iniciou entre Galen e os Senhores. Uma que ainda permanecia forte.

Bom, pode ser inimigo de Torin, mas não é meu.

Tome esta guerreiro!

— Seguindo você, — Galen admitiu. — E não sou o único. Há três loucos possuídos pelo demônio atrás do seu sangue. De Torin, também. Mas eles não passaram pela ultima porta. De nada.

— Você os impediu?

— Violentemente. Não podia deixá-los se aproximar da minha garota.

Ela sorriu.

— Isso é tão doce. Obrigada.

Ele assentiu com a cabeça em reconhecimento.

— Fome? — Ela ofereceu um punhado de sementes de papoulas secas. O trabalho duro que foi necessário para roubá-las as deixava com um sabor mais doce, mas a falta de atenção de Torin deixou um gosto amargo em sua língua.

Galen negou com a cabeça.

— Não tenho muito tempo. Torin encontrou minhas pistas e está bem perto. Apenas queria lhe agradecer por distrair os Tácitos quando foram para minha cela.

— O prazer foi meu. Honestamente. — Porque não podia sentir-se atraída por ele? Era bonito, feroz e um garoto mau ao máximo.

Mas ele não era Torin. Teimoso, desdenhoso. Torin viciante.

— A propósito, — disse. — Seja lá o que está fazendo com o guerreiro, continue assim. Nunca o vi tão irritado.

Por favor.

— Ele não está irritado. Está tão tranquilo e frio como, bom, algo que é tranquilo e frio.

— Não. Ele a observa. Uma tempestade está se formando dentro deste homem e um dia, se romperá. Tenho a sensação de que ambos ficarão felizes com isso.

A nevoa finalmente parou, o sol brilhando.

— Você quer vê-lo feliz? — Perguntou.

— Nunca disse isso. — Bufou.

Outro galho estalou.

— Vá. — Disse ela, espantando-o com suas mãos. Mas Galen não se moveu rápido o suficiente e ela teve que riscá-lo a uns metros de distância quando Torin entrou no acampamento. Tal ato poderia parecer uma traição a Torin e ela sabia que ele não iria gostar. Mas não era uma traição, era uma medida de segurança. Sem luta, significava sem feridos.

Sem feridos, significa não ter que tomar partido.

— Alguém estava aqui. — Disse com a voz fria. Olhou para a esquerda e para a direita. — Ameaçou-a? Atacou-a?

Existe a possibilidade de este homem estar me observando.

A probabilidade de uma tempestade estar se formando dentro dele.

Satisfação encheu-a. Ignorando suas perguntas, disse, — Onde está o seu café da manhã?

Silencioso, ele esquadrinhou os limites do acampamento e enquanto fazia isso, o sol ficava cada vez mais brilhante.

— Vamos embora, — disse. — O limite do reino está apenas à uma hora de distância.

Encontrou-o? Sem ela?

Pânico apareceu, apenas para sumir. Ele podia tê-la deixado para trás, mas não o fez. Galen parecia estar certo.

A satisfação se intensificou quando ela ficou em pé e indicou a Torin para ir em frente. — Estou pronta.

Com o cenho franzido, ele tomou à dianteira. Chegaram à margem do reino uma hora mais tarde, tal como previsto e por causa do bloqueio que ela manteve em Galen, foi capaz de garantir que ele não ficasse para trás.

E, bom, sim, isso não era exatamente uma medida de segurança. Mas gostava de Galen e lhe devia por cuidar desses loucos possuídos por demônios. Seguramente Torin entenderia. Um dia. Depois que houvesse acertado o homem.

Ele olhou para ela por cima do ombro e franziu o cenho. Por quê? O que estava pensando?

Ela mostrou a porta e depois que ele a abriu, entrou. Ficou em seus calcanhares.

Honk!

Subitamente, uma interação movimentada de carros os rodearam, um veículo desviou-se para evitar bater neles, em seguida, desviou novamente para evitar um choque com outro veículo. Acabou batendo contra um poste.

O reino dos seres humanos. O reino de Torin, ela percebeu, onde seus amigos o esperavam. Tristeza rapidamente substituiu a satisfação. Tudo estava a ponto de mudar. Em breve, Torin se reuniria com os outros Senhores. Homens e mulheres que ele amava. Keeley faria o que prometeu, procuraria as mulheres desaparecidas, o espírito e a caixa. Torin faria o que prometeu; lhe daria prazer e então eles iriam se separar. Ele já não precisaria dela.

Mas eu ainda precisarei dele.

Pensamentos tolos, imersos no medo e no fracasso.

Apenas me preparando para o fim.

Nunca! Sua luta por seu coração ainda não terminou. Havia tempo.

Mais buzinas. Torin puxou-a para uma calçada, longe do tráfego. Alguém tropeçou nela. Uma mulher. O olhar que deu a Keeley, como se ela fosse algo que raspou da sola de seu sapato,

apenas mudou quando sua atenção desviou para Torin e suspirou, fazendo uma gota de ira percorrer Keeley.

— Sou da realeza. — Ela retrucou e o chão tremeu.

Dedos firmes passaram por seus cabelos e ela deu a volta para encarar Torin.

— Sim, — disse. — Claro que é.

Ele não reparou na mulher; só tinha olhos para Keeley, e estava tocando-a voluntariamente, alegremente.

— As mechas são como mel. — Disse, com admiração inconfundível.

Seu coração acertou as costelas. A cor de seu cabelo voltou a mudar, as tranças agora eram de um louro dourado brilhante.

— Verão. — Respondeu ela, sem fôlego, sabendo que seus olhos brilhavam em um puro azul bebê.

— Linda.

— De verdade? — Manchada de sujeira, usava uma camiseta e uma calça de moletom esfarrapada, sem sapatos, tinha que estar asquerosa. Ou pior. A mulher humana certamente parecia pensar assim.

— Realmente eu... — Ele ficou rígido, olhou sua mão enluvada como se fosse uma criança pequena que desobedeceu a seu pai e a deixou cair. — Estamos em meu território princesa. Vou ditar as regras para você.

Regras?

— Está brincando, certo? Eu não obedeço ninguém além de mim mesma e até isso é duvidoso. — Alguém se chocou contra ela. Desta vez um homem.

Torin franziu o cenho e o empurrou.

— Peça desculpas ou morre.

— Sin-sinto muito senhora. De verdade sinto muito. — O rapaz saiu correndo.

— Senhora? — Gritou com a esperança de esconder a feroz reação de Torin. — Estou usando calças de uma mãe? Não acredito!

Torin olhou para a própria mão duramente. Então, franzindo o cenho, ele entrelaçou seus dedos com os de Keeley e puxou-a pela calçada.

Chocante! Ele está segurando minha mão agora. De fato, estamos de mãos dadas. Com nossos dedos entrelaçados e tudo.

— As regras, — disse Torin. — Você não olha para outros homens. Não fala com eles. Nada de sentir luxúria por eles.

Feito. Feito. Feito. Não deveria parecer muito ansiosa.

— Por quê?

— Não quero lidar com outra praga.

E a praga se espalharia porque... Ele colocaria suas mãos sobre alguém que ela desejasse... Poderia machucá-los?

Ele está com ciúme. Que início prometedora.

— Como você quiser.

— Com toda maldita certeza será.

Sorrir seria uma resposta inapropriada, certo?

— Então, aonde vamos?

— Em algum lugar onde eu possa carregar meu celular e ligar para o meu amigo Lucien. Ele será capaz de me levar para casa.

Uma pontada de pânico...

— E eu?

— Você não deve ter nenhum problema em nos seguir.

... Eliminada pelo alívio.

— Claro que não. Sou a Rainha Vermelha.

— Sim, sim. Super Poderosa. Você vai estar em seu melhor comportamento.

— Não estou sempre?

— Falo sério Keys.

— Sim, você está me insultando de verdade e é possível que deseje reconsiderar.

— Você não vai prejudicar meus amigos.

— Prometi que não o faria.

— Eu sei, mas...

— Não termine a frase, — disse. — Eu poderia decidir que suas tarefas não são dignas do meu tempo.

Uma pausa. Uma declaração.

— Sinto muito.

— Não soa como se sentisse.

Suspirou, a ira pareceu escorrer dele.

— Sinto muito. Realmente, sinto muito.

Muito fácil. Teria sido melhor se houvesse lutado com ela sobre isto. Ao menos um pouco. Porque com estas cinco palavras, deixou claro que suas habilidade eram mais desejadas do que ela, talvez a única razão pela qual a tolerava.

Ganhar seu coração? Realmente tinha alguma chance?

— Apenas... Não importa o que aconteça, — disse, — por favor, não destrua a minha casa.

Tinha fé nela? O chão tremeu.

— Quer que eu deixe você?

— Não! — Ele virou-se para ela, com os olhos brilhantes pela ameaça. — Princesa, estou tentando protegê-la de uma guerra com os meus amigos. Isso é tudo.

Não, ele estava tentando se salvar de ter que tomar partido.

Como eu fiz?

Quase o mesmo!

— Pensei que disse que ficariam loucos por mim.

Passou a mão pelos cabelos.

— Eles ficarão. Devem. Mas...

Mas. Sempre, mas.

— Esqueça os Senhores. Quero mais do que proteção de você. — Uma vez, ela deu as boas-vindas à sua disposição de agir como seu escudo, inclusive viu como um sinal de afeto. Hoje? Ela via como o que na realidade poderia ser. Uma maneira de proteger seu investimento.

Ele abrandou, mas apenas ligeiramente.

— Acredite. Eu sei. Deixou bem claro.

Oh, não, ele não disse isso.

— Acaba de me repreender por fazer o que secretamente você queria, mas não tinha coragem de pedir? Se for assim, vou estripá-lo.

Seus ombros caíram com a derrota.

— Não foi uma reprimenda. É a razão pela qual tive uma ereção durante quatro malditos dias.

Oh.

Oh!

Ah sim? Sério? Isso é tudo o que tenho?

— Contrariamente ao que pensa, — continuou, a ameaça voltando, — Não gosto de deixá-la doente e me perguntar se vai conseguir sobreviver ou não.

— Acha que gosto de arder em febre, tossir meus pulmões e vomitar minhas entranhas? — Sua fúria voltou com a mesma rapidez, correndo em um nível superior. Uma vez mais, o chão começou a tremer. *Calma. Devagar. Inocentes ao redor.* — Diferentemente de você, acho que a oportunidade de ficarmos juntos vale a pena o preço.

— Não, se considerar seu prazer mais importante que a minha culpa.

Palavras duras.

Mas também eram justas. Porque era verdade. Nunca pensou nestes termos antes, ela o querendo versus as emoções dele. Mas talvez devesse pensar nisso.

Tentou dizer a si mesma: *ao menos ele se preocupa com o meu bem estar.* Mas não era um prêmio de consolação muito bom.

— Tudo bem, — disse ela. — Você não pode lidar com isso. Notável. Nosso negócio está terminado.

— Pare com isso. — Ele gritou.

— Eu ainda vou ajudá-lo. — Ela cuspiu, e o alívio dele foi palpável. Cuidar do seu bem-estar? Por Favor. A verdade tornou-se subitamente muito clara. Para ele, ela era e seria sempre um burro de carga. Nada mais. — Você me deve favores. Não sexuais. Para serem nomeados em data posterior.

Suas inspirações se tornaram mais rápidas, mais profundas.

— Tudo bem. — Ele retrucou.

— Tudo bem. — Ela retrucou. — Agora chame seu amigo antes que esqueça que somos parceiros e perca os estribos.

— Nós não queremos isso, certo? — Um sorriso de desprezo em seu tom. — A princesa tem que conseguir o que quer ou todo mundo sofre.

Antes ela se queixara de sua calma diante de seu temperamento. Que tolice!

— Você sabe que tenho problemas com controle. Temperamento é o meu defeito.

— O que sei é que usa suas emoções como desculpa. Poderia se controlar, apenas escolhe não fazê-lo. E como diabos pode ficar aí e me castigar por repreendê-la quando seu temperamento está alcançando níveis perigosos?

Homens estúpidos com excelentes pontos era uma irritação.

— Bom, eu também posso optar por não ficar perto de você um segundo mais. O que acha?

Antes que ela fizesse algo que não pudesse desfazer, riscou a algum lugar subterrâneo que havia adquirido secretamente antes de se mudar com Hades. Toda garota precisava de um santuário.

E preciso de um agora mais do que nunca.

Apesar de tudo o que Torin disse sobre ainda querer trabalhar com ela, todo o argumento caiu por terra. E ela já tinha visto esse filme muitas vezes antes.

CAPÍTULO QUATORZE

Cameo amaldiçoou, esmurrou uma parede, chutou um criado-mudo, destruiu uma cômoda, lançou as gavetas através do quarto... Mas... nada, sua raiva não diminuiu. Ela e Lazarus haviam lutado com os jacarés-zumbis híbridos, ou o que quer que eles fossem, e fizeram isto em um portal sem sofrer nenhuma lesão, só para acabar em outra maldita dimensão. *Ou reino. Tanto faz!*

Era um lugar onde a compra e venda de escravos sexuais era um estilo de vida esperado.

Eles foram cercados por um exército de guerreiros armados com armas de fogo em apenas dois passos e nocauteados antes de uma batalha poder ser travada. Enquanto inconscientes, eles foram desarmados, banhados, vestidos na mais ridícula roupa, ou falta dela, e trancados ali... Um quarto luxuoso com uma mobília tão fina que não havia dúvidas de que não foi feita por mãos humanas.

Luxuoso e adorável, sim, mas ainda assim uma prisão. Infelizmente, a porta era impenetrável e não existia nenhuma janela.

Lazarus estava reclinado na cama como se fosse um sultão aguardando a atenção de sua concubina favorita. Ele estava vestido como um sultão, também. Sem camisa, embora um robe de veludo escuro estivesse estendido sobre a larga expansão de seus ombros. Suas calças eram coladas ao corpo e brancas, com diamantes pregados nas costuras.

Uma tigela de fruta estava próxima a ele. Ele estalou uma uva em sua boca e sorriu suavemente para ela.

— Por que você simplesmente não pode apreciar nossa nova situação, raio de sol?

Como ela detestava quando ele usava aquele apelido estúpido. Ele ficava mais condescendente a cada dia que passavam juntos.

— Nossos captores vão nos levar à leilão. Você não entende isto?

Comeu outra uva.

— Você tem medo que ninguém a queira? Você tem essa voz trágica, afinal.

Ele apenas tinha que tocar nesse assunto, não é? Ele sempre tinha que fazer isso. Por quê? Não era como se ela precisasse de um lembrete.

— Nós seremos separados. — Ela assinalou.

Entediado, ele estirou os braços acima da cabeça. Ele parecia preguiçoso. Lânguido. Sexual.

— E?

— E eu preciso de você. Você é meu único ingresso para casa. — Ele sabia como achar as portas entre os reinos; ela não. Ele podia ver cada monstro em cada reino, seus olhos abertos para um plano espiritual que ela apenas não podia distinguir. E quando ele se aplicava, podia se sair bem em qualquer situação. Ela não era sempre tão sortuda.

Neste momento, ele era inestimável para ela.

— As coisas são assim, raio de sol. — Ele colocou a tigela de frutas na única mesinha que ela não danificou. — Eu não preciso de você. — Seu escuro olhar deslizou por todo o corpo dela com propósito calculado. — Não ainda, de qualquer maneira.

Ela endureceu, dizendo, — O que você está insinuando?

Ele arqueou uma sobrancelha, divertido. Sempre maldosamente divertido.

— O que você pensa que eu estou insinuando?

— Se eu não fizer sexo com você, você ficará mais que feliz em ser separado de mim.

— Oh, bom. Eu achei que havia confundido você.

Ela diminuiu a distância e girou para bater nele, mas ele se esquivou.

Uma risada suave e rouca escapou dele.

— Seus outros homens eram tão ruins que você se recusa dar uma chance a outro?

— Eu darei uma chance a alguém, mas tenho que gostar dele primeiro.

Ele encolheu os ombros.

— Azar seu.

— Por que você ainda quer isto? Você não gosta de mim. — Ela disse.

Ele pensou por um momento, deu outro encolher de ombros.

— Talvez eu goste da sua disponibilidade.

Oh, o romance. Sua voz tão seca como sujeira, ela disse, — Então porque não estou me atirando sobre você neste exato segundo?

— É definitivamente um mistério.

Argh! Ele tinha resposta para tudo.

— As coisas são assim, poço escuro. Se você se deixar ser vendido sem protesto, estou certa que outras mulheres estarão disponíveis para você. Talvez até alguns homens, também. — Ela sorriu para ele. — Divirta-se com isto.

A ameaça não o perturbou.

— Exatamente o meu ponto. E enquanto eu estou bem com o rumo dos acontecimentos, nós dois sabemos que você não está. Eu sobreviverei. Você não.

Ela não era impotente! Não importa o que ela pensou um momento atrás.

— Você me viu lutar. Sabe que sou boa.

— Sim, mas você não é boa o suficiente. — Ele respondeu facilmente. — Aqueles homens que nós encontramos? Eles são assassinos. Claramente treinados pelos melhores dos melhores. Então, aqui estão minhas condições: Dispa-se, suba nesta cama e se dê para mim, e eu não permitirei que você seja vendida para ninguém.

Um calafrio correu por ela. O pensamento de beijá-lo... Tocá-lo... Estar com ele encantou seu corpo da forma mais primitiva. Ele era força, e era beleza. Ele era poder em sua forma mais pura, e ela adoraria nada mais do que ter um gosto disso. E, no fundo, sem importar quão desesperadamente ela tentasse negar, ela o queria. Queria ser segurada, e confortada, e sim, ter prazer. Uma tentativa feita, pelo menos. Fazia tanto tempo...

Mas ela levantou seu queixo e disse zombeteiramente, — Então, basicamente, você quer que eu me prostitua.

Finalmente, uma reação diferente de diversão. Seus olhos se estreitaram para fendas minúsculas.

— Você está dizendo que não sente nenhum desejo por mim?

Ela poderia mentir. Ela queria desesperadamente mentir. Era difícil para ela confiar no sexo oposto. Assim que Alexander soube sobre o demônio dentro dela, ele entregou-a para os seus inimigos.

As coisas terríveis que eles fizeram com ela...

E ainda assim não culpou Alex por suas ações. Ela culpou o medo. Quando ela escapou, foi até ele, pensando que a amaria novamente se apenas explicasse sua situação. Ele simplesmente a atraiu para outra armadilha.

Quando ela conseguiu se libertar, as pessoas para quem ele trabalhava, os Caçadores, estavam dispostos a matá-lo para chegar a ela.

“Venha conosco de boa vontade ou assista ele morrer.”

Ela assistiu ele morrer.

Lazarus não é Alex. Ele sabia sobre o demônio. E se ela era o mal, ele era o mal dez vezes mais. Que par eles faziam.

Além disso, ela não era uma covarde, com medo das consequências de dizer o que pensa.

— Não! — Ela admitiu. — Não é isso que estou dizendo. Mas força é força. Também, diferentemente de trinta e oito por cento da população, eu me recuso a estar com um homem que pensa em mim apenas como uma conveniência.

— Este é um número bastante específico.

— Eu gosto de estatísticas. — Ela tendia a jorrá-las sempre que seus nervos chutavam. Torin costumava provocá-la sobre isto.

Oh, Torin. Eu sinto tanto sua falta.

Ele nunca a teria tratado desta forma.

Lazarus sentou-se e dobrou o dedo para ela.

— Venha aqui.

Seu coração saltou uma batida traiçoeira. Engolindo, ela disse, — Por quê?

— Tão desconfiada, — ele estalou. — Você tem medo do que eu farei, ou do que eu farei você sentir?

— Eu não tenho medo de nada. — Ela apertou sua língua para o céu da boca e, embora arrastando os pés, posicionou-se entre as coxas dele. Arrepios apareceram inesperadamente em sua pele. Ele olhou para ela, cabelo escuro caindo por sua testa, roçando seus cílios. Seus olhos eram tão negros quanto a noite, e ela não podia distinguir a íris, entretanto, não importava. Ambos brilhavam com um calor que queimava até os seus ossos.

Ele pôs as palmas em sua cintura, e ela ofegou.

— Tão bonita. — Ele elogiou, seu olhar passando sobre ela.

Ela vestia um sutiã rosa feito de renda e uma calcinha combinando, permitindo-lhe ver como seus mamilos endureciam.

— Tão sensível.

Ela engoliu em seco, lutou contra um calafrio.

— O que você está fazendo?

O aperto dele aumentou.

— Sua disponibilidade é apenas uma das razões de que eu quero você. Pergunte sobre as outras. — Um comando severo.

Um que ela se recusou obedecer. Ela balançou a cabeça. Ela não queria saber.

Ele disse de qualquer maneira.

— Desde o momento em que abri meus olhos e me achei preso em um reino com você, eu quis substituir sua tristeza por prazer. E, Cameo? — Ele perguntou roucamente. — Eu vou fazer isto. — Ele pegou-a e virou, jogando-a no colchão. Seu peso musculoso a prendeu antes que ela saltasse, ofegando novamente.

— Eu não comprarei sua ajuda. — Ela se forçou a dizer.

Pela primeira vez, os olhos dele estavam vazios, sem qualquer sugestão de diversão ou desdém.

— Talvez eu esteja tentando comprar a sua.

— Mas você disse que não precisa...

Seus lábios se chocaram com os dela, sua língua empurrando fundo, cortando suas palavras, a doçura de seu gosto invadindo seus sentidos.

Eu me sinto... Bem. E era bom. Tão bom. Bom, bom, bom. A palavra ecoou por sua mente. *Nunca me senti tão bem.*

Todas as razões pelas quais ela deveria resistir a ele perderam a importância. Ele a estava usando... Bem, ela o usaria, também. Ele provavelmente a lançaria de lado segundos após terminarem. *Não se eu o afastar primeiro.* Ele não a respeitou.

— Oh, eu respeito você. — Ele disse, e algo sobre a resposta a aborreceu, mas apanhada em prazer como estava, não podia decifrar. Ele arrancou os grampos do cabelo dela. — Nunca encontrei uma mulher como você. Tenho que ter você. Morrirei se não tiver. E gosto mais de você a cada segundo que passa... Valorizo essa primorosa sensação de você.

Resistência derrapou quando ele mergulhou de volta para outro beijo fumegante, mais duro desta vez, mais profundo. Ela amou, amou aquele prazer arrancado de sua fachada tranquila e o deixou balbuciar, enquanto suas palavras continuaram a picar nitidamente atrás de sua mente.

Devia estar incomodada pelo que ele disse ao invés de extasiada.

Mas por quê? Realmente, quem se importava? Ele rasgou o sutiã no centro, e o material abriu. Então suas mãos estavam em seus seios, amassando a carne dolorida, roçando seus polegares através dos pulsantes mamilos dela.

Mais e mais tristeza vazou para fora dela e isto... Era... Glorioso.

— Você gosta disto. Gostará ainda mais da minha boca. — Ele substituiu seus polegares por sua boca, a língua sacudindo, criando uma fricção atordoante. Então, ele começou a chupar, duro, fazendo suas costas arquear fora da cama, prazer disparando através dela, e seu nome separando seus lábios.

— Irei tomar você duro e rápido desta vez, — ele disse, dando à sua calcinha o mesmo tratamento que seu sutiã recebeu. Ele se sentou tempo suficiente para tirar o robe de lado e jogar

longe suas calças. Deixando-o nu. Gloriosamente, incrivelmente nu. — A segunda vez será lento e doce.

Ela estremeceu. Tendo passado sua vida com guerreiros, ela estava acostumada a homens que tinham sido afiados no campo de batalha, mas Lazarus era algo completamente diferente.

Ele agarrou sua ereção dura como ferro enquanto ela o estudava.

— Isto é para você. Tudo para você. Nunca se esqueça. — Seus joelhos engaiolaram as coxas dela, mantendo as pernas trancadas firmemente juntas quando ele passou novamente o olhar sobre ela.

Diferentemente de antes, quando ele olhou-a de cima a baixo com tal propósito calculado, a ação a fez tremer e doer. Ele irradiava intensidade selvagem, nada escondendo como se tivesse perdido sua humanidade e encontrado o brutal animal escondido dentro. Como se ele pudesse matar para tê-la. Como se ele verdadeiramente não pudesse viver sem se afundar dentro dela.

— Deixe-me mostrar o que é para você. — Ela disse suavemente.

— Sim. — Ele deslizou as palmas debaixo de seus joelhos e espalhou suas pernas por fora de suas próprias. Ele olhou fixamente para ela, seus olhos brilhando ardentemente. — Ainda mais bonita. — Lentamente ele se inclinou, a cada segundo sem seu peso agonizante. E então, finalmente, ele estava em cima dela, e ela estava enrolando suas pernas ao redor da cintura dele, pronta, tão pronta.

Quando ele posicionou-se para a penetração, ela achou que ouviu um golpe na porta.

— Lazarus, — ela disse em um gemido, tentando adverti-lo. Mas tudo que podia fazer era implorar por mais. — Por favor. É tão bom.

Suor gotejou de sua têmpora.

— Quem quer que seja irá embora. — Mas um segundo se passou e mais outro, e ele não entrou nela. Ele esperou, e o bater ficou mais alto, vindo mais rápido, até que Lazarus empurrou-se na vertical e amaldiçoou. — O quê!

O interlúdio deu a ela uma chance para pensar.

— Nossos captores. — Ela ofegou, seu desejo esfriando quando percebeu que uma luta estava prestes a começar. Eles estavam para entrar repentinamente no quarto e arrastá-la para o leilão. Bem, não havia como ela permitir que alguém a vendesse. Ela preferiria morrer.

A porta se abriu, e dois guardas armados marcharam para dentro.

Um Lazarus carrancudo lançou um cobertor em cima dela, cobrindo sua nudez. Ela apertou o material em seus seios e correu em busca de sua roupa.

— Sua Grande e Temível Alteza. — Um dos guardas disse.

Ambos se curvaram.

Espere. Cameo parou, sua testa franzindo em confusão.

Lazarus estava tão duro quanto uma tábua, quieto.

— Você tem dois segundos, e então morrem.

Ambos empalideceram.

Um disse, — Sei que você nos disse para não interromper, mas você tem um convidado. Um criado que diz que a Rainha Vermelha está no jogo. Nós sabemos que você tem procurado por ela, Majestade.

Ela estava intrigada com a Rainha Vermelha até que percepção bateu nela, fazendo-a ofegar. Mas a percepção não tinha nada a ver com a realidade. Lazarus era... Ele era...

Olhando para ela com algo semelhante a arrependimento. Ele dispensou os homens.

Eles obedeceram. Porque eram seus homens.

Seus.

Ele não era um prisioneiro, afinal.

Ele levantou e arrastou suas calças. Em seguida, olhou para ela novamente, e desta vez o humor estava de volta.

— Bem-vinda ao meu reino, raio de sol.

* * *

Baden segurou Pandora pelo pescoço, suas pernas balançando acima do chão e chutando nele. Ele apenas apertou mais, sufocando-a com tanta força que seus olhos esbugalharam e seus lábios ficaram azuis. Ele fez isto calmamente. Se suas emoções estivessem envolvidas, seu cabelo já teria pegado fogo. Era uma habilidade que ele tinha desde antes de sua possessão, e que manteve depois. Ele não estava certo do motivo pelo qual nenhum dos outros Senhores reagia à emoção escura desta forma.

Pandora se atrevera a colocar-se sobre ele enquanto ele dormia e plantar um punhal em seu coração. E seu estômago. E sua coxa. Um rápido trabalho de punhalada, punhalada, punhalada.

Se eles vivessem em outro reino, a ação o teria matado. Novamente. Mas eles não viviam. Eles viviam aqui, separados de outras almas mortas, não tão bom quanto qualquer nível dos céus, mas ainda não prontos para o inferno.

Ele experimentou a dor dos cortes, mas não a última consequência. Ele se curou, e em seguida, a seguiu.

— Você tem algo para me dizer? — Ele perguntou da mesma forma tranquila. Ela se desculparia, ou continuaria a sofrer.

Quando ela tentou assentir, ele liberou seu agarre.

— Sabia que você iria... Reagir... Deste modo, — ela ofegou. — Esperei por... Isso. Planejei isso.

Ele franziu o cenho, e então a soltou. Uma espada foi empurrada pelas costas dele e saiu por seu peito. Ele olhou abaixo, confuso, antes que seus joelhos cedessem. Pandora caiu no chão, seu suspiro de dor misturado com o dele.

Instintivamente, ele se jogou na frente dela, protegendo-a de qualquer inimigo espreitando atrás dele. Era Cronus ou Rhea, e julgando pelo cheiro de lírios no ar, ele estava supondo Rhea. Pandora era sua para machucar, de ninguém mais.

Porém, Pandora o chutou para longe e, com ajuda de Rhea, ficou em pé.

A antiga rainha dos Titãs sorriu para ele, tão satisfeita consigo mesma quanto podia estar. Ela era uma mulher bonita, com cabelo tão preto quanto o de Pandora e pele branca cremosa. Mas enquanto a ex-rainha tinha olhos azuis, os de Pandora eram tão escuros quanto seu coração malvado.

As duas estavam trabalhando juntas, não estavam? Uma sensação de traição o abateu.

Talvez Pandora sentisse isto. Ela cuspiu, — O que você esperava? Você está planejando me deixar para trás quando for resgatado.

— Não. — Rhea disse, soando segura. — Ele não está deixando qualquer um de nós para trás. E você quer saber por que, Baden?

Olhando para ela, ele agarrou a espada pela lâmina, o metal cortando toda distância até o osso. Gotas de energia escorreram em vez de sangue quando ele arrancou a arma de seu tórax, o cabo arrastando por ele, quebrando suas costelas e emergindo com pedaços de seu coração recém-curado.

Ele ficou no chão, ofegante, mas silencioso.

Irritada por sua indiferença, Rhea plantou as mãos em seus quadris.

— Eu direi a você o porquê. Porque você sabe que a Rainha Vermelha usará a Estrela da Manhã para seu próprio proveito. Ela não dará a você um segundo pensamento. Ou, se ela fizer, fará com que você pague por sua ajuda. E o que você tem para dar a ela? Nada.

— Eu não vou pagar. — Torin pagaria, e todos sabiam disso.

— Você assistiu as névoas como nós. Você sabe que ela e Torin se separaram, e ela pode não estar disposta a ajudá-lo mais. Pode atacar por conta própria. Nós só podemos confiar em nós mesmos para encontrar a Estrela da Manhã, e temos que fazer isto antes dela. Você pode atacar

por conta própria, sim, mas contra um ser tão poderoso você terá uma chance melhor de sucesso se alguém estiver assistindo suas costas. Alguém como eu. Mas, não o ajudarei até que eu tenha sua promessa de me conceder o que eu desejar quando a Estrela estiver em sua posse.

— Ei! Não foi isso que nós combinamos. — Pandora gritou com a rainha.

Rhea sacudiu seu cabelo acima de seu ombro, ignorando-a, e disse para Baden, — Até então. — Ela afastou-se.

CAPÍTULO QUINZE

A casa que Keeley se lembrava de deixar para trás não era a casa que ela atualmente encontrou em seu retorno. Ela devia estar no meio de uma caverna primitiva, embora palaciana, cheia com o sedimento mais bonito e todos os seus tesouros. Isto era uma maravilha moderna sem nenhuma de suas mobílias, joias ou vestidos. As novas peças pareciam ter vindo do harém de um sultão.

Como isto aconteceu?

Havia uma fonte de água quente completa com uma cascata atrás. Sofás de pelúcia, tapetes coloridos por toda parte. Uma mesa de café esculpida de belo jacarandá e cercada por almofadas enfeitadas com contas. Um guarda-roupa feito do cristal que outrora enfeitou o teto, estourando com uma ordem de roupas mínimas. Jeans de quadril baixo. Tops de alça. Minissaias.

Quem era o responsável não deixou qualquer sinal da identidade dele, ou dela. E embora as mudanças fossem boas, elas a enfureceram. Seu santuário tinha sido invadido sem sua permissão.

O teto acima dela se agitou. As paredes ao lado dela e o chão, também.

“A Princesa tem que conseguir tudo o que quer ou todo mundo sofre.”

“Você escolheu não controlar isto.”

As palavras de Torin a assombraram. Ela inspirou... Expirou... Forçou sua mente a focar em coisas positivas. Ela podia tomar um banho longo, vaporoso. Ela podia se vestir para matar. Então podia retornar para Torin e deixá-lo duro por outros quatro dias. E sem importar quanto tempo ele implorasse, ela não o tocara! Ela o negaria como ele pareceu apreciar negá-la.

Só assim, a agitação cessou.

Talvez ela pudesse controlar a reação, afinal.

Keeley andou pela caverna inteira, procurando por equipamentos de segurança, sem achar nada. Isso significava que seu benfeitor podia relampejar, o que estreitou a lista de suspeitos zero para... Zero. Ela não tinha nenhum amigo, nenhuma família.

Talvez um inimigo?

Mas por que um inimigo a ajudaria?

Refletiria sobre isso mais tarde.

Ela banhou-se como imaginou, usando seus sabonetes e óleos favoritos, cada um aromatizado com flores silvestres e amêndoas. Embora desse boas-vindas a um cochilo, seu

primeiro em eras, seu provedor misterioso tinha vetado a possibilidade. Ela não podia arriscar a chance de alguém se mover furtivamente enquanto estivesse indefesa.

Ela vestiu uma camisa azul bebê que combinava com seus olhos, as alças unidas por, ela estava só supondo, um desejo, bem como um par de shorts curtos, então completou o visual com botas de vaqueiro incrustadas de diamante. Nada mal. Um pouco divertido, muito sensual.

Eu espero que você sufoque em seu desejo por mim, Torin!

— Eu estou contente por você estar aqui. E parecendo tão bem.

Aquela voz... Como levar um taco de beisebol na cabeça.

Lentamente, ela girou para enfrentar o intruso indesejável. Hades. Claro. Porque isso era a cereja no topo em seu dia derretendo como um sundae.

Ele estava tão bonito quanto ela recordava... não, não mais. Ele parecia mais alto, mais musculoso. Escuro e elegante. Vestindo um terno preto combinando com uma camisa branca e uma gravata vermelha, ele era um exemplo de classe e sofisticação, como se nunca tivesse conhecido um momento de dor ou sofrimento.

Talvez ele não tivesse.

Mas ele iria. Logo.

O desejo de atacar foi imediato e forte, mas ela resistiu. Na guerra, existem momentos para a batalha e momentos para planejar. Sim, ela sabia o resultado final que desejava, mas a estrada para chegar lá precisava ser trabalhada. Não havia lugar para erro com este homem. Especialmente desde que ela podia sentir o calor de múltiplas cicatrizes de enxofre pulsando dele.

— Por que você redecorou minha casa? — Ela exigiu.

— Para fazê-la mais bonita para quando retornasse.

Como se ele esperasse ela retornar.

— Estava bom como estava. Eu quero meus vestidos.

Seu sorriso surgiu lentamente, mas brilhou como luz solar quando alcançou a potência total.

— Essa é minha Keeleycael. A mulher que costumava me pedir para ir buscar seu sorvete, só para gritar comigo por permitir que comesse.

Uma menina tinha que observar sua ingestão calórica. Realização atingiu-a.

— Eu não sou sua Keeleycael. — Ela rosnou.

— Você tem certeza? Isto soa como um resmungo.

— Eu não estou resmungando. Eu sou uma palestrante motivacional. Mas posso adivinhar por que você fez o que fez. Você usou minha casa como uma cabana de amor. Admita.

— Eu não tenho nenhuma necessidade de mais cabanas de amor, querida. Eu as tenho espalhadas pelo mundo inteiro.

— Eu não sou sua querida! — O desejo de atacá-lo aumentou. — Mas você foi corajoso, — ela zombou. — Decidindo vir pessoalmente por mim desta vez, em vez de enviar seus servos.

Ele ignorou o insulto implícito e revelou o sorriso preguiçoso que uma vez derreteu seu coração, e sua calcinha.

— Você é extraordinária, querida. Nenhum dia se passou sem que eu não tenha pensado em você... Sentido sua falta... Desejado você em meus braços.

Como ele se atreve! Tão calmamente quanto podia, ela disse, — Nenhum dia se passou sem que eu não pensasse em você também... no chão, seu tórax aberto, seus órgãos internos formando um círculo em chamas ao redor de você.

Seu sorriso revelou uma borda sardônica, ele disse, — É isso que custaria para reconquistá-la outra vez?

Reconquistá-la? Como se!

— Você mentiu para mim, envenenou-me, enganou-me e garantiu minha prisão. Nós passamos do ponto de segunda chance.

— Eu nunca envenenei você. — Ele disse com uma careta.

— Então por que eu estava sempre em uma névoa? — A resposta pareceu carregar diretamente em seu cérebro. *O vínculo... A escuridão dele.* Ela alimentou-se dele em uma base diária; ele não sabia nada sobre a névoa.

Bom. Um crime para suspender de seu caderno preto.

O vínculo com Torin não causou qualquer tipo de névoa, só um aumento na excitação.

— Não importa, — ela disse. — Não importa. Eu estou mais velha. Mais sábia. Não há nada que você possa fazer para mudar minha opinião terrível sobre você. — Além disso, ele nem sequer a queria. Não realmente. *Eu valho um barril de uísque para ele.*

Como Torin, ele só queria algo dela.

— Keeleycael...

— Não! — Ela gritou. — Não me chame assim! — *Eu não sou mais aquela menina tola.* Forçando seu tom calmo novamente, ela disse, — Esta é uma continuação do seu plano para me debilitar? Para impedir que eu me torne mais poderosa que você?

Ele andou pelo espaço, traçando a ponta do dedo sobre a bancada da cozinha...

Seu estômago deu um embaraçoso ronco.

— Porque já é muito tarde.

...E levantando uma das bugigangas que ele deu a ela.

Nota mental: jogar no lixo.

— O que fiz para você foi um erro. — Ele disse.

Um erro. Uma palavra bonita para os horrores que ela suportou.

— Que triste para você.

— Um que eu nunca cometerei novamente.

— Porque logo você estará muito ocupado estando morto.

Ele suspirou.

— A propósito. Você devia dar um aumento aos seus servos. Todos os insultos, cuspidas e mais recentemente, a tentativa de me matar? Estrela dourada pelo esforço. Realmente.

— Insultos? Cuspidas... Matar? Keeleycael... Keeley, você tem minha palavra que eu não sabia nada de tal tratamento. Eu enviei os servos com ferramentas para ajudá-la a fugir.

— Certo. Isso faz toneladas de sentido. Você podia ter pessoalmente me ajudado, e ainda não me recordo de sua visita à prisão. Além disso, sua palavra não significa nada.

— Eu não podia dar à Cronus a chance de me encarcerar.

— Oh, querido. Você está certo. Mas você chamaria isso de egoísmo? Ou apenas frio planejamento?

Sua voz estava combinada com uma ameaça à medida que ele adicionou, — Os servos falharam em me obedecer, e eles serão castigados.

Mentiroso! E de repente, ela não podia aguentar estar ao redor de outro macho tão determinado a usá-la.

— Saia.

Um segundo ele estava do outro lado, no próximo estava na frente dela, brincando com as pontas do cabelo dela. Ele exalava sedução... Carnalidade.

Ela queria apenas arrancar os olhos dele.

— Levou apenas alguns anos longe de você para perceber a profundidade de meu erro. — Ele disse.

— Alguns anos, — ela secamente respondeu. — Minha atração é tão potente? Como sou especial!

— Eu passei tempo com outras mulheres, claro, mas nenhuma podia se comparar a você. Eu quero você, mais poderosa que eu ou não.

— Oh, eu sou. Sou definitivamente mais poderosa que você.

Seus olhos se estreitaram.

— Nós faríamos uma equipe invencível.

E lá estava ela. A verdadeira razão pela qual ele a queria. Ele podia também lançar sua cabeça para trás e dar uma risada maléfica carregada.

Mwahaha.

— Eu não acredito que a morte é boa demais para os meus inimigos. — Ela disse.

— Vê? Nós pensamos da mesma forma.

— Você é meu inimigo. Eu odeio você.

— Muito bem. Você precisa de tempo, espaço, — ele disse. — Eu entendi. Mas em breve virei por você, querida. Você será minha novamente.

A arrogância! A audácia!

— Desculpe, mas eu já tenho um homem, — Um que ela não gostava no momento, mas ele ainda era dela. — Realmente, não. Eu não sinto muito. Ele me faz rir. Ele apenas me toca e eu disparo como um foguete.

Ira detonou nos olhos escuros de Hades.

— Quem é?

Aquela ira, outra bonita mentira querendo ganhar seu coração, fazê-la pensar que ele se importava, assim ela se apaixonaria por ele e poderia machucá-la mais facilmente.

— Isto não é de sua conta. Mas, Hades? — Ela disse.

— Sim, querida. — Ele respondeu, e não soou feliz.

Ela relampejou um punhal em sua mão e afundou a lâmina no fundo de seu estômago. Ela não podia usar seu poder contra ele por causa daquelas cicatrizes estúpidas, mas ela podia usar uma arma. Ele silvou em uma respiração quando sangue morno cobriu sua mão. Aperto esperando. Aperto planejando. Ela não podia resistir em atacar.

Ela esperou que ele explodisse.

Ele apenas sorriu novamente, e apertou um beijo duro contra seus lábios.

— Seus vestidos serão entregues no final do dia de amanhã. Até a próxima vez, querida. — Ele desapareceu.

* * *

Torin varreu seu braço acima do criado-mudo derrubando a luminária. Onde diabos estava Keeley?

Desde seu desaparecimento, ele foi para um cybercafé, trabalhou um pouco de magia no computador, visitou um banco e sacou alguns fundos. Ele alugou um quarto de hotel elegante, carregou seu telefone. Chamou Lucien, deixou uma mensagem quando passou direto para o correio de voz.

Tudo isso em duas horas.

Keeley se foi há seis.

Ele sabia que ela não teria nenhum problema em encontrá-lo. Alguns flashers, *eu não quero*, podiam fazer mais do que ir para um local específico; eles podiam ir para uma pessoa específica, alguém que eles tinham algum tipo de conexão. E se “alguns” podiam fazer isto, a Super Poderosa Rainha Vermelha podia fazer também. Ela apenas tinha que querer achá-lo.

Doença riu, encantado pela ausência continuada dela.

Torin lançou uma luminária através do quarto, quebrando a base de porcelana. No momento em que ele a visse, iria espancá-la. Duro. Devastador. E ele não daria a ela qualquer pomada depois!

Se ela não retornasse logo, ele iria...

O quê?

Caçá-la e arrastá-la de volta, é isso. Eles poderiam ter brigado, mas definitivamente não estavam terminados. Se ela precisasse apenas ser lembrada de quem ele era, um impiedoso guerreiro cruel, a lembraria. E não seria gentil sobre isto.

— Keeley! — Ele gritou. — Nós não estamos operando no Tempo Padrão Keeley aqui. Nós estamos operando no Torin Central. Volte!

Quando não houve nenhuma resposta, ele empurrou o próprio criado-mudo. As gavetas derramaram pelo chão, rachando.

— Bem, bem, Encantado. Quem é a princesa mimada agora?

Ela apareceu na frente dele, exibindo mais pele bronzeada do que escondia, seu cabelo caindo ao redor do rosto em ondas luxuriantes, douradas. Seus olhos reluziam com resquícios de sua raiva. Seus lábios estavam ligeiramente inchados e mais rosa que o habitual.

— Muito temperamental? — Ela brincou.

Seu alívio era palpável. Ela não o esqueceu! Mas o alívio foi rapidamente substituído por preocupação.

— Você está bem? Alguém bateu em você?

Ela piscou com confusão.

— Não. Por quê?

— Seus lábios estão inchados.

Ela esfregou-os, cor aquecendo suas bochechas.

— Alguém não me bateu, mas certamente alguém bateu em cima de mim.

Bater em cima dela. Como um beijo.

Já no limite, Torin totalmente... Estourou.

Ele esqueceu tudo que planejou fazer e dizer e foi para o rosto de Keeley, rosnando, — Quem foi?

Os olhos dela se arregalaram.

— Hades. Por quê?

— Você ousa perguntar por quê? Você pertence a mim! Nós concordamos. Você não beija outros homens, Keeley. Nunca. Você esqueceu minhas regras?

Seu queixo caiu, e ela balbuciou algumas palavras ininteligíveis como se não pudesse descobrir o que dizer a ele.

Ele permaneceu no lugar, respirando muito depressa, muito fortemente, sua garganta e pulmões queimando. Ele estendeu a mão para ela, mas como tantas vezes antes, e abaixou-as antes do contato.

Isto é loucura. Eu sou louco. Eu tenho que sair.

— Você estava... Pensando em me tocar? — Ela perguntou, seus olhos se arregalando novamente.

Não, ela tinha que partir. Ele não podia estar em público agora.

— Faça compras. Compre algo bonito para você. Por minha conta. — Ele basicamente lançou-lhe o cartão de crédito. Ele deveria estar tranquilo quando ela terminasse. — Volte em uma hora. Talvez duas. Na verdade, nós vamos nos reunir amanhã.

— Você está, — ela disse, — você está pensando... Mesmo me desejando. Você não gosta do pensamento das mãos de outro homem em mim, e quer substituir a memória com suas mãos.

Exatamente. Sim. Hades morreria, e Torin... Torin tocaria esta mulher e nunca pararia.

Ele rangeu os molares.

— Última chance, Keeley. Eu sugiro que você tome isto e parta. — Logo. Seu controle estava quase completamente cortado em tiras.

— Sem chance. Você é o grande e mau guerreiro, ainda assim tive que voltar para você de novo e de novo. Tive que lutar comigo mesma, vale o preço ou não. Bem, é sua vez.

— Não existe nenhum maldito modo de você apenas sugerir que não fiz o mesmo. Eu lutei.

— Quando você já cedeu sem perguntar por mim? Você resistiu a mim muito facilmente, sempre indo embora. Certo, você rosnou enquanto se afastou, mas ainda assim você me deixou para trás. Então, diga-me. Quando você...

— Muito facilmente? — Ele rugiu. *Ela acabou de dizer muito facilmente?* Ela não tinha nenhuma ideia sobre a intensidade de sua necessidade, mas ele a ensinaria melhor.

Torin segurou-a pela nuca, puxou-a para perto e esmagou sua boca contra a dele. O beijo era um assalto brutal com intenção de silenciá-la, dominar e possuir. Ele segurou-a quieta, fazendo-a tomar isto, tomar tudo. Mas no momento em que ela suavizou contra ele, deu boas-vindas a ele dentro de sua boca, a escuridão agitando dentro dele mudou de rumo. Da necessidade de castigar e dominar para a necessidade de seduzir e satisfazer.

Esta era Keeley. Sua princesa. Ela merecia o melhor dele.

Ele suavizou a pressão, rolando a língua dentro de sua boca, conhecendo-a de novo, saboreando-a. *Frutos de verão e mel derretido. Tão doce. E minha. Toda minha.* Ele emoldurou suas bochechas, angulou a cabeça dela e rolou a língua um pouco mais fundo. Desta vez, ela o encontrou com um rolar próprio.

Essa foi sua ruína.

Ele aprofundou o beijo. Ele chupou e mordeu. Ela fez o mesmo, seus dedos enredando no cabelo dele, puxando quando ela o ajustou do modo que o queria. Era inebriante saber que ela o desejava tão ferozmente quanto ele a desejava. Sensual. Perfeito, e oh, maldição, ele estava ficando bêbado nela, crescendo a necessidade de desnudá-la e tomar tudo.

Tensionado tão firme quanto um arco.

Ele ancorou suas mãos nos quadris dela e a ergueu. Ela enrolou suas pernas ao redor dele, agarrando-se a ele. Com o sangue queimando, ele caminhou em direção à cama, pôs um joelho no colchão e debruçou, pressionando-a abaixo, prendendo-a de costas.

— Sim, — ela ofegou, arqueando acima, roçando contra ele. Suavidade feminina contra toda sua pulsante dureza.

— Diga-me se eu machucar você.

— Não pode me machucar. Você sabe que eu gosto duro.

Minha mulher é tudo que eu já sonhei.

Torin arrancou suas luvas, então arrancou a camiseta dela. *Sem sutiã. Bom.* Ele amassou seus seios, então correu os polegares acima dos mamilos eretos. Seus polegares nus. Como antes, sua carne lembrou-o seda. Seu calor o provocou. Ele teve isto só uma vez antes, mas foi o suficiente para viciá-lo. Para sempre.

Tenho que provar.

Ele lambeu todo caminho abaixo, passou a língua em cima de um mamilo endurecido, então fez o mesmo com o outro. Até que ambos estavam vermelhos, inchados e úmidos. Seus gemidos saíam entrecortados como música para seus ouvidos.

A cabeça dela virou de lado a lado, a visão de sua paixão descontrolada quase o empurrando acima da borda.

— Torin.

Ele entrelaçou mechas do cabelo dela em torno da mão até que chegou ao seu couro cabeludo. Então ele fechou a mão, puxando ligeiramente, forçando-a quieta, sua vontade superando a dela; seus murmúrios se tornaram gemidos da mais doce rendição. Com sua outra mão, ele traçou um caminho ardente entre as pernas dela. Ele estava tremendo quando deslizou os dedos sob a calcinha.

Ele empurrou fundo... E grunhiu sua aprovação. O calor e o mel, o fecho apertado, sem qualquer tipo de barreira. Ele fechou os olhos quando o êxtase o arrastou.

— A princesa está molhada. — Ele subiu até alimentá-la com outro beijo, e outro dedo.

Ela ondulou seus quadris, enviando-o cada vez mais fundo.

— Torin. Eu preciso... — Ela estava ofegante, arquejando. — Mmm, mais duro. Mais duro.

Ele daria a ela tudo que desejasse, tudo que precisasse. Ele pressionou a palma da mão contra o pequeno broto inchado, e ela quebrou, arqueando, arrastando as unhas pelas costas dele, gritando, espasmos tomando-a. Era uma visão bonita, crua e carnal, uma que quase o mandou acima da borda. Quase. Ele era teimoso, queria ela acabando com ele.

Quando ela caiu contra o colchão, ele retirou os dedos, só para lambê-los limpos enquanto ela assistia. Sua ereção pulsava com cada golpe da língua.

— Delicioso. — Ele rosnou.

Olhos luminosos, ela pôs uma mão no tórax dele e o empurrou de costas. Ela levantou-se acima dele.

— Meu menino mau merece um prêmio.

Sim. Por favor!

Sentando-se escarranchada em sua cintura, ela soltou suas calças. Desceu o zíper. O apêndice que tinha dado a ele tanto trabalho ultimamente pulou livre. Umidade enfeitando na ponta.

O que ela usaria? Suas mãos... Ou sua boca?

Os quadris dele se ergueram por vontade própria.

— Faça.

Ela abaixou a cabeça, cabelo dourado caindo sobre a cintura dele como uma cortina. Ele ficou tenso quando sua boca quente e faminta o envolveu, o prazer quase o puxando de sua pele.

— Por favor, princesa, — ele imploraria se necessário. Ele emaranhou a mão em seu cabelo, para afastá-la ou empurrá-la mais fundo, ele não estava certo. — Não pare. Eu quero isto. Preciso disto. — Nunca teve isto antes. Sempre sonhou... Sempre esperou, uma tentação quase tão forte quanto a própria Keeley.

Ela o levou até a parte mais profunda da garganta. *Sim, sim, isso era melhor...* Melhor que qualquer coisa que ele jamais... E... Não podia pensar. Ele arqueou os quadris instintivamente, novamente indo o caminho todo atrás da garganta dela. Repetidas vezes ela o chupou de cima a baixo, movendo-se mais rápido e mais rápido. Seu sangue, já em chamas, estava ficando ainda mais quente. Seu corpo estava doendo e agonizando, um fio vivo de sensação. Tudo provou ser demais... Não o suficiente...

— Keeley, por favor.

Minha querida menina.

Ela não parou. Ela segurou seu saco enquanto sacudia a língua acima de sua ponta em seu próximo deslize para cima. E isso foi tudo que precisou. Com um único momento de pensamento racional, ele conseguiu retirar-se de sua boca e se virar, despejando seu clímax sobre a cama.

Quando ele estava finalmente vazio, ele se estatelou ao lado dela, seu coração galopante fora de controle. Suor cobrindo cada centímetro dele. Ele não conseguia recuperar o fôlego.

— Isso foi... Tudo. Obrigado.

Devem ter sido as palavras erradas porque as feições dela perderam a suavidade sonhadora. Um manto escuro caiu sobre seus olhos azuis bebê, escondendo suas emoções.

— Certo. — Ela disse rigidamente, saindo da cama para vestir os restos esfarrapados de sua roupa. — Tanto faz.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Obrigado.

Depois de tudo que Keeley havia arriscado, tudo que foi forçada a suportar, aquelas eram as primeiras palavras de Torin para ela?

Não: “Estar com você vale a pena qualquer coisa, princesa.”

Ou: “Você é uma parte necessária de minha vida, Keys. Nunca me deixe.”

Mas, não. Ela conseguiu um “Obrigado”.

Como se eu fosse uma garçonete e tivesse acabado de entregar seu pedido.

Ela amarrou as alças de sua camiseta juntas. Na pressa, Torin rasgou o material. E em sua teimosia, não tinha embalado qualquer roupa que Hades havia fornecido para ela. Ela teria que andar por aí parecendo uma vadia desmazelada. Não exatamente uma prova de sua realeza.

Talvez eu esteja exagerando. Um pouquinho emotiva. Simplesmente procurando por uma razão para lutar... Uma maneira de me proteger...

Não! Recuso a voltar isto contra mim.

Torin se sentou, calçou suas luvas e sua camiseta, e então endireitou suas calças. A camiseta era nova. Lia-se, “Lucien Veio Batendo, Mas Eu Ainda Estou Arrasando”. O cabelo dele estava sensualmente despenteado e as bochechas ainda coradas de satisfação. Seus olhos estavam brilhando, seus lábios tão inchados quanto os dela. Cada centímetro dele parecia com o saciado, bonito, devasso e malvado macho, e o peito dela doía, o vínculo entre eles crepitando com a tensão.

Ela odiava que ele não pudesse sentir isto.

Hora de contar.

Não, não ainda. Mas em breve.

Ele observou-a por um longo tempo antes de quebrar o silêncio que se instalou entre eles.

— Eu a machuquei?

— De que modo?

Ele pensou antes de responder.

— Fisicamente.

— Não. — Ela adorava a força áspera que ele exercia. Por que era tão difícil para ele acreditar?

— Emocionalmente?

Sim!

— Não quero falar sobre isto. — Os sentimentos dela estavam muito crus. Tinha lhe dado acesso a seu corpo, talvez até ao seu coração. Lá. Ela admitia. *Fui para a batalha por ele, mas poderia ter apenas desistido da minha.* Não havia nenhuma outra explicação para o efeito selvagem que ele tinha sobre ela, nublando seu bom senso, conduzindo-a para a impudência repetidas vezes.

Obrigado.

Ela nunca pensou que desprezaria essa palavra.

Ele é novo nisso, combatendo isto, com uma boa razão. Talvez não soubesse o que dizer ou como agir.

Talvez ela estivesse dando desculpas para ele.

Resumindo: Estava cansada de ser a Srta. Agora Mesmo. Disponível, mas descartável. Disposta, mas apenas conveniente. Se Torin pudesse escolher a mulher dele, sem ter que se preocupar com a doença, ele teria escolhido Keeley?

Depois de seu argumento... Depois disto? Ela achava que não.

O que há de tão errado comigo que nenhum homem pode me valorizar?

Valia menos que um barril de uísque.

Então. Sim. Estava farta. Ela ficaria com Torin, mas não tentaria ganhar seu afeto. Nunca mais se atiraria nele. Nunca mais permitiria que a agarrasse e a beijasse, e a levasse ao orgasmo. Aquela parte da relação deles estava terminada.

Ele descansou os cotovelos em suas coxas e se debruçou para frente.

— Você já está se sentindo doente?

O estômago dela revirou com a lembrança do que poderia acontecer.

— Não.

O que eu fiz?

— Keeley. — Ele disse. Suspirando, se levantou.

De jeito nenhum ela suportaria outra rejeição.

— Ei, não há necessidade de tentar me vender água, quando já estou na piscina. Eu concordo. Nós nunca faremos isto novamente.

Ele franziu o cenho e deu um passo na direção dela.

— Isto não é...

— Não! — Ela afastou-se. Se ele se aproximasse dela, poderia cair em seus braços e implorar. Da mesma maneira que implorou a Hades.

Nunca mais!

— Keeley...

Um macho desconhecido relampejou no centro do quarto, silenciando-o.

Eriçando com hostilidade, ela enfrentou o recém-chegado. Ele tinha cabelos pretos desgrehados que emolduravam um rosto tragicamente cicatrizado pela espada e o fogo, ela podia imaginar. Seus olhos eram incompatíveis, um azul, um marrom. Ele usava uma camiseta preta e jeans rasgados.

No geral, ele tinha uma qualidade áspera que não podia deixar de admirar.

Isso não significava que ela o pouparia.

— Você pisou na garota errada, Scarface⁴. — Ela disse, riscando uma semiautomática em sua mão. Uma bala na cabeça não o mataria, mas ensinaria uma lição. Uma lição que seu cérebro danificado provavelmente esqueceria. *Oh, certo.*

Ao redor dela, o quarto chacoalhou.

Torin deu um passo para frente dela, espalhando os braços e dizendo, — Acalme-se, princesa. Este cara não é um inimigo. Ele é Lucien, meu amigo.

O nome ecoou na mente dela até que fez uma conexão. Lucien, Senhor do Submundo. Guardião da Morte. Um com o livro de regras imortais e com um temperamento feroz, um que poderia realmente rivalizar com o dela.

Quando Galen lhe contou sobre sua experiência pessoal com cada um dos guerreiros, ela havia estado mais interessada em encontrar este aqui. Mas não mais. Lucien acabou de introduzir a mudança que temia. Torin não era mais seu, e somente seu. Se ele já tinha sido dela afinal.

— Tudo bem. Não o matarei. — Ela riscou a arma para o criado mudo quando o tremor parou. — Viu? Eu me lembrei de minha promessa como uma boa garotinha.

Torin ofereceu-lhe um meio sorriso, de consolo? Ou desculpas? Antes de virar-se para encarar seu amigo.

Lucien firmou os olhos com os dele e sorriu, sua alegria inconfundível.

— É você. Você está realmente aqui.

— Estou. — A voz de Torin mantinha a mesma nota de alegria.

⁴ **Scarface**: filme policial com Al Pacino no papel de um mafioso.

Keeley, de repente, sentiu-se como uma voyeur.

Com suas pernas longas e poderosas, eles rapidamente devoraram o espaço entre eles. Torin estendeu a mão, pretendendo pegar a mão do outro homem, mas Lucien se conteve primeiro e parou, permanecendo fora do alcance. Girando e dando a Lucien e Keeley seu perfil, Torin baixou o braço para o lado.

Ele fechou os olhos por um momento, respirando fundo.

— Desculpe, — Ele murmurou. Em seguida ele se concentrou, estava pálido, mas determinado. — Preciso me reciclar.

Ou seja, ele culpava Keeley pela sua falta de luvas.

Devo esconder minha dor.

— Sinto muito, eu perdi sua chamada, — Lucien disse. — Envergonhado em admitir que estava ajudando Anya a esconder um cadáver.

Anya? Conhecía aquele nome... De Galen? Ou um de seus espiões?

Torin riu baixinho.

— Você definitivamente conseguiu a vara mais curta no departamento do bom chicka wah wah⁵.

— Falando de bom chicka wah wah... — O olhar aguçado de Lucien caiu sobre ela, e a cabeça dele balançou para o lado. Curiosidade irradiando dele.

— Lucien, — Torin disse, de repente irritado. — Esta é Keeley.

Lucien assentiu uma saudação para ela.

— Prazer em conhecê-la.

— Não duvido disso. — Mas, oh! Por que eles tinham que fazer a política da boa vizinhança agora? Ela não estava no seu melhor. E precisava estar no seu melhor. Se os amigos de Torin não gostassem dela, não lhe diriam que ele encontrou um guardião. Eles poderiam até mesmo dizer-lhe para se livrar dela.

As coisas acabaram entre nós, lembra-se?

Verdade. Mas era sempre bom ser aceita.

— Ela vai nos ajudar a encontrar Cameo, Viola e Baden, e então destruir a caixa de Pandora. — Torin disse, não mencionando a Estrela da Manhã. *Não querendo dar esperanças ao seu amigo?*

⁵ **Bom chicka wah wah:** Barulho feito pelas modelos na propaganda de uma marca de desodorante e também música tema de filme pornô.

Ele não poderia nem mesmo fazer a cortesia de me apresentar como sua amiga. Ou até mesmo como sua ex companheira de diversão. *Busca e salvamento é tudo que sou para ele.*

Dança pequeno macaco, dança.

A irritação brotou uma cabeça e um rabo, e deslizou ao redor do pescoço dela, quase a sufocando.

Lucien não pôde esconder sua descrença quando perguntou, — E como é que você vai fazer tudo isso?

— Isto é um interrogatório? — Um estranho chiado em seu sangue a fazia mudar de um pé para o outro. — E quem é Anya? — Ela marchou até a mesa e se sentou, então chutou seus pés para cima, muito consciente que estava mostrando a calcinha. *Deixe Torin ver o que nunca conseguirá novamente.*

Ele voou através da distância e colocou um cobertor sobre o colo dela, cobrindo-a efetivamente da cintura até os pés.

A ação de um amante ciumento.

Uma mentira.

Lucien observou a troca e franziu o cenho.

O chiado levou Keeley de volta para seus pés, o cobertor caindo e empoçando aos seus pés.

— Rapazes apreciam o reencontro, — o olhar dela buscou Torin antes de deslizar para longe. Ele estava rígido e bravo. *Por quê? Não importa.* — Eu o encontrarei... Em qualquer lugar mais tarde.

A mão dele disparou, seus dedos se tornando um grilhão ao redor do pulso dela.

Lucien fez um som estrangulado e estendeu a mão para ela. *Para afastá-la de Torin?*

Ela ergueu a mão, lançando um fluxo de poder para enraizar o guerreiro no lugar. Ou melhor, ela tentou lançar. As cicatrizes de Torin a detiveram.

Ele olhou para seu amigo, e por um momento, sua expressão era de todos os tipos de tortura.

— Isto é entre Keeley e eu.

— Torin, — Lucien disse, — deixe-a ir.

— Não fale assim com ele. — Ela retrucou.

Lutando por ele? Depois de tudo?

Apenas desta vez. Por que... Porque estava com pena dele. Quantas vezes os amigos dele fizeram algo assim para proteger alguém dele?

Ela podia adivinhar: inúmeras.

Deveria despedá-lo por dentro, ser visto como um terror pelas pessoas que o amavam.

Ele se concentrou nela, e se os olhos eram as janelas da alma, os dele agora fervilhavam com ameaça.

— Você vai ficar aqui. E se estiver doente?

Ela engoliu em seco. Sim. Havia aquilo. A única coisa pior que estar doente seria estar doente sozinha.

Torin soltou-a para esfregar o local acima de seu coração. Um sinal claro de sua culpa.

Nunca deveria tê-lo forçado a ficar comigo.

Ele limpou a garganta, então disse para Lucien, — Como estão os outros? — Tirando a atenção de Keeley.

— Eu não disse a ninguém que você ligou. — O guerreiro cicatrizado admitiu. — Ainda não. Primeiro queria ter certeza que era realmente você.

— Compreensível.

— Você se foi a um longo tempo. Tanta coisa aconteceu desde seu desaparecimento. — Lucien massageou a parte de trás do pescoço.

— Longo tempo? Estou fora há apenas algumas semanas. — Torin disse.

— Não. Alguns meses.

— O tempo passa de forma diferente em reinos diferentes. — Keeley explicou.

— Bem, inferno, — Torin disse.

— Um guerreiro Phoenix matou a filha de William, White, — Lucien disse. — Ela explodiu em milhares de minúsculos insetos, e eles estão varrendo o mundo, infectando pessoas com o mal. Desnecessário dizer que o crime está em ascensão.

Torin estalou a mandíbula.

— O que mais eu perdi?

— Kane se casou com Josephina, a rainha Fae, e ela está grávida.

Kane... O Guardião do Desastre.

Josephina... Não tocava o sino. A última coisa que Keeley havia ouvido, era que um macho fanfarrão governava o Fae.

— Kane vai ser pai? Fale sobre o surreal, — Torin franziu o cenho. — Como ele não matará seu filho? A última vez que vi o homem, gesso estava caindo sobre a cabeça dele, e uma lâmpada estava em curto circuito. E isso foi em um bom dia.

— Ele não está mais possuído. — Lucien anunciou.

Torin deu um lento e descrente balançar de cabeça.

— Ele realmente sobreviveu à remoção do demônio?

Lucien assentiu.

— Ele sobreviveu.

— Como?

— Josephina. Ela puxou o demônio fora do corpo dele e curou seu espírito danificado com amor, o que é, aparentemente, uma espécie de medicina espiritual.

O olhar de Torin voou para Keeley.

Perguntando-se se ela poderia fazer o mesmo por ele?

Apenas se você se apaixonar por mim, Encantado.

Ou quando ela encontrasse a Estrela da Manhã.

— O que mais? — Torin perguntou a seu amigo.

— Taliyah assumiu o comando de nossa fortaleza no Reino de Sangue e Sombras; de acordo com uma barganha que ela fez com Kane, temos que nos manter afastados. Atlas e Nike, os Titãs, o deus e a deusa gregos da força mudaram-se para a cidade. Cameo e Viola ainda estão desaparecidas, e ninguém ouviu um único rumor sobre o paradeiro delas. Anya ainda está planejando nosso casamento. Como Kane e Josephina, Gideon e Scarlet estão esperando seu primeiro filho. Amun e Haidee estão discutindo a abertura de uma casa de recuperação para adolescentes rebeldes. Gilly está planejando uma festa para celebrar sua entrada na maioridade, e quando William não está em uma agitação violenta sobre a morte de sua filha, ele está observando Gilly com tal fome intensa, que todos querem arrancar os olhos dele, depois os deles mesmos.

As atualizações pareciam atingir Torin como balas, uma depois da outra.

Alguns dos nomes Keeley reconheceu. William, o brutal e selvagem imortal de origem misteriosa era um dos filhos adotados de Hades. Ele viveu no Submundo durante o tempo em que Keeley e Hades namoraram. Ele tinha sido um patife impenitente, seduzindo a população feminina em seu caminho. A população casada. Ele não se importava com nada além do próprio prazer, e

seu senso de humor era tão escuro quanto um buraco negro. Ele ria toda vez que matava um inimigo, e gargalhava toda vez que apunhalava um amigo.

Keeley sempre gostou dele, mas nunca pensou que uma mulher poderia manter a atenção dele. Especialmente não uma humana. Ela ouviu dizer que esta Gilly era uma adolescente emocionalmente frágil, com a qual Danika, a esposa do guardião da Dor, fizera amizade.

Emocionalmente frágil... Jovem... Solteira. Nem mesmo perto de ser o tipo de William.

— Bem? Por que estamos em pé aqui? — Ela perguntou. — Vamos ver todos.

Torin fez uma expressão de surpresa e tropeçou para longe dela, empalidecendo.

— O quê? — Ela olhou para si mesma, e ofegou. Bolhas tinham aparecido por toda a sua pele exposta.

CAPÍTULO DEZESETE

Torin uma vez pensou que tinha canalizado as profundezas de sua culpa, tratando-a como uma amante, alimentando e satisfazendo seus desejos mais obscuros. Ele estava errado.

Isto era culpa.

Eu poderia ser apenas a criança mais idiota da classe. *Aparentemente tenho que ter todas as lições batendo na minha cabeça com um martelo.*

Não toque uma mulher pele com pele, o caminho para uma vida livre de arrependimentos era tão claro e simples quanto isto. Mas repetidas vezes ele falhou no teste.

Agora tudo o que podia fazer era cuidar de todas as necessidades de Keeley. E ainda assim, como das outras vezes, de maneira nenhuma compensava o que havia permitido que acontecesse.

Idiota!

Ele sabia exatamente como chegou a este ponto. Ele estava furioso com Hades, com ciúmes de o macho tê-la beijado, e as emoções tinham atravessado suas defesas em questão de segundos. Dificilmente uma desculpa. Definitivamente não boa o suficiente. Entretanto, nenhuma seria.

A necessidade de colocar sua marca em Keeley o consumiu. Ele queria marcá-la tanto quanto uma custódia. Queria vinculá-la a ele da maneira mais básica, para que outros soubessem a quem exatamente ela pertencia. Ele queria que ela o ansiasse acima de todos os outros. E talvez ela o fizesse. Mas certamente não durou. O arrependimento dela veio antes mesmo da doença.

Nós nunca faremos isto de novo.

As palavras o assombravam.

Ele aplicou as pomadas de ervas que Lucien trouxe, na pele escorrendo e em carne viva de Keeley, e despejou o remédio na garganta dela, então, certificou-se de banhá-la com aveia. Ela mantinha-se em um estado constante de delírio. Hoje ele entrou em um novo nível de inferno, quando ela começou a se debater sobre a cama, deixando manchas de sangue nos lençóis.

— Me ajude a entender, — Lucien disse, andando de um lado para o outro do quarto. — Você a tocou antes? E então, depois que ela se curou você a tocou novamente, voluntariamente, sabendo que isto aconteceria? Que a vida dela estaria arruinada para sempre?

Doença riu dentro da cabeça dele.

Nada além de um cão raivoso, lembra-se? Sua hora está chegando.

Mas a culpa levou Torin mais e mais fundo para o poço do desespero.

— Ela não é uma portadora. Ela sofre, e se cura. Mas não é uma portadora.

— Torin...

— Eu amo você, cara, mas minha relação com Keeley não é assunto seu.

— É, — Lucien insistiu. — Eu o conheço. Conheço você há séculos. Já vi você espiralar cada vez que tocou em alguém e teve que observá-los, e a outros morrerem.

— Ela não vai morrer! — Ele bateu com o punho no colchão.

Isto saltou, e Keeley gemeu.

— Desculpe princesa. — Ele passou uma mão enluvada pelos cabelos dela, tomando cuidado para não prender nos fios emaranhados. — Sinto muito.

Suas pálpebras abriram, revelando olhos opacos e febris, olhando cegamente.

— Quando elas voltarão a crescer? Preciso que elas voltem a crescer.

— O que, princesa? O que você precisa que volte a crescer? — Isto o despedaçou, vê-la assim. No passado, ela se recusou a dormir na presença dele, porque isto a teria deixado vulnerável. Agora? Ela estava tão vulnerável como um bebê recém-nascido.

Por minha causa.

Ele nunca se perdoaria.

— Minhas mãos. Preciso de minhas mãos. — Lágrimas escorriam pelas bochechas dela.

Eu a fiz chorar.

— Você tem suas mãos, princesa. Eu juro.

— Tenho que remover meus pés depois. Tenho que escapar das correntes. Minhas mãos. — Ela concluiu, enrolando-se de lado e soluçando.

O olhar dele voltou-se para Lucien, mas rapidamente ele desviou o olhar; não querendo ver o reflexo do horror nos olhos de seu amigo. Keeley esteve amarrada dentro daquela prisão, e de alguma maneira achou forças para remover suas mãos, e então seus pés, livrando-se.

Mas ela ainda estava presa.

O coração dele regenerou lamentado dentro de seu peito. Um mal estar agitou em seu estômago. Tinha que deixá-la ir, ele tinha. Não ficar mais com ela, “protegê-la”. Nada mais de brincar com a tentação... de brincar com ela.

Vidas estavam em jogo, sim. De Cameo. De Viola. De Baden. Todos que amava, de verdade. Mas do outro lado da moeda, a vida de Keeley estava em jogo.

Se ele tivesse que virar essa moeda, ela ganharia. Sem dúvida. Sem cinquenta por cento de chance.

Isto era uma revelação enorme, mas uma que ele não podia se permitir sondar muito profundamente. Ou por que até mesmo o pensamento de perdê-la, o fez sentir como se estivesse afundando no mais profundo oceano de ácido, e a única coisa esperando no fundo era a morte. Porque honestamente? Seus sentimentos não importavam. Ele tinha que fazer o que era melhor para ela. Pelo menos desta vez. O passado dela estava cheio de dor e pesar. Ele não poderia preencher o futuro dela com o mesmo.

Ele pressionou-se contra a frieza da parede, seus joelhos ameaçando dobrar. Com o olhar queimando, ele focou-se em Lucien.

— Vá para casa. Ligue todos os dias. Vou informá-lo quando ela estiver bem. Então... Eu a deixarei aqui. — Ele tinha mais do que provado que não era confiável perto dela. Ela o olhava e ele a queria. Ela pedia seu toque... Seu beijo... E ele dava-lhe isto. Inferno, ela nem sequer teria que pedir, se ela se aproximasse dele, ele a agarraria.

Ele se esquecia das consequências. Ou elas paravam de ter importância. Ou ambos. Era egoísmo dele, e era crueldade.

Não mais.

Seria frio, e seria metódico. Mas ele iria concluir as coisas.

— Terei certeza de que ela não me siga.

Sempre houve uma contagem regressiva para seu relacionamento com Keeley. Tinha finalmente zerado. Ele tinha somente que negociar.

Lucien franziu o cenho para ele.

— Nós precisamos dela. Cameo...

— Eu não me importo! — Ele rosnou. Cometeu o erro de explicar a extensão do poder de Keeley, e seu amigo estava obcecado como o inferno para usá-la. — Encontraremos outro modo.

Silêncio.

Torin deslizou pela parede abaixo. Ele nunca mais testemunharia ela mudar de cor. Nunca mais a veria se transformar na Fada de Açúcar para uma Barbie Verão Sexo sem Compromisso. Nunca mais conversaria com ela ou riria com ela. Nunca mais a seguraria.

Quero abraçá-la.

E se encontrassem a Estrela da Manhã no mesmo dia em que ela se curasse? E se falhassem em encontrar isto? E se encontrassem isto dentro de vinte anos?

E se ele pudesse encontrar isto sozinho e então retornar para ela como um homem saudável, inteiro?

Nada mais que suposições. A associação deles tinha que terminar. Hoje.

Ele olhou para esta decisão de todos os ângulos, e não encontrou nenhuma falha. A vida dela era mais importante do que a felicidade dele, e isto era tudo o que havia para ele.

Um dia ela poderia até agradecê-lo por isto.

— Torin, — Lucien disse, sua gentileza muito mais do que Torin merecia.

Ele ergueu a mão.

— Não. Apenas... Telefone. Verei você quando ela estiver curada.

A princípio, Lucien não teve nenhuma reação. Então, relutantemente ele assentiu.

— Até lá então.

* * *

Keeley sentiu A tensão no quarto antes de abrir os olhos. Ela deu um solavanco erguendo-se, pronta para a batalha. O fato de que ninguém se ergueu sobre ela, prestes a atacar, surpreendeu-a.

Pela força do hábito, ela verificou seus braços e pernas para ter certeza de que ninguém a tinha amarrado enquanto estava dormindo.

Onde estou? O que está acontecendo?

Torin! Ele tinha puxado uma cadeira para o lado da cama. Seu cabelo loiro espigado quase branco, como se tivesse passado os dedos pelos fios várias vezes. Linhas sombrias ramificavam de seus olhos, olhos tão duros como granito, observando atentamente. Ele usava uma camiseta onde se lia “Ela é Perfeita para Você. Vá em frente, disse o Álcool”, e um novo par de calças de couro pretas.

Ele encontrou o olhar dela e lançou um longo, aliviado? Suspiro. A cor tinha retornado à pele pálida dele, e um peso pareceu sair de seus ombros. Ele endireitou-se.

Ele começou a chegar perto dela, mas conteve-se.

— Você sobreviveu. — Ele disse com uma aspereza que ela nunca tinha ouvido antes. — Novamente.

Eu sobrevivi.

Sim. Tudo bem. Ela tinha estado terrivelmente, terrivelmente doente.

— Não sei como. — Ele acrescentou.

Seu imenso poder era um fator, com certeza, mas tinha de haver mais do que isto. Como... Ele. Torin. Fluxos de força pulsavam ao longo do vínculo, e eles a tinham impulsionado.

Conte a ele.

Ainda não.

Ele tirou as luvas e apoiou-as em suas coxas. Em ambas as mãos estavam anéis. Quase todos os dedos tinham um, na verdade. A maioria eram elos de prata. Alguns ostentavam grandes pedras azuis. Ele até usava três colares diferentes, cada uma com um pingente diferente.

— Por que tanta ostentação? — Ela perguntou.

— Lucien trouxe minhas coisas.

Este era o verdadeiro Torin, então.

Eu gosto. Muito.

Calafrios deliciosos percorreram o corpo dela.

— Então... O que o deixou tão chateado?

— Você esteve doente por oito dias. Seu coração parou duas vezes. Eu realizei uma RCP. — Seu riso amargo vazio. — Estou ficando bom nisto. Quebrei apenas uma de suas costelas.

Assunto perigoso. Prossiga com cuidado.

— Bem, como você pode ver, estou bem.

— Isto é bom. — Ele lançou sua atenção para a janela um pouco além da cama. — Nossa relação sempre foi sobre escolhas, Keeley. Lutar ou perdoar. Tocar ou não tocar. Ficar juntos, arriscando tudo, ou separar. Nossa relação sempre será sobre escolhas.

— Eu...

— Não acabei.

Embora seu coração tenha disparado, ela permaneceu quieta.

— Não é justo com você, — ele disse. — Você não deveria ter que penhorar sua saúde para estar comigo... E é por isso que estou acabando com a nossa associação.

Ele queria... Se separar dela?

— Não. — Ela balançou a cabeça.

— Isto acontecerá se você estiver a bordo ou não. Vossa Majestade.

Tão metódico, tão frio. Como se a futura felicidade deles não estivesse em jogo.

Talvez a dele não estivesse. Mas a dela estava.

— Não faça isto, Torin. — Ela disse.

— Como eu lhe disse, isto está acontecendo. Com efeito imediato. — Ele anunciou, os nós dos dedos brancos na borda de sua cadeira. — Você não sabe que tortura é isto, ficar tanto tempo

sem a coisa que eu mais desejei... E quando finalmente consegui, tenho que observar a pessoa que eu gosto sofrer por causa disto.

Ele gosta de mim.

Ele se importa!

— Terminamos. — Ele disse. — Nós temos que terminar.

— Você vai apenas desistir? Me descartar como se eu não importasse mais que lixo? Depois de tudo o que compartilhamos?

— Você não é lixo. — Ele berrou, e ela percebeu que o ofendeu. — Você é... — O olhar que lhe lançou mostrava uma possessividade, uma selvageria, que ele nunca tinha mostrado antes. Mas ele balançou a cabeça e suas feições estavam pálidas. — Isto é o melhor a se fazer.

— Melhor para quem? Não para mim.

— Definitivamente para você. — *Então*. — Vou encontrar meus amigos sem você. Resgatar Baden sem você. Localizar a caixa sem você. — Ele acrescentou, como se ela precisasse de esclarecimento. — Não lhe devo nenhum favor.

— Que tal a Estrela da Manhã?

Ele não pode fazer isto. Não posso deixá-lo.

— Se, quando, eu conseguir isto, bem... — Ele acenou com o braço pelo ar, em um gesto de impaciência.

Bem, o quê?

— Até então, você me colocará na sua Caixa do Tempo Esgotado. — Ele disse. — Considere isto como um presente de despedida.

Esquecê-lo? Talvez para sempre? Ele não podia... De jeito nenhum... Como podia...

Uma lâmpada acendeu!

Ele mais do que se importava com ela, percebeu. Seu bem-estar importava para ele até mais do que encontrar seus amigos e a caixa.

Raios mornos de sol engolfaram sua alma, e no momento até mesmo fluindo pelas janelas do quarto.

De repente, a razão de ele ter tirado as luvas ficou clara. Ele não podia confiar em si mesmo com ela. Ele achava que, sem a barreira de couro no lugar, ele não cairia vítima da tentação e colocaria as mãos nela.

— Você entende? — Ele exigiu.

Não posso dançar. Não posso cantar.

— Sim, — ela disse, incapaz de impedir seu sorriso. — Eu entendo.

Lembrando-a de um urso cuja jaula acabava de ser atingida, ele retrucou, — Você está bem?

— Completamente.

— Você não parece como se estivesse.

— E como eu pareço?

— O paraíso. — Ele disse e franziu o cenho. — Inferno. Não importa. — Ele pescou um telefone do bolso e discou. — Estou pronto.

Lucien apareceu alguns segundos depois. Torin se levantou, caminhado até seu amigo.

— Vão em frente, rapazes. — Ela fez um movimento de enxotar. — Logo estaremos juntos.

Torin virou-se para ela.

— Você disse que entendeu que estamos seguindo caminhos diferentes.

— Isto não é o que eu disse, nem o que entendi.

— Então o que?

Você é meu, e eu sou sua. Vamos ficar juntos.

Ela fez isto. Ela ganhou o coração dele, assim como pretendia. Não completamente, não ainda, mas quase.

No momento, isso era bom o suficiente.

— Eu direi a você mais tarde. — Ela disse com um olhar aguçado para Lucien. — Quando estivermos sozinhos.

— Keeley. — Torin trincou.

— Encantado, — ela cantou. — Confie em mim. Você não quer que eu revele meus pensamentos para seu amigo.

Até mesmo você pode não gostar de ouvi-lo. Sou importante para você. Insubstituível.

Necessária.

Lucien riu.

— Você me lembra Anya.

Ela jogou as pernas para o lado da cama. Torin havia vestido nela uma camiseta surrada que dizia “Apenas Uma destas Declarações é Verdadeira: a) Gideon Nunca Mentou”. — A batinha alcançava a metade das coxas, pelo menos.

— Você nunca me contou. Quem é Anya?

— Minha... — Seus olhos desiguais enrugaram nos cantos. — Não estou certo como explicar minha relação com ela. Ela é minha garota. Meu anjo.

— Ela não é nenhum anjo, — Torin encarou Keeley. — Ela pode ser comparada a outra pessoa que eu conheço.

Keeley afofou seus cabelos.

— Os elogios o levarão a todos os lugares.

Os olhos dele semicerram.

— Anya é uma pessoa louca que passou toda sua relação com Lucien planejando um casamento que nunca vai acontecer. Ela é a noiva dele que não é noiva. Mas isto não importa. Você não vai se encontrar com ela. Vai ficar aqui.

Ela soprou um beijo para ele.

— Vejo você logo mais.

— Vejo você nunca mais.

— Então... Cinco minutos? Ou você prefere dez?

— Nunca. — Ele estava de cara feia quando riscou para longe com Lucien.

Que dia incrível!

Ela correu para o banheiro, escovou os dentes e penteou os cabelos, então estudou a camiseta e a calça de moletom limpa que Torin tinha deixado para ela. Não desta vez.

Ela riscou para sua caverna e descobriu que Hades havia de fato devolvido suas roupas. Keeley selecionou uma com mangas vazadas, com um espartilho feito de couro laminado e crina de cavalo, apertando sua cintura. Calças de couro pretas abraçando suas pernas, ajustada em seus quadris e fluindo até o chão.

Ela trançou a parte de cima de seu cabelo, permitindo que o resto caísse em ondas douradas, antes de ancorar sua coroa cravada de aço e diamantes no lugar.

De cabeça erguida, ela riscou até Torin, e encontrou-se dentro de uma fortaleza.

As paredes do vestíbulo eram feitas de mármore branco brilhante dividido por minúsculos veios de ouro. Penduradas ao longo delas estavam belos candelabros entremeados com retratos de "certamente" os Senhores e suas mulheres. Brilhantes lustres sobrevoavam o local, e o piso de ônix preto salpicado com manchas de diamante cintilavam abaixo. Era um espaço requintado. O tipo que ela sempre quis para si mesma. Opulento, mas confortável. Luxuoso, mas aconchegante.

Torin estava ao lado de Lucien, com o cenho franzido para um retrato de um soldado vestido de preto, com o braço em torno de uma fêmea usando um fino vestido de veludo e rendas, e uma mantilha com franjas emoldurando seu rosto delicado.

Não tão bom quanto o meu.

— Oi, Torin. — Keeley disse.

Ele bombardeou-a com um olhar penetrante, em seguida passou seu olhar sobre ela uma vez, duas vezes, uma terceira vez, suas pupilas expandindo cada vez mais... Sua atenção persistindo em todos os lugares certos.

Ela virou lentamente, deixando-o se fartar de todos os ângulos.

— Você me mostrou o verdadeiro você. Agora estou te mostrando a verdadeira eu.

— Você está... Não há palavras... — Ele deu um passo mais para perto, mas seu amigo Lucien colocou uma mão em seu ombro, parando-o.

Keeley engoliu sua irritação.

— Você não ouse tentar me chutar para fora. Vou ficar. — Ela disse. — Ponto final.

* * *

Torin fingia estudar o retrato de Kane e Josephina enquanto rugidos de negação ameaçavam romper livremente. *Simplesmente abandonei Keeley, logo eu não poderei nem ser lembrado por ela.*

Tinha que se recuperar disso. *Sou um homem, não um bebê sem chupeta.*

Quando Keeley riscou para seu outro lado, ele sentiu cheiro de mel imerso em bagas antes de se virar para ela... E experimentou um soco de luxúria tão forte que ficou surpreso que permanecesse de pé.

Olhe para ela. Tão malditamente magnífica em seu vestido.

Doença deu um grunhido baixo, gutural, lembrando Torin de seus crimes.

— Você tem que partir, Keeley. Falo sério.

— Falar sério não muda nada. — Ela disse.

— Se você ficar, não lhe trarei nada além de tristeza e dor.

— Não seja tão melodramático. Você já me trouxe mais que tristeza e dor.

— Você quer dizer cólera? Varíola?

O olhar dela desviou para Lucien por uma fração de segundos, e ela ergueu o queixo. — Prazer.

Outro soco de luxúria. Ele tinha lhe dado prazer, saciando-a de uma forma que nunca havia saciado nenhuma outra. Ela não deixou sua cama desapontada.

— Verdade. — Ele murmurou.

Como se eles não estivessem discutindo a vida e a morte de sua relação, ela apontou para o retrato de duas pessoas que ele não reconheceu. Um macho de cabelos escuros e uma fêmea com um corte de cabelo bem curto tão negro que parecia ser azul.

— Estes são Atlas e Nike. Eu o conheci quando ele era um enraivecido vagabundo. Nunca a conheci, mas de acordo com meus espiões, ela é mais malvada do que... Qual é a coisa mais malvada do mundo?

— Você? — Torin disse solícito.

Ela assentiu com a cabeça.

— Pior do que eu.

Ele suspirou. Esperava que seu comentário a irritasse, que ela explodisse.

Ela realmente iria ficar, apesar de sua advertência.

Ele não deveria saudar a forte onda de alívio que lavou por ele.

— Atlas e Nike nos encontraram há algumas semanas, — Lucien disse. — Anya conhece Nike, e as duas foram dar umas voltas. Daí a razão pela qual tive que esconder um cadáver novamente hoje.

Perdi tanto.

Risos reverberaram da cozinha e o coração de Torin apertou em seu peito. Música derivou pela sala de estar, acompanhado pelo tamborilar de pezinhos escorregando.

— Entrem. — Lucien disse.

Os passos aumentaram em volume e velocidade, e logo um menininho e uma menina surgiram. Eles pararam e olharam fixamente para ele.

— Alguém trouxe crianças para a fortaleza? — Torin perguntou.

— Não sou criança. — O menino retrucou.

— Claro, claro. — Torin ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Você se lembra de Urban e Ever, estou certo, — Lucien disse. — Eles, hã, cresceram.

De jeito nenhum. Sem chance.

— Eu só fiquei fora alguns meses. — Quando ele partiu, Urban e Ever eram bebês.

— Maddox e Ashlyn cometeram o erro de pedir a Anya para ser babá, — Lucien disse. — Minha querida fêmea colocou as crianças na Jaula da Compulsão e ordenou-lhes que crescessem um pouco.

— Cara. — Qualquer pessoa presa na Jaula tinha que obedecer a seu dono, não importa o que fosse ordenado. Anya era a dona atual. — O quão ruim foi o colapso de Maddox?

— Ele? Nem tanto. Ashlyn, por outro lado... — Lucien estremeceu.

Urban tinha os mesmos cabelos pretos espessos e os sérios olhos violetas que Torin se lembrava. Ever tinha os mesmos cabelos enrolados loiro mel e cintilantes olhos marrons. E embora os dois parecessem como crianças normais, usando camisetas manchadas e shorts, exalavam uma energia antinatural que pinicava a pele de Torin.

— Oi, — ele disse. — Eu sou seu Tio Torin.

— Não. — Urban cruzou os braços sobre seu peito. — Vocês estão invadindo.

Ai.

— Isto é uma grande palavra para um menino tão pequeno, — Keeley disse, e seu tom era de puro gugu dada. — Você é tão bonito, que vou permitir que me chame de Tia Rainha Doutora Keeley. Você pode expressar seus agradecimentos.

— Doutora? — Torin perguntou-lhe.

— Eu tenho um PhD em etiqueta, sarcasmo e maneiras divertidas de cometer um assassinato.

Gelo literalmente cristalizou sobre a pele de Urban quando ele olhou de Torin para Keeley, então de volta.

— Não vou chamar você de qualquer coisa, senhora. Não gosto de você.

Espinhos de fogo ardiam sobre Ever.

— Sim. Vocês são estranhos, e estranhos são inimigos. Temos que ferir o inimigo.

— Crianças, — uma voz advertiu. — Quem vocês estão desafiando desta vez? — Maddox, o guardião da Violência, descia as escadas, sua expressão tão suave quanto nuvens esquisitas. Então seu olhar caiu sobre Torin, e ele abruptamente parou. — Torin?

Ele acenou com a cabeça, seu peito comprimido.

— O primeiro e único.

— Mas, Paaai, — Ever fez beicinho com uma habilidade com o qual deveria ter nascido, muito perita para alguém tão jovem. — Nós nunca chegamos a machucar alguém, e William prometeu que teríamos uma chance de causar sérios danos muito em breve, desde que não

contássemos à mamãe. Bem, é finalmente muito em breve e nós não contaremos à mamãe. Honestamente.

Maddox soltou um suspiro cansado e murmurou, — Vou esfolar William vivo.

— Torin! — Uma voz familiar chamou. — Você está aqui! — Passos dispararam e então Anya, a deusa secundária da Anarquia, veio voando de um canto, praticamente saltando por cima das crianças... Apenas para deslizar em uma parada, quando seu olhar caiu sobre Keeley. Ela pareceu sufocada com sua própria língua, enquanto recuava.

— A Rainha Vermelha! Não, não, não. Lucien! Você disse, e eu cito, Torin está com uma loira gostosa. Por que não mencionou o fato de que ela é minha inimiga jurada?

— Quem, eu? — Keeley bateu no peito.

Claramente mais uma vítima da Caixa do Tempo Esgotado.

— Como você pôde esquecer. Minha amiga a chamou de Smurfette, — Anya disse, ancorando as mãos nos quadris. — Forçou-a a se ajoelhar diante de você e cortar sua própria carne. Oh, e chamar a si mesma de Bloody Mary.

— Bem, então, ela ficou mais leve, — Keeley disse, o queixo erguido. — Vou ouvir seus agradecimentos.

— Depois, alguns anos mais tarde, você forçou Zeus a te dar todo o tesouro real. Um imposto, você disse, porque não matou a todos que ele amava, apenas metade deles.

— Disso, eu lembro. Ele tinha atacado meu noivo.

— Sim, o Lorde das Trevas!

Maddox moveu-se para frente das crianças, agindo como um escudo.

— Então ela é realmente o inimigo? — Ever perguntou excitada.

— Sim, — Anya gritou ao mesmo tempo em que Torin retrucou, — Não!

Anya continuou, — Precisamos tirar as crianças para fora da fortaleza, antes que ela coma o coração deles no jantar e suas medulas espinhais como sobremesa!

— Ei! — Keeley fez uma careta para ela. — Só comi oito vezes os órgãos que eu removi, e apenas para provar um ponto.

Torin beliscou a ponta do nariz.

— Ninguém ameaça meus órgãos! — Ever esticou a mão, uma bola de fogo formando pouco acima de sua palma.

A menininha lançou as chamas com toda força. Torin entrou na frente de Keeley. *Ninguém, nem mesmo uma criança, tem permissão para machucar minha mulher.* Sua princesa

simplesmente deu a volta ao redor dele e pegou a coisa, pouco antes que pudesse sequer chamuscá-lo.

Não minha mulher. Não posso pensar assim.

— Um jogo de pega-pega? Certo. Estou dentro. — Keeley deu um passo para o lado dele e lançou as chamas crepitantes de volta para a menininha, que pegou isto com uma expressão de choque absoluto.

Urban esticou a mão, uma bola de gelo formando logo acima de sua palma. Ele lançou e Keeley a pegou com a mesma facilidade de antes.

Então, isto derreteu em seu aperto antes que ela pudesse arremessar de volta.

— Ops. Foi mau. Estou no verão hoje, não no inverno.

— Quem, — Maddox começou sombriamente, — é esta Rainha Vermelha?

— Sou eu, — Keeley executou uma reverência impecável. — Eu sei, eu sei. Você está honrado em me conhecer, e mal consegue conter sua excitação, mas faça o seu melhor para manter a calma. Acho excesso de bajulação embaraçoso, para os outros.

Maddox piscou.

Torin tentou não sorrir.

Mais passos ressoaram. Então a dourada Ashlyn, Gideon com seus cabelos azuis e uma notoriamente grávida Scarlet vieram correndo ao redor de um canto. De áreas diferentes da casa, outros vieram correndo, também. O silencioso Amum e a amorosa Haidee. O sombrio Reyes e sua loira e explosiva, Danika. O determinado Sabin e sua corajosa Gwen. O arrogante Strider e sua aterrorizante ruiva, Kaia. O recentemente tatuado Aeron e sua adorável esposa, Olivia, e sua filha adotiva, meio adulta, Legião.

A última vez que Torin tinha visto Legião, uma antiga demônia transformada em uma garota real, à La Pinóquio, ela estava um desastre, logo após ter sido salva do cativeiro e tortura. O tempo em que ele esteve fora deve ter sido bom para ela. O rosa tinha retornado a seu rosto e o brilho para seus olhos escuros

Lucien se moveu para o lado de Anya e falou algumas palavras silenciosas. Enquanto ele fazia isto, Paris e Sienna se materializaram.

No reencontro faltavam apenas Kane, Cameo e Viola.

Diferentes formas de emoções foram lançadas em Torin. Euforia, confusão, surpresa, e claro, a inquietação de Anya. Aquela inquietação começou a incomodá-lo. Keeley deveria ser bem vinda, sem reservas, da mesma maneira que ele tinha acolhido as outras novas adições à família.

— É bom tê-lo de volta, meu amigo, — Sabin disse, o guardião do demônio da Dúvida.

— Quem é a belezinha? — Strider perguntou, o guardião da Derrota. — Ela é, hum...

Kaia o acotovelou no estômago.

Embora mil coisas houvessem mudado no pouco tempo de separação, isto não tinha, e Torin relaxou. Ele queria tanto diminuir a distância e abraçar cada um de seus amigos. Mas nem um único deles daria as boas-vindas à seu toque, até mesmo um protegido. Keeley era a única pessoa que estava disposta a arriscar tudo por ele.

Ele estendeu a mão e colocou a mão enluvada na parte de baixo das costas dela, não conseguindo se conter. Uma demonstração de apoio, agradecimento, e sim, desejo.

Ela lançou-lhe um olhar confuso.

Ele encolheu os ombros. Ele não sabia o que dizer.

— O que está acontecendo? — Aeron exigiu. — Que história é esta de Rainha Vermelha?

— Eu irei chutar a cara dela! — Anya saltou. — Ou assistir outra pessoa fazer isto. Qualquer um? Qualquer um?

— Já chega! — *Ou não serei responsável por minhas ações.* Entretanto Keeley manteve-se neutra, até mesmo com a expressão entediada, uma chuva fina começou a tamborilar contra as janelas. Ela estava sofrendo. — Ela tem um nome, e você o usará. Ela será tratada com respeito em todos os momentos. Qualquer um que ofendê-la responderá a mim, e prometo-lhes, as questões machucarão.

— Bem, eu já gosto dela, — Kaia disse. — Qualquer um que faz Anya fazer xixi nas calças de medo tem que ser totalmente incrível.

— Eu não fiz xixi! — Anya parou e acrescentou sombriamente. — Nem um pouco.

— Torin, — Lucien disse, uma aresta em seu tom de voz. — Se Keeley fez as coisas que Anya mencionou...

— Oh, eu fiz, — Keeley interrompeu, sem arrependimento. — Aquilo, e mais. E pior.

— Então ela não pode ficar aqui. As crianças...

— Por favor. Você acredita realmente que eu iria querer ficar em tal casebre? — Keeley caminhou até a janela mais próxima e perscrutou para fora. — Pergunte-me se eu já ouvi algo tão ridículo.

O coração dele doía por ela. Tão defensiva. Rejeitada pelos pais. Rejeitada por Hades por um barril de uísque. Ela ansiava aceitação. E Torin deu-lhe isto. Provavelmente mais do que ela teria gostado. Por causa de Doença, ele foi deixado para trás em todas as batalhas, todas as celebrações. Ele era uma parte da vida de seus amigos, mas uma parte reservada, para ser olhado, mas nunca tocado, se isso fizesse qualquer sentido.

A raiva inflamou.

— Vou para onde ela for. Sem exceções.

O ofego dela ecoou no súbito silêncio da sala. Menos de uma hora atrás, ele tentou livrar-se dela; mas aqui estava ele, comprometendo-se a ficar ao lado dela. Ela poderia perguntar qual a razão dele, e ele não tinha uma verdadeira resposta para ela.

Sabin e Lucien compartilharam uma longa e silenciosa comunicação, antes de avançarem.

— Fique. — Sabin disse com um aceno de cabeça.

— Acabamos de tê-lo de volta, — Aeron disse. — Não podemos perdê-lo agora.

— Então ninguém ameaça Keeley, — Torin alfinetou Anya com um olhar. — Estou falando sério.

— Tudo bem. — A deusa bufou. — Garantirei que nunca ouça o que tenho a dizer.

Oh, verdade?

— Você pode ter testemunhado o temperamento da Rainha Vermelha em ação, mas Lucien te falou que ela é capaz de muito mais? Ela pode encontrar Cameo e Viola. E pode trazer Baden para casa. — Ele parou, certificando-se de que tinha a atenção de todos. — Ela pode encontrar a caixa de Pandora. — *E também a Estrela da Manhã.* Mas mais uma vez ele manteve aquela parte da notícia para si mesmo. Planejava fazer uma pequena pesquisa primeiro. — Porém, não vou pedir-lhe que faça qualquer uma destas coisas, se uma palavra indelicada for dita. Em minha presença ou não.

Um silêncio caiu, o espanto quase palpável.

Boom!

Toda a fundação da fortaleza balançou. Poeira caiu das vigas.

Boom! Boom!

Ele se concentrou em Keeley. Questões de temperamento? Mas ela estava prestando atenção nele e seus amigos desatentos, apenas olhando para o lado de fora.

— O que está acontecendo? — Ashlyn perguntou com um tremor. Ela segurou sua filha no quadril e arrastou seu filho para seu lado.

Keeley apontou a mão para a janela e disse, — Acho que... Estamos sendo atacados.

CAPÍTULO DEZOITO

Chispas de ira atravessaram o peito de Keeley. Ser a Rainha Vermelha tinha apenas uma desvantagem. Inimigos. Ela os fez por todos os lugares que passou e com frequência, como os servos que a seguiam.

Os rivais de hoje? Os Tácitos.

Eles pensavam em ameaçar sua nova vida.

Tinham que morrer.

A chuva parou e o trovão soou tão forte como uma bomba.

Ela enviou ondas de seu poder ao redor dos Tácitos, disposta a transformá-los em lixo... E depois uma serra... Apenas para perceber que tinham cicatrizes de enxofre. As ondas murchavam e transformavam-se em nada.

Quem lhes contou?

Não era difícil imaginar. Os três malucos possuídos pelo demônio.

Eles receberiam o seu. Mais tarde.

Tinha que pensar em um plano para pulverizar os Tácitos. Ela não podia destruir as feras da maneira que desesperadamente queria: fazendo-os explodir. E não apenas pelas cicatrizes.

Haveria outras vítimas. Provavelmente muitas outras vítimas. Todos os amigos de Torin explodiriam também e a fortaleza entraria em colapso.

É claro que ela podia riscar todos longe antes do grande evento, salvando-os de uma só vez, com exceção de Torin. Mas Lucien poderia cuidar dele. No entanto, ainda existia um problema: a fortaleza.

“Não a destrua”, Torin disse uma vez. Inclusive acrescentou um “por favor”.

Agora entendia o motivo. Se ela destruísse o lugar, seus amigos nunca iriam gostar dela.

Quero que gostem de mim.

Boom!

Toda a fortaleza sacudiu, pó subiu ao ar. Os Tácitos acabavam de destruir a enorme porta de ferro que rodeava a fortaleza e isso eliminou algumas armadilhas explosivas que Galen disse que colocaram no perímetro.

— Porque apenas não entram? — Perguntou. Havia perdido o elemento surpresa.

— Não são meus maiores fãs. — Disse a mulher chamada Sienna. — Tomei medidas contra eles.

Assim, que esta era a nova rainha dos Titãs. A que usurpou Cronus.

Não era a descomunal... fera que esperava.

— Os tácitos são estranhos, papai? — Ever perguntou tão doce quanto um caramelo.

— Sim, querida.

— Então, posso machucá-los?

— Sim. — Disse o guerreiro, seu tom duro como aço. — Pode machucá-los muito.

— Oh, que bom! — Sorriu e abraçou seu irmão.

A expressão de Urban permaneceu estoica quando retribuiu o abraço.

— Na verdade não. — Keeley anunciou. — Ela não pode. — Ela enfrentou os guerreiros quando uma viga do teto rachou.

— Sinto muito, Vossa Grande e Poderosa Majestade ou o que seja, mas não tem voto nisso. Os grandes garotos irão para o campo, — disse um deles chamado Strider. — Vamos fazer as coisas da nossa maneira. Da maneira certa.

— Não é verdade e não há forma certa. — Ela riscou as crianças, as mulheres e Strider a um lugar distante.

O resto dos guerreiros entrou em pânico.

— O que fez com eles? — O pai dos gêmeos gritou. — Onde estão?

— Claro, — disse Keeley. — Culpe a garota nova. Mas tudo bem, tudo bem, sua suposição está correta. E você deveria estar se regozijando! Estão seguros. Vou trazê-los de volta depois da batalha. — Ela esfregou as mãos. — Agora, vamos. Vamos começar, certo?

Boom!

— Torin. — Um dos homens de cabelo escuro disse.

— Eles não estão sendo prejudicados, — disse Torin. — Dou minha palavra que serão trazidos de volta.

Ele confia em mim.

Mais destes deliciosos raios de sol a encontraram.

Comprovou o relógio de pulso que não usava e disse: — Os Tácitos estão abrindo uma brecha no muro. — Ela brilhou um arsenal, trouxe de um bunker do qual seus espiões uma vez lhe

falaram. Armas de fogo. Rifles. Granadas. Lança-chamas. Espadas. — Escolham crianças, por minha conta.

— Posso transportá-lo a seu quarto, Torin, — disse Lucien. — Não vamos deixar as criaturas chegarem a você.

Como? Esperavam que o feroz e poderoso Torin se escondesse? Pensavam colocar no banco seu melhor jogador? Queriam perder?

— Ele não está sofrendo de cólicas menstruais, portanto pare de tratá-lo assim, — anunciou. Logo para Torin, ordenou, — Não pense em se esconder. Escolha uma arma.

Depois de um momento de hesitação, ele disse: — Senhora, sim senhora. — Escolheu duas espadas e um rifle e puxou o capuz para a cabeça. — E não, não acho que esteja usando jeans de mãe. Qualquer jeans que você use se converte automaticamente em jeans de garota.

Aí vai um pedaço do meu coração.

— Por que não pode riscar os Tácitos para longe? — Lucien perguntou. — Assim como fez com as mulheres e crianças?

Torin poderia... Não, com certeza ele não... Faria nenhuma brincadeira sobre as cicatrizes, isso iria doer. *Colocando a segurança deles acima da minha.* Até então, ela não diria nenhuma palavra.

— Tenho minhas razões.

Uma Sienna com o cenho franzido se materializou ao lado de Paris.

— Todos estão em uma praia. — Anunciou. Ela olhou para Keeley. — Não faça isso outra vez.

Não devo revirar meus olhos.

— Ou o quê? Vai fazer com que me arrependa? Por favor. Não pode fazer nada. Está tendo uma hemorragia de poderes, querida e por um bom tempo, pelo que parece. — Provavelmente a razão pela qual não pode enviar os Tácitos para longe. — Não se incomode em tentar negar. Posso sentir saindo de você.

A pele acetinada de Sienna ficou branca, como se estivesse doente.

— Sobre o que ela está falando, querida? — Perguntou Paris.

— Abandonar o barco. — Keeley continuou. — E sei o motivo. Não é seu, é de Cronus. O que significa que se uniu a você. Vai ter que consertar isso se tem a esperança de sobreviver.

— É uma ameaça? — Paris apontou uma semiautomática no peito de Keeley. — Porque não reajo bem à ameaças à minha garota.

Torin ficou diante de Keeley e afastou a arma.

— Não temos tempo para isso. E não deveria ter que emitir outra advertência, mas o farei. Não ameace minha garota ou vou colocar uma bala em sua cabeça.

Sou dele. De Torin.

— E enquanto se recupera, — disse Keeley. — Vamos raspar sua cabeça.

Paris retrocedeu horrorizado e acariciou seus cabelos multicoloridos.

Sentindo-se magnânima, Keeley acrescentou. — Vou permitir que me pergunte sobre sua mulher uma vez que os Tácitos estiverem mortos. Peça desculpa à Torin por ameaçar sua garota.

Eu. Esta sou eu.

— Respeitosamente. — Agregou Torin.

Paris fez um gesto rígido.

— Sinto muito.

Keeley colocou a palma nas costas de Torin. Ficou tenso à princípio, mas logo relaxou. Depois se virou, seu olhar intenso e quente.

— Fique a salvo. — Ordenou.

Por você? Sempre.

— Feito. — Queria lhe dar um beijo.

Não posso beijá-lo. Agora não. Mas mais tarde... Poderia valer o risco.

Os guerreiros correram em diferentes direções, alguns para cima, outros para baixo, todos tomando seus lugares nas janelas e disparando ao inimigo. Muito cedo, muito tarde. A porta principal se abriu de golpe, pedaços de madeira e metal voaram através do vestíbulo como mísseis, chocando com vários alvos vivos.

Uma mulher se precipitou dentro do vestíbulo. E oh. Oh, os feios tinham uma nova garota propaganda. Em vez de um nariz e uma boca, ela tinha um bico. Como um pássaro raivoso. Usava uma camisa de couro, mas Keeley não sabia por que a criatura se incomodou em colocá-la. O material que deveria cobrir seus peitos foi cortado. Seus mamilos estavam perfurados com diamantes. Uma saia de couro estava em volta de sua cintura musculosa e coxas.

Ela girou à esquerda, logo à direita, observando ao redor. Chifres pequenos sobressaiam de sua coluna vertebral e um líquido claro escorria da ponta. Veneno?

Os guerreiros que ficaram na sala de estar abriram fogo contra ela, mas as balas não surtiram nenhum efeito. Ela inclusive pegou em sua mão uma granada, esmagando-a ao explodir. O ar ficou vermelho vivo e resíduos cortantes arruinaram todo o lugar. Keeley transportou cada guerreiro menos Torin para outra parte da fortaleza, fora de perigo.

Enxofre estúpido! Como se supunha que poderia protegê-lo?

Ele caiu no chão e logo saltou a seus pés relativamente ileso.

Uma luta forte acima. Definitivamente violenta. Deveria intervir?

Em um movimento veloz, o Tácito fêmea chegou à suas costas, arrancou um de seus chifres e o lançou para Keeley. Torin bateu do seu lado, deixando-a fora do caminho. O chifre passou raspando pelos ombros deles.

Meu herói!

Mas a ira de Keeley voltou com força maior. A cara de bico quase feriu seu homem.

A fortaleza tremeu tão intensamente levantando poeira desde suas fundações.

Quando Keeley mostrou sua ira, a cara de bico foi para ela, agarrou seus ombros e a lançou do outro lado da sala. Não para matá-la, mas para tirá-la do caminho. Pegou Torin pelo pescoço, sem entender o que lhe custaria a ação e sorriu para Keeley como se dissesse: olha o que farei a quem defende.

Tudo sacudiu, tremeu. Trovões.

Keeley ficou em pé e caminhou adiante, convocando dois punhais no caminho. Iria estripá-la!

— Torin. — Disse ela.

Ele deixou que o Tácito fêmea segurasse a maior parte de seu peso enquanto envolvia suas pernas ao redor de sua cintura. Eles tombaram e ele absorveu o impacto, inclusive enquanto subia, quebrando o pulso dela e afrouxando seu agarre. Ele deu um tapa com a palma da mão em seu bico. Com um grito, ela engatinhou para longe dele. O sangue escorria de seu rosto.

Sua vitória não fez nada para refrear as emoções de Keeley. Já estavam comprometidas, seu poder fervendo, desesperado por libertação.

— Keeley. — Torin gritou por cima do ruído.

— Mantenha ela ocupada. — Ela instruiu e se moveu para o chifre. *Meu. Meu prêmio.* Ela o agarrou e se transportou para uma ilha deserta, no Atlântico Sul.

Seu poder explodiu nela em uma onda familiar, levantando-a sobre seus pés, movendo toda a ilha. Um vulcão rugiu, a lava saindo... Por todas as partes. Grandes fendas apareceram no chão, uma rede de destruição. Ela inalou fumaça e tossiu.

Quando se acalmou, o pior de sua fúria se diluiu em meio aos destroços e ela voltou para a fortaleza. *Se algo ruim aconteceu enquanto estive fora...*

Torin e o Tácito não estavam onde os deixou. Ela riscou para o andar de cima. Outro demônio reclamou sua atenção. Tinha um peito cheio de cicatrizes e as pernas cobertas de pelo

vermelho. Uma sombria ameaça irradiava dele quando rugiu e golpeou Lucien, que fez aparecer uma espada diante dele antes de riscar para trás dele movendo-a em um ângulo diferente.

Enquanto isso, Sabin direcionou o lança-chamas no Tácito enquanto Gideon soltava uma chuva de munição de um rifle automático.

— Minha vez. — Gritou Keeley. Iria adorar isso.

Para sua surpresa, os amigos de Torin pararam, dando-lhe a abertura que precisava.

Ela se transportou para os ombros da criatura e envolveu as pernas ao redor de seu pescoço. Quando tentou agarrá-la e jogá-la longe. *Boa sorte, otário.* Ela enfiou o chifre envenenado que ainda tinha com ela em seu olho. Ele gritou de dor, os músculos esgotados. Ele tombou, caindo no chão, imóvel.

Keeley se arrastou por baixo dele e ficou em pé, cuspiendo nele.

— Acabem com ele. Arranquem a cabeça e o coração e em seguida, queimem os pedaços.
— Não há necessidade de correr riscos.

Um a menos. Faltavam três.

Ela passou por toda a casa, encontrando as três feras restantes em um quarto. Os dois machos eram altos e largos parecidos com montanhas vivas. Um era careca, com sombras em seu crânio. As sombras eram grossas, negras e pútridas. O outro tinha lâminas no lugar de cabelos. Pequenas, mas afiadas que saíam do couro cabeludo, reluzindo sangue.

Um dos amigos de Torin estava imóvel no chão. Aeron, o que tinha muitas tatuagens.

Keeley não se permitiu avaliá-lo por muito perto. Ainda não. Suas emoções...

As paredes da fortaleza começaram a tremer novamente.

Calma. Devagar.

Torin parou na frente de seu amigo, lutando com uma espada com a cara de bico. Keeley parou um momento, presa pela visão. Que retrato assustadoramente macabro eles faziam. A vilã bicuda cujos movimentos eram fluidos como água e o herói angelical cujos movimentos eram calculados e metódicos.

A mulher brilhou atrás dele, mas ele esperava esta ação e se virou, encontrando-a com a ponta da espada. Antes que pudesse desferir o golpe mortal, ela desapareceu, aparecendo a sua esquerda. Keeley foi para ela, com a intenção de um ataque furtivo enquanto outro amigo de Torin deslizava pelo quarto de joelhos, derrubando tanto o Tácito quanto Keeley.

— Sinto muito, sinto muito. — Ele saiu correndo.

— Não se preocupe. — Respondeu Keeley.

Torin levantou sua espada para apunhalar a cara de bico, apenas para fazer uma pausa quando viu Keeley.

A pausa lhe custou. Cara de bico aproveitou a oportunidade para dar-lhe um chute no estômago, enviando-o para trás, através de uma parede e para outro quarto.

O tremor nas paredes se intensificou.

Keeley brilhou a espada de Torin em sua própria mão e logo foi de um lugar para outro para que a Tácio não pudesse bloqueá-la. E quando finalmente a criatura simplesmente ficou balançando em círculos, batendo no ar, Keeley apareceu a um mero sussurro dela e a apunhalou no pescoço e logo puxou a lâmina para baixo... Mais baixo... Até que dividiu o estômago da cara de bico e a pélvis em dois saindo entre suas coxas. O sangue brotou quando a mulher gritou de dor e caiu.

Keeley sorriu.

— Gostou disso? Eu sim.

O guerreiro possuído que derrubou Keeley no chão estava perto o suficiente da Tácio caída para cortar sua cabeça.

Dois para baixo. Faltavam dois.

Torin se virou e olhou para Keeley com determinação.

— Está bem?

— Muito bem.

— Gideon está em perigo. — Alguém gritou do andar de baixo.

Keeley brilhou longe e não teve problemas em adivinhar quem era Gideon. O guerreiro de cabelo azul estava no meio da escada e de costas. O Tácio com sombras saindo de sua cabeça tinha um braço levantando, garras longas em uma mão.

— Não! — Ela transportou Gideon para o outro lado da fortaleza quando o sorridente Tácio sorriu avançando para ela, balançando seu braço para baixo... Para baixo... Seu plano desde o princípio.

Suas garras com ácido cortaram sua jugular, cortando seu grito de agonia antes mesmo de ter oportunidade de se formar. O grito de negação de Torin soou em seus ouvidos enquanto caia no chão.

Queimava... Muito. Pensamentos se romperam em pedaços.

Ainda que sua visão estivesse escurecendo, foi testemunha de Torin indo contra o Tácio sorridente que o envolveu com suas sombras. *Não! Não!* Mas as sombras sumiram rapidamente, revelando Torin com um coração pulsando em sua mão.

Quando o Tácito caiu de joelhos, ofegando de dor, Torin colocou o coração na boca dele. Seu guerreiro puxou a espada e golpeou. A cabeça da criatura golpeou o chão e rodou longe. O resto de seu corpo caiu adiante e pelas escadas.

— Princesa, — disse Torin, agachado a seu lado. Suas mãos segurando seu rosto. Ele sussurrou em um suspiro. — Sinto muito. Sinto muito. Há tanto sangue em seu rosto.

Não se preocupe com isso, ela tentou dizer, mas tinha problemas para mover sua boca. Negro tomava sua visão. A seu redor, os ruídos da batalha eram registrados. Grunhidos. Metal, ossos quebrados. Fendas. Maldições. Outro golpe. Então algo suave tocou seu rosto.

— Fique comigo. — O cheiro masculino de Torin a envolvia. — Aeron está vivo. Todos sobreviveram. Espero o mesmo de você. Escutou?

Sangue saía dos cantos de sua boca. Genial! Quanto pouco atraente seria isso?

— Vincule-se comigo, — continuou. — Faça. Tome minha força. Qualquer coisa que precisar. — Ouviu o sussurro das roupas.

Ele quer se vincular comigo?

Alegria...

Torin deve ter tirado a camisa, porque a próxima coisa que soube foi que estava pressionando o suave algodão na ferida do seu pescoço.

— Não tem nada que fazer além de melhorar. E o fará. Estive aí. Tive minha garganta cortada e consegui. Você também o fará. É mais forte que qualquer pessoa que conheço. Vai se curar. É uma ordem, princesa.

CAPÍTULO DEZENOVE

Torin observava Keeley em sua cama. Quieta. Ainda. Ele dormiu neste quarto por centenas de anos, sonhando com o dia em que uma mulher pudesse descansar junto a ele. Mas isto estava muito longe de um sonho... era um pesadelo.

Os lençóis estavam encharcados com seu sangue. Sua Fada de Açúcar estava morrendo.

— Não. Não! Eu me nego a te perder. Ouviu? — Gritou as palavras para uma Keeley inconsciente.

Ela o tocou uma e outra vez disposta a enfrentar as consequências, assim esta não seria a forma como morreria.

Ela nunca morreria.

Preciso muito dela.

O dia em que Torin foi para a prisão com Mari, Danika lhe deu uma pintura. Como Danika era o Olho-que-Tudo-Vê, quase sempre via alguns flashes do futuro e até agora, nunca errou. Nesta pintura em concreto, Torin estava reclinado em uma poltrona de couro escuro com um copo de algo em uma mão e um charuto na outra. Ele estava rodeado de pessoas, curtindo a vida. Sua, deles. O sorriso em seu rosto sugeria que estava feliz de forma sublime, sem preocupações ou necessidades insatisfeitas.

Se este era para ser seu futuro, Keeley tinha que sobreviver. Era simples assim.

Fez pressão em suas feridas... E ela deixou de sangrar. Mas enquanto olhava, seu peito ficou quieto, já não subia nem descia.

Já não respirava.

Golpeou seu esterno, um minuto... tic tac... dois... três... A ferida em seu pescoço se abriu novamente. O sangue que ela precisava desesperadamente se esvaía.

Ele inclinou-se para trás, gritando: — Vamos Keys! Reaja!

O silêncio que se seguiu o cortou.

— Por favor! Tem alguma ideia do quão importante você é para mim?

Uma vez mais, silêncio.

Mas... Ela não podia saber. Ele nunca disse.

Com um grito que surgiu do mais profundo de sua alma, ele fez um buraco na parede, dando boas-vindas à dor aguda nos nós dos dedos. *Nunca deveria ter permitido que Keeley ficasse ali.* Deveria ter encontrado força para se afastar dela pela segunda vez. Para sempre.

Sua fraqueza custou à ela. Custou à ele. Não apenas da forma que ele imaginou.

— Keeley! Está ouvindo? — Derrubou a cômoda, as gavetas se espalharam pelo chão. Deu outro chute no criado-mudo e pisou nos restos. — Está na minha cama. Disse que eu poderia ser o chefe aí. Estou dizendo o que deve fazer, então faça!

Mas não o fez.

Cada inalação queimava seu peito, arrancou uma luminária da parede e lançou-a através do quarto, acrescentando outro buraco a sua coleção.

Preocupava-se com esta mulher. Cuidou muito dela. Ao vê-la assim, tão indefesa ante uma ferida que não fez, mas da qual não a protegeu... Algo se rompeu dentro dele. Os últimos vestígios de sua humanidade, talvez.

Caiu de joelhos. Sentia-se como um animal, faminto e desesperado. Totalmente selvagem. Inconsolável.

— Fique calmo. — Disse Lucien aparecendo junto a ele.

Ficar calmo?

— Porque não vai para o inferno?

Sua porta se abriu antes que pudesse terminar de insultar seu amigo e Danika entrou no quarto, carregando um vaso de... Terra?

— Sienna me trouxe de volta. — Disse ela parando na beirada da cama, virando o vaso de terra. O cheiro encheu o ar quando os grãos cobriram a lesão de Keeley.

Torin ficou em pé e ao lado de Danika antes que pudesse terminar, encarando seu rosto, quase roçando seu nariz contra o dela. Ao perceber o perto que estavam, afastou alguns centímetros.

— É melhor que tenha uma boa razão para isso. Ou... — Os olhos de Danika se abriram com um medo repentino.

— Ela tem, — disse uma voz da porta. Pertencia a seu homem, Reyes. — Ela teve uma visão e lhe mostrava como ajudar sua mulher. — O guardião da dor estava em pé com os braços cruzados, olhando Torin com expectativa. — Afasto-se de Danika ou vamos ter um problema, amigo.

Não podia nem mesmo desafiar seus amigos, sem colocar suas vidas em perigo.

Apertando os dentes, endireitou-se e se afastou.

Danika deu um suspiro de alívio e seguiu adiante.

— Vou me inclinar para verificar se a terra está dentro do corte, de acordo?

— Por quê? — Perguntou.

Ela estremeceu ante sua veemência, dizendo: — Você conhece o ditado que diz que devemos esfregar um pouco de terra na ferida. Aparentemente, isso vem da espécie dela. Os Curadores. Keeley está unida à terra e à suas estações, o que significa que está unida à seus elementos. Isso vai ajudá-la.

Isso fazia sentido, ele percebeu. Afastou o ombro de Danika do caminho sem chegar a tocá-la e agachou ao lado de Keeley. Esfregou com cuidado a terra em sua ferida. Pela primeira vez desde que a viu cair sob o ataque Tácito, começou a ter esperança.

—Torin, — disse Danika. — Tem certeza que deveria estar fazendo isso? Eu...

— Estou usando luvas. — Grunhiu. Ele não colocaria Keeley em risco, não outra vez. Ele apenas... Tinha que tocá-la de alguma forma.

— Eu sei, mas... — Danika lambeu os lábios enquanto ele a imobilizava com um olhar. — Não importa.

Os seguintes minutos de silêncio foram uma autêntica tortura. Esperou, mas a condição de Keeley não melhorou. Esfregou a terra com mais força, inclusive deixou cair lágrimas em sua pele para que a terra entrasse profundamente. Algo queimava no fundo de seus olhos.

— Não entendo, — disse Danika. — Isto deveria funcionar.

Torin se levantou, tirou o vaso das mãos de Danika e o encheu de água. Se um elemento ajudasse, dois com certeza ajudariam mais. Verteu a água sobre a ferida.

Ela permaneceu em silêncio, imóvel. Muito quieta ainda.

A esperança estava morrendo; rápida e brutalmente assassinada.

Doença soltou uma risada muito familiar e odiosa.

Gritando em negação contra o que estava dentro de sua cabeça, Torin pressionou sua testa contra o colchão. Não poderia perdê-la. Não... ela não. Mas era isso. Estava perdendo sua bela Fada de Açúcar. *Não! Os monstros devem morrer, não os anjos.* Não era justo.

Quando se tratava de vida ou morte, o que era justo?

Este era o fim. O preço do mal... Escuridão. Não dela, mas deles. Os Tácitos. Coisas ruins aconteciam porque criaturas como eles tinham livre arbítrio.

Agora, não havia mais segundos no relógio de Danika.

Como conseguirei seguir em frente?

— Torin? — Disse Danika.

— Saiam! — Keeley não iria querer que a vissem assim. — Em poucos segundos não serei responsável por minhas ações.

— Mas...

— Agora. — As lágrimas pingavam de seu queixo, juntando-se ao líquido que ainda estava sobre a ferida, absorvendo-as.

O torpor iria acabar. Ele estava brincando? Já o deixou há muito tempo. Iria romper através deste quarto, desta fortaleza e logo o mundo inteiro. Ninguém estaria a salvo de sua ira.

— Espere. Acho que ela está respirando. — Danika insistiu.

Sua cabeça se levantou. Os olhos de Keeley estavam ainda fechados, mas ela estava... Sim! Ela estava respirando, seu peito subindo... Descendo... Subindo novamente.

Estava viva!

— Keeley, amor.

Sua cabeça virou para ele enquanto gemia.

— Estou aqui princesa. Estou aqui. Não vou deixar que ninguém a machuque nunca mais.

Nem sequer eu.

* * *

Keeley se esticou e piscou em plena vigília. Quando registrou ao seu redor, franziu o cenho e foi para uma posição sentada. Estava em um quarto desconhecido e havia vários buracos nas paredes. Cada móvel, sem incluir a cama, estava no chão em ruínas.

Era uma opção interessante de decoração.

A luz do sol se filtrava pela grande janela, lançando raios luminosos sobre a monstruosidade king-size que ocupava... Sozinha. Havia um oco do outro lado, fazendo-a pensar que alguém passou a noite com ela. Torin?

O pensamento a emocionou. Mas, onde estava?

Uma voz flutuou desde as sombras, em resposta a uma pergunta não formulada.

— Ele está com seus amigos. Querem interrogá-la assim que acordar, mas ele está se negando.

Uma voz que reconheceu. Sorrindo ela disse.

— Galen.

— Nenhum outro.

Seu olhar se moveu através do quarto pela segunda vez até que ela percebeu onde estava. Em um canto, em meio a pedaços quebrados de madeira. Forte e robusto com suas asas alguns centímetros mais longas.

— Arriscou muito vindo aqui.

Ele assentiu com a cabeça enquanto se levantava. Aproximou-se dela.

— Sim, o fiz.

— Para prejudicar Torin? — Por muito que gostasse do guerreiro, sua convivência com ele começava a incomodá-la. Torin era seu homem e lhe apoiava, escolhia seu bem estar acima de seus amigos. Que tipo de namorada poderia ser se ficasse amiga de seu inimigo?

— Não. Torin não tem nada a ver com isso. — Galen sentou-se a seu lado, sua coxa roçando a dela. — Ou com a vingança.

Interessante. Ainda estou sem vontade de tocá-lo, com certeza. *A proximidade deveria me afetar apesar de minha falta de atração por ele.* Mas não fazia nem cócegas. Nada.

Havia Torin a arruinado para todos os demais?

— Já não o odeia? — Perguntou.

— Oh, eu o odeio. — Ele sorriu com frieza. — Sempre o odiarei. Ele uma vez foi um dos meus amigos mais próximos, se não o mais próximo. Mas não confiou em mim, ainda acredita que fui eu quem revelou o plano para roubar a caixa de Pandora de Zeus.

— Não foi assim?

— Claro. Mas, você não me ouviu? Ele deveria ter confiado em mim.

Ela rodou os olhos.

— Assim, você, a parte culpada, se irritou com a parte inocente por se atrever a reagir ante uma traição com mágoa e raiva. Típico.

Ele assentiu com a cabeça.

— Isso resume tudo, sim.

— E você, a parte culpada, guarda rancor.

Seu sorriso voltou, mas desta vez, havia um toque de ternura.

— Gosto quando você me acerta.

Outra vez rodou os olhos.

— Porque está aqui? E se me disser que está aqui por mim e quer me levar embora, de verdade vou estripá-lo. Pertencço à Torin. Ele disse. — E era melhor não ter mudado de opinião. Ou teria que pagar muito caro!

— Isso é bom, porque você não é o meu tipo.

Ei!

— Não gosta de garotas valentes com problemas de temperamento?

Ele sacudiu de forma brincalhona a ponta do nariz.

— Você não é Legião, assim não. — Ele pensou um minuto, franziu o cenho. — Suponho que deveria chamá-la Mel. Assim é como os Senhores estão chamando-a. Aparentemente, ela reinventou a si mesma. Parte de sua recuperação.

Pedaços de conversas passadas flutuaram pela mente de Keeley e ela suspirou.

— Esta Legião virou a garota Mel. — Uma inimiga que deu sua virgindade à ele, depois tentou matá-lo. Não apenas de brincadeira, ela realmente o envenenou. Então ela fugiu dele. Ele foi atrás dela, com a intenção de se vingar, apenas para ser impedido pela guerra com os Senhores. Durante este tempo, Legião, Mel, terminou de alguma maneira no inferno, onde foi torturada sem piedade. — Você está aqui para roubá-la?

Encolheu os ombros.

— Não sei. Pode ser. Em primeiro lugar, apenas quero falar com ela.

— Bom, faça-me um favor e não faça isso. Ainda não. Estas pessoas acabaram de recuperar Torin e mal me conhecem. Sem falar na batalha com os Tácitos. Estão um pouco sobrecarregados e com certeza não reagirão bem à outro distúrbio. — Além disso, ela não tinha vontade de explicar sua associação com Galen agora. Ela e Torin finalmente estavam evoluindo. Não havia razão para querer destruir isso.

— Não vou machucá-la, — disse Galen. — Ela já foi ferida o suficiente. E ninguém nunca saberá que estou aqui, dou minha palavra. Mas preciso da sua ajuda. Há uma espécie de bloqueio em seu quarto e não posso entrar.

Uma coisa era que ajudasse a levá-lo a um lugar seguro, mas outra diferente era permitir que andasse livremente pela casa de Torin.

— Me dê um pouco de tempo. Logo Torin irá me dever alguns favores e serei capaz de conseguir que os Senhores do Submundo aprovem um encontro entre você e Mel.

Galen estreitou os olhos, sombras fizeram seus olhos azuis parecerem negros.

— Há um pequeno problema em seu plano. Não quero esperar.

Acariciou a parte superior da cabeça dele.

— Pobre macho com dano cerebral. Acha que estou lhe dando uma escolha?

Ele abriu a boca para responder, mas ela levantou um dedo em uma demanda de silêncio. Suas orelhas tremeram... Logo ela percebeu! Alguém se aproximava da porta do quarto.

— Mais tarde. — Disse ela e riscou Galen para o outro lado do mundo. Poderia tê-lo riscado para outro reino, mas tinha escrúpulos. Estavam danificados, mas estavam ali.

Talvez.

Apressou-se a alisar a camiseta nova que Torin vestiu nela onde se lia: “Reyes é A Dor Maior”, preparando-se para seu próximo visitante. Realmente esperava que fosse seu Encantado. Tinha algumas coisas para discutir com ele. Galen, sim. Mas também sobre o relacionamento deles. As coisas mudaram. Ambos sabiam. Logo as decisões mais difíceis deveriam ser tomadas.

O que estaria disposto a fazer para que o que havia entre eles funcionasse?

O que queriam um do outro?

Como deveriam proceder?

Estava entusiasmada com as possíveis respostas, mas também receosa. Como temia, poderia ter mudado de opinião novamente.

Bom, ela lhe mostraria!

Keeley transportou o mobiliário quebrado para longe e trouxe outros para o lugar. *Estou me mudando, isso é tudo.*

Tente se livrar de mim, Encantado. Eu o desafio.

CAPÍTULO VINTE

Torin subiu a escadaria, cada nervo arranhando cruamente. Muitos de seus amigos arrastavam-se atrás dele, e ele perguntou-se por que infernos esteve tão ávido por retornar a eles.

— Eu só quero conversar com ela, — Sabin disse. — Eu serei legal, eu juro.

Talvez ele fosse. Mas a versão de Sabin de legal significava deixar seu oponente vivo; à beira da morte, mas vivo. O sujeito ainda não percebeu que o legal de Keeley faz o dele parecer como um dia no Spa.

— Esqueça.

— Deixe-me agradecê-la por salvar Gideon. — Scarlet disse.

— Mais tarde.

— Deixe-me conversar com ela sobre achar Cameo e Viola, — Aeron disse. — Eu sei que nós não podíamos falar com ela enquanto estava se curando, mas ela está melhor. Certo?

— Certo. Mas eu conversarei com ela sobre isto.

— Que tal o poder de Sienna? — Paris perguntou. — Keeley prometeu respostas.

— E ela dará. Só não hoje. Então o que aconteceu com Taliyah? — Ele perguntou, mudando de assunto antes que qualquer outro pudesse protestar. — Alguém descobriu por que ela quis a fortaleza que nós temos no Reino de Sangue e Sombras?

Taliyah era a irmã mais velha de Gwen e Kaia e, francamente, mais fria que gelo. Ele estava certo que conseguiu um congelamento apenas conversando com ela. Razão pela qual ela era a única mulher na Terra que ele já solicitou que William “fizesse aquela coisa de derreter”.

Ela também era a única mulher na Terra que William se recusou a tocar.

— Nós ainda não sabemos, — Strider respondeu. — Taliyah precisou disto mais cedo que o esperado, e nós não podemos chegar a ela. Ela não virá para nós.

Por sua escolha?

— E William? Ele sabe de meu retorno? — Torin estava surpreendido pelo quanto sentia falta do sujeito.

Strider balançou sua cabeça.

— Ainda não, mas não se preocupe. Ele aparecerá mais cedo ou mais tarde. Ele não deixa Gilly e seu planejamento da festa de aniversário por muito tempo.

— Querido diário, — Anya murmurou. — Faz três horas desde que matei alguém. Desnecessário dizer, a vida é um saco. Meu magnífico noivo recusa-se a me deixar matar a criatura

mais repugnante existente. Bem como não me deixará dar-lhe algumas facadas superficiais. Eu estou pensando em terminar com ele.

— Eu não recomendo, — Reyes respondeu. — Ele pode não pedir sua mão em casamento uma segunda vez.

Ela ofegou com a afronta.

— Lucien. Diga a ele!

— Eu pediria novamente. — Lucien disse a ele.

Certo, então talvez fosse um tanto quanto bom voltar para o meio desta esquisitice.

— De qualquer maneira, — Anya disse. — Torin, você se lembra daquelas crianças que nós salvamos de Galen e de seu bando um tempo atrás? Aquelas com habilidades sobrenaturais? Bem, mesmo depois que nós encontramos novas casas para eles, eu mantive contato, vigiei eles. Eu sou incrível mesmo. E eles estão indo bem, a propósito. Com exceção de um. Ele fugiu. Eu preciso que você diga à Rainha Vermelha para encontrá-lo.

— Eu pedirei a ela. — Um pequeno sorriso tocou a boca de Torin quando ele alcançou a porta para seu quarto. — Ok, todo mundo. Aqui é onde separamos nossos caminhos. — Em meio a vaia e assobios, ele empurrou seu caminho para dentro. Segurando uma bandeja amontoada com o café da manhã, chutou a porta fechada.

Ele perdeu o sorriso quando avaliou a condição de seu quarto. O quê? Infernos? Havia pilhas de ouro e joias em cada canto. Tanto que ele não estava certo como o chão podia resistir ao peso. Havia vasos de plantas pendurados no teto. Uma fatura de roupa feminina derramando de seu armário. Vestidos como o que Keeley vestia durante a luta, parecendo com uma versão estrela pornô de uma rainha do mal, abalando totalmente seu mundo. Havia uma chaise longue com estampa de pele de animal com um manto de veludo preto jogado sobre a borda. Uma mesa feita de porcelana cobalto e flores de metal. Um grande espelho oval com querubins dançando em torno dos lados. E gravado sobre sua tela de computador estavam lembretes para mutilar ou matar certas pessoas.

— Surpresa! — Ela disse. — Eu economizei você da dificuldade de ter que me pedir para me mudar. Não há de que.

Sua Doce Fada de Açúcar estava reclinada no centro da cama, as cobertas caídas ao redor dela. Excitação ardia em seus olhos azul bebê. Cabelo dourado caía todo caminho para o colchão.

Como nas vezes anteriores, ele foi golpeado pelo súbito desejo de chegar a ela, levá-la, o sangue dele relampejando em branco-quente.

Ele teve uma conversa motivacional com ele mesmo. *Minha vontade é como ferro. Eu sou forte o suficiente para resistir à tentação, até mesmo a tentação do Furacão Keeley.*

— Você está certa que viver junto é sábio? — Ele colocou a bandeja na nova cabeceira, um pedaço de madeira com a frase “caso de uma noite” gravado em cima, então abaixou ao lado dela.

— Nós acharemos um jeito. — Ela disse.

Seria melhor eles acharem isto rápido.

— Como você está se sentindo?

— Cem por cento.

— Mas...?

Ela estudou seu rosto, inalou profundamente, segurou... Então se levantou e foi para o banheiro, sem se preocupar em fechar a porta atrás dela. Ela brincou com os botões no chuveiro, girando todos, e em seguida, a água estava despejando do cano. Ela despiu-se, quase o matando, e entrou lavando-se com os produtos favoritos de Torin, o cheiro de sândalo suavemente cobrindo o ar.

O vidro separando o banheiro do resto do quarto não embaçou, permitindo-o assistir seus mamilos endurecerem... Sua barriga tremer. Pensando nele? Desejando que suas mãos estivessem nela? Seu corpo pressionado atrás do dela?

Tensionado tão apertado quanto um arco.

Em transe, ele caminhou até o banheiro e se empoleirou na tampa do vaso sanitário. Sua ereção estava tão dura quanto um tubo de aço, mas tinha que ser ignorada.

— Mas, — ele insistiu.

— Eu posso adivinhar o que você vai fazer a seguir, e não gosto disto.

— E isto é?

— Algo cruel para tentar se livrar de mim.

— Eu não vou.

Ela continuou como se ele não tivesse falado.

— Eu sou mais do que o mais poderoso imortal na Terra, você sabe. Eu sou uma pessoa. Com sentimentos e tudo! Eu valho mais que um barril de uísque.

— Você vale mais que qualquer coisa. — Ele disse calmamente.

— Eu tenho um coração e é bastante capaz de ser par... Espere. O quê? — Ela perguntou.

A única fantasia que ele já teve saiu do chuveiro, gotas de água escorregando abaixo de sua figura deleitável. *Não olhe.* Ele olhou, seu sangue queimando mais e mais quente. *Oh, lambe cada gota.*

— Eu não quero me livrar de você. — Ele levantou e, ignorando o puxão para ir para ela, tocar e se satisfazer, moveu-se para o quarto, criando distância. — Mas eu não posso continuar machucando você. Viver no mesmo quarto aumentará nossas chances de contato.

— Quando somos cuidadosos, você não me machuca.

— E se eu não for cuidadoso da próxima vez?

— Esse se é um saco. É minha vida, minha decisão.

— A culpa...

Ela levantou seu queixo.

— Foda-se a culpa. Você pode fazer isso por mim... Não pode?

Sua incerteza cortou o coração dele como uma faca.

— É um milagre que você sobreviveu a meus toques no passado. Muito poucos conseguiram tal feito sequer uma vez, mas você fez isto três vezes. O que acontecerá na quarta vez? Na quinta? Um dia, se as coisas continuarem na mesma velocidade e pelo mesmo rumo, você não vai se recuperar. Eu prefiro morrer a deixar isso acontecer, Keys.

Seus lábios se separaram enquanto ela lutava para formar uma resposta.

Por que não dizer o resto? Apenas colocar tudo para fora?

— Você é especial para mim. Eu gosto de você. Você podia ter me matado diversas vezes. Você não matou. Você devia me temer. Você nunca temeu. Você devia me odiar. Você parece não poder administrar isto. Você devia me evitar, ainda que você só me traga para mais perto. Eu quero o melhor para você. Mas o melhor não sou eu.

— Oh, Torin! — Lentamente ela caminhou em direção a ele, seus movimentos tão fluidos quanto a água ainda gotejando dela. — Você é o melhor.

Ele afastou-se dela. Suas pernas bateram na extremidade da cama, e ele caiu sobre o colchão, saltando. Ela apenas continuou indo até que estava em pé bem em frente a ele. Nua. Gloriosamente nua.

— Você é especial para mim. — Ela disse. — Eu disse isto a você. Mas o que você não sabe é que eu gosto de você também, e quero o melhor para você. E Torin? Eu sou o melhor. Você me viu lutar, sim? E a extensão de meu poder? Eu podia fazer mais, te mostrar mais, a não ser pelo enxofre. Você ficaria impressionado.

O desespero dela para fazê-lo acreditar em suas reivindicações era outra faca em seu coração.

Ele quis prometer remover o enxofre imediatamente. Mas isso teria sido uma mentira. Esquecer a necessidade de ter uma arma contra ela. Ele já não tinha nada a ver com isto. Tão

selvagem quanto o temperamento dela podia ser, alguém tinha que poder negar suas habilidades no momento. E desde que ele não podia tolerar o pensamento de qualquer outro pondo suas mãos nela, o fardo caiu sobre ele.

— Eu quero tanto pertencer a você, — ela continuou. — Não apenas em palavras, mas em ações. Eu sofro por você, o tempo todo.

— Keys... — Ela podia ouvir o desespero dele?

— Não. A Princesa ainda está falando. Você me disse para me vincular a você, e eu fiz. Mas, Torin, tenho que admitir a verdade. Fiz isto antes de você pedir. E não sinto muito! Não mais. Eu não queria que isso acontecesse e tentei parar, mas você, meu doce guerreiro, é irresistível. Você não tem que se preocupar, entretanto. Não sou um parasita. Eu não apenas tomo, eu dou. Você percebeu que já está mais forte, assim como eu? Um dia eu pararei de ficar doente. Seguramente. O demônio ficará sem doenças. Eu durarei mais que ele. Apenas espere e veja.

Mil emoções bateram nele. Na linha de frente? Excitação. Eles estavam ligados. Ele e ela. Conectados de um modo que ele nunca imaginou possível, não para ele.

Correndo alguns passos atrás da excitação estava esperança, medo, exaltação. Possessividade... *ela é verdadeiramente minha*. E medo. Então, mais excitação.

Tanta excitação...

Ela estava implorando por uma chance de ficarem juntos. Implorando com o olhar cabisbaixo, pesado em seus olhos. Com a suavidade de sua voz. Com os tremores atravessando sua adorável pequena figura. Sua Doce Fada de Açúcar não deveria ter que implorar por nada.

Eu estou perdido.

E ela... Ela era sedução crua, carnalidade pura. E que carne requintada era, polvilhada de rosa e tão deliciosamente úmida. Ele disse a si mesmo que era forte, mas ele era realmente fraco. Com ela, ele sempre seria fraco.

— E se...

— E se nós nos divertirmos e nada de ruim acontecer? — Ela terminou por ele.

Não era o que ele planejou dizer, mas as palavras foram acompanhadas por uma esperança que ele nunca poderia superar. E se ela estivesse certa?

— Se fizermos isso, — ele disse, — faremos sem contato pele com pele. Concorde. — Não uma pergunta, mas uma demanda, e uma que ele sem querer pronunciou com toda a necessidade rude trancada dentro dele.

— Não. Se o único caminho para se tornar completamente imune a seu demônio é suportar cada uma de suas doenças, então eu tenho que...

— Não! — Ele inseriu. — Não depois de tudo que você passou. Não haverá mais doenças para você. E, Keys? Eu não quero discutir sobre isso. Concorde.

Ela lambeu os lábios. Esperar sua concordância, mesmo relutante, provou ser umas das maiores torturas de sua vida.

Mas quando ela fez isto, ele não desperdiçou nenhum tempo. Ele a pegou, e sentou-a em seu colo. Ela ofegou no momento do contato. Ele silvou, eletrificado, e se virou para pressioná-la contra o colchão. Seus seios luxuriantes balançando, e seus mamilos, tão rosas quanto framboesas, hipnotizaram-no.

Ela arqueou seus quadris para cima, buscando-o, tanto dele quanto podia. A visão dela... O cheiro dela... O melhor do verão, flores novas, salgueiro e o almíscar da excitação, misturado com as notas mais escuras de seu cheiro. Os sons que ela fazia... Os gemidos e suspiros e doces pequenos ronronar.

Ele não podia ter o suficiente.

Preso em um deserto a maior parte de minha vida, finalmente achei um oásis.

— As coisas que quero fazer com você...

Seu olhar de céu matutino pediu-lhe.

— Faça. — Uma demanda tão áspera quanto a dele. — Todas elas.

Ele enrolou os dedos debaixo de seus joelhos, e ela respirou fundo. Como antes, ele podia sentir o calor de sua pele através do tecido das luvas quando colocou as pernas por fora dos quadris dele, abrindo-a para sua observação. Bonita, rosa e molhada com um mel destinado a ele. Só a ele. Tanto que queria prová-la, e amaldiçoou seu demônio.

Riso soou atrás de sua mente.

Talvez existisse um modo. Ele apenas tinha que pensar. Mas sua mente e corpo se importaram apenas com uma coisa: Entrar nela.

Ele deixou suas mãos vagarem em cima... Em cima, e escová-la entre suas pernas, acariciando-a, provocando-a. Seus suspiros eram uma carícia para os ouvidos dele. Ele continuou o deslizar para cima... Finalmente segurando seus seios, os mamilos franzindo bem diante de seus olhos. Delicioso.

O riso parou.

Ou talvez tão focado como estava na mulher estendida para seu prazer, ele achou que não podia mais ouvir.

Quando ele passou os polegares por cima de cada botão rosado, ela arqueou de cima a baixo, perseguindo a sensação, como se sua provocação já fosse demais para ela. Recusando-se a renunciar a seu poder sobre ela, ele rastejou todo caminho sobre a cama e colocou suas coxas

debaixo do traseiro dela, puxando-a mais perto, apertando a necessidade mais íntima dela contra a braguilha de suas calças, onde sua ereção pedia por liberdade. Girando seus quadris de novo e de novo permitindo-se mover contra ela, com ela, atormentando ambos.

— Torin, — ela rosnou. — Eu já estou muito perto.

Queira-a mais perto. Ele se ergueu, segurando as pernas dela contra suas laterais de forma que apenas sua cabeça e ombros permanecessem no colchão, e ele aumentou a intensidade e velocidade de suas estocadas circulares. A pressão aumentava na base de sua coluna, uma pressão gloriosa.

— Queria estar dentro de você, — ele resmungou. Ele nunca experimentou uma sensação como esta, mas soube instintivamente que o próximo passo ultrapassaria isto de longe.

— Sim. — Ela deu um gemido selvagem. — Sim. Dentro de mim. Por favor.

Foi a primeira vez que ele ouviu as palavras *por favor* de seus lábios, não emitido como uma ameaça ou um insulto, e oh, isso o afetou. Seu controle resistiu contra as rédeas. *Não posso. Não vou.* Mas ele estocou. E estocou. E estocou contra ela. Duro. Mais duro. Tão duro que a cabeça dela bateu contra a cabeceira da cama.

Ela pôs o peso nos cotovelos e ergueu seu quadril cada vez mais alto. A fricção... O êxtase...

De alguma maneira ela conseguiu assumir o controle, montando-o de cima a baixo. Muito mais duro. Muito mais rápido.

Controle, quase desaparecido.

Lábios bem apertados nos dentes, ele soltou as pernas dela e agarrou seus quadris para ajudá-la a deslizar mais facilmente. Seus olhares se encontraram. Os olhos dele cintilavam tão selvagememente quanto os dela?

— Me beije. — Ela disse.

Sim.

Sua boca era luxuriante e molhada, implorando pela dele.

— Não.

— Por favor. — Ela disse novamente.

Ele sabia que ela alcançou o ponto onde nada importava além da próxima onda de prazer. O futuro parou de existir para ela.

— Não, — ele disse novamente. Ele observou quando ela chupou seu lábio inferior, correu seus dentes sobre ele, e ele quase gozou. — Não... Nós não podemos... Nós decidimos. — Isto teria que ser suficiente.

— Podemos. Devemos. Me perdoe. — Ela disse, sentando.

Ele se inclinou para trás, evitando que seus seios se esmagassem em seu peito, seus lábios de se encontrar com os dele. Mas no fundo ele desejou que ela continuasse a se aproximar, e ela fez, e então aconteceu. Seus seios... Seus lábios...

Um grito de negação misturado com um gemido de rendição. Estava feito. O contato tinha sido feito. Odiando-se, e a sua debilidade, ele empurrou sua língua através dos dentes e a reivindicou com um beijo quente o suficiente para marcar com ferro. Seu gosto doce tinha uma sugestão de uvas recém-colhidas da vinha, e o contraste, doce contra o mal, atacou o que restava de seu controle... Até que nada restasse.

Ele emaranhou sua mão no cabelo dela e puxou, inclinando-a do modo que ele a queria. Ele tomou sua boca profundamente, áspera, uma sensação infinita de possessão no beijo, como se ele buscasse roubar sua alma. *Minha. Toda minha.* Ele possuiria cada polegada dela. Agora. Sempre.

Ele empurrou sua ereção entre o ápice de suas pernas, desejando que pudesse empurrar dentro dela. E ele teria se tivesse um preservativo. Mas ele nunca precisou de um antes e não os tinha por perto.

Não posso arriscar uma gravidez.

Ele empurrou de novo, mais duro, tão malditamente duro, que se ela fosse humana, provavelmente a teria quebrado ao meio. Como deveria ser, ela gritou incoerentemente com sublime, prazer arrebatador. Acalmando. Ele suavizou seus movimentos.

— O que você está fazendo? Não. — Ela mordeu o lábio dele até que ele provou sangue.

A ação mandou-o em um frenesi enlouquecido de luxúria, e ele empurrou, empurrou, empurrou novamente. No último deslize, ela convulsionou contra ele, gritando, — Sim!

Minha mulher está gozando. Amando o que estou fazendo para ela.

O conhecimento o quebrou. Prazer rugiu por ele, separando seus lábios, seu berro rouco ecoando pelo quarto. Seus músculos travaram no osso, apertando enquanto ele mergulhou contra ela novamente antes de gozar em suas fodidas calças... Gozando... E gozando... Até que não sobrou nada e desmoronou.

— Não fique bravo, — ela falou rápido. — Por favor, não fique bravo. Eu não pude evitar.

E ele não podia culpá-la. Ele quis isto, também.

Ele estava ofegante e não conseguia recuperar o fôlego, seu coração correndo algum tipo de corrida dentro de seu peito.

— Não consigo ficar bravo nesse momento. — Isso viria mais tarde, ele estava certo, quando ele amaldiçoaria a ambos. — Seria errado bater no peito como um gorila?

— Errado? Não. Divertido? Sim.

Ele beijou sua sobancelha.

— Eu preciso me limpar.

Ela agarrou-se a ele.

— Mas eu não quero que você vá.

Determinada a ter um momento pós-sexo? *O que minha princesa desejar...* Ele ficou confortável ao lado dela, apesar da condição humilhante de suas calças, dizendo, — Fale-me sobre o vínculo.

Ela traçou os dedos pelo seu peito.

— Eu realmente, realmente não sou uma parasita.

— Eu sei que você não é um parasita, princesa. — Ele pensou que o faria mais fraco, esgotado, mas ela estava certa; Ele realmente se sentiu mais forte. Mais feroz.

— O que desencadeia o vínculo?

Lentamente ela relaxou contra ele, seus corpos praticamente fundindo.

— Muitas coisas. Proximidade continuada. Necessidade. Amor. Até ódio.

Sua mente paralisou na palavra amor. Ele queria que ela o amasse?

Ele não sabia. Amor complicava as coisas.

Mas uma coisa era clara: Ele a queria em sua vida para sempre. Se chegasse um dia quando seu toque não a adocesse, ambos seus mundos mudariam. Ela seria sua. Totalmente. Completamente. Sem reserva, sem contenção. Seu peito constringido com desejo. Se não, eles apenas teriam que lidar com isso.

Ele era um homem mau, muito mau. Ela merecia coisa melhor, como ele disse a ela, mas ela não iria aceitar.

— Vá, — ela sussurrou, dando a ele um pequeno empurrão. — Vá se limpar.

Ele endureceu, e ele sabia que ela entendeu mal a razão. Mas ele caminhou para o banheiro de qualquer maneira, pensando que precisava de um momento para processar tudo que aconteceu. Ele lavou-se, mudou suas luvas e calças... E então rastejou de volta na cama com ela sem realmente processar. Não havia necessidade, ele decidiu. Eles estavam juntos. Eles fariam isto funcionar.

Ele rolou para seu lado, mantendo-a presa em seus braços.

— Eu não sei que pensamentos estavam rolando por sua mente um momento atrás, mas eu estou justo onde quero estar, — apreciando-a enquanto podia. — Com você.

Ela colocou um beijo bem acima de seu coração, então beliscou seu mamilo, extraíndo um gemido dele.

— Você quer ouvir um de meus segredos? — Ela perguntou.

— Mais que qualquer coisa. Mas diga enquanto você me morde.

Mordiscar, mordiscar.

— Às vezes, quando a solidão da vida na cela era demais, eu imaginava que estava encontrando um homem bom, normal que nunca me deixaria brava.

Mordiscar.

— Não foi isso que consegui. — Ele disse, e virou em suas costas, colocando-a em cima dele.

Seu cabelo derramou ao redor dele, criando uma cortina. Só os dois existiam.

— Eu sei. Já percebi que gosto de ser desafiada. Me dá a chance de ser... Eu.

— Bom, porque acontece que eu gosto de você. — Gostava de estar com ela, também. Ela poderia ser seu maior tormento, mas também era sua maior fonte de alegria. Ela o divertia, desafiava, brincava com ele. Deixou-o ser a criança que ele nunca teve a chance de ser.

— Você gosta do que faço para você? — Ela perguntou com um ronronar gutural.

— Você sabe que gosto.

— Bom, — ela disse, imitando-o, mordiscando, mordiscando, — porque eu estou prestes a fazer muito mais...

CAPÍTULO VINTE E UM

Um fato da vida pós-morte de Baden: alianças eram um pêndulo que balançava de um lado para o outro. Um homem tinha que manter sua cabeça na rotatória ou um pseudo amigo poderia apunhalá-lo pelas costas.

Primeiro Baden tinha estado só. Então se aventurou para o lado de Pandora. Então Pandora decidiu se inscrever no Time Rhea, contrário a ele. E agora... Agora Baden concordou em trabalhar com Cronus, um macho que ele desprezava.

Logo após as meninas se virarem contra Baden, ele recrutou o antigo rei para seu lado. E, considerando que Baden tinha uma ligação com Torin e, consequentemente, com a Rainha Vermelha, Cronus ficou mais que feliz com a parceria.

Enquanto trabalhavam lado a lado, Baden tentou não lembrar quantas vezes Cronus ameaçou seus amigos, e quando ameaças não eram suficientes, ele partia para torturar seus amigos.

Do que a Rainha Vermelha uma vez chamou o bastardo? Um Nephilim, descendente de anjos caídos. Baden assistiu este Nephilim derrotar os governantes gregos que uma vez o derrotaram, e reivindicar a posse do nível mais baixo dos céus, então assistiu quando ele perdeu a cabeça por uma menina possuída por um demônio.

E agora ele é meu único aliado.

Vida após a morte não era ótima?

— Nós devíamos ter servos para isto. — Cronus murmurou enquanto empurrava outra pá com terra de lado.

Suor rolou pelas costas de Baden enquanto a dor que ele tinha lidado o dia todo aumentava.

Vale a pena.

— Bem, nós não temos. Lide com isto.

— Lidar com isto? Você lida com isto! Eu nasci para dar ordens, não obedecê-las. No que importa, eu nasci para liderar, não fazer trabalho braçal.

— Sua posição não importa depois da morte, então se cale e cave mais rápido. — Baden comandou, ancorando um grosso galho de árvore no buraco que Cronus criou.

Eles tinham estado nisto por horas... Talvez dias. Tempo não era realmente tempo aqui. O passado e o futuro há muito colidiu com o presente.

Um por um, eles afiaram inúmeros galhos em lanças, embrulharam cada uma com uma parte da videira de sangue que Baden morreu oito vezes procurando, e colocaram as armas em torno do perímetro de névoa a vista.

Ele estremeceu com a lembrança de suas mortes. As videiras de sangue cresciam ao longo da extremidade mais distante do reino, protegidas por folhagem venenosa que ninguém em sã consciência jamais ousaria se aproximar. Ele e Pandora cometeram o engano só uma vez, e tinha sido accidental. A dor que o veneno causou... Como nada que ele já experimentara, nesta vida ou em outra. E demorou. Um pulsar constante que o atormentou por anos.

Voltar tinha sido estúpido, e sábio. Ele teve que suportar outro envenenamento... Ainda estava suportando.

Vale a pena, ele lembrou a si mesmo.

Ele tinha um plano. Ele...

O aumento da dor fez o suor começar a cair em torrentes e seus músculos apertarem nos ossos, até quebrar alguns. Seus pulmões se contraíram, cortando suas vias aéreas. Sua visão escureceu. Mas, na mesma rapidez que o pulsar começou, desapareceu.

Outro viria, e logo.

— Se apresse. — Ele estalou. Eles tinham quase terminado, mas quase não era bom o suficiente.

— Você se apresse. — Cronus estalou de volta.

— As meninas estarão aqui a qualquer momento. — No início desta manhã, ele conseguiu empurrá-las em um poço. Mas elas saíam em breve. Elas sempre saíam. E então elas viriam aqui. Elas queriam saber onde Baden estava, então podiam clamar por vingança. — E desde que você é um lutador de merda, eu preciso de toda a ajuda que puder conseguir.

Cronus agitou uma lança nele.

— Fale comigo assim novamente e perderá sua língua.

— Oh, não. Não isto. Tudo menos isso. — Baden revirou os olhos. — Você sabe que apenas crescerá outra, certo? E isso assumindo que você consiga me dominar. O que você não vai. Enquanto você estava trancado na prisão, eu observei os maiores guerreiros do mundo viver e morrer. Eu aprendi com seus erros. Então, depois que você escapou, eu observei você. Eu conheço seus pontos fracos e fortes melhor que você.

— Eu não tenho pontos fracos. — O antigo rei estalou, saindo do caminho para que Baden pudesse colocar a penúltima lança em um dos buracos.

Em vez disso, Baden empurrou a arma no tórax de Cronus. O macho ficou boquiaberto, a boca abrindo e fechando enquanto tentava falar. *Fodidas alianças*. Ele faria isto sozinho.

— Você sabe onde errou? — Baden perguntou casualmente. Ele colocou a outra extremidade da lança no chão, erguendo Cronus fora de seus pés e deixando-o balançar. — Você se permitiu estar distraído.

— Eu poderia dizer o mesmo de você.

A voz veio por detrás dele. E o locutor não havia percebido o fato de que Baden agarrou outra lança enquanto ainda estava zombado de Cronus. Baden virou e arremessou a estaca na mulher, cortando-a no meio da frase.

Ele não tinha estado distraído por um único segundo.

O impacto a jogou para trás... Atrás... Até a lança fincar em um tronco de árvore, prendendo-a no lugar.

Como Cronus, Rhea teve dificuldade para administrar seu choque.

Baden estava sorrindo friamente enquanto Pandora saia das sombras para permanecer ao lado da antiga rainha.

— Impressionante. — Ela disse.

Ele soube que o elogio era genuíno e inclinou a cabeça em resposta. Tentando não deixar seu peito inchar com orgulho.

— Eu ainda tenho que machucar você por fazer isto. — Ela adicionou.

— Claro. Você pode tentar. Eu não esperava menos.

Com passo firme, certo, ela o abordou. Punhais que ela esculpiu de pedras e galhos de árvore estavam apertados em suas mãos.

— Você não é a mesma pessoa que conheci nos céus. Aquele amado por seus amigos. Você mudou. Você acha que eles gostarão do homem que se tornou?

Era uma pergunta que ele fazia a si mesmo todos os dias desde que a Rainha Vermelha havia sido encontrada.

Gostava de pensar que sim. Tão duro, severo e cansado quanto ele se tornou, então eles também. Mas ele uma vez tinha sido o pacificador. Aquele que todo mundo procurava por ajuda com um problema.

Um ramo estalou, e ele piscou para a atenção. Seus olhos se estreitaram. Pandora estava mais perto do que deveria estar e percebeu que ela fez com ele o que ele havia feito com Cronus, distraiu-o.

Ele retirou um de seus punhais feitos à mão e cortou sua própria palma. O sangue brotou, sangue que ele gotejou em cima de cada uma das videiras. Elas vieram imediatamente para vida, subindo como serpentes, ou vampiros, que acabavam de encontrar uma presa.

Pandora parou, seus olhos arregalados.

— Traga-a para mim. — Ele comandou.

As videiras, embebidas em seu sangue, se tornaram uma extensão de seus braços atirando-se para frente. Pandora virou-se para correr, mas as videiras a pegaram assim que ele deu apenas três passos. Elas enrolaram ao redor de seus tornozelos e puxaram. Ela apresentou um cômico pequeno rosto de planta, então arranhou o chão enquanto era arrastada para trás, em direção à Baden.

Quando ela estava em seu alcance, as videiras a soltaram e se enrolaram ao redor dos braços dele para aguardar a próxima ordem. *Isto. Era por isso que o envenenamento valia a pena.* Ele plantou seu pé com botas na parte inferior das costas de Pandora. Ele abriu a boca para se vangloriar, mas ficou calado quando viu uma névoa preta rolar da floresta. Era a névoa mais preta que ele já viu. Não havia nenhum modo que fosse natural. Não podia ser.

Corpos pareciam se contorcer dentro.

Gritos ecoaram.

— O que é isto? — Pandora ofegou. Ela não estava lutando contra ele, percebeu. Ela ainda estava no chão, observando a névoa como ele.

Eles deviam correr? Ou deviam combater? Eles poderiam combater isto?

Pulsar, pulsar, pulsar. Quando aquela dor enfraqueceu, ele percebeu que seu próximo movimento tinha sido decidido por ele. Era muito tarde para correr. Ele tinha que lutar.

Exceto, quando a névoa o alcançou... Envolveu-o... Agarrou-o tão seguramente quanto mil punhos, sufocando-o, segurando-o imóvel... Arrastando-o para longe.

* * *

Como uma criança petulante, Cameo empurrou seu prato de comida deliciosa para o chão.

Na cabeceira da mesa, Lazarus abaixou seu garfo e arqueou uma sobrancelha para ela.

— Sem fome, raio de sol?

— Não de comida. — Ela rugiu. Ela queria vingança.

Ele limpou de leve os cantos da boca com o guardanapo antes de colocá-lo ao lado do garfo.

— O que posso dar a você, então. Uma menina tão malcriada. Eu aprovo.

— O seu sangue! — Ela saltou a seus pés, plantou as palmas na mesa, e debruçou em direção à ele. — Você mentiu para mim. Você me fez pensar que eu seria vendida como uma escrava sexual. Você me enganou para rastejar na cama com você.

Ele estalou.

— Não finja que você não se divertiu.

Ela cavou um punhado do que pareceu ser purê de batatas e jogou nele. A substância branca espirrou no peito dele, algumas pintas até atingindo seu rosto.

— Por que estou aqui? Como estou aqui? — Ela exigiu.

Ele não se aborreceu por se limpar, apenas deixou a bagunça no lugar.

— Era uma vez, metade do meu espírito foi rasgado do meu corpo e sugado para dentro da Haste de Partir. Quem empunhasse a Haste me controlava. Como você sabe, era Juliette. Então Strider me decapitou, e a outra metade de meu espírito, bem como o meu corpo, foram sugados também pela Haste. As duas partes do meu espírito puderam se unir e retornar ao meu corpo, curando-o. Não, decapitação não significa o fim, não para uma criatura como eu. Eu fui lançado neste reino, e embora eu estivesse mais forte que nunca, ainda era incapaz de viajar para fora de certa rede de reinos. Então, escolhi o meu favorito e assumi o comando. Tudo isso para dizer-lhe... Que nomeei este lugar de Reino de Lazarus.

— Original. — Ela disse, enquanto interiormente, sua mente girava. Então isso era parte do que a Haste fazia? Abria uma entrada entre um reino e outro. — Como você me achou? E sobre todos os outros reinos nos quais viajamos?

— Eu sinto toda vez que uma nova alma usa a Haste e entra na minha rede, e saio à caça. Quando eu a vi, me lembrei de você. Uma amiga de Strider, o macho que me matou.

— Então você procurava vingança? — *Bastardo!*

Ele balançou a cabeça escura.

— Por que iria? Ele me libertou das garras de Juliette. Ela possuía a Haste e a usou contra mim. Tenho uma dívida de gratidão com ele.

Certo. Espere.

— Eu não entendo. — Seu tom suavizou. — Por que me enganar, então? Por que não me trouxe diretamente aqui?

Sua expressão tornou-se infinitamente terna, e ela não entendeu isso, também.

— Porque você não foi enviada aqui. Você foi enviada para outro lugar, para dentro da pintura que você estava segurando quando tocou a Haste. Para chegar a você, eu tive que partir. Para retornar, tive que passar por outros reinos. E enganar você? Querida, você não deve saber quão divertida é.

Ninguém jamais a acusou disso antes.

— Onde está Viola? Ela usou a Haste pouco antes de mim.

— Eu a encontrei da mesma forma que encontrei você, mas eu a deixei ir. Ela não era tão interessante.

Interessante? Eu? Se concentre!

— Então você não sabe onde ela foi parar?

— Não. Não aqui, se é isso que você está perguntando. Eu não a tenho escondida em um dos quartos para me servir toda vez que o desejo me atingir. Eu tenho muitas outras para esse fim.

Picadas de ciúme.

Que ela desprezou. Nenhuma razão para ser ciumenta, ele não teria quaisquer dessas mulheres novamente porque não viveria muito mais tempo. Ela iria matá-lo!

Ela deu ao guerreiro suas costas, como se não pudesse aguentar a visão dele mais tempo, enquanto furtivamente empunhava uma faca. Ela manteve a lâmina apertada contra seu antebraço. Pronta.

— Se este é a forma como paga suas dívidas...

— Você está viva, não está? — Não havia nenhum tom de irritação em sua voz.

Finalmente. Uma honesta exibição de emoção.

— Sim. E eu vou embora. — Ela disse.

— Não. — Ele disse suavemente, ameaçadoramente. — Você não vai. Você ficará.

— Por quê?

Silêncio.

Um silêncio opressivo.

— Tente me deter e eu lutarei contra você. — Ela disse igualmente suave, igualmente ameaçadora.

— Você só está aguçando meu apetite, raio de sol.

Mentiroso! Ele não estava atraído por ela. Ele não podia estar. Ela era uma diversão, como ele disse, mas nada mais. Bem, ela estava para ser um erro!

Ela virou-se para bater. Ele se levantou, com um movimento extremamente rápido. Antes de ela poder fazer um movimento, ele a agarrou pelos ombros e a puxou contra ele. Sua ereção contra o ápice de suas coxas.

Qualquer mulher serviria, ela pensou, até mesmo quando calor invadiu suas veias.

— Eu quero você, e você me quer. Vamos acabar com a nossa miséria. — Ele disse, escuro olhar feroz.

— E se eu acabar com a minha? — Ela esticou seu braço para cima e empurrou a lâmina no fundo de seu pescoço.

Um suspiro de dor o deixou, mas seu agarre nunca vacilou.

— Bem jogado, raio de sol. Bem jogado.

Com a arma ainda enfiada em seu pescoço, ele a pegou e colocou na mesa, sem se preocupar com a comida ou os pratos. Ele violentamente espalhou suas pernas e moveu-se entre elas, seu olhar nunca deixando o dela. O calor em suas veias aumentou, e ela estremeceu.

Ele plantou as mãos ao lado das coxas dela e debruçou-se em direção a ela, seu nariz escovando contra o dela.

— Aqui é como o resto deste jogo vai ser jogado. — Ele disse, só para olhar através dela e franzir o cenho.

Quando ele não disse nada mais, ela lambeu os lábios.

— Diga. — *Eu estou excitada? Oh, que menina tola, tola.*

Ele não disse nada. Endireitou-se, entretanto sua cabeça inclinou para o lado.

— Algo está errado.

A última palavra apenas deixou sua boca quando ela ouviu alguém gritar.

Lazarus empurrou a faca fora de seu pescoço, o ferimento curando imediatamente, no momento em que as portas para a cozinha se escancararam e uma névoa preta rolou no quarto.

— Que diabo é isto? — Ela perguntou, saltando para seus pés. O grito intensificou, mas ela não estava certa se vinha do seu povo, ou da névoa. Ou ambos.

— Eu não sei. — Lazarus a puxou atrás dele, agindo como um escudo.

A ação a confundiu e... encantou. A primeira vez que qualquer coisa assim já aconteceu. Ela agarrou o pulso dele e o arrastou em direção à porta traseira, que levava à sala de estar.

A névoa os perseguiu... E rapidamente os alcançou.

De repente Cameo estava cercada, incapaz de ver... Capaz apenas de ouvir mais daqueles gritos. Ela não podia respirar, não podia nem se mover.

— Lazarus. — Ela tentou gritar. E então sua mente ficou em branco.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Não fique doente, não fique doente.

Por favor, por favor, não fique doente.

O mantra se repetindo na mente de Keeley, um disco quebrado quando Torin ergueu-se da cama. Ela sabia que ele temia o que estava por vir. Sabia que ele esperava que ela caísse vítima da infecção do demônio. Bem no fundo, ela temia também.

Às suas costas, ela pegou uma luminária do criado-mudo, apertando a base até quebrar e riscou para longe os pedaços antes que pudessem cair. Ele olhou para ela, e ela piscou inocentemente.

Se ela adoecesse, teria muita dificuldade para convencê-lo a ficar com ela. Ele poderia estar tranquilo, mas não havia nenhuma dúvida na mente dela que ele havia chegado ao fim de sua tolerância.

— Gostaria de poder dizer que sinto muito, — ela disse, — mas não posso. Gostei do que fizemos um ao outro.

— Gostei também, mas eu deveria ter sido homem suficiente para negar isto a ambos.

— Você realmente pode se culpar? Eu sou irresistível.

Ele não deu nenhuma resposta.

Ela silenciosamente vestiu um vestido limpo feito inteiramente de tiras de couro preto. Apesar de uma hora ter se passado desde que ele tinha colocado os dedos dentro dela, tremores de satisfação ainda persistiam. O aroma doce de flores recentemente florescidas não estava ajudando. Seus vasos de plantas brotaram no momento em que ela chegou ao clímax, e servia como uma lembrança constante do que Torin tinha feito com ela... E o que ela tinha feito com ele, a aparência dele e qual a sensação dele e o gosto dele. Como a tinha levado ao êxtase, sem nem mesmo fazer amor com ela.

O que aconteceria quando ele finalmente conseguisse entrar nela?

— Não sei se eu deveria te agradecer ou te amaldiçoar. — Ele disse.

Não pense que eu me importaria com um agradecimento neste momento.

— Talvez ambos? — Ela ofereceu solícita.

— Como está se sentindo?

— Bem. Honestamente.

Uma batida na porta.

— Ei, Tor Tor. — Strider chamou. — Sua garota tem uma visita. Além disso, alguém enviou presentes para ela.

— Presentes? — Um zumbido de felicidade. — Para mim? Mas ninguém sabe que estou aqui.

Torin franziu o cenho.

— Quem é a visita? — Ele perguntou.

— William... E todos os três garotos dele.

— William está aqui? — Ela guinchou, batendo palmas com abandono.

Torin deu-lhe um olhar enojado.

— Você o conhece?

Ele fez isto soar como um crime horrível.

— Conheço? — Ela pressionou os lábios. O que ela quis dizer como uma declaração emergiu como uma pergunta.

— Como você o conheceu?

— Hades.

— Entendo. — Ele inclinou a cabeça como se tivesse acabado de tomar uma decisão. — Nós já desceremos. — Ele informou a Strider. Sem tirar os olhos dela, perguntou-lhe em um tom mais suave, — O quão íntimo vocês foram?

Seria o meu Encantado... Ciumento?

— Nós éramos amigos, nada mais.

— O William que conheço não faz amizade com mulheres. Ele as atrai para sua toca e na manhã seguinte, elas acordam em sua cama, completamente seduzidas. — Ele caminhou até a porta e a abriu, fazendo um sinal para ela sair. — Vamos ter uma conversa sobre as intenções dele com você.

Ela permaneceu no lugar.

— Se eu ficar doente...

A maldição dele assaltou os ouvidos dela e ela se encolheu.

— Se eu ficar doente, — ela repetiu, — curarei. Tenho curado em todas às vezes antes. Isto não terá que causar danos na coisa boa que estamos tendo.

— Coisa boa? — Ele cuspiu, incrédulo. — Keeley, você poderia ser a pior coisa que já me aconteceu. Você fez com que me importasse, e existe uma chance muito boa de que eu a mate por isto. — Ele foi embora sem olhar para trás.

Lágrimas brotaram com força surpreendente, pinicando como a chuva repentina tamborilando contra a janela. Ele estava preocupado. Ela sabia disso. E estava se afogando em culpa. Ela sabia disto, também. Um milhão de vezes ele perguntou como podia continuar a fazer isto com ela, mas talvez a verdadeira pergunta fosse: Como ela podia continuar a fazer isto com ele?

Todo casal tem problemas. Eles fariam dar certo.

Nós somos mais fortes do que a maioria.

Com a cabeça erguida, ela andou pelo corredor onde várias caixas estavam empilhadas contra as paredes. Cada uma delas feita de um material diferente. Ébano. Marfim. Mármore. Ouro. Prata. Jade. Os presentes?

Com mãos tremulas, ela abriu a de cima e encontrou o coração negro de um servo aconchegada dentro de um nicho de veludo vermelho. Também um bilhete. *De Hades.*

Como eu disse. Nunca mais. Vejo você em breve. Seu, H.

Sempre um dos melhores presentes, com certeza, mas a raiva floresceu como flores nos vasos, brotando espinhos em lugar de pétalas, e a fortaleza balançou. Inspirando... Expirando... Ela amassou o bilhete e o deixou flutuar para o chão. Outra inspiração... Expiração...

O tremor parou.

Torin retornou.

— Isto é um coração? — Ele curvou-se, levantou o papel e endureceu enquanto lia. — Nunca mais o quê?

Keeley riscou um grande barril de uísque no corredor, tirou a tampa, e começou a esvaziar os corações e as muitas caixas, também, dentro.

— O que está fazendo? — Torin perguntou.

— Você não consegue adivinhar? Devolvendo os presentes.

— O que ele está fazendo?

— Tentando me reconquistar. — *Uma tarefa impossível.*

Tal como o mais hábil dos predadores, Torin disse, — Ele está apenas implorando por uma guerra, não é?

Com ela, sim. Mas não gostava da ideia de Torin enfrentar Hades.

— Ele é a pessoa que me deu este corpo, sabe. A proprietária anterior era Perséfone, filha de Zeus, mas ela morreu, seu espírito partiu. Hades preservou seu corpo porque gostava da aparência dela. E por causa de minha habilidade de ligação, eu era a candidata perfeita para assumir o controle. Entretanto eu me tornei mais do que ele podia lidar, então ele usou isto para me destruir, — ela riu sem humor. — E ele acha que lhe darei outra chance? — Uísque espirrou sobre os braços dela, molhando seu vestido. Enfiou outro coração. — Há apenas alguns erros que uma pessoa pode perdoar, e ele ultrapassou o próprio limite há muito tempo.

Ela teve que riscar mais dois barris para livrar-se de todas as caixas.

Quando ela terminou, riscou uma máquina fotográfica Polaroid, fez um selfie com o dedo médio estendido, e prendeu a foto em uma das tampas do barril.

— Devolução ao remetente. — Ela murmurou, riscando cada uma para o reino onde Hades vivia.

Esfregando as mãos em um gesto de um trabalho bem feito, ela enfrentou Torin. Ele estava pálido, e seus olhos estavam atormentados.

— Eu não estou doente. — Ela assegurou.

— Não é isso o que... — Ele passou a mão no rosto. — Não importa.

Ele temia alguma outra coisa? Ela suspirou.

Será que vou entendê-lo?

— William está esperando, não é? — Determinada, marchou adiante, sem realmente saber onde estava indo.

Torin caminhou na frente dela, mudando de direção, e a levou para uma sala de estar. Enquanto ela estudava seu novo ambiente, ele andou a passos largos até o bar e serviu-se de uma bebida. Quatro outros homens, cada um mais bonito que o último, estavam posicionados na frente dela. Ela reconheceu William, o Sempre Excitado, também conhecido como Derrete Calcinha, também conhecido como o Sombrio, mas não os outros.

William estava sentado em uma cadeira vermelha luxuosa, segurando um copo com um líquido âmbar, seu cabelo preto despenteado e seus elétricos olhos azuis reluzindo.

Será que ele tinha acabado de sair da cama de alguma mulher casada?

Provavelmente.

Apesar dos séculos que se passaram desde que ela o tinha visto pela última vez, ele não mudou.

Sexy caminhando. Ou sentado.

Os outros machos estavam em pé atrás dele, ladeando sua cadeira. Um deles era careca. O outro era loiro, e o outro moreno. Todos eram guerreiros. Claramente. Seus corpos tinham sido esculpidos no campo de batalha, e em seus olhos espiralavam horrores que nenhuma pessoa deveria ver.

Vários dos Senhores e suas mulheres também estavam presentes. Eles estavam espalhados ao longo da sala.

— Keeleycael! — William reconheceu, sua voz suave e rica. Até mais decadente do que antes. Seu olhar perverso viajou sobre ela, despojando suas roupas, ela tinha certeza. Ele era um sedutor nato, simplesmente não podia evitar. — Você está parecendo bastante deliciosa esta tarde.

— Como pareço todas as tardes, noites e manhãs. — A confiança era tanto uma arma quanto uma espada. Não que precisasse de uma arma contra William, mas uma garota tinha que manter seu arsenal recém-polido.

— Gosto dela cada vez mais. — A Harpia ruiva chamada Kaia disse.

Seu homem, Strider, arrastou-a para longe, murmurando, — Disse que uma palavra sua e seria despejada.

— Mas que-ridooo... — A voz deles enfraqueceu.

— Faz muito tempo. — William continuou. — Fiquei muito triste ao saber o que Hades lhe fez... Especialmente desde que não tive a oportunidade de prová-la ainda.

Torin moveu-se para o lado dela, sua mão no cabo da adaga.

— Sim. — Ela disse secamente. — Este foi meu único arrependimento.

William ofereceu-lhe uma pequena sugestão de um sorriso, uma exibição de dentes que ela tinha assistido despedaçar a garganta de incontáveis inimigos.

— Eu a levaria para o meu quarto neste segundo, dando-lhe uma nova razão para viver, mas você se tornou pegajosa, assim como todas as outras, e atualmente estou um pouco ocupado demais para lidar com isso.

— Não tem nada a ver com o fato de que seu bom amigo Torin já está imaginando sua cabeça em uma estaca? — Ela ironizou.

O sorriso dele alargou.

— Bem, ele está me dando um olhar de chega mais. Eu os consigo em todos os lugares que vou.

Ela rolou os olhos.

— Então quem são os brutamontes atrás de você?

— Eu faria você jogar o jogo de adivinhação, mas a beleza deles sempre entrega suas origens. Eles são meus filhos.

Os “filhos” em questão permaneciam impassíveis, olhando-a como se ela estivesse próxima a uma tábua de carne.

— Uau. Nenhum de meus espiões pegou essa parte da informação.

— Eu teria muito prazer em descrever como estes bastardos foram concebidos, e em grandes detalhes, — William disse. — Tenho certeza absoluta que seu cérebro estaria sangrando quando eu terminasse, e você iria querer arrancar meus olhos, mas estou disposto a arriscar isto se você estiver. Basta dizer a palavra.

— A palavra.

— Uma vez, no acampamento, eu...

Alguém jogou um punhado de pipoca nele.

— Buuuuuu! Assovio! — Anya gritou. — Eu já ouvi esta. Alerta de spoiler: a única maneira de você poder conseguir dois pequenos jogadores para fodê-lo em perfeita harmonia é atirar em um.

Keeley não gostava de ter a fêmea nas costas dela, mas além de enrijecer, ela não deu nenhuma outra indicação que isto a aborrecia.

— Por que está aqui, William? Por que me chamou?

Ele apontou seu polegar por cima do ombro, indicando os três machos.

— Meus robustos rapazes solicitam a honra de seus serviços. Um soldado Phoenix matou a irmã deles. — Sua voz se retraiu, os músculos de sua mandíbula se apertaram. — O culpado foi tratado de forma adequada. Claro. Mas o clã dele afirma que meus garotos foram “muito longe”, — ele usou aspas no ar para as últimas duas palavras, — com a vingança deles e revidam diariamente. Meus garotos estão ganhando esta guerra, naturalmente, mas as escaramuças contínuas estão... Aborrecendo-me. Suas habilidades particulares seriam a perfeita cereja do bolo que faremos de seus órgãos.

Ela participou de muitas guerras, e nem uma vez sua equipe havia perdido. As vitórias constantes geralmente divertiam Hades. E ela supôs que era uma das razões pela qual ele começou a temer seu poder; deve ter se perguntado o que aconteceria se alguma vez ela se voltasse contra ele.

Ele agiu de acordo, o que apenas trouxe os medos dele a vida.

— Vou considerar, — ela disse, e Torin endureceu. — E se, em última instância, eu concordar, seus rapazes robustos terão que garantir sua lealdade eterna a mim. Logo estarei começando um novo reino, e estou à procura de uma guarda real.

Seu anúncio recebeu várias reações diferentes. Alarme de Torin. Diversão de William. Afronta de cada um dos filhos dele.

— Estas são as minhas condições. — Ela disse com um encolher de ombros. — É pegar ou largar.

— Alguém quer ouvir minha opinião? — Anya perguntou.

— Prefiro engolir uma bateria. — Keeley murmurou e riscou a garota para uma jaula no jardim zoológico. Ou melhor, tentou. Anya permaneceu no lugar, presunçosa.

Bem, bem. Ela tinha marcado a si mesma com enxofre.

Keeley olhou para Torin. Ele já tinha compartilhado a debilidade dela com seus amigos, escolhendo a segurança deles acima da dela. E o único momento em que ele poderia ter feito isto foi enquanto Keeley estava se contorcendo na cama, se recuperando de uma lesão que teria matado Gideon, a quem ela talvez meio que levemente tivesse salvado.

E sim, certo, havia uma pequena chance que os outros Senhores soubessem sobre os Curadores assim como Torin sabia, mas ela duvidava que fosse o caso. Especialmente quando ele ergueu o queixo, rangendo os dentes, seu olhar dizendo: *o que você esperava?*

A fortaleza começou a tremer. *Inspire fundo... Expire.* Ela havia trabalhado este relacionamento, dando-lhe tudo o que tinha, confiando nele, arriscando sua vida por ele, e ainda assim ele tinha estado trabalhando na fragilidade dela.

Quanto mais vou tolerar?

Keeley afastou seu olhar de Torin. *Lidarei com ele mais tarde.*

Sempre mais tarde. A história de sua vida.

— Então... Por que a enorme multidão? — Perguntou uma voz que Keeley não conseguiu reconhecer.

William depositou sua bebida e levantou-se. Não mais o retrato da depravação relaxada, ele se transformou em um autêntico predador, pronto para saltar e atacar... E devorar.

Keeley nunca, jamais, tinha testemunhado tal resposta dele.

Uma garota de aparência delicada passou pelos Senhores e as senhoras, seus cabelos escuros brilhantes e a impecável pele cor de oliva, eram uma combinação adorável. Ela tinha olhos sensuais do mais profundo e rico marrom, e eles estavam emoldurados por cílios tão longos e espessos, que criavam uma curva pontiaguda ao redor de suas pálpebras. Mas tão magnífica quanto era, ainda era jovem e humana. Extremamente jovem e extremamente humana para um macho de apetites ferozes como William.

Esta tinha que ser a infame Gilly.

O aniversário dela se aproximava, Keeley se lembrou. Pobrezinha. Será que ela tinha alguma ideia de que William estava motivado para atacar? Apenas esperando a hora que o relógio se esgotasse?

A garota acenou para Keeley, uma aura de doçura e luz envolvendo-a.

— Sou Gillian. Todos aqui me chamam de Gilly, embora eu implore para que não façam. Você deve ser a Rainha Vermelha de quem tanto ouvi.

— Você pode me chamar de Dra. Keeley.

Nós vamos ser grandes amigas, e vou ensiná-la como atormentar William o Sombrio pelos próximos anos.

— Não mereço uma saudação, boneca? — William ronronou.

Gilly, Gillian, virou-se com uma graça rivalizando com uma bailarina e colocou as mãos nos quadris.

— Você é a pessoa que queimou todas as minhas decorações da festa até as cinzas?

— Sou eu. — E ele não soou arrependido.

— Então não. Você não merece uma saudação.

Keeley cruzou os braços sobre o peito, aborrecida pela garota.

— Você queimou as decorações dela até as cinzas? — A pequena humana não tinha maneira nenhuma de impedi-lo.

Os olhos dele se estreitaram sobre ela.

— Ela não precisa de uma festa. Tenho uma surpresa para ela.

Sim, e Keeley apostaria que a surpresa estava em suas calças.

— Sua surpresa não é o que ela quer, Willy, ou ela não teria comprado as decorações.

William ergueu o queixo, chamas vermelhas aparecendo em seus olhos.

— Você está com raiva, Majestade? Vá em frente. Tente me prejudicar. Veja o que acontece.

Oh, ela sabia o que aconteceria. Nada. Como Torin e Anya, ele tinha cicatrizes de enxofre.

Pior para ele que ela tivesse uma arma não afetada por aquelas cicatrizes. Informações.

Ela deu um brilhante sorriso para Torin.

— Adivinhe só? Você queria saber quem roubou a caixa de Pandora depois que foi aberta. Bem, estou pronta para contar.

Torin deu um passo mais perto dela.

Um estranho e estridente zumbido de repente encheu os ouvidos dela. Em segundos, volumosas quantias de força vazaram de seus poros, seus joelhos ameaçaram ceder.

Não entendo o que está acontecendo.

Algo morno e espesso gotejou de seu nariz, e depois que ela enxugou, viu manchas vermelhas em seus dedos.

— Você deveria ir para o quarto e descansar, — William disse. — É evidente que você está doente.

Tenho que contar a Torin...

— William... — Ela disse, forçando-se a continuar. — William é a pessoa que... Roubou o DimOuniak... Ele é... O traidor de vocês.

O mundo inteiro dela escureceu.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Torin massageou a parte posterior do pescoço.

Onze dias. Tempo suficiente para superar sua raiva por William que admitiu seu crime. O guerreiro viu os Senhores e esperou. Ele roubou a caixa de Pandora segundos depois que fora aberta, mas antes que houvesse chegado muito longe, Lúcifer a roubou dele.

Willy não viu nenhuma razão para lhes contar o que fez, ele alegou que, *engula essa*, simplesmente não quis contar. Ele não sentia pelo que fez, mas lamentava ter sido descoberto. *Típico.*

Segundo William, Lúcifer não podia tocar a Estrela da Manhã. Sua escuridão seria esmagada pela luz e ele enfrentaria a derrota final. *Seria por isso que nunca quis que ninguém a tivesse?*

Algo para ser tratado mais tarde.

Não havia nada mais importante que Keeley. E onze dias passaram a ser a mais longa de suas recentes doenças. O sangue saía por seu nariz e inclusive pelos olhos e ouvidos. Torin não sabia o que estava errado até que a parte posterior do crânio praticamente explodiu, revelando um tumor crescendo em seu cérebro.

A visão horripilante quase desfez Torin... *Minha Fada de Açúcar estava em pedaços.* Foi o pior momento de uma vida cheia de piores momentos.

No dia anterior, a hemorragia parou finalmente e esta manhã seu crânio se curou. Ela sobreviveria.

— Ela vai acordar logo. — Ele disse para Lucien. Estavam sozinhos na suíte do guerreiro, sentados um de frente para o outro. Esta era a primeira vez que Torin sentia-se confortável o suficiente para sair do lado dela.

— Isso é bom. Por que parece tão infeliz?

— Tenho que fazer o discurso de *Sejamos apenas amigos* pelo que parece ser a milésima vez, de verdade. — Se eles continuassem pelo caminho atual, ela passaria a odiá-lo da mesma forma que odiava Hades.

Hades fez demais para ser perdoado, havia dito. Torin não podia se permitir a chegar a este ponto.

Na realidade, já poderia ter chegado. Não pelo demônio, mas por ter contado a seus amigos sobre o enxofre. Eles teriam descoberto por conta própria, mas eles se assustaram com a imensidão de seu poder e o que significava para suas famílias e, bem, ele esperava que se acalmassem antes que pedissem que escolhesse entre eles e Keeley.

Mas não era isso exatamente o que fez? Ela, com certeza, acreditaria que sim.

— Não posso acreditar que vou dizer isso, mas... Continuar com ela seria assim tão ruim?
— Perguntou Lucien. — Nunca o vi tão feliz.

Contido... Irritado... Frustrado. Com Keeley ele sentia mais que o normal.

— Ruim? Tente terrível. Não sou bom para ela.

— Acho que ela não concorda.

O que era a parte mais importante do problema.

— Não posso continuar fazendo isso com ela. — Ele puxou o cabelo, dando as boas vindas à dor. — Tentei deixá-la. Você viu. Falhei. Acho que queria falhar. Maldição, eu sei que sim.

Lucien esfregou a mandíbula cheia de cicatrizes com os dedos.

— Tenho uma teoria sobre isso. Acho que você pode tocar a Rainha Vermelha sem consequências.

— Dane-se sua teoria, — Torin murmurou. — Já demonstrei que está errado.

— Pode... Um dia, — Lucien continuou. — Se ela se vincular com...

— Ela já se vinculou a mim.

— Deixe-me terminar. Se ela se vincular a você... E muitos outros. Como Curadora, quanto mais vínculos ela tiver, mais forte será.

Outros?

Provavelmente não era um bom sinal querer assassinar alguém a sangue frio que se vinculasse com ela. *Minha mulher. Apenas minha*, mas por ela... ele poderia lidar com isso. Havia apenas um problema.

— E se, através do vínculo ela passar as enfermidades do demônio? — Ela era forte o suficiente para lutar contra elas, mas os outros poderiam não ser.

Lucien suspirou.

— Sim. Esse é um problema.

Amaldiçoando Torin colocou a mão sobre a pequena mesa, jogando um copo cheio de gelo no chão. A vida não deveria ser assim. Não deveria ser tão difícil. Não importava que decisões tomasse, terminar, tocar, não tocar, provar algo, apenas amigos, tudo era ruim.

— Tenho que fazer isto, — disse. — Ela significa muito para mim.

Lucien deu um sorriso compassivo.

— Ela não me parece do tipo que permite que um homem tome decisões por ela.

— Não me importo. Ficarei firme.

— Foi firme da última vez também.

— Você é um pé no saco. Vou embora antes que fique irritado e dê um soco na sua cara.

Lucien piscou inocentemente.

— Foi algo que eu disse?

Com o cenho franzido Torin se levantou e se aproximou da porta. Ao alcançar a maçaneta, a porta se abriu e Anya entrou no quarto, quase se chocando com ele.

Parou abruptamente, levando as mãos atrás de suas costas e olhou para ele. Ao menos, ele pensou que ela estivesse olhando-o fixamente. Usava um chapéu e as sombras projetadas escureciam seus olhos.

— Saindo? — Perguntou. — Bom, quero dizer, booo, estou super irritada. Estou triste porque não vamos nem conversar. Perguntou à Rainha Vermelha sobre o garoto? Bom, adeus. — Ela fez um gesto para o lugar com o queixo. — É hora de Lucy dar a Annie um tempo a sós.

Isso não augurava nada de bom... para Lucien.

Minha Fada de Açúcar faria...

Pare!

— O que fez Anya? — Lucien exigiu, aproximando-se do lado de Torin.

Ela se apoiou de um pé ao outro.

— Não me faça dizer diante de Torin. Por favor, baby!

— Fale, — Lucien insistiu. — Agora.

— O que está acontecendo? — Perguntou Torin.

— Bem... Poderia haver um pequeno problema com a garota diaba em seu quarto. — Admitiu.

O quê?

Vermelho brilhou diante de seus olhos.

— Machucou-a?

— Como? Doce como sou? — Ela negou com a cabeça, toda inocência. — Mas posso ou não ter feito alguma pesquisa e conseguido algumas informações do tipo que cortar seu cabelo enfraqueceria severamente seu poder. Então posso ou não ter entrado em seu quarto com

algumas tesouras e conseguido isto. — Ela levantou as mãos onde segurava grossas mechas de cabelo dourado. — Claro, posso ou não saber com certeza se os rumores são definitivamente certos.

Vou. Matar. Ela.

— A Rainha Vermelha pode ou não ter acordado no meio do trabalho, — Anya continuou alegremente. — E pode ou não ter tirado as tesouras das minhas mãos e me dado um novo corte de cabelo.

Com um braço levantado, Lucien derrubou o chapéu. O ultra fashion cabelo de Anya estava desigual e mechas caíam desordenadamente ao redor de seu rosto.

— Pode ou não estar ridícula. Está adorável. — Ele acrescentou com um grunhido.

— Não está adorável. — Torin disse. Custou-lhe semanas convencer Keeley para descansar em sua casa. Semanas para demonstrar que estava a salvo com ele, que podia confiar nele para protegê-la dos demais, enquanto estava vulnerável. Todos seus esforços se arruinaram em um piscar de olhos.

Anya o ignorou dizendo a Lucien.

— Vamos ter que adiar o casamento até que meu cabelo cresça novamente.

— Porque isso não me surpreende? — Respondeu o guerreiro.

— Se não bater nela, eu o farei. E não vou usar luvas. — Torin saiu do quarto antes de dizer palavras mais duras e a amizade acabar.

— Ei, Tor Tor. — Strider chamou, correndo para ficar ao lado dele no corredor e manter o ritmo do seu lado. — Kaia está me incomodando, quero dizer, pedindo docemente. Ela quer marcar um encontro com Keeley. Uma noite de garotas para assassinato, mutilação e merdas como esta.

— Vou falar com ela. — Disse ele virando a esquina.

— É um salva-vidas, — respondeu Strider. — Mas eh, faça logo. O incomodo de Kaia, quero dizer, o pedido doce, pode ser doloroso.

Torin chegou a seu quarto. Ele respirou fundo e fortificou sua determinação: *Tomei uma decisão estou aderindo a ela, antes de entrar.* Keeley estava sentada na beirada da cama, as mãos juntas diante dela. Esperando-o?

Inferno, ele era linda. Seu cabelo estava mais curto, com as mechas alcançando pouco abaixo dos ombros. Ainda assim havia muito para segurar em um punho. Como o de Anya ela tinha franja. Só que a dela estava para o lado. Fazia-a parece mais jovem... Como uma boneca sentada no quarto de uma criança.

Adorável, com certeza.

Usava um vestido novo. Um de seda vermelha que se aferrava às magníficas curvas e formava uma piscina ao redor dos pés. Elegante, com exceção do V profundo entre os seios, mostrando seu decote. Isso era quente.

Deu um passo para trás, o que aumentou a distância entre eles. Mas não serviu de nada. O desejo de colocar suas mãos sobre ela sempre estava com ele, montando-o, mas agora totalmente consumindo.

Resista!

Mas... Ela estava bem de frente a ele e havia uma cama atrás dela. Que fácil seria lançá-la no colchão e segurá-la com seu peso.

— Temos que terminar, — disse. *Maldição*. Limpou a garganta, acrescentado com voz baixa. — Continuaremos amigos, claro.

Seus olhos se estreitaram em fendas.

— Não vamos ser amigos. Eu inventei este discurso.

— Keeley...

— Não! Sabia que iria tentar algo assim. Eu sabia! — Pelo menos a fortaleza não estava tremendo. — Bem, eu rejeito sua oferta de amizade e de ruptura. Vamos ficar juntos e ponto final.

O demônio gritou de decepção.

— Você não pode rejeitar uma ruptura. — Torin disse.

— Sinto discordar. Acabo de fazê-lo.

Ele tinha zero de experiência em rompimentos e nem ideia de como responder a ela. Assim foi pela honestidade.

— Terminar é o melhor, princesa.

— Você pensou antes que me deixar era o melhor também, mas não passou muito tempo antes de me ter em seus braços novamente como se não pudesse suportar a simples ideia de me deixar ir. E sabe por quê? Porque não pode suportar a porra de me deixar ir!

— Um erro, — ele passou uma mão pelo rosto. — Obviamente.

— Você não acredita nisso.

— Sim. Eu realmente, realmente acredito.

A cor desapareceu de seu rosto.

— Não! Não! — Ela bateu o pé, a barra do vestido ondulando. — Não pode continuar fazendo isso comigo, guerreiro. Ou está em uma relação ou não está. Vou te dar apenas mais uma chance.

Faça, diga.

— Não preciso de outra chance. Estou terminando. Você é a única a combater.

Ela respirou fundo e endireitou os ombros.

— Tem razão. Acabou então. Estamos terminamos. — Nenhuma emoção da parte dela, em palavras ou atos. — Você fica aqui e eu vou embora.

Onde estava o alívio?

— Há um quarto ao lado deste.

— Vou me mudar para minha própria casa. Na cidade.

— Agora, espere um minuto. — Ele a queria ali para sempre, para que soubesse onde e com quem estava. Para que pudesse entrar e ver como estava cada vez que desejasse e fechar a porta na cara de qualquer homem estúpido que a visitasse.

Ela arqueou a sobrancelha, arrogante, desdenhosa, cada centímetro como rainha.

— Já lamentando sua decisão, Torin? Bom, que pena. Já é tarde. — Aproximou-se do armário, dizendo: — Desta vez, estou decidida.

Como ela destruía sua resolução com tão poucas palavras?

— Está agindo como se eu estivesse fazendo isto simplesmente para machucá-la. Porque não poder ver que estou colocando sua vida acima da minha felicidade? Que sempre escolherei sua vida.

Era verdade e a realização quase o jogou no tapete. Ele a escolheria sobre qualquer pessoa ou coisa, sempre. Keeley era para ele. A única por quem ele esperou séculos para possuir, sem saber realmente que era isso que estava fazendo, mas enxergando agora. Não haveria ninguém mais para ele. Escolhendo a vida dela, destruía sua própria felicidade e destruía também a felicidade dela. E ele não poderia fazer isso. Nunca.

Ela foi rejeitada por toda sua vida. Em primeiro lugar por seus pais. Logo seu marido. Então por Hades. Um barril de uísque? Torin pagaria um preço mais alto: sua vida.

Ainda havia milhares de razões pelas quais deveriam romper e apenas uma para ficarem juntos. Mas uma razão triunfava sobre todas as demais: *ela é minha. Eu a amo.*

Sim. Eu a amo.

Não podia rejeitá-la novamente.

Cometeu um erro. Um que iria consertar.

Ele se colocou diante dela e pegou suas mãos. Olhando para ela, sério e lutando contra o desespero, disse, — Sinto ter tentado terminar com você. Sinto muito, contei aos outros sobre o

enxofre. Sinto muito por todas as vezes que a infectei. Mas se você puder me perdoar, e estou implorando que me perdoe, se me der a chance que prometeu, e estou implorando que me dê essa chance, ficarei e farei e darei tudo de mim para que seja feliz como você nunca foi. Não porque você pode encontrar meus amigos perdidos ou a caixa, mas porque fico perdido sem você.

À princípio ela não reagiu.

— Por favor, Keeley.

Lágrimas brotaram dos olhos dela e correram por suas bochechas.

Seu peito se apertou enquanto ele as limpava com um dedo trêmulo.

— Não faça isso, princesa. Quero fazê-la feliz, não triste.

— Estou feliz, — disse. — Você me quebrou, mas me juntou novamente.

Uma admissão perigosa, revelando quanto poder tinha sobre ela. Mas então, ela o possuía. Tudo o que tinha era dela.

— Sei que sou um projeto que precisa ser trabalhado. — Disse.

— Sim, mas gosto de qualquer forma.

— E está disposta?

— Sim, estou.

Graças a Deus.

Ele a puxou contra seu peito, deixou-a sentir o ritmo desenfreado de seu coração. — Me perdoa?

Ela soltou um suspiro trêmulo.

— Sim. Perdoo. Mas não me machuque novamente, Torin. Por favor.

Outro por favor.

Apertou com mais força. Ele sabia o que ela queria dizer com *não me machuque... emocionalmente*, mas ele era quem era e parte dele queria ouvir *não me machuque... fisicamente*.

A única resposta honesta que poderia lhe dar?

— Seu coração está a salvo comigo.

Agora foi ela quem o apertou com mais força.

— Conte-me um segredo, então. Algo que ninguém mais sabe. Demonstre que está falando sério sobre isso. Aproxime-se de mim. Olho por olho, afinal. Você contou a seus amigos um segredo meu.

Um segredo... Seus amigos o viram em seu melhor e seu pior momento e sabiam tudo sobre ele... Exceto uma coisa. Algo que causava vergonha e culpa, como a companhia de Doença, sempre incomodando. Contar a Keeley não seria prudente. Mas negar a ela quando ele tinha sido forçado a negar tanto antes já não era sequer uma opção.

Fechou o braço ao redor de seu pescoço, sua camisa e a grande gola de seu vestido a protegendo, em seguida, passou o outro braço ao redor de sua cintura. Era um abraço apertado. Teria que ouvi-lo completamente antes de deixá-la escapar. Não que alguma vez voltasse a deixá-la escapar. Decidiu. Eles estavam nesta coisa, certa ou errada.

— Havia uma garota. — Disse.

Ela ficou rígida contra ele.

Ele lutou contra um sorriso. *Ela me quer para si mesma, como eu a quero.*

— Fiz toda aquela coisa de doces e flores com ela.

— Gosto de flores e doces. — Ela admitiu em voz baixa.

Flores e doces chegando.

— No entanto, — disse ela, seus dedos batendo contra seu peito. — Você me deu um zoológico e peças de xadrez e esses são os melhores presentes.

Tecnicamente ela havia roubado as peças de xadrez. Mas isto era culpa dele, não dela. Ele deveria tê-las entregue de imediato.

Deixar que ela visse o melhor de mim.

— Todo mundo pensa que fui atrás dela por causa de minha atração por ela. Às vezes, me convenço do mesmo. Faz com que seja mais fácil lidar com o fato de toquei sua pele e uns dias mais tarde, uma praga matou milhares.

Esfregou a mão sobre o seu coração acelerado.

— Mas a verdade é que... Fiz porque estava com raiva. Todos os dias eu assistia meus amigos tocando todos que queriam. Lutando com todos que queriam. Eu sempre era deixado para trás. Neste dia em particular, eles haviam acabado de chegar em casa depois de uma batalha com os Caçadores. Sabe quem são?

Um tremor a percorreu.

— Sim. Um exército de seres humanos liderados por Rhea e Galen, seus inimigos.

— Exatamente. Meus amigos estavam cobertos de sangue e no auge da vitória. Eu estava ressentido. E ali estava ela, em pé na janela da minha cabana. Uma bela garota. Perto dos vinte anos. Viúva. Uma vida pela frente. Ela me queria. Eu tinha certeza a cada vez que me atrevia a ir à

cidade e nossos caminhos se cruzavam. E naquela noite pensei, por que não? Merecia algo de bom em minha vida e ela também e para ela eu era algo bom.

Keeley beijou sua mão.

— Merece algo bom. Você é bom.

Talvez ela mudasse de ideia quando ouvisse o resto.

— Eu iria dormir com ela. Planejei isto. Pensei em enviá-la tão alto quanto um foguete. Fazê-la gozar. Depois, matá-la antes que a praga se propagasse. Sim. Sou um verdadeiro vencedor.

— Então, você tem alguns defeitos, — disse. — Todo mundo tem.

— Mas minha historia com as mulheres é pobre, — continuou. — Antes da posse demoníaca, eu era muito rude com elas. Nunca consegui ultrapassar a segunda base. E naquela ocasião, pouco depois de colocar minhas mãos no rosto da garota, me arrependi do que havia feito, do que iria fazer e a deixei. Deixei-a para morrer. E ela morreu. Toda sua família se juntou a ela.

Ele esperou, tenso e impaciente, pelo veredicto de Keeley.

— Diga algo. — Pediu.

— O que fez foi terrível, sim. Não há como negar. Mas todos nós fizemos algo terrível, guerreiro. Quem sou eu para jogar a primeira pedra? E você viveu com a culpa todos os dias desde então.

Uma afirmação, não uma pergunta, mas ele respondeu de qualquer forma.

— Sim.

— Não acha que já se penitenciou o suficiente? — Perguntou. — Esteve séculos sem tocar em ninguém, enquanto carregava culpa, tristeza e angústia. Você não é o homem que era antes.

Portanto não eram as palavras ou reação que esperava dela. Mas então, se tratava de Keeley. Uma surpresa doce.

— Talvez. — Era tudo que podia se forçar a dizer. — Porque não dorme um pouco. Nada de ruim vai acontecer desta vez, tem minha palavra.

— Não estou cansada.

— Teremos um grande dia amanhã.

— Por quê? O que vai acontecer?

— Nós vamos encontrar meus amigos.

— Hurra, — disse. — Mas ainda não estou cansada.

Tinha que estar, considerando que Anya interrompeu seu descanso muito necessário.

— Cansada ou não, quero que durma. Somos um casal, não? — Ele não lhe deu a oportunidade de negar, mas a levantou e jogou na cama. — Fazemos merda juntos.

— Merda? De verdade? Assim é como expressa?

— Como dormir.

— Prefiro organizar nosso armário, — disse. — Ou aspirar o chão.

— Que pena. Uma vez me disse que iria me obedecer na cama. Bom, está na cama.

— Certo. Vou dormir, — queixou-se. — Mas não vou gostar.

Seu sorriso foi lento enquanto apertava suas luvas.

—Vamos ver se posso fazê-la mudar de opinião...

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Quero me inscrever para outro cochilo rápido. Keeley converteu-se em uma fã da vida. Dormir com o cheiro de Torin no nariz, o calor de seu corpo e seus braços ao redor dela... Não havia nada melhor.

Bom, exceto por ele não estar ali.

Ela acordou fresca e revitalizada, pronta para conquistar o mundo... E percebeu que a necessidade por Torin era uma dor sem fim. Se Hades foi uma chama, Torin era um incêndio. Quanto mais dava, mais queria. E agora que decidiram ficar juntos de verdade...

Tenho que ter tudo dele!

Torin, no entanto, não acordou fresco e revitalizado e necessitado dela e não parecia querer nenhuma parte dela também. Levantou-se e se vestiu, emocionalmente distante, seu doce amante da noite anterior substituído por alguém frio como gelo que gostava de dar ordens a ela.

Vista-se. Depressa.

Não. Não mais vestidos. Use uma calça.

Coma seu café da manhã. E, a propósito, preciso que use os artefatos para procurar mais uma pessoa. Um garoto.

Arrependia-se de sua decisão de ficar com ela?

Não, não, claro que não. Ela era uma conquista incrível.

Uma conquista incrível com segredos.

Seu estômago se contorceu em mil dolorosos nós. *Começamos bem. Tenho que falar com ele sobre Galen. E o farei, assim que chegar o momento certo.* Mas, à medida que os seguintes minutos se passaram, todos seus momentos se consistiram em olhares ansiosos e estreitos, combinados com carícias enluvadas, combinadas com maldições e depois com conversa fiada e foi difícil encaixar: Então, gosto muito de seu maior inimigo e quero convidá-lo para o Natal em família entre: Conte-me o que está errado e O que quer dizer, não há nada errado?

Confio nele.

Se ele diz que está tudo bem, está tudo bem. Sua atitude e o que o conduzia, não tinha nada a ver com seu romance em flor.

— Vamos. — Disse.

Keeley teve que correr pelo corredor para acompanhá-lo. A hora de encontrar seus amigos finalmente chegou. *E talvez este fosse o problema,* pensou. Pensava que ela iria estragar tudo?

Ele berrou ordens a alguns guerreiros. Faça isso. Faça aquilo. Seu tom era muito mais duro com eles do que jamais foi com ela e ela sentiu um estranho conforto nisso.

A tensão se viu atenuada pela esperança de que todos os homens e suas mulheres fizessem o que lhes foi dito.

Paris apareceu a seu lado e seguiu seu mesmo ritmo.

— Quando podemos agendar aquela conversa?

— Logo. — Disse Keeley.

— Ótimo. Irei considerar que isso significa o momento em que finalizará a busca e o resgate. — Ele se afastou.

Ao passar por Anya, a mulher passou um dedo por seu pescoço.

Ameaça de morte?

Keeley bocejou.

Torin deu um passo atrás para olhar a deusa.

— Nunca mais. — A fúria ardia sob a superfície de sua pele. Keeley sempre temeu seu próprio temperamento, mas talvez devesse temer o dele. Neste momento, ele parecia capaz do pior tipo de violência.

O que ele faria?

Talvez a melhor pergunta: o que não faria?

Era ruim que estremecesse de antecipação?

— Ela é minha. — Grunhiu. — E vou matar para proteger cada fio de cabelo de sua cabeça. Entendeu?

Um raio de consciência. Uma chispa de alegria.

— Ela pode estar mentindo para você sobre a necessidade dos artefatos, sabe. — Disse Anya cruzando os braços. — Pode estar apenas tentando roubá-los de nós.

— Ela não está. — Olhou para Keeley, os olhos ardentes com uma fome feroz e carnal não estava permitindo que seu corpo se projetasse. — Eu confio nela. Mais que isso, ela vem em primeiro lugar. Sobre todas as coisas.

Um tremor mais intenso que o anterior apareceu.

— Obrigada. — Disse Keeley suavemente, seu coração parecia bater por ele, apenas por ele. Virou-se para a deusa. — E obrigada pelo tão necessário corte de cabelo. Como pode ver, nunca estive melhor.

— Eu fiz um bom corte de cabelo, — Anya ficou rígida quando Lucien se materializou ao seu lado. — Ah e como me disseram para fazer isto ou então... A Jaula da Compulsão é toda sua. Majestade. Passo-a para você.

— Vou considerar um presente seu em honra da minha presença. — Quando Torin a afastou, ela sussurrou. — Posso machucá-la um pouco?

— Por favor, não. Por alguma razão, Lucien gosta dela. — Ele virou uma esquina, parou de frente a uma porta aberta e indicou que Keeley passasse.

Ela entrou no lugar, de propósito, roçando o ombro em seu peito. Ele segurou o fôlego.

Brincar com fogo. Sempre se queima.

Brincar com Torin. Sempre se ganha.

A sala era de tamanho médio e sem móveis exceto por uma jaula enferrujada grande o suficiente para conter um adulto agachado, uma caixa de vidro contendo a Haste, e Reyes e Danika. Keeley caminhou ao redor da jaula, traçando um dedo na borda superior. Era fria e sólida, feita de um metal que nunca se curvaria, sem importar quanta pressão fosse aplicada. Um arrepio correu pelos seus braços.

Ela voltou sua atenção para a Haste. Tinha um longo eixo e era grossa, com uma cabeça bulbosa de vidro, uma mar de cores se movia dentro, brilhando. Provavelmente o melhor símbolo fálico do mundo.

Reyes ficou diante de Danika antes que Keeley pudesse observá-la, o Olho-que-Tudo-Vê. — Minha mulher viu seu passado. Uma maldade como o sua nunca pode se redimir.

— Bom, você deve saber, não é? — Disse ela, lembrando-o de seus próprios crimes, e fingindo não estar ferida. — A propósito, posso movê-lo de lado, sem nenhum esforço real.

— Tente. — Disse simplesmente. — Tenho isto. — Mostrou o braço marcado por enxofre.

— E eu tenho isto. — *Uma grande bofetada de verdade!* — Fora do meu caminho ou não vou encontrar seus amigos.

Ele se inclinou quase ficando nariz com nariz. Abriu a boca para dizer algo feroz, provavelmente.

Torin se moveu no caminho do guerreiro, obrigando-o a recuar.

— Ela é minha convidada de honra e está aqui para nos ajudar, Reyes. Lembre-se disso. Ela não vai machucar Danika. Mas vou acertá-lo se a ameaçar novamente.

— E sabe que vou gostar. — Reyes o olhou por um momento, cheio de tensão antes de levantar a mão em sinal de rendição. — Tudo bem. Faça o que precisa ser feito.

Certo.

— Onde está a Capa da Invisibilidade?

— Aqui. — Reyes tirou do bolso um pequeno quadrado cinza.

Keeley observou e olhou para Danika fixamente, a pequena e frágil garota, e lhe indicou a jaula.

— Tem que entrar.

A postura da garota mudou, um tremor a percorreu.

— Mas, por quê?

Já era demais!

— Se quer encontrar seus amigos, vai ter que fazer o que eu disser, quando eu disser. Sem argumentos.

— Mas...

— Isso soa como um argumento, — Keeley bateu palmas. — Queremos fazer um resgate hoje ou simplesmente conversar? De qualquer maneira, tempo é dinheiro.

Danika olhou para Reyes, que assentiu com rigidez. Ela se aproximou, mas antes de entrar, olhou para Keeley e disse.

— Obrigada pelo que está fazendo para nos ajudar.

Um nó se formou na garganta de Keeley, o que era isso? Emoção? Pelo agradecimento? *Minha deliciosa capa exterior de arrogância se deteriorou tanto?*

Ela fechou a porta com mais força do que pretendia e ao ruído do metal, Danika gritou.

— Um pouco de história para meus expectadores, — disse Keeley. — Sou a dona da jaula. Enquanto Danika estiver presa dentro dela, ninguém será capaz de retirá-la, apenas eu. Blá, blá, blá.

— Se a machucar... — Começou Reyes.

— Nós já não passamos por isso? Não o farei. — *Mas o processo com certeza o faria.* Keeley voltou para a caixa e pegou a Haste.

— Cuidado com isto. — Disse Torin.

Ela lhe deu o olhar universal: Você está brincando comigo?

— As últimas duas mulheres que tocaram a Haste sumiram sem deixar rastro. — Explicou.

— Isso porque não sabiam usá-la corretamente. — Ela levou o artefato até a jaula e ajustou a base no buraco no centro da porta. — Mova-se para o lado. — Ela ordenou a Danika e depois

que a garota obedeceu, empurrou o eixo todo o caminho até a parte inferior, colocando-a como uma bandeira.

— Sabia que isto poderia ser feito? — Torin murmurou para Reyes.

— Não.

— Obviamente somos idiotas.

Se soubesse a metade, querido.

— Encantado, como se sentiria se eu fosse pela Estrela da Manhã primeiro? Com ela, poderíamos salvar todos os demais em um piscar de olhos.

— Sim, faça.

— Estrela da Manhã? — Perguntou Reyes.

Ela o ignorou dizendo: — Coloque suas mãos ao redor da Haste, Danika e não tire até que eu volte e dê permissão. — Ela não precisava falar “se não me obedecer, eu ficarei presa em outro reino e irritada”, porque uma vez que a ordem fosse emitida, o ocupante da jaula era obrigado a cumprir.

Pouco a pouco a garota se aproximou.

— A propósito, — acrescentou Keeley, — talvez não seja a experiência mais agradável para você. Desculpe.

Danika fechou os dedos ao redor do eixo e gritou.

Reyes deu um passo para ela, mas uma vez mais Torin mudou sua trajetória. O guerreiro se esquivou, mas Torin o seguiu, bloqueando-o constantemente.

— Agora, — disse Keeley para a garota, — Feche os olhos e imagine a Estrela da Manhã.

A garota fechou os olhos e disse.

— Não sei o que é isso.

— Apenas pense nas palavras. Estrela da Manhã. Estrela da Manhã.

Vários minutos se passaram em silêncio, sem acontecer nada. A tensão aumentou. Os artefatos não funcionavam?

— Não entendo, — disse Keeley. — Imagine Cameo.

No segundo que Danika o fez, a parte superior da Haste se acendeu, fazendo de seu brilho anterior uma paródia. As cores vibrantes dispararam em todas as direções, enchendo todo o lugar. Definitivamente não estava quebrada. Bem em frente à jaula, as cores se concentraram, formando uma imagem de uma mulher de cabelos escuros sendo arrastada por uma escada por... Humanos?

Ela não lutava contra eles, porque não podia; estava inconsciente, com a cabeça batendo a cada novo passo e deixando um rastro de sangue.

— Cameo. — Disse Torin sem fôlego.

— Como podemos chegar a ela? — Perguntou Reyes.

Fácil.

— Alguém passa pelo portal. Alguém será transportado para o meio da cena que vê. — Enquanto falava, ela desdobrou a Capa da Invisibilidade de seu tamanho original até se transformar em uma tenda de circo.

— Eu vou. — Disse Torin.

Reyes deu um balançar curto de cabeça.

— Não pode. Não pode tocá-la.

O guerreiro cuspiu maldições.

— Ficar de lado outra vez? Não!

— Você sabe que...

Torin falou com ele como um atormentado: — O que eu sei é que não gosto de Keeley fazendo isto. Sei que a empurrei a isso, mas estou preocupado com ela. Não a quero ali. Não quero que ninguém vá além de mim. Se alguém acabar ferido...

Que doce. Ela prometeu resgatar Cameo, portanto, ela faria isto.

Vamos lá, baby.

Enquanto continuavam discutindo, Keeley ajustou a capa sobre os ombros e foi para o portal.

Torin de alguma forma consciente de todos seus movimentos sem parecer olhar para ela, disse. — O que está fazendo princesa? Não...

— Volto logo! — Com um movimento de seu pulso, ela cobriu a cabeça com a capa e desapareceu da vista.

— Volte aqui agora ou...

Ela atravessou o portal, cortando seu discurso. Desde que a Capa era o único ingresso disponível, ele seria incapaz de segui-la.

Ele me agradecerá mais tarde.

O cheiro de enxofre e podridão imediatamente tocou seu nariz e a sufocou. Bom. Tinha que estar em um dos reinos do Submundo, mas eram muitos para escolher. Um era governado

por Lúcifer. Outro por Hades. Ah e não podia se esquecer dos milhares governados por anjos caídos, assim como Nephilins. Ao menos, a Capa a escondia em todos os sentidos, assim os humanos que arrastavam Cameo seriam incapazes de cheirar ou ouvir Keeley.

À medida que o grupo caminhava para cima, murmuravam sobre as coisas que queriam fazer com a garota... Coisas que seu líder, quem quer que fosse, lhes proibiu de fazer. Coisas terríveis. Uma avalanche de ira percorreu Keeley.

O grupo chegou ao topo da escada, dobrou uma esquina e caminhou pelo corredor. Havia seis portas fechadas e escolheram a terceira à esquerda. Estava vazio, a não ser pelas algemas penduradas no teto. Conseguiram pendurar Cameo em pé, prendendo-a pelos pulsos. Três deles saíram do lugar. O quarto ficou para trás.

Um dos outros parou na porta dizendo.

— Toque-a e ele te matará.

— Se descobrir. Ele não vai descobrir.

— Eu não teria tanta certeza. Ele quer essa para ele mesmo. É por isso que ela não está com os outros.

— Volto a dizer. Ele não vai descobrir.

A porta se fechou, selando o homem dentro com Cameo. Ele estendeu a mão para apertar o seio dela.

Vai pagar caro por isso.

Keeley deixou cair a Capa, brilhou atrás dele e ajustou as mãos ao redor de seu pescoço. Definitivamente humano, ainda que um grande mal se contorcesse dentro dele. Possuído por um demônio, então. *Como chegou a viver em um lugar geralmente reservado para maus espíritos?*

Não importava. Ela deu-lhe um soco na base do crânio, agarrou sua coluna vertebral e arrancou. Como pescar. Ele estava muito surpreso para lutar com ela... E depois muito morto para reagir.

Quando ele bateu no chão, ela esfregou as mãos pelo trabalho bem feito. Deveria ter um bis? Deveria percorrer toda a casa até que encontrasse e capturasse o responsável? Ela poderia entregar o macho (fêmea?) como um presente para Torin.

Mas... Não. Cameo precisava de atenção médica, tipo ontem. Podia ser imortal, mas não era indestrutível.

Oh bem. Um resgate bate e volta teria que bastar.

Keeley usou a chave do guarda para soltar Cameo, envolveu a mulher em ondas de seu poder para que flutuasse enquanto estivessem cobertas pela Capa. Virou-se e caminhou para o portal que Danika havia deixado aberto, mantendo as mãos na Haste. Um segundo depois, ela

tinha Cameo dentro da sala com os artefatos. Uma sala mais cheia do que quando saiu. Todos os Senhores estavam ali, até Anya, murmurando coisas depreciativas sobre Keeley e suas intenções.

Teremos um ajuste de contas, um dia, deusa.

Keeley colocou Cameo no chão e tirou a Capa, depois, dobrou e colocou no bolso.

— Estamos aqui. — Anunciou, materializando-se e chamando a atenção de todos.

— Cameo. — Torin disse.

— Ela está viva. E você, — disse para Danika, — pode tirar as mãos da Haste. E você, — Disse para Reyes, — pode abrir a jaula.

Torin mal olhou para Keeley enquanto se agachava junto à mulher ferida; de fato, ele, empurrou Keeley tirando-a do caminho. Os demais se reuniram ao redor da garota, assim, empurrando Keeley mais para trás... Logo se esquecendo dela e da boa ação que acabava de fazer.

Ela sabia que a garota estava ferida e precisava de atendimento. Apenas desejava que o grupo se preocupasse um pouco com seu bem estar. Iria levar um tempo. Isso era tudo. Um dia, ela seria aceita como parte do grupo.

Decidida, foi para a jaula e abriu a porta, permitindo que Danika saísse. Até mesmo ela correu para o lado de Cameo.

Tempo.

Aeron, o tatuado, levantou suavemente Cameo nos braços e a levou para fora da sala. Os outros os seguiram em massa.

Quero ser amada assim. Pertencer.

Anya voltou apenas para lhe dizer: — Encontrou o garoto ou o quê?

Aquele que Torin havia mencionado?

— Não tive chance de olhar.

A deusa ergueu o punho.

— Se estiver mentindo apenas para se vingar de mim...

Talvez Keeley devesse aprender a respeitar aqueles ao seu redor em vez de lutar. *Plante... E colha.*

— Mentir? — Disse. — Nunca minto. Quando for possível, o encontrarei.

— Bem... Obrigada. Suponho. — Anya respirou fundo antes de sair.

Keeley se moveu pela sala onde estava, quase meia hora se passando sem saber muito bem para onde ir ou o que fazer. Encontrar a outra garota, Viola, teria que esperar Danika se recuperar.

Mãos tocaram seus ombros, virando-a. Ela se encontrou cara a cara com Torin e como sempre, a visão dele a enviou a um estado de euforia.

— Está bem? — Perguntou.

Seus olhos estavam vidrados, linhas de tensão nos cantos.

— Pode ajudar Cameo? Ela está piorando.

Perto das lágrimas. Por Cameo. Pontadas de ciúmes a percorreram.

— Suponho que podemos tentar. Mostre o caminho.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Torin andava loucamente preocupado. Cameo mal tinha força para respirar. Seus batimentos cardíacos estavam perigosamente lentos, seus reflexos sem respostas. Nada que seus amigos fizeram a ajudaram.

Keeley afastou todo mundo de lado para examinar Cameo. A forte e capaz Keeley. Ela salvaria a melhor garota dele.

Não, não sua melhor garota. Não mais. Keeley reivindicou o primeiro lugar, batendo Cameo fora do pedestal, e isso não iria mudar nunca. Mas ele claramente fez algo para chateá-la. E por que não? Ele era um idiota sem limites na maior parte do tempo.

A maior parte do tempo? Por favor. Tente todo tempo. Mas este idiota não gostou da tristeza nos olhos de sua mulher, escurecendo o precioso azul bebê para um azul marinho profundo.

Ele tinha que fazer as coisas certas. E iria, assim que descobrisse o problema.

— Alguém pôs um septo dentro de sua alma, — Keeley anunciou. — E porque sua alma é ligada a seu corpo, ela está sendo envenenada fisicamente, tornando-se incapaz de responder a estímulos.

Perguntas e demandas ecoaram.

— O que é um septo?

— Como algo foi posto em sua alma?

Mas um deles se expandiu acima de todos os outros.

— Remova isto. Agora. — As mãos do Sabin estavam apertadas em seus lados, suas juntas já brancas.

— Você realmente não quer usar esse tom comigo, guerreiro. — Keeley respondeu uniformemente.

Se alguém além de Torin ouviu sua resposta, ele não podia dizer, porque todo mundo continuou conversando.

— Fora, — ele finalmente gritou com todos. — Agora. — Eles não conseguiriam nada deste modo.

Tranquilidade desceu.

— Fora. — Ele repetiu. — Deixe-a trabalhar. Vocês só estão a distraindo.

Houve protestos. Claro que houve protestos. Estes meninos e meninas alfas não estavam acostumados a receber ordens de ninguém. Mas, no fim, eles saíram do quarto, queriam que Cameo melhorasse ainda mais do que queriam o controle da situação.

Ele ficou onde estava. Ele não iria deixar sua mulher, e os outros teriam que lidar com isso.

Toda negócios, Keeley disse, — Escore-a.

— Você sabe que não possa tocá-la.

— Entendo. — A tristeza nos olhos de Keeley parecia sangrar.

Que diabo?

— Princesa... — ele disse.

Ela o parou com um estalo, — Você não a infectará. Sua camisa e luvas a protegerão.

Verdade, mas ele não arriscaria, especialmente enquanto a condição de Cameo era tão instável.

Querendo tudo terminado, assim ele e Keys poderiam conversar, ele abriu a porta, e encontrou todo mundo reunido no corredor, da maneira que ele esperava.

— Sabin, — ele chamou. — Você é necessário.

Conversas diminuíram para silêncio enquanto o guerreiro abria caminho através da multidão. Torin permitiu o brutamontes no quarto, mas quando ele tentou fechar a porta, William fez seu caminho para dentro.

Certo. Tanto faz.

— Levante Cameo. — Ele disse a Sabin.

Sabin não fez nenhuma pergunta, só se moveu adiante e suavemente se posicionou atrás da garota, suas costas pressionando contra a cabeceira.

Keeley abaixou entre as pernas de Cameo, achatou sua mão contra o coração de Cameo. A menina empurrou, mas foi isto, sua única reação.

— O que você está fazendo? — Sabin perguntou.

— Você é sempre tão tagarela? — William encostou um ombro contra a parede. — E sim, com isso eu quero dizer que você é sempre muito irritante.

Keeley ignorou a ambos. Ela moveu a mão de cima a baixo pelo tórax da garota, lado a lado, lentamente, tão lentamente... até que as costas de Cameo se arquearam, seu grito de agonia ecoando nas paredes.

Sabin rosnou.

— O que quer que esteja fazendo, pare.

— Confie em mim, — William disse. — Ou não. Provavelmente não. Mas você realmente não quer que ela pare. Se fizer você se sentir melhor, finja que eles estão recebendo isto. Eu estou.

A cor drenou das bochechas de Keeley, e sua respiração começou a surgir superficialmente. O que quer que ela estivesse fazendo claramente a machucava tanto quanto Cameo, e Torin não gostava disso. Não gostava nada disso. Ele estava indo em direção a ela, determinado a puxá-la longe, quando ela caiu para trás, ofegante.

— Você está bem? — Ele exigiu.

— Estarei... Em... Breve. — Keeley abriu sua mão, revelando um...

Que diabo era isto?

Era do mesmo comprimento e largura de uma caneta e tão preta quanto a noite mais escura. Tentáculos de névoa como tinta enrolados nisto.

— Nós não queremos você tendo que lidar com essa coisa feia. — Prazer revestiu o tom de William enquanto ele pegava o septo, embrulhou-o em um lenço e guardou no bolso. — Deixe-me fazer-lhe um favor enorme, confundindo-me completamente, e cuidar disto para você.

— É obra de Hades. — Keeley disse, e Torin caiu na real realmente rápido.

Ele viu o macho só uma vez, mas havia sido o suficiente. Hades viajava dentro de uma nuvem preta, os gritos de suas vítimas ecoando de dentro. Quando ele olhava para você, você se sentia como se já estivesse preso nas mais profundas, mais quentes covas do inferno. Ele não fazia nada sem garantir que receberia algo em troca, e era evidente que ele trairia sua própria mãe pelo que desejava em troca.

Planejava eliminá-lo de qualquer maneira. Isto só facilitava.

As pálpebras de Cameo sacudiram abertas, e ela murmurou, — Eles vieram... Nuvem escura...

Torin abaixou ao lado dela e encontrou seu olhar frenético.

— Shhh. Você está segura.

— Levou-me... Tentei puxar Lazarus... Falhei.

Ele e Sabin compartilharam um olhar confuso. Lazarus? O guerreiro que Strider decapitou?

— Deve... Salvá-lo... — Ela estendeu a mão para Torin.

Ele se afastou ao mesmo tempo em que Sabin a puxou de lado, mal conseguindo evitar o contato. Ela caiu contra a cama como se o pequeno movimento consumisse a pouca energia que tinha.

— O *eles* que ela falou são provavelmente os servos de Hades. — William disse.

Torin endireitou-se.

— Por que Hades quereria Cameo e um guerreiro morto-vivo?

— Nós teremos que perguntar a ele, — Sabin disse com um sorriso frio. Ele enfocou em Keeley. — Ele é protegido, certo, e você não pode riscá-lo?

— Certo. — Ela respondeu secamente.

— Danika pode abrir um portal diretamente para ele?

Ela franziu o cenho para ele.

— Sim, mas abrir um portal drena suas forças. Levará dias até que ela esteja forte o suficiente para fazer isto. E você realmente quer Hades sabendo o que ela pode fazer? O que nós estamos tentando fazer?

— Keeley está certa. Esqueça. — Torin passou uma mão pelo cabelo. — Salvar Viola e Baden, e achar a caixa são as nossas prioridades.

— Sim. — Ela disse. — No entanto, Baden será complicado. Ele é um espírito. Eu não sou. Não posso tocá-lo e puxá-lo pelo portal a menos que um de nós esteja usando as coroas serpentinadas.

— Eu nunca ouvi falar disso, mas farei o necessário para conseguir um par. — Sabin saiu da cama e moveu-se para a porta.

Quando ele deixou os outros guerreiros entrarem no quarto para verificar Cameo, Torin perdeu Keeley de vista.

— Fora do meu caminho. — Ele disse, e a multidão se separou como o Mar Vermelho... Na hora certa para ele pegar um vislumbre de sua mulher saindo para o corredor.

Ele a perseguiu, alcançando-a enquanto serpenteava ao redor de um canto.

— O que está acontecendo nessa sua doce cabeça, princesa?

Silêncio.

Intolerável! Mas ele segurou a língua até que ela alcançou a porta do quarto e marchou para dentro.

— Não me ignore, — ele disse. — Converse comigo.

— Como você quis conversar esta manhã, antes de Cameo ser salva? — Ela sacudiu o cabelo acima do ombro e encontrou seus olhos tempo suficiente para transmitir desdém. — Ou eu devia vociferar respostas monossilábicas para você?

Ele havia sido um imbecil. Entendido.

— Eu estava preocupado com você e não lidei bem com isto.

— Bem, você certamente pareceu preocupado com Cameo. Pareceu lidar com isso muito bem.

— Escute, ela e eu namoramos durante algum tempo, mas, — ele pausou quando ouviu sua inspiração afiada.

— Eu perguntei se ela era sua namorada. — Keeley empurrou cada palavra por dentes apertados. — Você mentiu para mim. Mentiu depois que eu disse que prefiro salvar um inimigo que diz a verdade do que um amigo que diz mentiras.

— Eu não menti. Eu disse não, porque ela não é. Não mais, nem nunca mais.

— Semântica. — Keeley agarrou uma bolsa e começou a colocar as roupas dele dentro.

— Sem semântica. Que diabo você está fazendo?

— Ajudando você a se mudar para outro quarto. Eu decidi manter este aqui, e desde que sou a convidada de honra, eu escolho.

Doença aplaudiu.

Cale-se.

— Eu não vou achar outro quarto, Keys.

— Você vai, porque eu estou terminando com você.

— De maneira nenhuma. Nós concordamos em tentar fazer isto funcionar.

O casal que mata unido permanece unido.

— Com uma condição. Você não me machucaria novamente. — Ela lançou a bolsa a seus pés. — No caso de você não pegar minha sutil sugestão, você machucou.

— E eu sinto muito por isto, — ele agarrou a bolsa e começou a desempacotar, — mas eu também vou ficar.

— Oh, realmente?

Um segundo depois, a bolsa estava cheia novamente. Ele apertou os dentes. Ela riscou as roupas para dentro.

— Não é engraçado. — Ele disse.

— Você quer saber o que não é engraçado? Você e Cameo!

— Ela é só uma amiga.

— Como o inferno. Você estava simplesmente bajulando ela.

— Eu não estava bajulando, e nossa coisa aconteceu a cerca de um ano.

— Pior ainda!

— Não deu certo. Isso nunca daria certo, porque ela não é você.

Seu rosto suavizou um pouco à medida que ela disse, — Quem terminou? Você ou ela?

— Mútuo?

— Você nem sabe? Oh! — Fogo relampejou em seus olhos. — Bem, quer saber? Eu gosto de Galen. Isso mesmo, — Ela disse quando ele franziu o cenho. — Eu gosto dele. Muito. Ele era um prisioneiro no calabouço de Cronus, e nós conversávamos. Ele viajou conosco pelos reinos. Eu o ajudei. Agora você ainda quer ficar comigo?

Choque. Sim, ele experimentou isto.

Raiva. Isto também.

A mente de Torin girou, perguntas que ele se fez uma vez, mas se esqueceu de achar respostas. O macho que ele libertou do calabouço, o que ele pensou que era familiar, mas que tinha sido incapaz de reconhecer... Era Galen. As bochechas do sujeito estavam encovadas, seu cabelo normalmente claro estava escuro porque estava cheio de sujeira. Sua pele estava fina como papel e branca, suas asas removidas.

— Você o libertou. — Keeley disse.

— Sim, e precisarei me perdoar por isso. — Ele estalou.

Devia tê-lo deixado lá para apodrecer!

Em outros tempos, Galen havia sido o melhor amigo de Torin, mas se tornou seu traidor. Depois, o assassino de Baden. Os pecados do guerreiro eram vastos, e deploráveis. Não havia ninguém que Torin quisesse matar mais. Nem mesmo Hades.

Mas até tão chocado e bravo quanto estava, ele conseguiu dizer, — Você perguntou se eu ainda quero ficar com você. A resposta é sim. Você pode fazer qualquer coisa e eu ainda iria querer você.

Seu queixo estalou fechado.

— Como você pode dizer isto? — Ela ofegou. — Como eu posso acreditar em você? Você não tocaria em sua preciosa Cameo, mas você está sempre mais do que feliz em me tocar.

Agora, espere um segundo.

— Você insiste que eu faça.

— E como eu disse, você está mais do que feliz de me ter em cima. — Ela gritou.

— Claro que estou mais do que feliz, — ele gritou de volta. Ele esperou as paredes tremerem, mas elas não tremeram. — Eu sou compelido a tocar em você. O desejo é constante e frequentemente irresistível. Se eu posso colocar minhas mãos em você, vou fazer isto. Você é uma tentação que não posso resistir. Ela não é.

Keeley piscou, seus ombros parecendo girar. Ela engoliu e disse, — Oh. — Então balançou a cabeça, seus olhos se estreitando. — Se isto é verdade, por que você se esqueceu de mim no momento em que ela chegou?

Agora minha Doce Fada de Açúcar está apenas sendo ridícula.

— Princesa, eu nunca me esqueci de você. Estou sempre ciente de você. Só porque estou olhando e conversando com outra pessoa não muda isto. Eu soube que você ficou para trás quando levamos Cameo para seu quarto, e achei que era porque você não queria lidar com Anya. Eu planejei acomodar Cameo e voltar para você.

— Oh, — ela disse novamente. E caiu na cama, saltando.

Ele queria apertá-la muito em seus braços. Ele não podia fazer isto, mas podia cuidar dela de outras formas.

— Já faz muito tempo que você comeu, — ele disse. — Fique aqui. — Ele pausou, adicionando, — Por favor. Por favor, não me deixe, e por favor, não me ponha na Caixa do Tempo Esgotado. Fique confortável. Eu voltarei logo e vestirei meu capuz favorito e nós nos aconchegaremos.

Ela deu-lhe um aceno de cabeça atordado.

Ele se apressou para a cozinha onde rapidamente preparou um banquete de frutas, passas, nozes e pães. A única coisa faltando eram insetos. Ele recusou-se a caçar arrepiantes rastejadores... A menos que ela pedisse. Ele tinha a sensação de que faria qualquer coisa que ela pedisse.

O que essa menina está fazendo comigo?

Ele adicionou doces e flores na bandeja e voltou ao quarto, como prometido. Ela não partiu, nem se moveu uma polegada.

— Obrigada. — Ela disse suavemente, cheirando uma das flores.

Ele se sentou ao lado dela.

— Então... Galen, hein? — Ele perguntou, afastando uma mecha de cabelo fora de sua sobancelha.

Ela mastigou uma passa e assentiu. Que mudança em sua relação. Ela não mais evitava a comida que ele fornecia e confiava nele o suficiente para comer. Doces momentos como este fazia todos os momentos escuros valerem a pena.

— Ele é um mentiroso, um traidor. Você sabe disso, certo?

— Errado. Ele era. As pessoas mudam.

Raramente.

— Se ele estiver usando você para chegar a nós...

Ela lançou uma passa nele, e ele a fez rir quando agiu como se ela tivesse arremessado uma bomba.

— Eu sou simpática, sabe, — ela disse. — Minha associação com Galen não tem nada a ver com vocês.

— Você é simpática, isto é verdade, — *e lambível*⁶. E, claramente, sua boca precisava de uma distração; ele comeu uma uva. O suco era doce, mas não tão doce quanto sua Keeley. — Apenas... Seja cuidadosa com ele, certo? Eu confiei nele, também, e ele...

Torin piscou. Keeley e o quarto desapareceram, uma enorme escuridão de repente o circulou.

Confusão o abateu. Ele piscou uma segunda vez e um novo ambiente apareceu. Um com barras de metal. Muitas e muitas barras. Elas estavam acima dele e ao lado. Atrás dele e em baixo.

Ele estava preso dentro de uma cela. Era diferente daquela que ele compartilhou com Mari, menor, e não estava dentro de um calabouço. Estava fora e ao ar livre, no centro de quilômetros e quilômetros de sujeira. Submundo?

Que. Porra?

* * *

Keeley saltou para seus pés.

— Torin? — Ele não podia rascar e ainda assim estava com ela em um segundo, e desaparecido no próximo. — Torin!

— Eu não envenenei a garota Cameo.

Ao som da voz de Hades, ira negra a inflamou, e as paredes da fortaleza tremeram. Ele levou Torin dela, ele pagaria!

— Foi Lúcifer, — ele continuou. — Nós estamos em guerra. Conhecendo-o, ele planejou vir por você, dizendo que salvaria Cameo de minhas garras se você se juntasse a ele na luta contra mim.

— Claro que foi Lúcifer, — ela zombou. — Sempre culpe o outro cara mau.

Hades se encostou na porta, cruzando seus braços sobre o peito.

⁶ Trocadilho da autora. (Simpática = likable; Lambível = Lickable).

— O que você fez com Torin? — Ela perguntou.

Ele estalou os dentes para ela.

— Você devia ser mais boazinha comigo, querida. O destino dele está em minhas mãos.

— Devolva-o. Ileso.

Ignorando-a, ele disse, — Eu trouxe um presente.

As paredes tremeram mais intensamente.

Calma.

— Oh, bom, — ela respondeu secamente. — Outra coisa para eu retornar ao remetente.

— Isto você vai querer, eu prometo.

— Tudo que quero é Torin. E se você ousar me dizer que o presente é o seu pênis, vou enfiar outra adaga entre as suas costelas.

Seus dentes brancos cintilaram em um sorriso impenitente.

— Você quer meu pênis? Porque tudo que tem que fazer é pedir, e eu darei para você. Inúmeras vezes.

Homens!

— Torin. Agora.

Seu sorriso não ofuscou.

— Um dia você mudará de ideia sobre mim.

Improvável.

— Devolva Torin.

— Devolver a concorrência? Não é sábio. E eu sou um homem muito sábio.

— Sua presença aqui apenas prova o quão errada é essa declaração. Você mentiu para mim, me usou, me enganou, me humilhou, me destruiu e roubou séculos da minha vida. Eu nunca vou querer você novamente.

— Dê-me uma razão para libertá-lo, então.

— Eu acabei de dar seis. Mas aqui estão mais algumas. Porque você me deve. Porque ele não fez nada contra você. Porque ele me faz feliz, e eu mereço um pouco felicidade. Apenas porque! Escolha.

Um lampejo de dor em seus olhos escuros, uma emoção que ela nunca viu antes nele. Um truque, seguramente.

Não posso amolecer.

— Keeley, — ele disse em um suspiro. Ele passou a mão pelo rosto. — Eu realmente lamento o que fiz para você.

— Você acha que isto é bom o suficiente? Que apaga séculos de agonia? Limpa seus numerosos crimes? — Ela voou para ele e esbofeteou-o. Duro. Então, porque se sentiu tão bem ela o esbofeteou novamente. — Devolva Torin.

Hades poderia tê-la parado, mas ele não parou. Ele aguentou.

Ela o esbofeteou novamente.

— Devolva Torin! — Mais um tapa. — Falo sério.

Quando ela levantou sua mão para dar o quinto tapa, Hades riscou para a mesa ao lado da cama e colocou duas braçadeiras de metal em cima. Ambas eram de ouro, a cabeça de uma serpente na ponta, seu rabo na outra. Um par de coroas serpentinadas.

— Para você usar como achar melhor.

— E que pagamento você espera?

— Nenhum.

Ha!

Este macho nunca deu qualquer coisa sem exigir algum tipo de pagamento.

— Você tem minha palavra. — Ele adicionou.

— Não é boa o suficiente.

— Meu juramento de sangue, então. — Ele riscou um punhal em uma mão e cortou a outra. Enquanto gotas de carmesim gotejavam no chão, ele disse, — Nenhum pagamento é esperado pelas coroas.

Ele... Realmente quis dizer isto. Que chocante. Ela ergueu seu queixo e estalou.

— Eu não agradecerei.

Ele assentiu, como se não esperasse menos.

— Que tal quando eu lhe der isto?

Um atormentado, mas incólume Torin apareceu no centro do quarto. Ele viu Hades e uma mudança dramática o tomou. Seus músculos visivelmente se expandiram, parecendo dobrar de tamanho quando ele se preparou para atacar.

Hades pregou-o com um olhar duro.

— Eu posso remover seu demônio e assegurar que você viva. E eu irei.

Torin deu um passo em direção a ele, só para parar.

Keeley quase podia ouvir o ranger das engrenagens em sua cabeça. *Não dê ouvidos a ele*, ela quis gritar. Suas barganhas nunca terminam bem... para a outra parte.

Então, como ela esperava, Hades colocou a condição.

— Eu farei isso... No momento em que você se afastar de Keeleycael, e nunca olhar ou falar com ela novamente. — Com um presunçoso sorriso cheio de dentes, o Lorde das Trevas desapareceu.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Bastardo.

Tudo o que Torin achou que queria tinha acabado de ser oferecido a ele. Ser livre do demônio, capaz de tocar em alguém a qualquer hora, lutar com alguém a qualquer momento, fazer sexo, e nunca ter que se preocupar. Nunca machucar o outro a menos que de propósito. Nunca experimentar culpa, tristeza ou remorso por algo que não podia controlar. Mas claro, tudo o que precisava fazer era desistir da mulher que amava e desejava mais do que respirar. Nunca mais tocá-la, quando finalmente ele poderia fazer isto sem machucá-la.

Não vai acontecer.

Ele não tinha que ponderar isto. Keeley era dele, e não desistiria dela. Nem mesmo por um sonho.

Keeley se afastou dele.

— Não posso acreditar que estou dizendo isto, mas... Você poderia aceitar a oferta de Hades, e não teria que se preocupar em ferir meus sentimentos. Garantirei que ele mantenha sua parte no acordo, antes de colocá-lo na Caixa do Tempo Esgotado, assim como você exigiu uma vez.

— Não! — Ele não seria esquecido. Nunca. Ele caminhou até ela, o fogo em seu coração espalhando-se por cada centímetro dele. — Não vou deixá-la ir. Nunca a deixarei ir. Ficarei com você.

— Não. Isto é o que sempre quis. O que você precisa.

— Você é o que eu preciso.

— Não!

Perdê-la.

— Ele é o mal. Não confio nele. — Quando Hades fará a remoção? Em alguns séculos? Como ele fará isto? Em que estado de vida Torin seria deixado? Como entrar na Jaula da Compulsão e ser comandado para separar-se do demônio e viver, sim, ele viveria, mas nada bem. Ele permaneceria em um estado vegetativo. Pelo menos em teoria.

Não valia a pena o risco.

Tampouco valeria Hades. Com o rei dos condenados, havia muitas variáveis. Não que algumas delas importassem.

— Eu lhe falei, — ela disse. — Garantirei que ele mantenha sua parte no acordo.

— Foda-se o acordo!

— Não, Torin, ouça-me.

— Não. Ouça-me você, Keys. — Ela estava determinada a terminar as coisas, por ele. Ele entendia. Esteve lá, fez a mesma coisa. Tão teimosa quanto era, nada que ele dissesse a faria mudar de ideia. Ela faria o que achava que o deixaria feliz no final das contas, com ou sem sua aprovação.

Não posso deixá-la.

O desespero se apoderou dele quando percebeu que havia apenas uma maneira de prosseguir. As palavras não funcionariam, mas ações sim. Ele tinha que provar que poderiam ter tudo o que sempre quiseram.

— Sabe de uma coisa? — Ele disse. — Nada mais de ouvir, nada mais de conversar. Quero você. Completamente. E a terei. — Provaria o quanto necessitava dela. Proporcionaria tanto prazer que ela nunca mais desejaria sair do lado dele. — Depois disso, você não adoecerá.

Os olhos dela se arregalaram, e ele soube que a tinha fisgado.

— Como? — Ela perguntou, ofegante.

— Eu lhe mostrarei. — Se ele fodesse tudo e acidentalmente tocasse na pele dela, ela faria o que tinha ameaçado. Ele sabia disso.

Não posso estragar tudo.

A pressão se foi.

Manda ver.

— Você está disposta? — Ele perguntou.

— Eu... Eu...

Trazendo-a para perto.

— Você é forte, não há ninguém mais forte. Você pode resistir a qualquer coisa. E quantas vezes me disse que o prêmio vale as consequências?

— Incontáveis, — ela apertou os lábios, balançando a cabeça. — Vamos pensar nisto primeiro.

— Princesa, Hades não é minha única opção para a liberdade, e certamente ele não é a mais confiável. Você está se esquecendo da Estrela da Manhã.

— Não esquecendo. Apenas não contando mais com isto. Tentei encontrá-la, e falhei.

Perdendo-a novamente...

— Além disso, — ela adicionou, — você estava disposto a me deixar antes, mesmo que a Estrela da Manhã fosse uma possibilidade. E se eu tentar novamente e não puder encontrá-la?

— E se você puder?

Ela trocou de um pé para outro. Abrindo e fechando a boca.

Ela hesitou... *Não há momento melhor.*

Ele atacou, pegando-a pela cintura e lançando-a sobre a cama. Quando ela parou de saltar, ele ficou satisfeito em notar que ela permaneceu no lugar, em vez de escapular, a respiração dela rápida e superficial.

Ele moveu-se para os pés do colchão. Os cabelos dourados dela estavam espalhados sobre o travesseiro, e seus olhos vidrados de paixão permaneciam fixos com os dele. Minha. O sangue correu através dele, um rio recém-despertado, a represa totalmente destruída.

— Vamos fazer isto. — Ele disse. Ele retirou uma jaqueta do armário, uma que era fina, o material capaz de repelir a água, e lançou-a para ela. — Remova seu sutiã, tire sua blusa e então coloque isto.

Ela lambeu os lábios enquanto obedecia.

— Iremos até o fim?

Suavemente perguntou, mas não menos poderosa.

Ele deu uma inclinação lenta de sua cabeça.

— Todo o caminho.

Lentamente ela deitou-se contra a cama. Através da camisa e parte da jaqueta dela, ele podia ver que seus mamilos já estavam duros e prontos para serem chupados.

— A calça jeans, — ele disse. — Livre-se dela. A calcinha, também.

Ela deslizou para fora de ambas e lançou o material de lado.

Pernas tão longas, parando no novo centro de seu universo. Rosa... Úmido. Seu coração quase parou.

Ele afastou-se uma segunda vez, sem dúvida, a tarefa mais difícil de sua vida.

— Torin?

Ele pensou sobre isto. Muito. Pensou que tinha encontrado uma maneira de ter tudo o que desejava, tudo pelo que ela ansiava. Ele encontrou um par de calças de algodão e um par de luvas, e deu isto a ela. Os tremores dela se intensificando enquanto entrava em ambos.

Enquanto ela observava, os olhos dela praticamente crepitavam em chamas, ele abriu sua braguilha e removeu um pouco da pressão de sua pulsante ereção; mas não descartou uma única peça de roupa. E não iria.

Ele colocou uma camisinha antes de rastejar pelo colchão. Keeley respirou fundo. Com luxúria deliberada, ele moveu-se na direção dela. Quando finalmente estava situado entre as pernas dela, ele fechou os dedos ao redor de seus tornozelos, o brilhante calor da pele dela queimando através das camadas entre eles. Ela gemeu quando ele passou os polegares contra os arcos de seus pés, em seguida para cima... Para cima... Parando quando alcançou seus joelhos.

— Você gosta de ter minhas mãos em você? — Ele perguntou.

— Mais do que qualquer coisa. — Ela disse ofegante.

Ele continuou para cima... Para cima... E quando alcançou o centro macio, debruçou-se para frente, colocando a extremidade da jaqueta entre as pernas dela e pressionando com a língua, o corpo dela totalmente protegido do dele. Até mesmo de sua saliva. Ele lambeu sobre seu âmago escondido, mas não negado a ele. Ela se contorceu, arqueando os quadris de encontro a ele, e ele trabalhou a língua em círculos mais fortes, mais rápido.

— Torin! — Gemendo, ela fincou os pés no colchão e estendeu a mão para passar os dedos enluvados pelos cabelos dele. — A sensação é incrível.

Homens frequentemente passavam a vida inteira procurando por uma mulher como ela. Mas ele a tinha. Ele. Somente ele. Um homem sem experiência. O único que poderia machucá-la de forma irrevogável. E ainda assim ela não conseguia ter o suficiente dele.

— Desejo ter seu mel escorrendo por minha garganta. — Ele continuou a trabalhar sua língua por ela, molhando o material resistente, mesmo quando ela molhou isto. Não demorou muito para que ele imaginasse que realmente poderia saboreá-la. *Tão doce, tão bom.*

Ela se moveu contra ele, com ele, e ele trouxe seus dentes para o jogo, beliscando-a... Em seguida chupando-a... Então beliscando novamente... E ela acelerou a velocidade de seus arcos, arqueando, arqueando contra ele, e então gritando o nome dele, a voz rouca se quebrando enquanto ela gozava rápido e com força.

Mas ele não tinha acabado com ela.

Ele viajou para cima. Pela jaqueta, ele lambeu seu umbigo. Nunca tinha dado a esta área em particular qualquer pensamento. Em suas fantasias, iria para o seio e o âmago, o que considerou a melhor coisa a fazer, nada mais que um pontinho. Mas cada centímetro desta mulher era precioso para ele. Um banquete para ser devorado.

— O que quer que eu faça com você? — Ela perguntou e ofegou quando ele beliscou seu mamilo. — Por favor, deixei-me...

— Quero apenas que você aprecie. Nunca tive isto antes, e quero dar-lhe tudo, tudo. — Ele amassou seus seios, seus seios macios, exuberantes, enquanto encaixava os lábios sobre um de seus mamilos, chupando, em seguida fazendo o mesmo com o outro.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, não que ele fosse escutar qualquer coisa diferente de “Sim, Torin, o que você desejar, Torin”, mas as palavras foram substituídas por um gemido de rendição quando seu prazer elevou-se para outro ponto febril.

Ele chupou duro, e o gemido se transformou em um lamento. Ela segurou a parte de trás do pescoço dele, segurando-o no lugar. Seus joelhos abriam e fechavam ao lado dele, quando ele contornou uma mão enluvada pelo seu estômago abaixo, mantendo-as debaixo da cintura de suas calças... Ela se acalmou, embora o agarre dela se apertasse sobre ele. Ele se equilibrava sobre a extremidade de um precipício afiado como uma navalha, enquanto apertava seus dedos contra o calor úmido dela.

Tremores a balançavam contra ele. Ela gemeu, então implorou por mais, mais forte. Ele esfregou em círculos... De cima para baixo... Círculos novamente... Até que ela estivesse ofegante, murmurando incoerentemente, suas pernas espalhando amplamente, mais largas.

— Preencha-me, — ela implorou. — Por favor, preencha-me.

Incapaz de resistir, ele a alimentou com um único dedo. Suas paredes internas prendendo-o; tão maravilhosamente apertada; que teve que morder a língua para impedir-se de gozar ali mesmo. Ele encostou a testa no esterno dela, os músculos dele flexionando com uma enxurrada de desejo inebriante, suas veias expandindo com uma nova onda de sangue, bombeando um prazer incandescente por cada centímetro dele. O suor escorria por suas pálpebras, entre as omoplatas.

— Tão bom, Torin. Isto é tão bom. Está me deixando... Louca... Não sei se vou... Sobreviver. Quem diria... Que seria assim que... Eu morreria? O que está... Fazendo comigo?

Dando-lhe tudo o que sou.

Ele colocou seu outro dedo, moveu-o para dentro e para fora, lentamente a princípio, em seguida empurrando mais rápido... Muito mais forte... Como queria fazer tão desesperadamente com seu eixo. Não ainda.

— Você pode aguentar outro, princesa?

Ele não esperou pela resposta dela, apenas colocou um terceiro.

* * *

Keeley estava queimando com conscientização e necessidade. Torin a escolheu acima de todas as outras, acima de tudo, e agora seu corpo doía pela sua atenção feroz, a pele dela formigava por baixo das roupas, e seus membros tremiam. Magnífico.

Ele era magnífico.

Ela deveria ter continuado e concluído as coisas, não deveria tê-lo forçado a este ponto. E talvez lamentasse isto... Amanhã. Quando Torin se esticou sobre ela, seu peso fixando-a abaixo, o calor e o cheiro dele cercanda-a, ela estava totalmente consumida de prazer. Isto saturava seus

ossos, submergia sua mente, fazia cócegas em cada célula dela. Ela estava viva com a sensação decadente.

E Torin estava...

Oh, sim! Ele estava movendo seus dedos para dentro e para fora dela, levando-a para novas alturas, porque ele era o único dando prazer. E oh, ela tinha certeza de que ele receberia na mesma medida. Não, em maior medida. Ele era novo nisso, e deveria ser...

Os dedos dele roçaram em um lugar dentro dela que a fez gritar e implorar por mais, seus pensamentos totalmente consumidos por ele.

Alcançando um ponto sem volta.

Como o guerreiro consumado que era, ele estava determinado a tirar o máximo de vantagem desta fenda na armadura dela, esfregando e esfregando... *Tão bom!*... E esfregando...

Ela alcançou entre eles, querendo envolver a mão ao redor do eixo dele. Mas ele prendeu seus braços sobre a cabeça dela com uma mão, e continuou a torturá-la tão primorosamente com a outra, sempre entrando e saindo dela, dentro e fora.

— Torin.

— Você está tão molhadinha, princesa.

— Sim, — ela ofegou. — Quero você. Quero tudo. Dê-me isto. Faz muito tempo, e nunca desejei alguém da maneira como desejo você.

* * *

Torin retirou os dedos da envoltura quente da umidade deliciosa de Keeley, para beliscar o queixo dela e forçar seu olhar a descansar nele. Seu grito de decepção foi música para seus ouvidos. Os olhos dela estavam vítreos, mas ardendo intensamente, suas bochechas coradas com um rosa profundo. Ela nunca esteve mais adorável.

Logo ela lhe pertenceria de verdade.

— Não desistirei de você, — ele disse. — Isto nunca vai mudar.

As pestanas dela tremularam se fechando, enquanto ela arqueava para esfregar os seios contra o peito dele. Aqueles duros, mamilos deliciosos criando uma fricção inebriante.

— Por favor. Por favor. Torin, isto dói.

— Não quero que você sinta dor. — Um tremor percorreu-o, desfazendo-o. Keeley seria sua primeira amante... E a última. Ele nunca iria querer outra da maneira como a queria.

Outros homens poderiam ter entrado em pânico, pensando somente em si, mas Torin regozijou-se. Ele nunca teria que se conformar com uma substituição desbotada, na memória ou de fato.

— Pronta para mim, princesa? — Sua longitude dura como aço esticou através de sua braguilha, e ele se certificou de que o látex permanecesse no lugar. Seu sangue incandesceu e seu coração disparou quando murmurou. — Agarre a cabeceira da cama.

Quando ela obedeceu, ele rasgou um buraco no centro das calças dela e estabeleceu-se entre o berço de suas pernas determinadas. Ele posicionou-se na entrada, apenas a ponta violando suas paredes internas, e oh, inferno, já podia sentir o calor derretido dela e seu aperto, e teve que morder a língua contra a imediata torrente de êxtase.

Ele tremia, lutando com as ondas intermináveis de êxtase, enquanto empurrava lentamente, um centímetro de cada vez, dando-lhe tempo para adaptar-se à sua grossura. Dando a si mesmo tempo para ajustar-se a seu primeiro gostinho de euforia não adulterada.

Ele quis isto por tanto tempo. Esperou por isto. Sonhou com isto. Passou séculos se amaldiçoando pela falta disto. E aqui estava, sendo dado a ele por uma mulher que ofuscava todas as outras.

— Torin! — Ela plantou os pés no colchão e ergueu o quadril, levando-o mais fundo... Tão malditamente fundo... Até que ele estivesse todo o comprimento até a base da camisinha.

Os tremores se intensificaram. Isto era... Ele estava... Não havia palavras.

Não, não de verdade. Havia uma. Para sempre.

Terá isto para sempre.

Iria tê-la para sempre.

Ela estava apertada ao redor dele, mais apertada do que qualquer punho. Ela estava abrasadora, deliciosa e macia. Ele não estava certo de como viveu sem ela, e sabia que nunca seria capaz de fazer isto novamente.

— Mova. — Ela disse ofegante. — Você tem que se mover dentro de mim.

Sim. Oh, sim. Quando se afastou, sentiu o deslizamento quente do atrito, a sensação de euforia intensificou e não podia respirar; ela colocou as pernas ao redor da cintura dele, aplicando pressão, tentando forçá-lo a deslizar de volta. Mas ele não o fez. Resistindo, continuou a afastar-se... Até que estava quase totalmente fora dela. Ele pairou lá por um momento, retesando as extremidades desgastadas de seu controle, sabendo o que lhe esperava quando retornasse, faminto por isto. Esfomeado.

— Torin! — Ela choramingou.

Querendo que a fome dela se elevasse, ele esperou apenas um pouco mais... Apenas um segundo a mais... Antes de empurrar de volta com toda a força. A cama inteira balançou, a cabeceira batendo contra a parede. Um retrato caiu, o vidro quebrou.

— Sim. Sim, sim, sim, — Ela jogou a cabeça para trás, gritando. — De novo.

Nada podia detê-lo.

Ele se afastou e uma vez mais pairou em sua entrada, antes de entrar nela. Depois disto, uma represa rompeu. Não havia mais nada pairando, nada o impediria. Ele empurrou, mais rápido e mais rápido, mais forte e mais forte, batidas constantes contra a parede. Ela estava tão molhada, o deslizamento fácil apesar do aperto de sua envoltura interna quente. Ele perseguiu seu prazer, não mais um querer, mas uma necessidade.

Começando a romper.

Pela primeira vez, ele gozaria dentro dela. Dentro de sua mulher. Ele experimentaria com ela o que nunca experimentou com outra. Ele a conheceria, toda ela. Teria ela toda. Daria tudo o que ele era.

Ela afundou os dentes no peito dele, e até mesmo através da camisa, ele sentiu a picada e amou. Sua mulher o cercou. Estava em todos os lugares, tudo de uma vez. O gosto dela permanecia na boca dele. Os gritos dela ecoando em seus ouvidos. Ela estava gritando o nome dele, gozando novamente, ordenhando seu comprimento, arqueando contra ele, arranhando suas costas. E... E... Seus pensamentos estilhaçaram.

O prazer explodiu dentro dele, enchendo-o, consumindo-o. Quando estremeceu contra ela, seu clímax queimando através dele, ele rugiu como o animal que se tornou. Resplandecente. Completo. Satisfeito.

Marcado a ferro.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Depois que Keeley trocou de roupa, uma cueca limpa e uma camiseta de Torin que corajosamente proclamava “Maddox Furou Aqui” com manchas de sangue falso salpicado por todas as partes, ela rastejou de volta para cama, murmurando. — Desta vez, te devo um agradecimento. — E afundou-se em um sono profundo e pacífico sem nenhuma perturbação. Ele a olhou, completamente impressionado com ela. Acariciou as ondas douradas espalhadas sobre o travesseiro e bebeu da pureza de seus traços. Tinha os lábios entreabertos, úmidos, inclusive inchados onde os mordeu e isso o fez querer muito degustá-los.

Ninguém era mais bonita que sua mulher.

As coisas que fazia com que sentisse... Que lhe permitia fazer.

Os homens diziam que um leopardo não pode mudar suas manchas e um cão velho não pode aprender novos truques. Bom, ele havia acabado de provar que eles estavam errados. Ela o mudou, dando-lhe o que uma vez considerou inalcançável. Não apenas sexo, mas, aceitação sem reservas. Ele já não era Torin, mas, sim, o homem de Keeley.

Beijou o topo da cabeça dela. Nunca pensou que a perda de sua virgindade seria nada além de alívio e, no entanto, estava completamente desfeito. Sua primeira vez foi com ela, a mais esperta, sexy, inteligente e poderosa garota do planeta. Aquela que lhe ensinou o verdadeiro significado do prazer, arruinando-o para qualquer outra.

Sua fome ainda era enorme e tinha um único desejo: Keeley. Café da manhã, almoço e jantar e cada lanche entre eles.

E posso tê-la. Posso ser cuidadoso com ela.

Posso satisfazê-la.

A comoção no corredor interrompeu seus pensamentos. Golpes, agitação. Vozes. Keeley murmurou algo.

Se alguém a acordasse, pagaria caro.

Esperou até que ela ficou quieta e saiu suavemente da cama, vestiu a calça e foi para a porta. Lucien e Anya estavam em pé no corredor, segurando o que parecia ser uma cesta de frutas, para lá e para cá.

— Peça desculpas. — Lucien ordenou.

— Nunca! — Gritou.

— Calem-se! — Torin disse em um sussurro forte.

Ambos olharam para ele.

— Nenhuma palavra mais. Nem outro ruído. Keeley está dormindo e vou mutilar a pessoa que a acordar.

Os olhos de Anya se estreitaram, mas em lugar de gritar como Torin esperava, ela empurrou a cesta para ele e disse baixinho: — Para sua amiga. Porque Lucien lamenta o corte de cabelo.

Lucien pigarreou.

— E eu também sinto muito, — disse ela. Apenas para acrescentar. — Desculpe se eu não cortei mais. Mas não vou fazer isso de novo. Bom? Bem? Assim você pode dizer a ela que eu totalmente fui espancada corretamente. — Seu olhar passou sobre ele, parou em seu cabelo despenteado e sorriu. — Vejo que a Rainha Vermelha conseguiu uma surra, também.

Torin fechou a porta na cara deles. Mesmo a risadinha suave o irritava; Keeley teria tranquilidade absoluta e isso era tudo. Colocou a cesta de lado, não uma cesta de frutas, afinal. Nela havia presilhas brilhantes para o cabelo, escovas douradas, pentes de prata, elásticos de renda e um bilhete que dizia: *Meus sentimentos, A.*

Mulheres.

Foi para o outro lado da cama. A alteração no colchão, não acordou Keeley, graças a Deus.

Passou as próximas horas patrulhando os ruídos. Reyes bateu na porta para pedir desculpas a Keeley por algo que disse, mas Torin o despachou. E qualquer golpe, ranger ou murmúrio que ouvia o fazia sair do quarto para sussurrar, ou gritar com a pessoa. Seus amigos lhe olhavam de forma estranha e ele sabia que pensavam que seu tempo afastado havia apodrecido seu cérebro, mas não importava.

No final do turno, William esperava na porta por ele. O macho estava apoiado contra a parede, com as mãos nas costas.

— Ouvi dizer que você pirou um pouco hoje. — O sorriso de William era sardônico. Como sempre. — Esperando seus amigos para jogar fiquem quietos ou morram.

— Não esperando. Exigindo.

— Bom, estou brincando de belo mensageiro. Provavelmente o mais belo mensageiro que já nasceu. Não finja que não notou.

Torin arqueou uma sobrancelha.

— Está me cantando, Willy?

— Você deseja. Como todos que cruzam o meu caminho. Já viu minha bunda, certo?

— Precisando alimentar seu ego, entendi.

— Não acredito na arrogância. Mas acredito em mim... E na minha grandiosidade.

Isto poderia durar para sempre.

— Apenas me diga o que veio dizer e se mande.

William fez uma careta, parecendo preferir comer pedras à falar, mas mesmo assim disse.
— Diga à sua Placa de Petri⁷ que meus garotos irão se inscrever para seus guardas reais durante nossa guerra com os Phoenix.

Seu punho conectou com o nariz de William antes de perceber inclusive que se moveu. A cartilagem se rompeu. Sangue espirrou. William chamou Keeley de Placa de Petri? Diabos, não. Não era divertido. Nem sequer remotamente. Mas era verdade. Porque isso era exatamente o que Torin faria a ela sempre que não tivesse cuidado, certo?

William sorriu novamente e havia sangue entre seus dentes.

— Espero que não tenha quebrado uma unha com este pequeno tapa de amor.

Torin estava a ponto de responder quando ficou preso em outra coisa que William disse. Guarda real. Lembrou-se do novo reino que Keeley planejava “para recomeçar”.

Estava planejando se afastar?

Não sem mim, não mesmo.

— Você vai ser parte da guerra? — Perguntou. Porque estava parecendo que Torin seria. Ele ajudaria Keeley de qualquer forma que pudesse. Talvez até mesmo lutando novamente, pensou com emoção.

— Estou dentro e fora disso. Há um Enviado, Axel, que está decidido a falar comigo e tem me seguido. Estou decidido a não falar com ele, o que significa que não posso ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Os Enviados. Guerreiros alados que viviam nos céus. Assassinos de demônios e de alguma maneira aliados dos Senhores.

— Tenho uma ideia. Porque simplesmente não mata este Axel?

— Tenho minhas razões. — William balançou a mão no ar, deixando o tema de lado. — Hades quer Keeleycael de volta. Sabe disso, certo?

Um músculo tremeu sob o olho de Torin.

— Eu sei. E ele pode chupar um par de bolas peludas. Ela é minha.

William revirou os olhos.

⁷ Placa de Petri: peças de vidro ou plástico, usadas principalmente para desenvolver meios de cultura bacteriológicos e para realizar reações em escala reduzida.

— Está com vergonha? Porque fico envergonhado por você. Ela é minha. — Zombou. — É triste ver o quanto chicoteado você está. Como todos vocês estão. Porque, vocês guerreiros, não removem gentilmente seus tampões e viram homens?

Torin golpeou seu peito como um gorila.

— Ei, me pare se você já ouviu isso... Gilly.

O humor assassino morreu na hora. Uma tensão tão forte e espessa que até mesmo Torin podia sentir irradiou do homem.

— Não sei sobre o que está falando. — Disse William. — Sou seu generoso benfeitor e ela é minha ingrata pupila. Sou uma espécie de figura... Paterna. — Sua voz quase sumiu nas últimas palavras, convertendo-se em nada mais que um grunhido.

Torin sorriu.

— Negar, negar, negar, é isso?

— Cale-se.

— Cara, espero ser seu padrinho de casamento.

* * *

Keeley acordou com um sobressalto, ofegou e se sentou. Milhares de pensamentos pareceram bombardear sua mente de uma vez. O precursor? *Eu estou apaixonada por Torin.*

Seu estômago se contorceu. Ela o amava?

Oh... Merda. Sim. Apesar do fato de qualquer contato pele com pele a deixar doente. Apesar de ele ter tentando deixá-la mais de uma vez. Ela não estava simplesmente vinculada a ele, estava puxando sua força. Estava totalmente fascinada por ele. Sob seu feitiço. Sua cativa voluntária.

Observou ao redor e descobriu que ainda estava no quarto. Ele havia puxado uma cadeira para perto da cama. Ao perceber que ela acordou, pegou uma bandeja de comida da mesa e colocou a seu lado.

Havia círculos escuros sob seus olhos e então ele colocou um gorro em seu cabelo. Para esconder o estrago que ela causou? Parecia cansado, mas sexy. Estressado, mas aliviado.

— Fiquei doente? — Perguntou.

— Não. — Disse.

Soltou um suspiro de alívio.

— Fiquei correndo dentro e fora para gritar com os meus amigos. Coma. — Disse. — Precisa de força.

Ainda cuidando de mim.

Eu o amo tanto.

— Porque gritou com seus amigos? — Perguntou.

— Porque eles me incomodam.

— Resposta enigmática. — O que não queria que ela soubesse?

— Ainda assim, precisa.

Colocou uma uva na boca e mordeu. O suco era fresco, doce e delicioso.

— Gostaria que Danika estivesse recuperada para me ajudar a encontrar a outra garota. — Quanto mais cedo eles tivessem Viola em seu meio, depois Baden e em seguida, o garoto mistério, mais cedo Keeley poderia procurar a caixa... A Estrela da Manhã. — Mas ela não está, está?

— Ainda não. Falei com Reyes agora a pouco. Danika está dormindo e só acorda quando ele a força para alimentá-la.

Bem, que chatice.

Keeley se envolveu no lençol do pescoço aos pés e sentou-se no colo de Torin, entrelaçando seus braços ao redor dele, com cuidado para não tocar sua pele.

— Vou contar um segredo, — disse. — Mesmo tão feliz como estou com a ideia de você ficar livre do demônio, também sinto medo. E se você decidir que quer outra mulher?

E se ele quisesse ir atrás da farra sexual que nunca teve? Keeley se tornaria apenas um pensamento passageiro?

Odeio a baixa autoestima! Odeio inseguranças! Odeio dúvidas!

Seus braços se entrelaçaram ao redor dela também.

— Isso nunca acontecerá. — Assegurou e sua veemência a agradou.

— Você diz isso agora, mas...

— Falo sério. Afirmo isso com cada fibra do meu ser. Estou perdido por você, Keys e não quero ser encontrado. Não posso imaginar um momento sem você, sem querê-la. Você é meu tesouro, meu vício. É minha doença e não quero ter nenhuma cura.

As inseguranças se queimaram como cinzas.

Ele limpou a garganta, repentinamente desconfortável. Mas seu domínio se apertou nela quando ele disse.

— A propósito, as crianças de William serão seus guardas pessoais.

— Sério? Que maravilha!

— De onde está esperando governar este reino seu?

— Bem, daqui mesmo. Obviamente. Vou ser a Rainha Vermelha dos Senhores do Submundo e todas as suas companheiras. Pode me agradecer. — Ela não podia deixar de acrescentar, brincando com ele... Mas também falando sério.

Um lento sorriso surgiu além das nuvens escuras que se apoderaram de sua expressão. — Acho que nunca teve uma ideia melhor.

— Eu sei, certo? Mas, primeiro, as prioridades. — Seu próprio sorriso sumiu. — Preciso de uma escova de dente e um chuveiro, nesta ordem. Faça com que aconteça.

Passou um dedo enluvado por sua bochecha.

— Mandando em mim, já?

— Sou sua rainha. Isso é o que faço.

Com outro sorriso, um tão brilhante que iluminou todo o caminho até seu coração, ele disse.

— E apenas tenho que obedecer? Sem resistência?

— Oh guerreiro. Espero que não resista, — sua voz soou rouca. Necessidade. — Ou receberá um castigo.

— Oh sim. Que tipo de castigo?

— Será obrigado a me satisfazer. Repetidamente.

Seu olhar pousou em seus lábios e permaneceu.

— Gostou de fazer sexo comigo?

Estremecendo ela disse: — Gostar é uma palavra muito suave, Encantado.

— Apesar de não termos contato pele com pele?

— Mesmo assim.

— Vai ser suficiente para você?

Ele a desejava, valorizava tal como disse e isso sempre seria suficiente.

— Escova de dente. Chuveiro. Então vou demonstrar o quão eficiente posso ser.

Assumindo uma postura régia, ela bateu palmas.

— Faça acontecer e a Rainha Vermelha o fará feliz por isso.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Baden lembrou-se da névoa negra... E dos servos infernais que o arrastaram para fora dela. Tinham o transportado aqui, para alguma cela de prisão, enquanto ele estava muito debilitado para lutar. Ele teria pensado que isto era um reino espiritual em vez de um natural, porque 1) demônios constantemente passavam, e 2) eles podiam tocá-lo. Mas havia braçadeiras douradas presas ao redor de seus pulsos, pulsando, pulsando, e ele podia tocar coisas que não deveria poder tocar.

Se ele tivesse que adivinhar quem era responsável por sua captura, ele diria Lúcifer. A fofoca era que ele tinha pegado os demônios...

Lúcifer, se apropriando de tudo que os Senhores do Submundo prezavam.

Lúcifer, aliado com algum tipo de rainha das sombras, uma fêmea que forçou um poderoso Enviado à desposá-la.

Os Enviados iriam pirar quando descobrissem a verdade. Eles eram guerreiros alados incumbidos de matar demônios, não ajudá-los.

E ultimamente, Lúcifer, preparava-se para tomar o trono de Hades, para matar o homem que ele uma vez considerou um pai.

Baden podia apenas imaginar que ele mesmo seria usado como moeda de troca. Algo para forçar os Senhores a lutarem com Lúcifer e não contra ele. O que Baden não entendia, porém, era o fato de Cronus e Rhea estarem presos na cela com ele. Os Senhores não fariam nada pelo par.

Mas o mais importante, onde estava Pandora?

— Isto é um ultraje! — Cronus gritou. — Como ousam me tratar deste modo. Eu sou o Rei dos Titãs.

— Não mais, — Rhea cuspiu para ele. — Você é o rei de nada.

— Cale-se, mulher. Sua opinião não foi solicitada.

Ela encolheu os ombros, então verificou suas cutículas.

— Não estava declarando minha opinião. Estava declarando um fato.

Os dois continuaram a discutir.

Baden queria um punhal. Inferno, até uma colher funcionaria. Ele apenas queria abrir suas gargantas e cortar suas cordas vocais.

O rangido de uma porta soou pelo corredor.

Baden apressou-se para as barras de sua cela. Dois demônios estavam andando pelo corredor, em sua direção. Ambos tinham aproximadamente 1,75m e empilhados com músculo. Chifres saíam do couro cabeludo, e asas se estendiam das costas.

Ele esticou a mão para chamar a atenção deles e dois conjuntos de brilhantes olhos vermelhos caíram sobre ele e se estreitaram.

— A garota. Pandora. Você a trouxe para este reino?

Ambos arreganharam presas amareladas e riram alegremente.

Medo torceu o estômago de Baden. Ele assumiria que isso significava um sim, sim eles tinham. E ela não estava sendo bem tratada.

O pensamento o enfureceu. Ele odiava Pandora. Lamentava o dia em que se encontrou preso com ela. Mas por séculos, ela foi tudo que ele tinha. Sua única companheira. Ele não podia suportar a ideia de ela ser torturada. Não passaria batido.

Ele agarrou o demônio à direita, batendo a criatura contra as barras da prisão. O outro veio para salvar seu amigo e esmurrou Baden no rosto. Ele aguentou firme. Cronus e Rhea finalmente fecharam suas bocas, percebendo o ponto dessa tentativa, e apressaram-se a ajudá-lo furtivamente a revistar os demônios, esperando descobrir a chave para a cela.

Baden não achou uma.

Quando Suas Majestades finalmente se afastaram, ele libertou a criatura e afastou-se do alcance. Seu olho estava inchando, até vazando sangue em sua boca.

— Você tem sorte por eu ter sido convocado. Caso contrário, — disse o que ele agarrou, — eu ensinaria a você uma lição que nunca esqueceria.

Nunca ouvi isso antes, ele pensou secamente.

A dupla se afastou.

— Diga que você achou uma chave. — Baden exigiu.

— Não achei. — disse Cronus.

— Nem eu. — Rhea.

Baden chutou uma das barras. A dor correu por sua perna, então pulsou pelo resto dele, lembrando-o que o veneno não diminuiu seu domínio sobre ele, e ele não estava em seu melhor.

Mesmo assim, existia só uma maneira de sair da cela.

Os demônios tinham que abrir a porta. O que significava que ele precisava desafiá-los.

— Ei! — Ele gritou. *Por favor. Ouça-me.* — Você tem sorte por ter sido convocado. Você podia tentar me ensinar todas as lições que quisesse, mas nós dois sabemos que eu teria você de costas e morto em questão de segundos. Covardes!

Nada. Nenhuma resposta.

Ele se desesperou.

Até que ouviu passos apressados e os dois demônios voltaram ao seu campo de visão. Seus olhos estavam estreitados, brilhando mais forte. Suas presas estavam à mostra, gotejando saliva.

— Preparem-se! — Ele disse a seus companheiros. Ele podia não confiar neles. Sabia que eles o deixariam para trás sem pensar se tivessem a oportunidade. — Se vocês quiserem os Senhores usando os quatro artefatos para achar e salvar vocês, precisam me ajudar a escapar desta gaiola.

Dobradiças rangeram enquanto os demônios entravam na cela.

— Vamos ver o que você pode fazer. — Um deles disse.

Sim. Vamos.

* * *

Cameo estava apoiada contra a cabeceira de sua cama. Seus amigos tinham estado dentro e fora de seu quarto por vários dias, dando boas-vindas e verificando seu estado.

Torin se sentou em uma cadeira que ele puxou perto, mas fora do alcance. Ela queria tanto enrolar-se em seu colo, sentir seus braços embrulhando ao redor dela e oferecendo conforto, mas ela não ousou. Nunca ousaria, por qualquer razão. Tão miserável quanto sua vida era, toque e a conexão com outros era tudo que ela tinha. Ela não podia desistir e se tornar uma portadora da doença. *Não por qualquer homem, nem mesmo este aqui.*

Além disso, havia uma estranha em seu quarto. Uma bonita loira encostou-se à porta fechada, braços cruzados, observando tudo através de olhos inteligentes da cor de um céu matutino.

Ela usava um vestido preto com alças amarradas nos ombros. O top esculpido ajustado à suas curvas e lançado baixo no centro, a cintura fina, completamente transparente. Os babados da saia caíam na altura do joelho antes de soprar em camadas de tule. Ela parecia poderosa e levemente perversa.

Havia uma tensão estranha entre Torin e a mulher. Uma que crepitava. Fazia a pele de Cameo coçar por... Algo.

Não. Alguém.

Por que eu não posso esquecer Lazarus? Ele é um mentiroso. Uma fraude.

Mas ele também é cativante. Sedutor.

Aparentemente, eu não sou apenas Miséria. Eu sou Tola.

— Eu gostaria de algum tempo a sós com o meu amigo, — Cameo disse à garota. Se séculos de guerra não a ensinaram a ser desconfiada de estranhos, o macho lindo que a ameaçou com a escravidão certamente tinha.

Torin balançou a cabeça.

— Desculpe, Cam, mas Keeley fica comigo. Sempre.

Um tom tão possessivo. Um que ela nunca antes o ouviu usar.

Compreensão bateu, e bateu duro, e Cameo ofegou.

— Você dois estão juntos.

Ele deu um assentimento duro. Seus ombros eretos como se ele se preparasse para um golpe. Como se Cameo fosse gritar com ele, dizendo-lhe quão errada era a relação.

A garota, Keeley, deixou seu posto e sentou-se no colo de Torin com a graça de uma bailarina, exatamente como Cameo queria fazer. Ele não a afastou como teria feito com Cameo, mas certificou-se de que sua pele estava corretamente coberta antes de abraçá-la.

Se Cameo estivesse em pé, o choque a teria deixado de joelhos.

— Mas... Isto é...

— Nós somos o casal mais bonito que você já viu. Nós sabemos. Você pode continuar. — Keeley acenou com sua mão, um gesto que cheirava a realeza.

Cameo quase estalou, “Ele era meu namorado primeiro, fêmea”, mas de alguma forma conteve-se. Torin e Cameo se amavam profundamente... Mas não da forma que amantes deveriam amar. Não assim.

— Ela é imune a você? — Cameo perguntou, querendo muito estar feliz por ele.

Odeio meu demônio.

Torin balançou a cabeça, uma culpa familiar se espalhando por suas feições.

— Não.

— Mas ele ainda me dá o maior prazer que uma mulher já conheceu. — Keeley disse, seu orgulho inconfundível.

Os olhos de Cameo se arregalaram.

— Você a toca pele com pele, afinal?

— Eu toquei. — Ele moveu-se na cadeira, claramente desconfortável com a direção da conversa. — Mas eu também achei... Outras maneiras.

— Eu altamente recomendo outras maneiras, — Keeley disse. — Mas eu também altamente recomendo que você não as tente com o meu homem.

Torin reagiu ao tom de voz cada vez mais áspero da menina com surpresa, sorrindo pela primeira vez desde que Cameo acordou. Era um soco no estômago.

Eu podia ter tido isso com ele, diversão e ciúme, possessividade e obsessão... mas eu mantive distância. Dei boas-vindas à distância. E ele também.

Agora ela estava presa desejando um homem que se divertiu com a vida dela e provavelmente a teria chutado uma vez que ela desse a ele o que queria.

Fale sobre pobres escolhas na vida. Minha especialidade.

— Você lembra o que te aconteceu de Keeley resgatá-la? — Torin perguntou a ela.

Keeley a resgatou? Ótimo!

Eu não posso não gostar dela, posso?

Cameo pensou em antes...

A névoa a sufocou. Os demônios saíram da névoa e arrastaram-na para longe. Finalmente, podia respirar. Mas então, ela se achou relampejada para a sala do trono. Chamas crepitavam ao redor. Demônios vagavam para lá e para cá. Gritos enchiam o ar superaquecido.

Um homem bonito pairava sobre ela. Cabelo claro, olhos negros mágicos. Traços tão perfeitos que fizeram seu peito doer.

— Você vai me ajudar com uma pequena tarefa. — Ele disse, sua voz nada além de um sussurro sedutor.

Mesmo assim, ela estremeceu, sentindo repulsa por ele, mas também enlaçada por ele. Algo sobre ele...

Talvez o fato de que Miséria o adorou, e ronronou como um gatinho dentro de sua cabeça.

Ela tentou se afastar dele, mas uma horda de demônios a segurou. Ele a apunhalou com algo afiado e preto, e deixou isto dentro dela.

— Você achou que tinha uma escolha? — Ele perguntou e sorriu friamente. — Bem, você achou errado. — Então ele olhou para os demônios. — Levem-na para o quarto.

Eles a arrastaram para longe.

Ela transmitiu tudo isso para Torin, envergonhada por sua debilidade e sendo incapaz de lutar por sua liberdade. Ela era uma guerreira, mas uma e outra vez ela parecia uma donzela em perigo.

Odeio isto!

— Lúcifer. — Keeley disse, e ela soou aborrecida. — Hades disse a verdade. Por uma vez.

— A menos que os dois estejam trabalhando juntos. — Torin disse.

— Não é provável. Eu não sei o quanto você ouviu sobre Lúcifer, mas antes de sua queda, ele dividia seu tempo entre o Céu e o Submundo. Desde que nenhum homem verdadeiramente pode servir a dois mestres, ele eventualmente teve que fazer uma escolha: Hades ou o Altíssimo. Ele escolheu Hades, pensando que receberia maior poder e uma posição mais elevada.

— Um engano. — Torin disse.

— Exatamente. Hades o reivindicou como um filho meramente para traí-lo, ligando-o ao Submundo enquanto permitia a si mesmo vagar livre. E nos séculos seguintes, eles ofenderam um ao outro demais para se tornarem aliados. Principalmente porque nenhum dos dois parece ter a capacidade de perdoar qualquer coisa.

O olhar de Cameo ziguezagueou entre o par. Eles estavam em sincronia. Alimentando um ao outro. E Torin sequer percebeu que na medida em que falava, sua mão subia e descia pelo braço de Keeley em um gesto de afeto adorável, *como se ele não pudesse acreditar no tesouro que segurava em seus braços?*

Uma pontada atravessou-a da garganta até o estômago. Ele nunca tinha sido capaz de deixar para trás seu medo e culpa para estar verdadeiramente com Cameo, mas ele certamente fez isso por Keeley.

Claramente, seus sentimentos eram profundos.

Cameo teria algo assim?

Sentindo pena de si mesma.

Nada de novo.

Bem, eu tenho que parar.

— Eu me pergunto se ele encontrou Viola, também. — Torin disse.

— Eu não a vi, — Cameo disse. Mas então, o Submundo era vasto, e muitos demônios vinham e iam, distraindo-a, e ela tinha estado alta como uma pipa por estar sem ar por tanto tempo. Oh, e ela não podia esquecer o golpe que levou na cabeça quando os demônios arrastaram-na acima. Ela definitivamente podia ter perdido a garota.

— Se ela estiver lá, — Keeley disse, — e Lúcifer percebeu que Cameo se foi, ele aumentará a segurança para esta pessoa, Viola. Pegá-la será mais difícil.

— Não importa. Eu a pegarei. — Torin olhou para Keeley com os olhos apertados, irradiando determinação. — Você está me escutando? Tenho sua total atenção?

Ele nunca falaria assim com Cameo. Problemas no paraíso, já?

— Eu tenho orelhas, não é? — Keeley disse, inclinando-se mais firmemente contra o peito dele.

— Você tem, e elas são adoráveis. — Ele respondeu. — Mas você precisa fazer um favor a ambos e usá-las. Desta vez, você não atravessará o portal sem mim. Eu repito. Não vai. Você entendeu?

Keeley estremeceu como se ele tivesse relatado algum tipo de história para dormir imprópria.

— O que você fará se eu desobedecer?

Sua mão parou no quadril da garota e apertou, a luva puxando tensa. Calor irradiou dele, tanto e tão quente que realmente acariciou Cameo, fazendo-a se arrepiar.

— Terei que mostrar a você. — Ele ficou em pé, usando Keeley como um escudo. *Para esconder uma ereção?*

— Você terá que nos desculpar, — Ele disse, parecendo uma criança que simplesmente acabou de descobrir a visita do Papai Noel. — Nós temos um assunto para resolver.

— Tchau. — Keeley acenou para Cameo enquanto ele a arrastava para fora do quarto.

Sem problemas no paraíso. Ele falou tão vigorosamente porque sentiu vigorosamente, querendo... Precisando. Cameo afundou contra seu monte de travesseiros. Nas profundezas de sua mente ela se perguntou se cometera um erro terminando com ele. Mas não, ela não tinha.

Eu nunca seria a fêmea certa para ele.

Lazarus, por outro lado...

Era uma boa coisa que ela foi tirada dele. De outra forma, ela poderia ter ficado com ele, e eventualmente ele a teria descartado. Ninguém podia lidar com suas emoções escuras por muito tempo.

Então... Por que ela ainda queria voltar para ele?

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Keeley e Torin passaram o dia na cama, praticando sexo sem contato, mestres tinham que se dedicar à sua arte, interrompidos somente pela batida ocasional na porta. Paris e Sienna estavam prontos para conversar, e Keeley sabia que seria inútil e cruel ignorá-los. Ela explicou o essencial da ligação, como Sienna tinha que acionar um interruptor mental e parar de pensar sobre os poderes que exercia como pertencentes à Cronus; ela tinha que vê-los como dela. Por exemplo, o corpo que Keeley habitava teria deteriorado se não o tivesse reivindicado como dela.

Keeley passou algum tempo esboçando meticulosamente, as outras etapas necessárias para Sienna reter e até mesmo fortalecer seus poderes, e a garota e Paris escutavam extasiados. Quando eles pareceram ter compreendido tudo o que tinham que fazer, Torin os chutou para fora. Ele teve um pouco mais de diversão com Keeley, mas não foi muito antes de Gideon e Scarlet chegarem para agradecer a Keeley por riscar Gideon para longe do Tácito, antes de um golpe mortal poder ser entregue.

Enquanto as interrupções irritavam Torin, elas encantavam Keeley. Esta equipe de imortais finalmente a aceitara. Eles ansiavam pela entrada dela e sua aprovação.

Todos os meus sonhos, finalmente se tornando realidade.

A única rusga em seu dia foi quando, depois de outra recreação travessa, Torin ficou quieto e pensativo.

Pensando sobre a oferta de Hades?

O medo apareceu, trazendo pensamentos indesejáveis. Seria apenas uma questão de tempo antes de Torin decidir que isto não era bom o suficiente para ele, ou para ela? Ela balançou a cabeça. Ela era o tesouro de Torin. Isso não iria mudar. Estava na hora de ela ter fé nele.

Reyes bateu na porta deles mais tarde naquela noite. Danika havia se recuperado, ele disse, e estava pronta para usar os artefatos novamente.

Keeley, vestida com roupa casual, disse para Torin, — Talvez eu devesse tentar encontrar a caixa novamente. Com a Estrela da Manhã, nós não precisaremos de um portal para chegarmos até Viola e Baden.

Ele pensou nisso por um momento.

— Se isto drenar Danika e fracassarmos, nós perderemos mais alguns dias.

— Vale o risco, — ela disse. Exceto, quando eles se amontoaram no quarto juntos, embora Danika tenha feito todas as coisas certas, o portal não abriu.

Poderia haver algum tipo de bloqueio místico na caixa?

Quem tinha poder para fazer tal coisa? Muito poucos imortais.

— Eu não entendo, — Keeley disse, mandando a Torin um olhar de desculpas. — Mas não vou me preocupar com isto. — Para a garota, ela comandou, — Imagine Viola.

Danika, que parecia um pouco cansada, fechou os olhos. Uma luz imediatamente explodiu da ponta da Haste, enchendo o quarto.

Torin moveu-se para o lado de Keeley, colocando o braço ao redor da cintura dela. No caminho para o quarto, seus amigos tentaram desencorajá-lo a ir com ela, para enviar outra pessoa no lugar dele. Alguém que não causasse uma praga se as coisas corressem mal. Como Anya ou Kaia ou até mesmo Strider. Mas Torin tinha recusado. Onde Keeley fosse, ele disse, ele iria. Ponto final. Relembrar isto a fazia estremecer.

Isto acontecia muito ultimamente, amava isso.

Amava-o.

Então a luz esmaeceu, a separação do ar revelando outro reino, uma entrada, e ficou claro que Viola tinha ido para onde Cameo estava. Havia uma sala do trono, assim como a fêmea descreveu. Incêndios assolavam, e demônios brigavam por toda parte. Lúcifer estava sentado sobre o trono de crânios que havia pertencido a Hades, tamborilando os dedos contra os braços, esperando por algo. Alguém?

Onde estava...

Lá. O estômago de Keeley retorceu. A garota tinha que ser Viola, por que ela era da maneira que Torin a retratou. Cabelos loiros. Olhos cor de canela. Pele bronzeada. Curvas perfeitas. Ela estava acorrentada à uma parede, os braços e as pernas estendidos, sem roupas. Havia uma mordaca em sua boca.

Que crimes haviam sido cometidos contra ela?

Pelo menos quando Keeley esteve encarcerada, ela estivera sozinha.

Irei matar seus algozes antes de salvá-la. Posso até torná-la minha nova melhor amiga. Todos precisam de uma parceira.

A pressão de Torin sobre Keeley aumentou.

— Pronta?

Ela assentiu com a cabeça, desdobrou a Capa e cobriu a ambos. Ela poderia ter riscado a garota desde que soubesse aonde ir... Talvez. O Submundo era um lugar enganador e poderia lograr um riscar dentro de um labirinto de túneis. Se ela a alcançasse, porém, poderia tê-la riscado diretamente para trás... De novo, talvez. E se Viola estivesse protegida? Mas o que Keeley não podia fazer era riscar Torin, uma vez que ele ainda tinha suas próprias salvaguardas. Ele tinha que vir pelo portal aberto pela Haste, o que significava que ela teria que vir através do portal. Claro, isso significava que eles teriam que partir pelo portal, também. Uma vez que atravessassem,

estariam ligados a isto, se isto permanecesse aberto ou não, até que mais uma vez passassem por ele, cortando o vínculo.

Juntos eles caminharam através dele, entrando na sala do trono. A fumaça engrossava o ar, escurecendo-o. O cheiro de enxofre e podridão pinicava suas narinas. Os gritos de dor e gargalhadas de alegria assaltavam seus ouvidos.

O lugar era maior do que ela se lembrava, a fumaça mais espessa. Os gritos mais altos e mais numerosos a cada minuto que passava. Ao lado de Viola estava um fêmea com os cabelos escuros curtos e a massa muscular magra de um guerreiro, também acorrentada. Quem era ela?

Torin a notou e endureceu.

— Pandora.

Sob o Capa, ninguém poderia ouvir a conversa deles, então nenhum dos dois tinha que ficar em silêncio.

— Se Pandora está aqui, seu garoto Baden provavelmente está por perto, também. Mas não estou usando as coroas serpentina e não posso tocá-los. Teremos que voltar por eles mais tarde. — *Quando a segurança estiver ainda mais apertada. Fabuloso.*

— Não há necessidade. Tenho as coroas sob meu capuz. — Torin disse.

Homem engenhoso.

— Mas parece que eles não necessitam disso, — ele acrescentou. — A própria Pandora está usando um par.

Keeley olhou, e com certeza absoluta, havia braçadeiras de metal envoltas em torno dos pulsos da garota, que espreitava para fora por baixo das correntes.

— Bom. Vamos colocar esta missão de salvamento em andamento. Adiante-se, seus passos alinhados com os meus... Bom... Bom.

Quando eles se aproximaram das fêmeas, Keeley estudou as duas mais atentamente, verificando se havia lesões que pudesse ter perdido anteriormente. Não havia nenhum ferimento visível em ambas as garotas, mas havia sujeira de fuligem em seus estômagos e coxas o que sugeria que foram maltratadas.

Alguém tem que pagar.

As mãos de Keeley se fecharam em punhos, e as paredes do palácio começaram a tremer.

Ainda empoleirado em seu trono, Lúcifer olhou em volta, franzindo o cenho.

Olá, Alguém.

A respiração quente de Torin ventilou em seu ouvido.

— Você sabia que o estômago humano tem que produzir uma nova camada de muco a cada duas semanas, caso contrário ele digerirá a si mesmo? Além disso, dei uma olhada e descobri besouros com gosto de maçãs, vespas com gosto de pinhas, e vermes com gosto de bacon frito.

— Você conhece as coisas mais estranhas. — Ela disse, e o tremor parou. — Mas besouros realmente tem gosto de amendoins.

— Mantereí isto em mente.

— Precisaremos criar uma distração se vamos levar as garotas para casa sem colocá-las no meio de uma batalha. — Ela disse. E havia apenas uma maneira de fazer isto. — Cuidarei de Lúcifer. Você leva as garotas pelo portal, em seguida volte para mim. — Apesar de ela poder riscar por todo este reino, não poderia reentrar no portal e deixá-lo sem a Capa. — Amanhã vamos ter uma discussão séria sobre a remoção de suas cicatrizes de enxofre. E se precisar riscá-lo para fora do caminho do perigo quando você me alcançar?

— Considere feito. — Ele disse, surpreendendo-a. — Mas não gosto do seu plano de jogo. Não gosto da ideia de você fazendo qualquer coisa com Lúcifer.

— Torin...

— Mesmo assim, sei o quão esperta e poderosa você é, — ele continuou, — então espero que seja cuidadosa. Um minúsculo arranhão, e ficarei muito bravo.

A batida impressionante apenas continuava chegando.

— Gostaria de poder beijá-lo. — Ela disse. *Mais tarde*, pensou com um calafrio. Uma recompensa para ambos, fodam-se as consequências. — Tenha cuidado também, ou ficarei brava. — Então ela riscou exatamente para fora da sala do trono, deixando a Capa com Torin.

Demônios a avistaram e se apressaram para frente.

Desculpe rapazes, mas não vou esperar para ter uma reunião com vocês.

Ela escancarou as portas e caminhou para dentro como costumava fazer quando Hades a trazia com ele para visitar seu “filho”.

Lúcifer saltou em pé, um sorriso triunfante erguendo os cantos de sua boca.

— Keeleycael. Que extraordinário. Ouvi dizer que estava livre e esperava que viesse me ver. — O olhar dele ergueu-se para ela. — Mas não esperava que parecesse assim tão... Horrível.

Ela levantou o queixo. Então não estava em um de seus vestidos. E daí.

— Ouvi dizer que você está planejando derrotar Hades.

Ele inclinou a cabeça, nem mesmo tentando negar.

— Você gostaria de minha ajuda? — Ela terminou, e ele riu.

Ele não hesitou.

— Gostaria.

Deixou seu olhar esquadrihar a sala. Nem mesmo ela podia ver Torin agora que estava fora da Capa. O que ele estava fazendo?

— Venha até mim. — Lúcifer disse, acenando para ela. — Vamos nos familiarizar.

Tão formal e cortês; tão mentiroso.

— Estou impressionada. — Ela disse, mantendo-se no lugar. — Se quer conversar comigo aqui, isto significa que fez algo que Hades nunca poderia; já conseguiu os demônios para segui-lo completamente, e sabe que nunca o trairiam. Nunca revelariam publicamente as palavras que o ouvissem falar em particular.

A mandíbula dele se crispou.

Golpe direto. Ela tinha acabado de lembrá-lo de que não poderiam conversar abertamente na frente dos servos. Que os demônios podiam, e provavelmente correriam para fofocar para Hades. Agora, quando Lúcifer a conduzisse para fora da sala do trono, seria porque a ideia era dele, não dela.

— Você esta certa, — ele disse. — Eu tenho. Mas acabei de perceber que não há lugar nenhum para que você possa se sentar confortavelmente.

Não pôde deixar de sorrir.

— Isto é verdade

Quando ele aproximou-se dela, ela notou o reflexo duro em seus olhos escuros, um que ele não podia mascarar.

Do mal! Um poço de desespero sem fim.

Ele ofereceu-lhe o uso de seu braço.

Apesar de preferir arrancar seus olhos, ela tomou isto. Ele a levou para longe, através de um labirinto de corredores elaborados onde os demônios fornicavam das maneiras mais vis, e para dentro da suíte máster. O quarto era um estudo do hedonismo. Cetim preto, couro negro, veludo preto. Os brinquedos e as armas penduradas nas paredes. Espelhos em todos os lugares. Velas que ardiam na escuridão.

Demônios apressavam-se atrás deles, levando bandejas de comida. Em minutos, um experiente jantar cinco estrelas foi instalado, uma mesa ocupava o centro do quarto. Ele sempre foi de grande ostentação. As pessoas gostavam de pensar que ele era solícito, adorava começar as interações com galanteria, representando o papel de que queria ajudar ou o que achasse que seu alvo desejava, e então, quando a pessoa estava bem e verdadeiramente fisgada, apertava o interruptor de psicopata. Era um jogo que ele jogava.

Ele estendeu-lhe uma cadeira, e ela se sentou.

— Você não é tão misericordioso, — ela murmurou.

Tentando estabelecer uma base que ele planejava arrancar debaixo dela.

Ele serviu uma taça do que parecia ser vinho, mas provavelmente era sangue e fez-lhe um prato, mas ela não poderia identificar metade do que estava lá. Como se fosse dar uma única mordida de qualquer maneira.

Observando-a, ele se recostou em sua cadeira.

— Minhas fontes me dizem que você se juntou aos Senhores do Submundo.

Havia linhas de ódio em sua voz, e ela podia adivinhar o motivo. Ele achava que os Senhores deviam segui-lo, permitindo que seus demônios decidissem suas vidas. Que os guerreiros continuassem a resistir ao mal dentro deles era um espinho em seu casco rachado.

— Eu me juntei, sim. — Ela admitiu. *Por que negar isto?* — Suas fontes também lhe disseram que o Guardião de Doença infectou-me várias vezes? Que ele me abandonou em várias ocasiões? — *Isso era ressentimento em seu tom?*

Definitivamente. Apesar de odiar falar mal de Torin, e ainda mais para o inimigo, a verdade era a verdade, e não havia maneira de contornar isto. Pelo menos, dava credibilidade a sua falsa história.

Ela brincava com a comida, fingindo interesse.

— Por que se importa com isto de qualquer maneira?

— Importar? — Ele riu. — Gosto de manter minhas opções abertas, docinho. Isto é tudo.

— E você realmente acredita que os Senhores são uma opção? — Ela não conseguiu manter a incredulidade fora de seu tom.

Ele olhou para ela, e mentalmente se repreendeu. Tinha que pisar com cuidado e não antagonizá-lo, oscilando uma cenoura que ele nunca poderia alcançar na frente dele. Ele estava protegido. Se decidisse que não precisava mais dela, ela seria incapaz de usar seu poder contra ele.

A porta do quarto dele escancarou de repente, e um demônio parecendo um gorila entrou correndo.

— Três prisioneiros tentaram escapar, meu senhor, mas não foram longe. Eles aguardam seu castigo.

Keeley enrijeceu. Torin, Viola e Pandora? Provavelmente. A missão falhou! Hora de controlar os danos.

— Onde eles estão? — LúCIFER perguntou, tão tranquilo quanto antes.

— Na sala do trono, meu rei.

— Traga-os aqui.

O demônio correu para longe, sem perder tempo.

Com a garganta seca, Keeley perguntou.

— O que vai fazer com eles? E por que você tem duas fêmeas acorrentadas próximas a seu trono?

Os olhos escuros dele cintilaram sobre ela.

— O que você gostaria que eu fizesse? É porque me agrada fazer isto.

— Deixa-as ir?

Ele sorriu, balançando a cabeça.

— Você sempre teve um coração mole. Esperava que Hades a tivesse endurecido.

Ele teria endurecido de forma permanente, se não fosse por Mari... E então Torin.

— Sabe, o momento pareceu-me estranho. — Ele disse, seu tom meramente observador.

— Não acha? Você chega, e de repente há uma tentativa de fuga.

— O que me parece estranho é o fato de que seus prisioneiros não tentaram escapar antes.

— Humm... — Foi tudo o que ele disse enquanto os três prisioneiros eram arrastados.

Keeley conteve um suspiro de alívio. Não era Torin, Viola e Pandora afinal, mas um, o guerreiro ruivo, Baden certamente, assim como os espíritos de Cronus e Rhea. Todos usavam coroas de serpentina.

Bem, bem. O olhar dela estreitou em Cronus. O macho a tinha encarcerado por séculos, e tinha desempenhado um papel sinistro na morte de Mari. Apesar da vingança contra o corpo dele tivesse sido roubada dela, havia muito que poderia fazer com seu espírito...

As paredes começaram a tremer.

Cronus deve ter suspeitado a direção de seus pensamentos. Ele lutou contra seus captores.

— Eu mudei de ideia. — Ela anunciou. — Definitivamente não os deixe ir. Vamos brincar de alfinetar punhais nos mortos.

Pensamentos racionais espreitaram sob a escuridão de seus desejos, luzes brilhantes que não conseguia ignorar. Torin sabia que Baden estava aqui? Alguém notou a fuga dele com Viola e Pandora? Ela esperava que ele tivesse tido sucesso.

Se ele fosse pego... Ferido...

Eu queimarei este reino e todos nele até o chão.

— Excelente ideia. — Lúcifer enxugou de leve os cantos da boca com o guardanapo, embora ele não tivesse dado uma mordida sequer na comida.

— Onde está Pandora? — Baden rosnou. — O que você fez com ela? Diga! — O olhar selvagem dele ligou-se em Keeley, movendo-se de volta para Lúcifer, apenas para retornar para Keeley e arregalar. — A Rainha Vermelha. Você está aqui. Por que está aqui?

Ele a conhecia?

Vítima da Caixa do Tempo Esgotado?

— Seria um prazer mostrar-lhe exatamente o que fiz com sua preciosa fêmea. — Lúcifer ergueu-se. Ele ajudou Keeley a ficar em pé, e ela não conseguiu pensar em nenhuma razão para protestar contra a viagem para a sala do trono. Seguramente Torin se foi.

Entretanto, por que o alarme não soou?

Lúcifer foi à frente, sem nunca soltá-la. Primeiro problema, se não pudesse livrar-se do aperto dele, não poderia rascar por nenhum outro lugar no Submundo. Aquelas estúpidas salvaguardas!

Sem tempo para pânico.

As portas foram abertas para Lúcifer, de maneira que não houve uma pausa em seus passos. Quando eles entraram na sala, ele casualmente disse, — Hoje à noite, Keeleycael, você vai aquecer minha cama, e eu a marcarei com ferro como minha concubina.

Uh, segundo problema.

— Que tal... Não.

— Será que a levei a acreditar que você tinha uma escolha no assunto? Minhas desculpas.

— Você acha que terá forças para me forçar?

Ele riu.

— Recentemente capturei duas fêmeas amadas pelos Senhores do Submundo. Pode lembrar-se delas da minha sala do trono. Aquelas acorrentadas. Sim? Planejei machucá-las e culpar Hades. Os Senhores teriam ido atrás dele, distraíndo-o, permitindo-me invadir. Se soubesse que você apareceria em minha porta, eu não teria me incomodado. Você será uma distração muito melhor.

Com a raiva queimando através dela, *Tentando me usar, a Rainha Vermelha, nunca!* Ele estancou. Viola e Pandora se foram. E nenhum dos demônios notou.

Impressionante. Magistral. Como Torin conseguiu isto?

Lúcifer nivelou a raiva não diluída nela.

— Parece que eu a subestimei. Minha própria distração. Bravo. Mas não importa. — Ele disse com outro sorriso frio revelando-se.

— O que você pode fazer sobre isto? — Ela perguntou, então bateu com tanta força no peito dele que seu esterno rachou. Enquanto ele tentava puxar uma respiração, ela o esmurrou no rosto. Soco, soco, soco. Ela girou, voando baixo, e agarrando um pequeno servo pelo pescoço, virando novamente, indo para trás pelo caminho que veio, e rodou. Os chifres da criatura cortaram a pele de Lúcifer e rompeu sua coxa, quebrando seu fêmur, o maior osso do corpo dele.

Ele grunhiu, e desapareceu. Ela virou, esperando que ele fosse se materializar atrás dela. Ela riscou um punhal em sua mão, pronta para apunhalá-lo. Mas ele a enganou. Ele retornou ao lugar que desocupou, com um pedaço de enxofre na mão. Ele apertou isto no topo da medula espinhal dela, chamuscando os cabelos, a carne e a roupa. Um grito explodiu dela quando a dor e a fraqueza espalharam-se por ela.

— Isto Keeleycael, é apenas o começo do que posso e vou fazer.

CAPÍTULO TRINTA

Torin se apressou pelo portal, gritando, — Mantenha-o aberto. — Ele soltou as duas garotas que ele teve que carregar do Submundo debaixo de seus braços como sacos de batatas, e girou. Ele tinha que chegar à Keeley. Mas quando ele girou de volta através do portal, estava fechado, e ele derrapou na Jaula.

— Não! Abra isto, Danika.

Ela afundou contra a Haste, ofegando, suando, suas feições pálidas.

— Tentando... Não posso... Sinto muito.

— Ela manteve aberta o quanto pôde. — Reyes tentou puxar a porta da jaula de suas dobradiças, mas o metal manteve-se firme.

— Está emperrado. Por que está emperrado?

Porque Keeley era a dona da Jaula, e só responderia a ela. Ou... Talvez a Torin, também, o possuidor de Chave Absoluta. Mas se ele libertasse Danika, ela perderia o controle da Haste, anulando os comandos de Keeley?

Não posso arriscar.

Ele explicou a situação para Reyes, pânico e urgência se apoderando dele.

— Nós precisamos trazer Keeley de volta.

— Dani está exausta. — Reyes retirou um punhal e mexeu sem sucesso na fechadura.

Torin correu para fora do quarto. Todos os seus amigos estavam reunidos no corredor, esperando o veredito.

— Lucien, — Ele gritou, e o guerreiro avançou, empurrando todo mundo fora do caminho. — Transporte-me para o Submundo. Você pode fazer isto sem um portal.

— Sim, mas onde no Submundo? É tão vasto, eu posso saltar de um quilômetro para outro por dias e não cobrir toda a extensão.

— Algum palácio de Lúcifer.

— Você terá que ser mais específico. Ele tem tantos palácios como existem quilômetros.

Chegando a lugar nenhum.

— William. — Torin gritou.

— Você chamou? — O guerreiro andou ao lado de Lucien.

— Vá para Hades. — *Nunca pensei que diria essas palavras, sem significar uma maldição ou ameaça.* O macho podia salvar Keeley; Torin não podia. A ideia o enjoava. Mas a sobrevivência dela era mais importante que seu orgulho. — Pergunte se ele sabe onde Lúcifer está e diga a ele que preciso dele para tirar Keeley de perto do sujeito.

Hades podia levá-la para qualquer lugar dentro do Submundo, mas não fora dele. Ela entrou pelo portal da Haste e, portanto tinha que sair por ele. Riscar não funcionaria. Mas sem a Capa, ela não podia atravessar o portal. Torin teria que dar o artefato para Hades; a menos que Torin fosse com ele, o que ele absolutamente insistiria em fazer. Mas afinal, ele teria muito pouco poder de barganha aqui. Faria qualquer coisa para manter Keeley segura. O que Hades quisesse.

Ela poderia odiar Torin por organizar isto, mas ele preferia lidar com o ódio à tortura e morte dela.

Sim, ela era forte, e podia cuidar de si mesma, mas Hades sabia sobre as salvaguardas. Lúcifer sabia, também. E assim que Lúcifer descobrisse que seus prisioneiros estavam desaparecidos, ele ligaria os pontos e Keeley seria responsabilizada. Ele tentaria castigá-la.

William coçou o peito.

— Eu posso dizer que você está chateado, e meu coração sangra por você. Provavelmente. Provavelmente não, também. Mas eu vou declinar graciosamente e culpar a necessidade desta recusa a você. Você devia me conhecer melhor. Eu não faço nada de graça.

Torin o agarrou pelo colarinho e o balançou.

— Eu não estava pedindo.

William não piscou um olho.

— Isto é um desafio? Isto parece um desafio.

Ele queria pagamento? Certo.

— Seu preço?

— Keeley deve roubar meu livro de Anya.

O livro. Seu precioso. Em suas páginas estavam profecias detalhando como salvar sua vida... Ou algo assim. A deusa roubou-o anos atrás e escondeu-o do guerreiro. Por “diversão”.

— Feito.

— Então eu devo voltar para Hades. — William disse e desapareceu.

— Eu não desistirei do livro, — Anya disse. — Você não sabe como ele é quando aquela coisa está em seu poder.

E ele não se importava. Torin disse a Anya o que ela podia fazer consigo mesma, e envolveu várias coisas que não eram realmente anatomicamente possíveis.

— Torin vai escurecer todos vocês. — Kaia murmurou.

Limpe a bagunça.

Esteja pronto.

Sem contar a rapidez que William retornaria, e seria melhor ele retornar depressa.— Maddox, leve Viola para um quarto. Ela precisa de atenção médica. Lucien, Pandora está lá, também. Mesma condição de Viola. Ela está usando coroas, então qualquer um deve ser capaz de tocá-la.

Um turbilhão de atividade estourou enquanto suas ordens eram obedecidas.

— Baden? — Sabin perguntou.

— Não o vi.

William se materializou, Hades a seu lado.

— Fora! — Torin rosnou para a multidão, limpando o quarto dos artefatos de todo mundo exceto Reyes e Danika.

William e Hades entraram depois dele, e William chutou a porta fechada.

Testosterona suficiente nesta sala para sufocar um rinoceronte.

— Você pode salvar Keeley ou não? — Ele exigiu, olhando para Hades.

O Lorde das Trevas retribuiu o olhar, mas permaneceu silencioso até que sua atenção se moveu para Reyes.

— Sua mulher deve descansar por dois dias. No fim do segundo, ela deve abrir um portal para Keeleycael. Eu ficarei muito aborrecido se ela falhar.

Reyes, já no limite com o rumo dos acontecimentos, agarrou seus punhais pelas lâminas. Sangue derramou no chão.

— Como ela pode descansar se está presa dentro da jaula?

— Ela terá que achar um modo. E você, — Hades disse, finalmente dignando-se a falar com Torin, — virá comigo. Você retornará para a Rainha Vermelha pelo portal.

Isso significava que Hades não podia ir, mesmo com a Capa?

— O que você quer em troca?

O macho estreitou os olhos.

— Nós dois sabemos que eu farei isto sem exigir qualquer coisa em troca. Por ela. Não por você.

Hades... A amava? Verdadeiramente?

Minha! Minha mulher!

— Mas quando nós retornarmos, — Hades continuou, — estou cansado de esperar nos bastidores. Eu virei por ela. E vou conquistá-la. Eu posso dar a ela o que você não pode.

Cada emoção escura se elevou, mas ele segurou sua língua. Este não era o momento para ceder.

Um segundo depois, as paredes do quarto desapareceram. Outro mundo tomou forma ao redor dele. O calor sufocante do Submundo. Os gritos, a fumaça e o desespero. Fora do palácio de Lúcifer, as chamas eram mais numerosas, estourando em todos os lugares sem razão aparente. Demônios de todas as formas e tamanhos rastejavam acima de paredes rochosas e guardavam a entrada enorme que tinha a forma de um crânio.

Até agora, ninguém reparou neles.

— Ela não estaria nesta posição se você tivesse aceitado minha oferta. — Hades observou.

Por favor.

— Nós dois sabemos que você teria tirado Doença de mim só para me dar outro demônio.

Hades não negou.

— Disfunção erétil. Ou Automutilação. Provavelmente ambos. Em vez disso, eu farei você desejar que isso tivesse acontecido.

Repentinamente, duas espadas pequenas apareceram nas mãos de Torin. Um presente de Hades, um movimento estúpido por parte do macho.

— Não se eu matar você primeiro.

Ignorando a ameaça, Hades disse, — A pior parte é que você nem sequer tinha que machucá-la. Você tinha a resposta todo o tempo, apenas estava muito envolvido com seu próprio medo para poder enxergar.

Sobre o que diabos ele estava falando? A resposta todo o tempo? Que resposta, uma maneira de estar com Keeley sem infectá-la?

— Diga! — Ele exigiu.

A única resposta que ele recebeu? Um sorriso frio que proclamou Nunca.

Não havia tempo para tentar arrancar a resposta dele. Finalmente, os demônios perceberam que eles não estavam mais sós e pararam o que estavam fazendo para lambar seus lábios avidamente. Murmúrios de deleite estouraram.

— Você está pronto para lutar por sua entrada? — Hades perguntou.

E desperdiçar mais tempo?

— Estou pronto para você me riscar dentro.

— Desculpe, filhote. Não vai acontecer. Eu riscarei a mim mesmo, mas você... Você está por conta própria a partir de agora. — Hades desapareceu em uma piscada.

Bem. Torin marchou adiante. Uma vez, ele viveu pelas batalhas. Sempre as almejou. Hoje, ele teria uma.

Os demônios correram para ele, presas expostas. Ele balançou suas espadas em amplo arco. Uma cabeça, removida. Outra cabeça, removida. Uma mão com garras o agarrou. Novamente ele balançou sua espada. A mão bateu no chão sem o braço.

Mais e mais demônios correram em direção a ele, fervilhando para ele. Ele permaneceu em um estado constante de movimento, adrenalina surgindo através dele. Uma pausa e ele perderia um membro. O desafio o energizou.

Com um rugido, Torin removeu outra cabeça. Então outra. Um braço. Uma mão. Outra cabeça. Partes de corpos se empilhavam ao redor dele. Sangue negro jorrou e espirrou, queimando-o.

Eventualmente, ele fez seu caminho através das portas duplas e entrou no vestíbulo. Havia arranhões por toda parte dele e um corte na coxa. Fogo em suas veias. Provavelmente algum tipo de toxina demoníaca. Ele não se importou.

Dois demônios dobraram a esquina, indo diretamente para ele. Passos ecoaram atrás dele. Aproximando-se... Ele balançou as espadas para trás, sentiu a resistência de carne e osso, e soube que apunhalou aqueles atrás dele. Então, ele balançou as espadas adiante e removeu as cabeças daqueles dois. Enquanto as cabeças rolaram, olhos vermelhos nele... Longe dele... Nele novamente... Ele caminhou para frente, determinado a resgatar sua mulher.

* * *

Encadeada ao trono de Lúcifer. *Como se fossemos a Princesa Leia e Jabba o asqueroso Hutt.* Era humilhante! Mas pelo menos, Keeley estava vestindo uma camiseta e calça de moletom ao invés de um biquíni.

Pequeno consolo, entretanto, considerando que suas costas estavam cobertas de estúpidas cicatrizes.

A primeira a debilitou tanto que Lúcifer nem sequer teve que segurá-la abaixo enquanto ele fazia as outras. Agora, ela não podia nem riscar alguns centímetros longe da zona de perigo.

Lúcifer teria lhe dado mais cicatrizes, cobrindo-a da cabeça até o dedão do pé como seu pai havia feito, e isso seria bom para sua ameaça de forçá-la a aquecer sua cama, onde ela teria lutado com cada pedaço de força que ainda possuísse, se uma comoção não estourasse do lado de fora.

Ele olhou pela janela, vendo centenas de seus servos sendo abatidos, e a arrastou para a sala do trono para aguardar seu inimigo. A aparência era tudo, afinal.

Pelo menos para ele. Torin estava aqui! Seu coração galopava de antecipação e excitação.

A única chatice? Hades estava aqui, também.

Inúmeros servos se apoiaram contra as paredes quando seu antigo rei caminhou até o estrado do trono real de Lúcifer.

— Você queria minha atenção. — Sua tranquilidade enviou um tremor pelos servos. — Você a tem.

O dois podiam ter gostado um do outro... Antes. Mas o mal não podia ser fiel ao mal. E Lúcifer só passou a ser tão mal quando eles chegaram. Ele tinha uma necessidade insaciável por mais. Mais poder. Mais glória. Mais território. Mais controle. Danos colaterais não significavam nada para ele. Ele roubou. Ele mentiu. Ele matou.

Ele gostava.

Ele queria que seu poder se estendesse além do Submundo. Esse era o motivo desta guerra. Uma vez que derrubasse Hades, ele assumiu que não existiria nenhuma ameaça de competição. Mas ele se esqueceu do Altíssimo. Sem mencionar William, que uma vez governou a outra metade deste reino, vinculado a ele tão firmemente quanto Lúcifer. Só que William achou um modo de escapar, assim como Hades.

— O que eu quero, — Lúcifer disse, — é você se curvando para mim. Faça isto e você pode ficar com a garota.

Uma torção sardônica apareceu na boca de Hades, uma com que ela estava muito familiarizada. Lucy estava prestes a ser espancado.

— Você acha que eu passo a falsa impressão que você pode ganhar uma guerra contra mim. Você acha que eu não teria tomado precauções antes mesmo de entregar as chaves do meu reino.

Lúcifer empalideceu... porque ele sabia que era verdade.

As portas se escancararam, e incontáveis corpos de demônios e várias partes decepadas caíram do lado de dentro. Torin subiu sobre a montanha inanimada, marchando diretamente para a lateral de Hades, sua cabeça elevada.

Hades não podia mascarar sua irritação.

Keeley engoliu um gemido de alívio. Torin podia estar embebido em gosma preta, mas ele nunca pareceu mais feroz. Ela tentou se levantar, mas Lúcifer puxou a corrente enrolada no seu pescoço, impedindo.

— Dê ela para mim, — Torin rosnou. — Agora! — Ele começou a subir os degraus, suas espadas já-sangrentas prontas, mas Hades esticou um braço, forçando-o a permanecer no lugar.

Ela sabia o que Hades estava pensando. Que Lúcifer a agarraria ou cortaria sua garganta ou relampejaria longe com ela. Ou ambos. Ele estava certo.

Mas, em seguida, cada servo supostamente servindo sob o domínio de Lúcifer virou-se contra ele, expondo presas e garras, em desafio. Vários até caíram do teto, pondo seus corpos entre Keeley e seu captor.

— Eu disse a você. — Hades disse com uma presunção que teve que ralar.

As palavras e a verdade proclamadas muito confiantemente, que a submissão dos servos havia sido fingida, enfureceram Lúcifer, e ele tentou cortá-la de qualquer maneira. Mas os escravos tomaram os golpes por ela, protegendo-a de receber sequer um arranhão.

Hades soltou Torin, que depressa escalou os degraus.

De maneira típica e grandiosa, Lúcifer anunciou, — Isso ainda não acabou. — Antes de desaparecer. Percebendo que perdeu a rodada, e muito mal, também.

Os escravos caíram longe dela enquanto Torin cortou pelo comprimento de sua corrente, livrando-a do trono. Ele embrulhou seus braços ao redor dela e a segurou perto, seu coração galopando contra sua têmpora.

— Você voltou para mim. — Ela disse. Não que duvidasse.

— Por você? Sempre.

Meu doce Príncipe Encantado.

Não. Meu rei. Minha outra metade.

— Tão comovente quanto é este reencontro, — Hades zombou, — nós temos outras coisas para fazer.

Ele estava certo. E ele veio por ela, também, o que a confundiu. Ele nunca foi de se colocar por outros. Nem mesmo por pagamento.

Talvez ele tivesse mudado.

Isso significava que ela estava pronta para esquecer o passado e começar a sair com ele? Não. Só que ela não poderia fazer seu assassinato tão doloroso quanto ela originalmente planejou.

— Baden está aqui. — Ela disse.

Torin endureceu quando as pernas longas de Hades diminuíram o espaço entre eles. O Lorde das Trevas se abaixou na frente dela, decidido, dizendo, — Você quer que este Baden retorne aos Senhores?

— Sim. — Ela disse.

— Então, vou providenciar. Ele estará esperando por você na fortaleza em Budapeste.

Foi difícil, mas ela fez isto, disse a palavra Obrigada.

Ele inclinou a cabeça.

— Você passará os próximos dois dias neste palácio. Como minha convidada de honra, claro. Eu atenderei cada uma de suas necessidades, garantirei sua proteção, enquanto esperamos que o Olho-que-Tudo-Vê possa abrir o portal para você.

Não vendo nenhuma outra opção, ela disse. — Torin ficará, também.

Hades trabalhou sua mandíbula com irritação.

— Não há necessidade. Eu posso retorná-lo agora.

— Torin ficará. — Ela insistiu. — Nós ficaremos juntos.

— Existem quartos mais que suficientes...

— Nós ficaremos no mesmo quarto ou partiremos. — Torin disse. — Eu não me importo com o que temos que enfrentar lá fora.

Hades não desviou o olhar de Keeley quando assentiu rigidamente.

Ela sorriu para ele.

— Você pode nos mostrar nossas acomodações.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Todos os guardas do palácio estavam fazendo coisas que fazia com que Torin quisesse esfregar suas córneas com descolorante. Também havia inúmeros pequenos e brilhantes olhares vermelhos em seu zíper como se estivesse escondendo um lanche sob ele.

Hades abriu uma porta e lhe fez sinal para entrar em uma câmara espaçosa.

— Todo seu. Grite meu nome se precisar de algo e vou aparecer. — Ele falou com Keeley e apenas com Keeley. Mas seu olhar ameaçador a Torin dizia tudo. — Grite o nome dele e não tenho certeza de como irei reagir.

Torin fechou a porta na cara dele.

Keeley correu por todo o quarto, cobrindo todos os olhos mágicos e o que parecia ser um espelho duplo.

— Sei que isto vai soar estúpido vindo de mim, — ele disse. — Mas me sinto como comida de todos os DST do Submundo. — O lugar provavelmente viu mais ação que as calças de Paris.

Keeley não disse nada, apenas se aproximou dele com determinação de ferro e reclamou uma de suas espadas. Ela limpou-a no banheiro e logo tirou a camiseta revelando sua mais recente cicatriz nas costas.

Fúria explodiu dentro dele.

— Tire isso de mim. — Disse.

Primeiro instinto: recusar. De maneira nenhuma ele iria machucá-la.

Mas as cicatrizes eram o equivalente a correntes, deixando-a vulnerável. E sabia o quanto ela desprezava vulnerabilidades. Alguém tinha que fazê-lo e ele estaria condenado se permitisse que alguém a tocasse.

— Deite-se na cama. — Instruiu.

Ela obedeceu sem vacilar.

Curvas bonitas. Pele de seda. Coluna elegante.

Ele bateu forte em sua testa, bem forte. Não era hora para jogos sexuais.

Doença estava estranhamente silencioso. *Feliz por estar em casa?*

— Sinto muito. — Torin sussurrou e começou a trabalhar.

Nenhuma vez ela gritou, mas não foi a benção que deveria ter sido. Não porque a dor não fosse suportável. Era. Ou porque mal a sentia. Sentia. Era porque já teve que fazer isto antes. Por

anos. Décadas. Séculos. Este era o tempo que viveu com sua dor, sempre sozinha. Ela sabia o que esperar e preparou-se contra a dor.

Depois de tudo o que suportou, tudo o que sofreu, ainda escolheu Torin para fazer parte de seu futuro.

Não sou digno.

Mas seria. Ele faria isso. Amava-a com todo seu coração, tudo o que era, com cada fibra de seu ser. Ele seria o que ela precisava. Daria tudo o que ela quisesse.

Tremia enquanto cruzava o quarto. O mais cuidadosamente possível molhou a ferida aberta com água, logo a vendou com tiras de sua camisa, a única coisa disponível no momento. Desejava ter um vaso de plantas ou...

Cabeça oca! Ela não estava apenas vinculada à terra. Também estava vinculada à Torin.

Ainda que, apesar de seu vínculo, ainda ficava doente todas as vezes que a tocava. Mas ela não reagiu negativamente ao seu sêmen quando ele o verteu sobre seu ventre. Isso tinha que significar algo. Talvez ela não reagisse negativamente ao seu sangue, também. Na verdade poderia reagir de forma muito positiva.

Poderia basear suas ações no talvez?

Seu sangue escorria pelas laterais do curativo.

Sim. Sim, eu posso.

Ele virou a espada para ele mesmo.

— O que está fazendo? — Perguntou com voz fraca.

Silvando, pressionou a espada sob suas cicatrizes de enxofre e cortou. Ele prometera que as eliminaria e não havia melhor momento. A carne ensanguentada caiu no chão, lembrando-o de um pedaço de presunto fatiado. Levantou o curativo de Keeley e manteve seu braço sob a ferida, deixando gotas de sangue cair dentro. Depois que toda a área foi coberta, colocou de volta o curativo e aplicou pressão, felizmente, ela desmaiou.

— Torin. — Ela ofegou algumas horas mais tarde, empurrando-se em posição vertical sobre suas mãos.

— Estou aqui, princesa. Estou aqui. — Com muita ternura, acariciou a bochecha com uma mão enluvada. Não deixou seu lado. — Como se sente?

— Melhor. E você?

— Muito bem, muito bem. Deite-se novamente para que possa verificar sua ferida.

Ela obedeceu e ele desenrolou suavemente a bandagem. Para sua surpresa, estava quase curado. Músculo e pele já estavam tecidos juntos novamente, deixando linhas rosadas finas que logo sumiriam.

Seu sangue ajudou sem deixá-la doente.

Ou a eliminação das cicatrizes de enxofre fizera o truque?

A zombaria de Hades tocou o fundo de sua mente. Tinha a resposta o tempo todo. Muito envolvido no medo para perceber.

A cicatriz a debilitava. Poderia ter debilitado seu sistema imunológico. Poderia Torin finalmente tocá-la sem consequências?

Ousaria esperar algo simples assim? Fácil desta forma?

Havia apenas uma maneira de verificar...

— Obrigada, — disse ela, sentando-se. — Por tudo. — O lençol caiu, revelando seus seios fartos e os mamilos rosados.

Uma onda de desejo, veloz e forte, o dominou. Agarrou o lençol para evitar se aproximar dela.

Logo...

— Não, — disse. — Eu que agradeço.

* * *

Dois dias depois, exatamente como planejado, Danika abriu um portal no meio do quarto que compartilhavam.

Keeley, curada de suas feridas, ficou ao lado de Torin, a Capa da Invisibilidade cobrindo os dois.

Algo mudou. Os passos de Torin eram mais leves, seus sorrisos apareciam com mais frequência. Ela adorava, mas porque ele não iria comentar sobre a origem, não confiava nisso. Não, confiança não era a palavra correta. Ela não sabia se iria durar. Ele tirou a capa, permitindo que os outros os vissem.

— Liberte Dani. — Reyes disse no momento em que viu Keeley.

Ela saltou e abriu a jaula. Reyes pegou a loira em seus braços e levou para fora da sala.

Torin saiu rápido atrás do guerreiro, arrastando Keeley com ele. Havia algumas pessoas no corredor que tentaram chamar sua atenção.

— Ah. Baden e Strider estão jogando Call of Duty. Sabia que Baden é um mau perdedor?

— Tudo que falta é a maldita caixa e este garoto que Anya quer encontrar. Pode acreditar?

Torin não deu resposta alguma. Apressou-se com Keeley para seu quarto e depressa fechou a porta. Mas sua expressão era suave, terna.

— Finalmente. — Manteve suas mãos entrelaçadas. — Existe uma chance de eu poder tocá-la livremente agora. E uma chance de eu estar errado. Mas meu sangue ajudou a curar suas feridas, sem infectá-la e eliminei as cicatrizes de enxofre, que estavam enfraquecendo você. Deveria ter percebido... Não pensei nisso. Mas se estiver disposta a correr o risco...

Estava pedindo para ficar com ela... Totalmente? Sem se conter? Sem roupas entre eles? Como se precisasse pensar nisso. Ela segurou seu rosto. Ele se apoiou em seu toque, saboreando a sensação e o calor dela.

— Eu quero você, Torin. Todo você.

Alívio brilhou em seus traços enquanto beijava sua palma.

— Tire a roupa, deite-se e feche os olhos.

* * *

Sem seus olhos azuis bebê estarem fixos nele, envolvendo-o lentamente, Torin esperava uma diminuição da tensão que crescia dentro dele, pelo menos um pouco. Ele não entendia. Estar perto dela era como estar conectado à uma tomada. Poder fluía e crepitava. Isso nunca iria mudar.

— Vou tocá-la da maneira que sempre sonhei. — Sem conter nada.

— Mmmm. Sim.

Descartou as luvas. Ela oferecia um lindo panorama, sua forma feminina estendida sobre a cama, ele gostaria de começar por todos os lugares ao mesmo tempo. Apertando a mandíbula enquanto lutava contra a excitação, ele passou os dedos sobre a testa dela, descendo pelo nariz. O calor da respiração dela acariciou sua pele. Era íntimo, erótico. Um milagre de sensação, de conexão. Traçou seus lábios, desfrutando de sua suavidade. Seu queixo, seu pescoço, seus ombros. Abaixou os braços e passou os dedos por eles. Um arrepio apareceu em sua pele e ele desfrutou da sensação.

Ela estendeu a mão para ele, querendo tocá-lo. Ele segurou seus pulsos e levantou os braços por cima de sua cabeça.

— Segure a cabeceira. — Se ela colocasse as mãos sobre ele, perderia o controle.

Esperou até que ela obedeceu e logo traçou cada uma de suas articulações sensíveis. Havia muitas e adorava todas. Adorava cada centímetro dela. Com as mãos... Com a boca. Ela parecia se dissolver em sua boca como algodão doce e infiltrar-se em cada uma de suas células.

— Torin.

Ele segurou seus seios, observou seus mamilos perolados. Estas pequenas joias doces. Sua boca se encheu de água por eles, mas apenas passou um dedo pelo centro de seu estômago e

circulou o umbigo. Seu ventre estremeceu, sua respiração estava rasa. Ela não havia tirado a calcinha e ele passou os dedos ao longo de seu centro úmido. Suas costas se arquearam enquanto ela gemia.

Sem piedade, ele brincava com ela, delineando as bordas laterais do tecido. O quadril dela rodava tentando obrigá-lo a ir onde ela mais necessitava. Mas ele sempre se mantinha a um sussurro de distância e úmido logo se tornou encharcado. Ele a recompensou puxando a calcinha de lado e enterrando um dedo profundamente nela, sentindo não apenas a pressão e o calor, mas também sua preparação para ele.

Ela gritou e, em seguida, gritou novamente quando ele tirou.

Suas pálpebras se abriram e seus olhos brilhavam selvagens, uma necessidade imprudente.

— Torin.

Ele a deixou assistir quando levou o dedo até a boca e chupou. Deixou que ela testemunhasse o prazer ao provar o gosto dela.

Ela rodou o quadril de forma frenética.

— Não seja egoísta. Me dê um sabor de seus lábios.

— Até que tenha terminado de tocá-la toda, vou ser tão egoísta quanto quiser... E você vai gostar. — Traçou a longitude de suas pernas, devagar, sem pressa, para cima e, em seguida, para baixo, parando nos joelhos, tornozelos antes de tocar cada um dos dedos de seus pés. Seu corpo era um mapa do tesouro e cada lugar deveria ser marcado com um X. Sem importar onde se aventurasse, cada terminação nervosa reagia, pegando fogo.

— Torin, — a respiração entrecortada dela emocionou sua alma. — Por favor.

Tirou a camisa e ela ronronou sua aprovação. Ele subiu, pressionando sua boca na dela. Sua língua encontrou a dela com um empurrão forte e foi como combustível para um inferno, já furioso. Ele amassou seus belos seios, nem sequer tentando moderar sua força. Mas agora, sabia o quanto que ela se deliciava com sua ferocidade.

Os dentes dele morderam sua língua, seus lábios. Beliscou o mamilo com força e ela gritou “Sim, oh sim, sim!” enquanto se contorcia contra ele, sua suavidade proporcionava a base perfeita para sua dureza.

Ele suspirou, pensando que isso tinha que ser a agonia mais doce que jamais conheceu. O cheiro da excitação dela impregnava seus sentidos, encheu sua boca de água novamente.

— Eu te toquei e beijei, tem razão sobre isso, — disse. — Mas, agora, quero sentir seu sabor da forma como sempre sonhei.

Um ronronar irregular soou.

— Não tenho certeza se vou sobreviver.

— Tente, — ele riu entre dentes com uma promessa sombria e lambeu seu caminho para baixo... Pelas curvas dela. Começando com os seios, chupando os magníficos mamilos, parando em seu umbigo para brincar. — Mantenha suas mãos sobre a cabeça. — Ordenou. — Falo sério. Não solte.

— Não me atrevera. — Um estremecimento a percorreu. Uma visão embriagante. — O que o meu guerreiro quer, ele consegue.

Ele abriu as pernas dela, até que os joelhos descansaram contra o colchão. *Completamente indefesa para todos os meus caprichos.* Ou melhor, ele estava completamente indefeso aos dela. Sua calcinha estava completamente encharcada.

Com um grunhido de satisfação, arrancou o tecido dela e a expôs; expôs sua perfeição. *Feita para mim.* Ele deu uma longa lambida, fechando os olhos enquanto saboreava a doçura e calor.

Um apelo por mais escapou dela. Ele obedeceu, não podia negar-lhe nada, mesmo quando seu próprio desejo o instigava. Outra longa lambida antes de fazer seu caminho dentro do túnel, imitando com os dedos o que logo faria com seu eixo. Quando ela ondulou o quadril de forma selvagem, murmurando incoerências, não pôde resistir à seu mel e chupou a fonte de sua excitação.

Seu grito de satisfação ecoou pelas paredes.

A dor não conseguiu tirar este som dela, mas o prazer sim. Sorriu enquanto chupava mais forte. Os dedos dela penetravam seus cabelos, animando-o.

— Exigente, a pequena princesa. — Ele adorou. Mas ainda se obrigou a parar.

Ela gemeu, tentou empurrar sua cabeça para baixo.

— Torin! Não pare!

— Mãos. — Uma palavra. Um comando. Mas ela entendeu e obedeceu. E no momento que agarrou mais uma vez a cabeceira da cama, ele voltou a trabalhar, lambendo e chupando, inclusive mordendo.

— É bom. Tão bom.

As coxas dela apertaram sua cabeça, a pressão era uma testemunha de seu desejo crescente. Mas ele sabia o que estava fazendo. Ainda tentando manter o controle. Mas conhecia sua menina e sabia que não queria o controle, na realidade não, não ali, assim obrigou suas pernas a se afastarem novamente, mantendo-a aberta. Ela tremia de desejo vibrante e implorou que fizesse mais, que a levasse mais longe, mais profundo e ele o fez... Mais profundamente em um reino onde a sensação prevalecia.

Alimentou seu núcleo molhado com um dedo e ela chegou ao clímax, contraindo-se ao redor dele e gritando seu nome várias vezes. Inseriu outro dedo, empurrando mais fundo, retirando o orgasmo. Lambendo, chupando e ainda se movendo dentro e fora dela... Até que ela se deixou cair contra o colchão, ofegante.

Ele saiu dela e se sentou, olhando-a durante alguns segundos, consumido na visão de sua satisfação. Sua mulher, satisfeita. Era uma ideia embriagante e apenas aumentou sua necessidade de concluir.

Já era hora.

— Tire minha calça.

Ansiosa, ela se ergueu. Seu cabelo uma bagunça, sua pele ruborizada.

Sentiu o peito apertado.

Minha, toda minha.

Com dedos trêmulos Keeley liberou sua ereção palpitante. E enquanto o fazia, ela o viu lambe o mel de seus dedos uma vez mais.

— Eu poderia viver de você, princesa.

— Poderia? — Ela segurou sua mão e tirou os dedos da boca dela e chupou-os. — Eu poderia viver de nós.

A pressão, quente e úmida, o fez estremecer de deliciosa necessidade. Necessidade dela.

Tenho que tê-la.

Ela protestou quando ele se afastou dela. Mas ainda assim o fez, ficando em pé junto à cama, tirando as botas e a calça. Puxou um preservativo do bolso e colocou-o. Ainda que quisesse não usar para senti-la de outra maneira, uma criança nunca seria uma opção. Seus movimentos foram rápidos, se não estivesse dentro dela nos próximos segundos, poderia se enrolar e morrer.

Finalmente livre para tocá-lo como ela queria, passou suas mãos pelos ombros, o peito... Até seu estômago. A glória era quase demais, como sabia que seria. Era demais, mas também perfeito. Outro sonho feito realidade.

— Toda esta força. — Elogiou.

— Gosta? — Fechou a mão ao redor de sua longitude e bombeou uma vez, duas vezes pelo látex e, em seguida, segurou suas bolas. No passado, ele nunca se sentia totalmente satisfeito com uma mulher olhando-o, mas isto porque elas não eram Keeley. Quando ela o olhava, o prazer em seu rosto apenas aumentava o que sentia.

— Gosto... E desejo.

— Vamos dar a você então. — Ele a agarrou pelos tornozelos e puxou.

Ao cair, ficou sem fôlego de deleite. Logo, percebendo que sua metade inferior estava na beirada da cama, ela gemeu. — Tão travesso.

Ele se posicionou entre suas pernas, colocando os tornozelos dela em seus ombros. A pressão provou-se sublime. Era um cenário interessante... Mais ainda, sua nudez em exibição diante dele. Os seios cheios e perfeitos, mamilos inchados e vermelhos. O ventre trêmulo. Os pelos loiros brilhantes de excitação.

— Você vai me sentir em todas as células deste seu doce corpo. — Prometeu.

E vou senti-la.

— Sim! Faça!

Ele entrou nela, muito afoito para dar tempo a ela para se adaptar. Entrou profundamente. E oh, maldição, a seda de suas paredes internas... O calor... A umidade... Cada sensação aumentada e gloriosa e, no entanto, quase insuportável. *Bom demais*. Suas costas se arquearam enquanto ela gritava, quase gozando outra vez. *Tão apertada*. Um torno em volta dele, apertando-o. Empurrou dentro dela, forte e brutal, uma e outra vez, se perdendo em cada investida alucinante, ansiando por mais.

Isso era prazer.

Isso era satisfação.

Isto era... Vida.

Mas quando ela se aproximou de outro clímax, ele puxou para fora.

Ela não entendeu seu propósito e choramingou.

Abaixou suas pernas e a virou sobre seu estômago, em seguida, empurrou uma vez mais dentro dela. Quando ela elogiou, implorou, o incentivou a ir mais forte, mais rápido, ela estendeu a mão e agarrou um punhado do lençol. Logo seus gritos de outro orgasmo se misturaram com os grunhidos dele, enchendo o quarto. Se alguma vez ela o esquecesse... *Não, não...* Este momento ficaria marcado para sempre em sua mente, impresso para sempre em sua alma.

— Estou tão perto, princesa. — Inclinou-se e mordeu o tendão sensível entre seu pescoço e ombro.

Ela gritou, apertando-se ao redor dele, suas paredes internas ordenhando-o novamente. Desta vez não foi apenas demais... foi mais que demais. Não pôde aguentar. Ele se rompeu completamente, explodindo nela, dando-lhe cada gota até que ela se contorceu debaixo dele até deixá-lo seco.

* * *

Riram e ficaram abraçados por horas e, claro, fazendo amor, a felicidade de Torin aumentando até quase explodir.

Até agora não havia sinais de doença.

A segunda vez que fizeram amor, ela tomou seu tempo para tocá-lo da mesma forma que ele fez com ela. Ela massageou a rigidez de seus ombros antes de arrastar seus dedos ao longo de sua coluna. Os duros montículos de seu traseiro receberam um aperto apreciativo. Ela se moveu de frente a ele e deslizou suas mãos pelo peito, entre seus corpos e segurou sua ereção. Ela traçou seu polegar sobre a fenda úmida e quando ele grunhiu em aprovação, lambeu a pequena pérola que saía.

Ela lhe deu cada toque que ansiou e nunca mais seria o mesmo.

— Vou fazer algumas melhorias na fortaleza. — Disse ela, aconchegada de lado, passando o joelho sobre sua perna. — Atualmente, precisamos de uma sala do trono.

— E nenhuma casa está completa sem uma. Basta lembrar de que como minha rainha seu trono deve ser menor que o meu.

— Sinto muito, Encantado, apesar de me sentir muito emocionada por você ter finalmente admitido o status elevado da minha realeza, ficará sentando aos meus pés. Vamos ter o que se chama de matriarcado.

— Tão velha como você é, me surpreende que não tenha aprendido a pronunciar a palavra corretamente. É patriarcado. Repita comigo. Pa-tri-ar-ca-do.

Ela beliscou seu mamilo.

— Tortura. Repita comigo.

Sua risada ecoou por todo o quarto.

— Serei o tipo de governante benevolente, — ela disse. — Apenas vou exigir que todos façam exatamente o que eu disser, quando disser. E que se curvem sempre que eu entrar em uma sala. E que me tragam presentes, pelo menos, uma vez por dia. E que lancem pétalas de rosas aos meus pés quando eu passar.

— Isso é tudo?

— Provavelmente não.

— Parece justo para mim. — Disse.

— Você será o Capitão da minha Guarda, claro.

— E vou invadir seu castelo ao menos três vezes ao dia. — Ele a virou de costas e mordeu seu pescoço de forma brincalhona. — A quem estou enganando? Seis vezes ao dia.

Ela riu alto e tentou se afastar dele.

— Isso faz cócegas! Pare imediatamente!

— Nunca! Há um tesouro para ser saqueado.

Depois de abafar suas risadas, ela ficou em silêncio.

— Torin?

— Sim, princesa? — Ele lambeu sua pulsação palpitando no pescoço.

— Está satisfeito com a honra de servir abaixo de mim?

Com tom sério ele respondeu.

— Eu... Abaixo de você? É assim que deseja? — Ele deu a volta, colocando-a sobre seu colo.

— Estou mais que satisfeito com a honra.

Ela se sentou sobre ele, as pontas de seus cabelos roçando o peito dele.

— Oh, gosto disso.

Impressionante. Levantou a mão, segurando o cabelo de sua nuca.

— Espere para ver o que vem depois.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Das mais elevadas alturas para as profundezas mais baixas.

Vinte e quatro horas se passaram sem sinais de doença. Mas, como Torin descobriu há poucos dias, ele estava errado. Eliminar as cicatrizes não ajudou. Havia apenas adiado o inevitável. A doença debilitante tinha atingido Keeley, e atingiu duro. Ela dormia, incapaz de ser despertada, incapaz de comer ou beber, morrendo por falta de nutrição até que Hades veio para verificá-la e retornou com os melhores médicos imortais.

Keeley estava ligada à uma intravenosa bombeando medicamentos encontrados apenas em outros reinos, mas ainda assim, seu rosto estava encovado, sua pele pálida e Torin...

Torin havia perdido toda a esperança.

Ele achou que tinha pensado em tudo, pensou que tinha a resposta para felizes para sempre, finalmente. Mas ele havia apenas enganado a si mesmo.

Além disso, eles não conseguiram encontrar a caixa de Pandora, ele não esqueceu o bloqueio que Keeley encontrou quando tentou... Duas vezes. O que significava que eles não poderiam encontrar a Estrela da Manhã. Ele estava sem opções.

Ele e Keeley podiam continuar como antes, seu coração apertou, se ela conseguisse sobreviver a esta mais nova doença. Eles poderiam continuar a fazer sexo com suas roupas postas, sem ousar beijar, cada carícia medida, hesitante, para o caso das roupas se deslocarem, mas isso não seria suficiente. Nunca seria suficiente novamente. Ele a teve. Toda ela. Sem restrições. É isso que ele queria para o resto da eternidade. Era disso que precisava.

O que ela precisava. Quer admitisse ou não.

Mas nenhum deles poderia ter isto. E ele estava tão malditamente cansado de cometer erros. De esperar, de tentar, e então sentar na primeira fila do sofrimento dela, sabendo que era o único culpado. Se ele apenas resistisse, isso não teria acontecido.

Ele disse à si mesmo que nunca mais a rejeitaria, nunca a machucaria, mas ele só estaria enganando-se sobre isto, também. Ele tinha que deixá-la, e desta vez, ele tinha que fazê-la aceitar. Fazer os dois aceitarem.

Palavras não seriam boas o suficiente. Ele tinha que fazer algo permanente, algo que não pudesse ser desfeito. Algo que ela desprezaria.

Ele a estudou, como quieta ela estava deitada na cama, respirando apenas por causa de uma máquina. O tranquilo ruído do motor enchendo suas orelhas, obsceno para ele. Odiando-se, ele endireitou os ombros, ergueu o queixo. Ele sabia o que tinha que fazer.

* * *

— Nós precisamos conversar, — Torin disse.

A expressão em seu rosto fez o estômago de Keeley se agitar. O homem na sua frente parecia cruel, indiferente, e não o amante de seus sonhos.

Ela havia acabado de se recuperar de outra doença. Havia deixado seu leito de doente apenas esta manhã para tomar banho e comer. Este momento deveria ser de celebração, não... O que estava por vir. *Eu posso adivinhar.*

— Certo. — Ela engoliu em seco. — Converse. — Eles estavam no quarto deles, sozinhos. Ele se debruçou contra a porta, sua mão na maçaneta, como se o desejo de partir fosse mais forte que o de ficar.

— Nós estamos terminados. — Ele disse.

Sabia!

— Você não me fará mudar de ideia, Keeley. Não desta vez.

Suas palavras, declaradas tão cruamente, transmitiam um tom definitivo, mas ainda assim ela balançou a cabeça.

— Não.

— Eu estou partindo e não voltarei. Você não me vai me riscar de volta, e não riscará para mim.

Como a guerreira em seu interior, ela plantou os pés e se preparou para a batalha.

— Você não está feliz porque eu adoeci novamente. Entendo. Mas nós temos conseguimos algo doce, raro e precioso. Não desista porque está com medo.

— Medo, — ele disse, então riu sem humor. — Tente apavorado.

— Torin...

— Eu poderia mentir e dizer que não a amo ou que estou atraído por outra pessoa, como Cameo, ou que pretendo aceitar a oferta de Hades. Você odeia mentiras, e mentirosos, e seu ódio faria isto mais fácil. Mas a verdade é que estou cansado de fazer mal a você. Estou cansado de ser a razão do seu sofrimento.

— Você... Me ama?

— Eu amo.

— Torin...

— Mas não é suficiente. — Ele disse, e novamente, a o tom definitivo de seu tom a assustou.

— É suficiente! Juntos nós podemos superar qualquer coisa.

— Nós não podemos. Como temos provado.

— Nós acharemos a caixa. — Ela disse, o desespero fazendo-a precipitada.

— Acharemos? — Ele balançou a cabeça. — Não, eu acho que não.

A umidade em sua boca secou.

— Você está cometendo um erro.

— Não. — Seu pequeno sorriso demonstrou apenas tristeza. — Pela primeira vez, estou fazendo a coisa certa. Você quis ser a primeira na vida de um homem, ser um tesouro que merecesse ser salvo. Bem, você conseguiu. Eu disse a você. Mas é hora de mostrar a você, que ações são melhores que palavras. Eu vou salvar você... de mim.

Ela deu um passo na direção a ele. Ele não estava tão determinado quanto parecia porque ele saltou para trás, batendo na porta.

— Não.

Ele está certo. Não implore. Nunca implore.

— Por favor, não faça isso. — Ela sussurrou, de qualquer maneira. Não havia como parar as palavras. — Nós pertencemos um ao outro. Eu amo você. Eu amo você tanto e vou querer você para sempre. Eu não me importo com o que sempre possa acarretar.

Ele empalideceu.

— Você não entendeu, Keeley. Já está feito.

— Não. Eu me recuso a acreditar. — Lá fora, a chuva começou a cair nas paredes da fortaleza. Um estrondo de trovão. Neve caindo. *Respondendo a mim.* Porque seu vínculo com Torin estava em processo de ruptura.

— Eu sinto muito. — Ele girou a maçaneta.

Não!

— Se você sair deste quarto, eu não o aceitarei de volta. Estará terminado. Como você, eu estou cansada. Eu estou cansada de ir e vir.

— Bom. — Ele disse com um aceno curto de cabeça.

A chuva redobrou. O trovão ficou mais alto, a neve mais feroz.

— Um dia você me implorará para aceitá-lo de volta. Você perceberá o grande erro que cometeu, entenderá que nós podíamos ter feito isto funcionar.

— Não vai acontecer.

Como Hades antes dele, ele se recusava a desistir de sua missão para destruí-la, insatisfeito até que cada laço com ela estivesse cortado.

— Torin. Por favor.

Ele se virou e agarrou o colarinho de sua camisa, puxando o material acima de sua cabeça, revelando um tórax coberto de cicatrizes de enxofre.

Ela preferia ter sido esmurrada. Cambaleou para trás, seus joelhos batendo na extremidade da cama. Então ela afundou, saltando no colchão. Era uma traição na confiança que depositava nele. Um símbolo de tudo que ela desprezava. Um sinal que ele virou suas costas para tudo que eles construíram.

Em um piscar de olhos, o vínculo murchou para cinza, deixando-a ferida, oca. A dor, oh, a dor. Maior do que ela já foi forçada a aguentar.

Sem a força dele, o tempo piorou dez vezes.

— Como você pôde fazer isto? — Ela sussurrou.

— O que é triste é que há uma pergunta melhor para fazer. Por que eu não fiz isto antes?

Lágrimas escorreram pelo seu rosto, sua boca se abriu e fechou enquanto ela lutava para formar uma resposta.

Mas ele estava determinado a partir seu coração em pedaços.

— Faça a ambos um favor e finalmente me coloque na Caixa do Tempo Esgotado. É o lugar onde pertença. — Ele abriu a porta e a deixou, e em seguida, a fortaleza.

* * *

Torin sentou na parte de trás de um clube escuro que atendia imortais, entornando sua oitava ambrosia misturada com uísque. Ele estava com um humor terrível. Estava assim desde que deixou Keeley e disse adeus a seus amigos... Porém, quanto tempo era. Uma semana? Quatro?

Uma eternidade?

Algumas das reações que atravessavam sua mente.

Strider: Cara. Não seja um idiota. Fique. Nós imaginaremos algo. Você acha que foi fácil para mim, formar par com uma mulher que pode chutar meu traseiro a qualquer momento, conseguindo que o demônio da Derrota me faça sofrer por dias? Não. Mas eu não amarelei sobre isso e a deixei. Ela valia a pena lutar. A sua não vale?

Sabin: Você precisa levar uma joelhada nas bolas.

Baden: Eu senti sua falta, acabei de encontrá-lo novamente, e você vai partir? Você trocou seu coração por um bloco de gelo enquanto estive fora?

Lucien: Vá onde quer que precise ir, mas eu vou encontrá-lo e vou mantê-lo atualizado... Não, não balance a cabeça para mim. A curiosidade deixará você louco. Um dia você me agradecerá.

Um dia.

Ele odiava um dia. Um dia Keeley o esqueceria, se ela não já tivesse. Um dia ela partiria. Acharia outro homem. Tomaria outro amante.

Odeio ele!

Quem quer que fosse, ele não a merecia.

Torin o mataria.

Não, eu não posso matá-lo.

Ele apenas... Porra, sentia falta dela. Tudo sobre ela. Seu sorriso. O modo como seus olhos brilhavam com as emoções. O modo como seu cabelo mudava de cor. O charme do velho mundo misturado com os tempos modernos. A ferocidade dela. A força que ela constantemente exibía, até quando estava vulnerável. A doçura dela. As coisas tolas que ela dizia. As coisas brilhantes que ela disse. As ameaças que fez. O modo como respondeu a ele. O modo como o pôs em primeiro lugar, acima de todas as coisas. Os níveis que alcançou para protegê-lo. O reino que ela queria construir. Seu temperamento. A habilidade dele de tranquilizar o temperamento dela.

Ela era preciosa. Ele podia ser ele mesmo com ela, não tinha que se preocupar sobre ser bom, machucar sentimentos, causar lágrimas. Ela era alegria. Ela era paz. Será que alguém já teve um coração mais puro?

Puro... E partido.

Por minha causa.

Ele se manteve lembrando seu rosto pálido perplexo enquanto ele calmamente declarava sua intenção de deixá-la. Ele danificou algo muito profundo nela. Algo que poderia nunca ser reparado. Ela não sabia que ele cortou as cicatrizes de enxofre no dia após deixá-la, não podia saber. Ele estava com nojo de si mesmo para olhar para elas.

Mas muito pouco, muito tarde.

Eu a machuquei novamente, quando apenas queria fazê-la feliz. Como pude agir assim?

Eu deveria ser pendurado pelos ombros, açoitado e castrado.

Hoje, ele estava em um bar que servia imortais, esperando afogar suas emoções em uísque. Mas tudo que estava fazendo era enlouquecer. Keeley o fez acreditar em possibilidades. Ela o fez querer um futuro com ela, apesar de tudo. Que cruel da parte dela. Principalmente porque ela deveria saber melhor!

A loucura saltou diretamente para ira. Ela era mais velha que ele, mais sábia, também. Se alguém poderia ter mantido a cabeça clara enquanto estava em uma relação, era ela. Mas não. Ela teve que confundir as coisas, fazê-lo pensar que poderia ter mais do que estava acostumado. E agora ele deveria viver sem isto? Sem ela?

Maldita!

Hades a estava cortejando?

Os dedos de Torin se fecharam no copo tão firmemente que ele quebrou. Picadas afiadas, poços de sangue. Mas ele mal notou as lesões.

Uma fêmea passou por ele e tentou traçar sua bochecha com a ponta do dedo. Rosnando, golpeou-a com a mão enluvada, e não porque temia começar uma praga. O mundo podia se foder. Estar com alguém além de Keeley? Não! Nunca. Ninguém mais se comparava à ela, e nunca aconteceria.

Tenho que esquecê-la.

Alguém sentou na cadeira ao lado da dele.

— Parta. Ou sofra. — ele estalou.

— Tenho a sensação que sofrerei de qualquer maneira.

A voz familiar foi registrada, e sua cabeça pulou para cima. Seguramente não era, mas era.

Galen estava aqui.

Mereço isto. Eu realmente mereço.

— Camisa legal. — Galen disse.

Torin olhou para baixo. Na camisa lia-se: Propriedade de William. Ele encolheu os ombros. Ele não exatamente se importava com o que vestiu hoje, ou foi ontem? Cara. Ele provavelmente precisava de um banho.

Dedos estalaram na frente de seu rosto, e ele desviou seu olhar de volta para Galen. Seu antigo amigo tinha o mesmo cabelo loiro, as mesmas características ásperas. Asas brancas se arqueavam mais uma vez acima dos ombros largos. Mas as asas eram menores do que Torin se lembrava, apenas voltando a crescer.

O ódio deveria ter florescido em seu peito, mas nada aconteceu. Sua culpa e miséria ocupavam todo o espaço.

Galen passou a mão pelas penas de uma das asas.

— Cronus as cortou antes de me encarcerar.

— Pobrezinho. O que você está fazendo aqui? — Torin entornou outro uísque e deu boas-vindas à queimação. — Veio me matar? Certo. Faça. — Qualquer coisa era melhor que viver assim.

Como se eu realmente estivesse vivendo.

— Não estou aqui para lutar com você. Estava voltando para a fortaleza quando ouvi um rumor que você estava comendo o pão que o diabo amassou. Tinha que ver por mim mesmo.

Torin deu de ombros. Tanto faz. Uma vez, este homem permaneceu a seu lado para tudo. Toda guerra, toda batalha, quase todo momento de seu tempo livre. Inseparáveis, é isso que eles tinham sido. E Torin poderia ter perdoado a traição sobre a caixa, mas não os séculos que o sujeito passou tentando assassiná-lo.

— Você pode ir agora.

O olhar de Galen ficou nele, estudando, decidido.

— Nunca vi você assim. Tão mal-humorado. Quando você adquiriu uma vagina?

Lá vamos nós. Certo.

— Eu não sabia que você era um porco misógino. E você não me conhece. Não mais. Não finja que conhece. — Ele pegou outro copo. Ele os tinha alinhados na mesa.

Galen bateu o copo fora de sua mão.

Torin franziu os lábios.

— Não, — Galen disse. — Eu não conheço você. Mas você também não me conhece.

— Nem quero conhecer.

— Bem, você vai conhecer. Todo este tempo, você e os outros pensaram que eu fiz o que fiz por ciúme ou despeito, e talvez eu tenha feito, em parte, mas você nunca considerou o fato que eu poderia ter me importado com Pandora, ou que pensei que nós estávamos cometendo um grande erro.

— Por favor. Se isso fosse verdade, você podia ter conversado conosco.

— Eu fiz! — Galen bateu seu punho contra a mesa. — Mais de uma vez. Mas ninguém escutou.

Ele... sim, ele se lembrou de Galen expressando algumas preocupações. *Pandora é uma de nós, e ainda assim vamos machucá-la? E o que nós realmente sabemos desta caixa? O que está dentro dela? Eu ouvi rumores sobre ... Algo escuro, retorcido...*

— Certo. Você é inocente. Disto. Mas você mais tarde tomou a cabeça de Baden.

— Todo mundo comete erros. — Galen murmurou.

Um dia você perceberá que cometeu um erro.

A voz de Keeley vagou por sua mente uma vez mais.

Um dia... novamente.

Não é possível lidar com isto. Em ponto de ruptura.

— Eu vou perguntar mais uma vez, e se você não me responder, vou começar a cortar. O que você realmente está fazendo aqui?

Galen ficou em silêncio por um longo tempo. Outra mulher passou pela mesa deles, parando para emaranhar os dedos pelo cabelo do guerreiro.

— Você não é o bonito. — Ela disse. Quando ele fez uma careta e a empurrou, ela focou seu olhar predatório em Torin. Sua expressão escura a afastou.

— Eu quero ver Legião. Mel. — Galen corrigiu. — Eu não posso me concentrar sem ela. Não posso pensar em nada além dela. Não posso comer, não posso dormir. Nada importa exceto chegar até ela, conversar com ela, abraçá-la, aliviar seu sofrimento.

Nos céus, Galen havia sido um grande mulherengo. Nunca repetindo a mesma mulher. Elas eram tão trocáveis quanto meias. Agora o desespero do homem se assemelhava ao de Torin. Gostando ou não.

— Você a ama. — Ele disse.

— Eu não sei.

— Ela não ficou bem depois que os Tácitos atacaram a fortaleza, então Aeron e Olivia a levaram para outro lugar, mas não sei onde.

Galen esfregou uma mão pelo seu rosto.

— Obrigado por me dizer.

— Poupe seu agradecimento, — Torin sinalizou para outra rodada de bebidas. — Isso não significa que somos amigos.

— Não se iluda. Você é meu inimigo hoje, e será meu inimigo amanhã.

— Bom.

— Bom.

As bebidas chegaram. Mas Galen não levantou e foi embora. Torin empurrou um dos copos em sua direção. O guerreiro pegou.

Eles entornaram o álcool em perfeita sincronia. Provavelmente teriam continuado por horas, mas sua mesa, de repente, estava cercada pelos servos parecidos com aranhas que Torin tanto amava. Mais do que ele possivelmente pudesse contar. Garras pairavam ao redor dele, só esperando para estalar.

Torin fez um movimento de enxotar com os dedos.

— Parta ou sofra.

— Hades gostaria de ter uma palavrinha com você. — Uma das criaturas anunciou. — Você não cuidou da mulher dele.

— Mulher dele! — Torin bateu um punho contra a mesa, e as bebidas tombaram. — Ela é minha!

Galen riu.

— Vocês estão em apuros agora, cavalheiros.

Torin saltou para seus pés, balançou.

— Você quer lutar comigo, certo. Mas não ficarão felizes com o resultado.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Depois do surto inicial de tristeza de Keeley, uma palavra tão suave pelo que ela sentia, uma sensação de entorpecimento povoou sobre ela. O qual era uma coisa boa. Ela não tinha destruído nada. Embora tivesse quase alagado a fortaleza com a chuva. Mas quase não contava.

Desde o abandono de Torin, ela tinha que se defender de Hades, pelo menos uma vez por dia. Ele a visitava onde quer que estivesse, tentando reconquistá-la, como prometido, oferecendo-lhe presentes. Artefatos antigos, armas, suas comidas favoritas, histórias sobre todas as maneiras que adoraria mimá-la. A noite passada, ela finalmente disse-lhe que parasse, apenas parasse. Já estava farta. Nada iria acontecer entre eles. Ele teve sua chance, e como Torin, ele tinha estragado tudo.

Os homens eram um saco.

Com exceção de todos os outros Senhores. Eles não lhe deram as costas como Torin havia feito. Eles traziam o café da manhã dela na cama, sentavam-se ao lado dela enquanto chorava, distraíndo-a, contando-lhe histórias sobre a vida deles.

Em seu estado de desespero, ela instintivamente ligou-se a eles. Eles a ajudaram de uma maneira que não podiam entender, fortalecendo-a de maneira que ela nunca conheceu.

Estimulada por eles, ela conseguiu localizar o garoto com quem Anya se importava. Ele estava vivendo nas ruas de Los Angeles, usando sua habilidade de ficar invisível como vantagem. Mas ele se recusou a vir ficar na fortaleza, e Anya não quis forçá-lo, então a deusa estava vigiando-o da melhor forma que podia.

Várias vezes Keeley tentou localizar a caixa de Pandora, sem sucesso. Ela esperava, contra toda esperança, conseguir a Estrela da Manhã e fazer Torin engolir suas palavras. Mas agora... Agora ela tinha desistido.

Desistido de tudo.

Seu novo plano de vida: passar por isto a cada dia sem chorar.

Ela estava fazendo as malas, pronta para riscar sozinha apesar de seus novos vínculos, deixando suas peças de xadrez e flores de origami para trás. As lágrimas queimavam seus olhos, enquanto enfiava um de seus vestidos para dentro com mais força do que necessário. *Estúpido Torin.*

— Então você está planejando partir? Assim? Aposto que você nem ao menos iria dizer adeus.

Anya. Ótimo! Não podia dar um tempo. Keeley não se incomodou em se virar.

— Não é o que você prefere? William disse que eu devo roubar seu livro, e se ficar, eu farei isto. Bem, provavelmente farei isto, considerando que realmente nunca concordei com qualquer coisa.

— Que tal eu entregar a você uma página do livro, e nós chamamos isto de bom?

— Tudo bem. Tanto faz. Mande pelo correio para mim.

— Com certeza. Colocarei metade de uma página no correio amanhã.

— Mas você acabou de dizer...

— Não se preocupe. O correio é totalmente confiável. Conseguirá a metade da metade de uma página sem problema. Então vamos voltar para esta coisa de não se despedir. Não é um comportamento muito majestoso, é?

— Eu realmente não me importo.

— Você deveria. Você é uma guerreira, não uma fugitiva.

Até guerreiros eram feridos e precisavam de tempo para se curar.

— Você esta a dois segundos de uma remoção da espinha, através da sua boca.

— Melhor, — Anya saltitou e se lançou na cama, empurrando a bolsa para o chão. O conteúdo que Keeley passou uma hora organizando se esparramou. — Você o ama, não é?

Ele, como se Keeley realmente tivesse que adivinhar a identidade do cara.

— Sim, mas ainda gostaria de escavar seu coração negro e comê-lo na frente dele.

— Eu fiz isso com um cara uma vez. — A garota disse. — Recomendo que refogue antes na manteiga. Mas adivinhe? Todas nós queremos matar nossos homens. É um efeito colateral de se viver com um alfa.

Keeley devolveu a bolsa para a cama, inclinou-se e recolheu as roupas, as armas e os artefatos.

Anya chutou a bolsa uma segunda vez.

Respirando fundo para dentro... Para fora.

— Não tenho medo de cortar suas duas pernas e bater em você até a morte com elas, deusa.

— Apesar disto parecer tão divertido, devo recusar. Mas não por mim. Por você. Você vai precisar das minhas pernas, — Anya ficou em pé. — A bagagem pode esperar. Vamos sair e fazer coisas nojentas e sujas. Isso irá desviar sua mente de Torin e suas maneiras de fugir. Ele aprenderá uma lição que nunca esquecerá.

— Não quero ensinar-lhe uma lição. — Sua mentira zumbiu. *Quero ensiná-lo. Muito.* — Mas ok, tudo bem. Estou dentro.

— Ótimo. Você tem cinco minutos para se vestir como uma prostituta de dois dólares, enquanto junto meus animais favoritos de festas. Kaia e Nike. Oh, e Viola! Esqueci que ela voltou. Esteja no hall de entrada e não se atrase, ou já estaremos bêbadas e provavelmente esqueceremos tudo sobre você. — Sorrindo, ela se afastou rebolando.

Keeley passou um minuto inteiro pensando. Era uma deusa de verdade?

Ela passou o minuto seguinte se enfiando em um sutiã e um short cravejado de diamantes, que marcava a curva de sua bunda. Ela combinou a "roupa" com estiletes de quinze centímetros. Então, porque não tinha tempo de sobra, ela lambuzou loção cintilante sobre toda sua pele. Mas... Ninguém estava no hall de entrada quando riscou para lá, e enquanto os segundos se passavam, ela queria saber se Anya a tinha enganado. Se era para ser o primeiro prego na maltratada autoestima do caixão de Keeley.

Facas que apunhalavam dentro do meu já ferido peito.

Mas em seguida, Anya veio voando pelas escadas com três mulheres: Kaia, Nike e a esplendidamente loira Viola. Elas estavam vestidas até mais escassamente do que Keeley, de bustiê, calcinha e ligas.

Com o punho bombeando Anya gritou:

— Vamos equipe... Reunir!

Foi neste momento que Keeley se vinculou às fêmeas.

Cada vez mais poder fluía através dela, mais do que jamais conheceu. Era inebriante e maravilhoso.

Como vou viver sem estas pessoas?

Maddox veio andando a passos largos de um canto, mas parou quando topou com elas. Seu queixo caiu, seus olhos reluzindo de alegria.

— Seus homens sabem que isto está acontecendo?

Kaia ajeitou os brilhantes cabelos vermelhos.

— Claro. Strider escolheu meu visual.

— O meu ficou tão impressionante que parece que fui eu mesma quem costurou, — Viola disse, e ela não se parecia com uma mulher que foi recentemente torturada. Ela parecia feliz e despreocupada. — A costura é um de meus muitos talentos, estou certa disso.

Ela não sabia? Há. Talvez tivesse sua própria caixa de Tempo Esgotado.

Elas se dirigiram para um clube nas proximidades, um parque de diversões subterrâneo para imortais safados. Estava escuro; a escuridão quebrada apenas pelo flash de luzes coloridas dos estroboscópios. Havia vários espelhos nas paredes. Sofás de couro preto, onde os casais se deitavam ou simplesmente faziam sexo.

Sinto falta de Torin.

Não! Não ouse ir por aí.

Enquanto elas desfilavam pelo bar, Nike lançou o braço por cima do ombro de Keeley, e gritou por cima da batida alta e irregular da música. — Se você não ver um homem que goste, fingirei que sou uma bi curiosa e podemos agir como pequenos macacos. Atlas não se importaria nem um pouco, só insistirá nos detalhes.

— Quanta gentileza. Obrigada. — Por incrível que pareça, a resposta dela não foi de gozação. — Mas não estou interessada em prazer. Somente... Em esquecer.

Se isto é verdade, por que não utilizei a Caixa do Tempo Esgotado?

Apenas porque sim, é por isso!

Kaia ofereceu-lhe um sorriso simpaticante.

— Eu mesma já estive lá.

No bar, Anya pediu uma rodada de algo que chamou de Espalhador de Pernas, e depois de um brinde, cada uma delas bebeu o conteúdo de seus copos ao mesmo tempo. Queimou ao descer, mas bateu em seu estômago como um arco-íris líquido, com um pote de ouro em cada extremidade.

— Mais! — Ela pediu. E ainda estava pedindo a décima primeira dose mais tarde. Nuvens tinham se instalado em sua mente, e o frio derretia seus ossos. O entorpecimento estava começando a se dissipar, mas em vez de mais arco-íris e ouro, ela começou a experimentar a chama da dor, seu sofrimento se fazendo perceber propriamente. Ela ignorou.

— Eu sou incrível. — Viola gritou para o mundo, jogando os braços para cima e girando. — Bebam-me!

Através do vínculo, Keeley sentiu o exacerbado amor-próprio da garota, mas debaixo disto... Oh, uau, Keeley pensava na sua própria imensa dor. Esta garota sofreu.

— Eu sou feita de tanta coisa incrível que é provavelmente ilegal, — Keeley disse com um aceno de cabeça. — E Torin é um bastardo.

— Uuu huuu. — As meninas cantaram.

Keeley mandou ver mais duas doses.

Um grupo de metamorfos imortais se aproximou sorrindo, como se tivessem acabado de ganhar na loteria. O do meio, o mais alto, tinha olhos apenas para Keeley.

— A lua não está cheia hoje à noite, mas aposto que você consegue me fazer uivar. — Ele disse.

— Provavelmente posso fazê-lo uivar duas vezes. — Viola disse a ele.

Mas o olhar dele não abandonou Keeley.

— Que tal você, doçura?

— Eu poderia fazê-la uivar duas vezes, também, — Keeley disse. — Quanto a você, eu renunciei aos homens.

Ele estendeu as mãos sobre a cintura dela e apertou.

— Me dê uma chance de te fazer mudar de ideia.

— Eu poderia te fazer mudar de ideia. — Viola disse.

— Não toque sem permissão. — Keeley disparou para o macho. Ela se afastou dele, pensando bem rápido. E errado. Torin havia olhado para ela com adoração misturada com desejo, como se estivesse memorizando cada detalhe dela. Este homem a queria sim, mas não havia nada além de luxúria em seus olhos. Ele a esqueceria no segundo em que conseguisse o que queria.

E eu ficarei apenas miserável.

— Você deveria dar-lhe permissão total, — Kaia disse, batendo levemente no ombro dela. A piedade flutuando pelo vínculo. — Não é como se Torin estivesse voando solo.

Keeley perdeu a capacidade de respirar.

— O quê? — Ele já tinha seguido em frente? Não ficou perdido em sua própria miséria, lamentando sua estupidez? Não estava sentindo a falta dela tão desesperadamente quanto ela estava sentindo a falta dele?

Anya esbofeteou Kaia atrás da cabeça.

— Ele foi apenas a um clube, — ela disse para Keeley. — Foi isso que Lucien me disse de qualquer maneira. O meu queridinho o viu ontem de manhã. Ele também mencionou o fato de que Torin estava uma bagunça. Que parecia horrível e com um temperamento furioso que ninguém conseguia amenizar.

Torin em um clube. Com medo de tocar em Keeley, mas não nas outras? Entornando tudo, o que o deixaria imprudente e negligente?

As paredes deste clube começaram a tremer.

Quando o metamorfo colocou as mãos nela uma segunda vez, ela o empurrou para longe com um fluxo de poder tão intenso, que o jogou do outro lado do prédio.

— Você é uma garota conveniente para se ter ao redor. — Nike disse enquanto as pessoas eram nocauteadas para fora do caminho e em direção aos outros, tombando corpos e móveis.

Várias brigas começaram.

— Você está pensando no que eu estou pensando? — Nike perguntou.

— Com certeza. Esta é nossa sugestão para controlar esta escola! — Kaia disse, levantando os punhos.

Keeley permaneceu no lugar enquanto as meninas se lançavam em ação. Viola acertou um macho Fae na cabeça com uma cadeira. Anya atingiu um vampiro no estômago com um copo quebrado. Kaia atingiu dentro da boca ardente de uma Phoenix e arrancou sua língua.

Mais e mais a violência continuou, até que finalmente as garotas eram as únicas que permaneciam em pé. Sangrando e machucadas, mas em pé. Elas fizeram um cumprimento de *toca aqui*.

— Podemos ir? — Keeley perguntou.

Mil conversas foram trocadas entre as garotas enquanto caminhavam para a porta, cada uma começando com “Você viu quando eu”...

Do lado de fora, o ar fresco acariciou a pele superaquecida de Keeley.

— Majestade? — Uma voz feminina proclamou.

Keeley vasculhou a área. A luz dourada da lua misturando com a luz branca dos postes de luz, iluminou uma adorável fêmea Fae, com cabelos claros e grandes olhos azuis. As características comuns entre a raça.

A garota correu e executou uma reverência formal reservada para os mais reverenciados da realeza.

— O guerreiro Galen me pediu para trazer uma mensagem para você. Disse-me que você pagaria generosamente.

Uma mensagem?

— Diga-me.

Trêmula, a Fae disse.

— Hades o capturou. Ele e Torin. Trancando-os.

— O quê? — As outras garotas proclamaram em uníssono, seus bons humores despencando.

Como as paredes do clube, o chão tremeu. *Hades pegou Torin? Pensado em usá-lo contra ela?*

Não importa o quanto Torin a tivesse magoado, ela não queria que fosse torturado. O pensamento de ele suportando um único arranhão, ainda tinha o poder de enfurecê-la.

— Dê à garota uma das pilhas de ouro em meu quarto. Eu voltarei. — Ela anunciou. Ela riscou diretamente para Hades.

Ele estava em seu quarto, na fortaleza que tinha construído dentro do Reino de Sangue e Sombras, não aquela que tinha roubado de Lúcifer. A cortina estava puxada ao redor de sua cama, mas Keeley sabia que ele estava lá. Ele estava falando, sua voz baixa e sedutora. Uma fêmea gemendo de prazer.

Que bom. Keeley tinha sido esquecida por ele, também.

As paredes do palácio tremeram vigorosamente enquanto ela gritava, — Hades. Nós precisamos conversar.

Um ofego feminino de choque.

Uma maldição masculina.

O farfalhar de corpos se movendo.

— Isto é o suficiente para você, Tally. — Hades disse e, em seguida, ele estava empurrando a cortina de lado e ficando em pé ao lado da cama. Ele soltou a cortina no lugar, antes que ela pudesse pegar um vislumbre de sua companheira.

Seu cabelo estava despenteado e espetado, ele estava sem camisa, seus músculos a mostra. Estava de calça, mas desabotoada. Seu rosto estava vermelho, sua pele cheia de marcas de mordidas e arranhões.

Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto encontrava o olhar de Keeley.

— O que está acontecendo? — A mulher, Tally, retrucou claramente irritada.

Ele a ignorou, dizendo para Keeley, — Estou registrando um pedido oficial de que você nunca mais vista nada além desta roupa, sempre.

— Você está com Torin e Galen trancafiados.

Ele não tentou negar, nem sequer pareceu envergonhado por ter sido pego.

— Estou. Torin me desagradou. Galen estava apenas no caminho.

— Me liberte! — Esta pessoa, Tally, exigiu. — Imediatamente! — Algemas se agitando.

Hades deu um tapa na cortina.

— Basta. Lembre-se do que acontece quando meus pedidos não são atendidos.

Palavrões ecoaram.

— Deixe-os ir. — Keeley ordenou.

— Não. E agora que esta discussão terminou... Você gostaria de se juntar a nós? — Ele acenou para a cama.

Uma afronta silvando da mulher.

— Não, obrigada. — Keeley disse. — Liberte Torin e Galen.

— Por que eu deveria? Torin encheu seus olhos de dor.

Ele não podia estar falando sério.

— Esta é sua desculpa? Você fez o mesmo!

— Sim, mas eu estou tentando fazer as pazes.

— Você quer fazer as pazes? Tudo bem. Deixe Torin e Galen irem.

Ele franziu o cenho para ela.

— Isto é parte de seu discurso motivacional? Ou podemos chamar isto de incômodo?

Ela acenou com o punho para ele.

— Faça.

Teimoso, ele cruzou os braços sobre a vasta extensão de seu peito.

— Torin apenas magoará você novamente. Física e emocionalmente.

— Última chance. — Ela disse, as paredes tremendo mais forte... Com mais força. — Liberte-os.

— Se eu fizer, — ele respondeu, sua voz imparcial. — Sentirei como se você me devesse.

Ela rangeu os dentes. Certa vez, ele temeu o poder dela, considerando-o maior do que o dele. Talvez estivesse na hora de provar que este realmente era o caso.

— Você escolheu isto para si mesmo. — Ela golpeou.

* * *

Torin acordou com centenas de minúsculos homens usando uma britadeira dentro de sua cabeça. Ele forçou-se na vertical cuidadosamente, esfregando os olhos. Galen se sentava em frente a ele, coberto de sangue seco e contusões. Seu cabelo estava uma bagunça, esticado em ângulos estranhos.

Os dedos de Torin se emaranharam em um ninho de enredos quando tentou pentear os seus.

Memórias rolaram por sua mente... Os servos... As garras que rasgavam por ele, uísque derramando sobre todo ele, os beliscões em seus braços e pernas, algo martelando em sua cabeça novamente. Então... A escuridão.

— Hades, — Galen disse. — O bastardo nos trancafiou.

As paredes do palácio tremeram, e Torin franziu o cenho. Keeley estava aqui? Com Hades?

Inferno, não. Ele ergueu-se e correu para a porta de cela, então aplainou as mãos na fechadura. Imediatamente ela abriu com um clique. *Obrigado, chave absoluta*. Ele correu por um corredor longo e estreito.

— Como inferno você fez isto? — Galen perguntou.

— Não importa. Precisamos encontrar Keeley. Acho que ela está aqui.

— Estou certo de que ela está aqui. Enviei um dos servos para encontrá-la.

— Idiota! — Torin gritou. — Você não deveria ter...

A parede em frente a eles explodiu completamente, enormes pedaços de detritos voando em todas as direções. Hades voando pela abertura bruta, e Torin duvidava que fosse por vontade própria. O cara rolou pelo mar de pedras quebradas, a cabeça colidindo e batendo ao longo do caminho.

Keeley flutuava atrás do macho, e oh, que majestosa visão era ela. Um bocado da pele dela se mostrava tão pálida como uma rosa branca e, literalmente brilhava, fluxos de luz brilhando ao redor dela. Uma juba de cabelos rosa claro com partes verdes emoldurava seu rosto. Ela estava bonita sim, mas também gloriosa. Como um antigo cavalo de guerra. E sim, ok, se ele fizesse a comparação em voz alta, ela poderia moer seus ossos até o pó. Mas a aparência não tinha nada a ver com isso.

Mas houve uma época em que os homens treinavam seus cavalos para a batalha. Não apenas para batalharem em uma luta, mas para amá-la. Almejá-la. Esses animais não sentiam nenhum medo. Não se esquivavam da espada, da lança ou da adaga, mas queimavam suas narinas e pisoteavam seus cascos, desafiando o inimigo a fazer um movimento, esperando por ele também. Eles não se importavam se viveriam ou se morreriam, contanto que tivessem um gostinho da ação. Esta era Keeley.

Não poderia realmente viver sem ela, apenas existir.

Hades arrastou-se em pé, o sangue escorrendo de seu nariz e ouvidos. Um de seus olhos estava inchado e fechado. Sua condição parecia apenas fortalecer a coragem de Keeley.

— Pense cuidadosamente sobre o seu próximo passo, — Hades disse. — Pode ser o último.

— Isso supostamente é para me fazer acovardar? — Ela perguntou calmamente. — Sei que você se alimenta do medo, que o deixa mais forte. Péssimo para você que eu não tenha nenhum para oferecer.

O macho olhou para ela.

— Mesmo se você pudesse me matar, — ela continuou, — eu não morreria amontoada em uma bola, chorando. Não, quando eu cair, vou de armas em punho... Mas não posso dizer o mesmo sobre você. — Um raio chicoteou da palma da mão dela e golpeou Hades no peito, empurrando-o para trás.

O macho estava protegido, e como Keeley era tão poderosa atualmente, essas salvaguardas não faziam nada para impedi-la.

Torin se colocou entre os dois, seu olhar sobre o macho que agora se colocava em pé novamente. Ele tinha visto o cara lutar. Sabia que ele estava se contendo, as sombras não estavam voando para fora dele, em torno de Keeley, sufocando a vida para fora dela, enquanto comia sua carne. Mas isso poderia mudar a qualquer momento.

Hades olhou para ele, com as mãos em punho.

— Nada inteligente, Doença.

— Não vou deixar você se aproximar dela. — Torin disse.

— Você não pode me deter. — Hades respondeu.

— Manda ver, então.

— Já chega! — Keeley gritou. Ela caminhou para frente, a luz já não tão brilhante. Ela perfurou Torin com seus olhos azuis claros furiosos. — Isto não tem nada a ver com você. Vá para casa.

Sem ela, ele não tinha nenhuma casa.

— Não vou deixá-la.

— Não é a primeira vez que ouço estas palavras, — ela retrucou. — Agora vá.

Ele vacilou.

Merecia isto.

— Certo. Que tal isto? Não quero partir sem você.

Havia dor nos olhos dela, porem ela o dispensou com um aceno.

— Não sou mais preocupação sua, da mesma maneira que você não é mais a minha.

— Juntos ou separados, você sempre será minha preocupação.

— Que meigo. — Hades zombou.

— Eu disse, já chega! — Ela focou-se no outro macho. — Hades, nós não nos adequamos e você sabe disso. Sempre irá se ressentir por eu ser mais forte. Você simplesmente odeia que lhe digam não.

Ele olhou para ela.

— E você é muito teimosa, Keeleycael. Não me ressinto de você. Orgulho-me de você. Mas apesar de suas valentes palavras sobre morrer, você acha que tem todo o tempo do mundo, que o fim nunca chegará para você. Bem, poderá chegar. E um dia, irá. Para todos nós. Precisa esquecer o passado e agarrar o futuro com ambas as mãos, antes de ser impelida fora de alcance. Estou aqui. Agarre-se a mim.

Como o inferno.

As palavras de Hades eram como uma flecha no coração de Torin. Eles não tinham todo o tempo do mundo. O fim poderia chegar. Ele tinha que agarrar o futuro e nunca deixá-lo escapar. Keeley era seu futuro. Sempre foi e sempre seria.

Sem ela, ele não tinha nada.

Ela lhe disse que “um dia” chegaria e ele lamentaria o que fez, e oh, ela estava certa. Ela apenas não sabia que um dia chegou no dia em que ele a deixou. Teve uma coisa boa acontecendo com ela, a melhor, e ele desistiu disso. Por causa do medo. Porque deixou isto governar seus pensamentos uma vez mais, dirigir suas ações.

Viu a verdade finalmente.

Nada mais de correr assustado.

— Agarre-se a mim, — Torin disse apressado. — Cometi o erro de deixá-la ir, mas você não saiu de mim. Por favor, Keys.

Ela o encarou, boquiaberta.

— Está falando sério? Você me disse que ficaria comigo, mentira. Disse que eu era importante para você, mentira! Você me disse que eu era importante para você, mentira. Bem, eu lhe disse que não gosto de mentirosos, e falei sério.

Não. Não, ele não desistiria. Nunca mais.

— Sinto muito por tê-la magoado, sinto muito se menti. Você nunca saberá o quanto arrependido estou. Mas você se importa comigo. Entendi o que é estar sem você, e é terrível. A pior coisa que já experimentei.

— Sim. — Ela disse, estreitando os olhos. — Estou certa de que seu tempo nos clubes de Strip foi simplesmente terrível.

— Foi. E sei que você disse que nunca me aceitaria de volta, ao contrário de mim, você nunca mente. Mas estou implorando para fazer isto. Apenas desta vez. Apenas por mim. Embora

eu não mereça. Entretanto, você é uma pessoa melhor do que eu. Você é mais doce, mais forte e mais esperta. Muito mais esperta. Por favor. Por favor. Não sou nada sem você, princesa. Deixá-la foi o maior erro de minha vida.

Ela balançou a cabeça, a teimosia em seu âmagô.

— Não.

Ele avançou.

— Não permiti que ninguém me tocasse, não toquei em ninguém. Tudo o que consegui foi pensar em você.

Ainda assim ela permaneceu firme, dizendo sucintamente, — Não.

— Ela não o quer, Doença. — Hades retrucou.

— Tudo o que eu queria era... — Torin continuou, apenas para parar quando uma dor tão acentuada e intensa lancetou por ele.

O horror banhou as feições de Keeley e ela gritou.

Torin olhou abaixo em seu peito. Uma lança tinha entrado por suas costas e saído pela frente.

— Aprecie o veneno. — Uma voz familiar proclamou. — Sabia que não prejudicaria Hades ou Keeley, mas você... Você vai se destruir de dentro para fora, e eles sofrerão com sua perda.

Lúcifer.

— Divirta-se. — Disse o sujeito e se desmaterializou.

A visão de Torin embaçou, seus joelhos cederam. Ele ouviu sons de riso... Uma luta, aumentando à distância...

Então... Nada.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Keeley gritou tão alto que até os tímpanos dos imortais provavelmente estouraram. Ela riscou para o lado de Torin. Ela não estava usando luvas, mas apertou os dedos em seu pescoço de qualquer maneira. Pele contra pele. A princípio, não havia nada. Nenhuma batida para encontrar. Entretanto ela sentiu. Um baque suave.

Muito suave.

O coração danificado dele estremeceu, seu sangue despejando fora de seu ferimento. A lança estava ajudando a travar um pouco do fluxo, mas se estivesse envenenada como Lúcifer disse, e julgando pela reação de Torin, ela estava certa que estava, isto tinha que sair.

Então, ela empurrou para fora e jogou de lado.

— O que eu posso fazer?

Galen! Ela esqueceu que ele estava aqui.

— Sua camisa!

Ele puxou o material acima de sua cabeça e deu para ela. Ela apertou contra o tórax do Torin.

Ele nem mesmo gemeu.

Ela olhou para Hades, desesperada.

— Que veneno Lúcifer teria usado?

Mudo, ele estudou suas cutículas.

— Hades, por favor. Eu farei qualquer coisa que você quiser. Só me ajude a curá-lo.

O Lorde das Trevas a encarou então e assentiu.

— Deve ser como você disse. Qualquer coisa que eu quiser.

Um segundo depois, Hades e Torin desmaterializaram.

Keeley levantou suas pernas trêmulas, e foi uma luta porque a culpa pressionava fortemente contra seus ombros. Se não fosse por ela, Hades não teria aprisionado Torin e Lúcifer não poderia atingi-lo.

Tudo minha culpa.

Esta era a culpa que Torin tinha sido forçado a viver durante a relação deles? Não admira que ele a deixou.

Eu tenho que perdoá-lo, limpar sua conta. Por tudo. Porque eu preciso dele para me perdoar, limpar minha conta.

Ela sabia que não podia ter um sem o outro.

Enquanto ela esteve lá, perguntando-se se ele viveria ou morreria, mágoa, dor, rejeição, amargura e raiva que ela tinha abrigado todo esse tempo, até em face de seus bonitos apelos, drenaram dela. O amor por ele a encheu.

— Keeley, — Galen disse, puxando seu olhar. Sua expressão era agonizante. — O que mais eu posso fazer?

— Diga aos outros Senhores o que aconteceu; que Torin será devolvido da mesma maneira assim que esteja bem. — Se ele não se recuperasse... Ela limpou a garganta para desalojar o caroço crescendo lá. Diante da expressão preocupada de Galen, ela disse, — Diga-lhes que a Rainha Vermelha mandou você e que ela ficará muito descontente se você for prejudicado.

Ele assentiu, e ela o riscou para a fortaleza.

Então ela riscou para Hades. Ele levou Torin para uma espécie de laboratório. Caldeirões transbordavam e soltavam vapor, prateleiras estavam repletas de frascos com coisas que ela não podia identificar, e grandes arbustos se arrastavam até as paredes... usando pernas.

Torin estava amarrado à uma mesa, sua boca mantida aberta por um gancho de metal. Ao lado dele, um macho mais velho com uma corcunda misturava diferentes líquidos. Ela apressou-se para o lado de seu guerreiro, apertou as mãos dele nas dela.

O outro homem franziu para ela.

— Eu sou Hey You. Esta é minha área. Quem é você? O que faz aqui?

— Eu sou a Rainha Vermelha, e vou onde quero.

— É verdade, — Hades apareceu a seu lado. — Ela vai. — Ele removeu o gancho da boca de Torin, não um gancho, afinal, mas um tubo que chegava diretamente a seu estômago.

Hey You mancou e, enquanto Hades segurava a boca de Torin aberta, despejou a mistura que ele criou pela garganta do guerreiro.

Ela observou Torin, esperando por uma reação. Sua pele permaneceu pálida, quase azul. Seus olhos fechados. Sua forma quieta. O ferimento em seu tórax, ainda aberto e vazando.

— Quanto tempo leva para funcionar?

— A noite toda. — Hey You disse, agora mancando para longe.

Ela viveu tanto tempo, tempo significava pouco para ela, mas uma noite inteira, de repente, parecia como uma eternidade.

Ela olhou para Hades, que estava observando-a atentamente.

— Você o tocou. Pele com pele.

— Qualquer um pode, desde que seja imune.

— Você é imune?

Um assentimento.

— Durante algum tempo.

— O que você quer dizer, durante algum tempo?

— Eu ingeri seu sangue.

— Seu sangue? Seu sangue infectado?

Hades esticou a mão, acariciou sua bochecha, e porque ela devia qualquer coisa que quisesse, tinha que ficar lá e tolerar. Mas sua expressão deve ter refletido seu desagrado, porque ele franziu o cenho e abaixou a mão.

— Se ele compartilhar seu sangue com você, — Hades disse. — Você não adoecerá quando ele tocar em você. Pelo menos por um tempo. Apenas o tempo suficiente para seu sangue viajar por suas veias. Levará um dia, talvez dois, então você precisará de outra dose.

— Mas... Você não pode estar certo. Ele compartilhou seu sangue comigo antes, e ainda assim eu adoeci.

Aprofundando seu olhar severo, Hades picou a ponta de um dedo de Torin e segurou para ela.

Ela chupou o dedo, e o sangue em sua boca, disposta a tentar qualquer coisa, embora forçado. Como um imortal, este tipo de coisa não era estranho para ela.

— Quando ele compartilhou seu sangue antes? — Hades perguntou. — Por quê?

— A última vez nós estávamos aqui, antes de eu contrair a doença debilitante.

— Ah. O sangue teria funcionado se você já não estivesse debilitada pela remoção das cicatrizes de enxofre.

— Mas meu poder retorna com a remoção das cicatrizes.

— O poder, sim, porque é de natureza espiritual. Mas seu corpo havia acabado de ser cortado em grande medida e drenado. Até Torin tem problemas em lutar contra as enfermidades do demônio quando está ferido fisicamente.

— Mas... Como isto é possível?

— O demônio é um espírito, infectando o espírito dele. Mas o mal está alojado dentro de seu corpo. Um corpo que criou imunidades. Essas imunidades são encontradas em seu sangue e sêmen.

Sêmen mágico? Torin podia gozar dentro dela e salvá-la da doença? Ou ela podia engoli-lo?

— Eu tive... Bem, eu provei o último. — Ela admitiu, suas bochechas esquentando. — E ainda assim adoeci.

— Uma amostra poderia protelar a doença, mas não erradicá-la. Você precisaria de uma dose completa. De uma forma ou de outra.

— Mas... Por que sua pele se infecta, ainda que o resto de seu corpo não?

— Você sabe melhor que a maioria que a pele irradia o que está no espírito. Você é um espírito dentro de um corpo que não te pertence, e ainda assim essa pele muda com as estações, da mesma maneira que seu espírito.

Ele estava... Certo. A pele irradiava do espírito, mas os fluidos originam-se do corpo.

O que significava...

Finalmente! Uma maneira de ter tudo que ela sempre quis. Torin, saúde. Uma família. Ela só tinha que ingerir seu sangue uma vez por dia. Ou deixá-lo alimentá-la de outra coisa...

Calafrios de excitação passaram por ela. Era cada sonho de Torin se tornando realidade, também.

Mas a realidade retornou, esmagando-a. Ela ainda devia a Hades o que ele quisesse, e ela podia adivinhar o que seria.

— Você o ama. — O Lorde das Trevas disse.

— Eu amo.

— Mas você ficará comigo se eu decretar.

Ela fechou os olhos, assentiu. Acordo era acordo e ela o fez livremente.

— Este é seu decreto? Que eu fique com você?

Silêncio opressivo.

Ela respirou profundamente quando o enfrentou. Seu queixo estava erguido, uma pose de profundo orgulho masculino, mas sua expressão estava em branco.

— Hades... Por favor, não me faça fazer isso.

— Não farei. — Em tom áspero, ele adicionou. — Você se sentiria presa, e eu já fiz isso com você uma vez.

Esperança abriu asas suaves.

— Então, o que você quer?

— Obviamente, estou em guerra com Lúcifer.

— E? — Ela iniciou quando ele ficou quieto.

— E você estará ao meu lado, me ajudando a cada passo do caminho.

Era mais do que ela jamais teria esperado. E naquele momento, ela viu a verdade. Ele se importava com ela. Ele queria fazer as pazes com ela. Ele estava verdadeiramente arrependido pelo que fez.

— Eu perdoo você. — Ela soltou Torin e caminhou em torno da maca, envolvendo seus braços ao redor de Hades. — Obrigada.

Ele a abraçou de volta, abraçou tão apertado, como se não quisesse deixá-la ir, entretanto ele fez, a deixou ir e se afastou. Ele limpou a garganta.

— Leve seu homem e saia daqui antes que eu mude de ideia.

— Eu não posso. Ele tem cicatrizes.

— Ele não tem.

Ele... Cortou as novas, também? Keeley voltou para erguer a barra da camisa de Torin. Pele bronzeada... Livre de cicatrizes. Alegria elétrica percorreu seu corpo.

Sem desperdício de tempo, ela riscou Torin para seu quarto em Budapeste. Ela assegurou seu conforto antes de riscar para Anya e contar o que aconteceu, mencionando que ela, pessoalmente, assassinaria qualquer um, estúpido o suficiente, para entrar antes de ela dar permissão.

Então ela esperou. E andou. E esperou um pouco mais. Ela se perguntou se era assim que Torin passava seu tempo enquanto ela se recuperava das doenças do demônio e assentiu. Sim. Provavelmente.

Finalmente, depois de tantas horas que ela perdeu a conta, ele ofegou em uma respiração e se sacudiu na vertical. Keeley apressou-se para o seu lado.

— Eu estou aqui. Você está bem. Você está curado.

Ele agitou a cabeça como se não pudesse acreditar que realmente a estava vendo.

— Keeley! Você está aqui. — Ele a empurrou em seus braços, segurando-a com toda a sua força considerável. — Você está aqui. — Então, ele empurrou suas costas de forma que pudesse espreitar em seus olhos. — Não me deixe. Por favor, não me deixe. Mas, se você me deixar, eu entenderei. Além disso, também vou perseguir você até os confins da Terra. No Céu ou no Inferno. Não existe nenhum lugar que você possa ir que não acharei você. Você é minha! Eu a deixei ir uma vez, e não farei isso novamente. Nunca. Então, tente se afastar de mim, atreva-se, e eu vou guerrear com você.

— Whoa, guerreiro. — Ela disse com uma risada.

A risada pareceu enervá-lo. Ele a olhou cautelosamente.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Ela disse. — Eu estava infeliz sem você. Odiei cada minuto que passei longe de você. Não quero passar o resto da eternidade desejando que você estivesse comigo apenas para provar um ponto e machucar você por me machucar.

Seus braços se uniram ao redor dela novamente, segurando-a sempre mais apertado. Tão apertado que ela não podia respirar... vale a pena!

— Eu sinto muito por tudo.

— Eu sinto muito. E você não tem que se preocupar sobre me infectar. Eu...

— Não estou preocupado. — Ele beijou a bainha de sua camisa. — Vou deixar você suportar qualquer coisa por mim. Eu sou um doador.

Isto. Isto era o que ela mais sentiu falta. Sua provocação. Bem, talvez não mais. Ela sentiu falta de sua conexão com ele também, e a intensidade dele e a forma como a olhava e a tocava.

— Mas falando sério, — ela disse quando formigamentos quentes fizeram cócegas em seu peito. Ficando mais quente. E mais quente. — Desde que eu ingira seu sangue ou seu, eu quase odeio admitir isto porque eu sei que piadas vão surgir, sêmen, pelo menos uma vez por dia, ficarei imune às doenças do seu demônio. Todas elas. Claro, isso significa que nós precisaremos de outros meios de controle de natalidade, porque eu quero você todo para mim durante algum tempo, mas nós acharemos algo.

Ele ergueu a cabeça, olhou atentamente para ela.

— Esta coisa de sangue e sêmen é comprovada?

— Sim. Eu toquei em seu rosto depois que você desmaiou, ingeri seu sangue e bem, vinte e quatro horas se passaram e eu não adoeci.

Seus olhos se arregalaram.

— Tinha a resposta desde o princípio, — ele beijou seu rosto, beliscando seus lábios. — Obrigado. Obrigado, princesa. Muito obrigado.

— É a Hades quem devemos agradecer.

— Ele não é a pessoa que me aceitou de volta e me deu outra chance. E terei certeza que você nunca lamente sua decisão. — Ele disse. — Pelo resto de meus dias, farei tudo em meu poder para compensar meu pobre comportamento. — Ele a soltou, só para segurar suas bochechas. — Eu amo você. Você é meu tesouro, e você vale a pena qualquer coisa. Vale tudo. Eu até comeria passas por você.

— Você me ama tanto assim? — Ela perguntou suavemente.

— Com tudo que eu sou, tudo o que serei.

— Bom, porque eu amo você, também. — Ela riscou uma de suas poltronas de couro favorita no canto do quarto, então riscou Torin nela. Junto com coisas que homens gostam. Um copo de Scotch e um charuto.

Ele olhou para ambos e riu.

— Tudo que preciso é do público. — Ele disse.

— E você terá um. Este é seu trono, e ele será movido para nossa nova sala do trono assim que estiver pronta. — Ela permaneceu alguns centímetros distante, absorvendo a visão de seu homem.

Meu homem para sempre.

— Agora para seu castigo. Você me dará um orgasmo por cada dia que nós estivemos separados, e talvez, só talvez, estaremos quites. — Ela disse.

Um sorriso perverso curvou sua boca.

— Dobre isso e nós temos um acordo. — Ele engoliu sua bebida e tragou o charuto, deixando ambos de lado. Ele levantou o dedo para ela.

— E, princesa? Não existe melhor momento para começarmos.

EPÍLOGO

Alguns dias depois, Keeley estava na porta da sala de jantar, olhando para dentro, tentando não se sentir extasiada. Era um jantar familiar. Todos os Senhores e suas famílias estavam ali. E eram sua família também. Apesar de se vincular à eles, ninguém ficou doente. O demônio de Torin não formava parte do vínculo; ele a traiu tantas vezes que nunca teria que se preocupar com isso, assim não havia nada que o demônio pudesse fazer a qualquer um deles.

E mais, os vínculos lhe deram poder para derrotar Hades. Ele seria uma massa em suas mãos antes de Torin sair ferido. Alimentava suas forças, e em troca transformaria cada sonho dos Senhores do Submundo em realidade. Iria encontrar e destruir a Caixa de Pandora. Reclamaria a Estrela da Manhã.

Mas este era um plano para outro dia.

Apenas Pandora estava ausente das festividades. Ela saiu sem dizer nenhuma palavra depois que acordou. Mas, inclusive William e seus rapazes estavam ali. Ainda que William não fosse capaz de afastar os olhos de Gillian. Era quase embaraçoso.

Um mulherengo... reformado? Seu dedo tocava o garfo como se estivesse acariciando outra coisa.

Bom. Definitivamente era embaraçoso. Havia tanto calor em seus olhos que apenas de olhar para ele, ela se sentia queimada pelo sol.

— Pode acreditar nisso? — Perguntou Galen para Keeley.

Estava em pé ao lado dela, olhando a todos com a mesma perplexidade e assombro que ela. Apenas Torin o perdoou, mas ninguém estava tentando matá-lo, portanto ela considerava uma vitória. Galen não parecia se preocupar com sua pouco entusiasta recepção, no entanto.

— Quase não posso. É como se cada esperança real que tive decidisse chegar a um bom término em apenas um dia. — Bom, nem todos os sonhos. A Estrela da Manhã ainda estava desaparecida.

Mas a encontrarei. Nunca vou deixar de procurá-la. Encontrarei e a usarei e farei estes Senhores tão felizes como me fizeram.

— Não as minhas. Ainda não. — Seu olhar voltou-se para Mel. Era sua única preocupação.

Ela voltou esta manhã, mas se negava a falar com ele, se negava a ficar sozinha com ele; mas ele não a estava pressionando, por isso ainda estava ali. Torin o convidou para a celebração e ainda que houvesse alguns protestos iniciais, todos aceitaram quando seu homem calmamente anunciou: A Rainha Vermelha deseja.

Não que tivessem medo dela. Era que sabiam até onde Torin iria para fazê-la feliz. Seu coração se encheu de amor enquanto o via passar um prato de ervilhas para Urban, que fez uma careta e estremeceu de repugnância e depois para Ever, que teve a mesma reação.

Torin apenas riu. Não era mais tão firme sobre manter distância. Também seus amigos. Era uma visão incrível.

Kane e Josephina passavam a noite com eles, graças ao poder de riscar de Keeley e agora estavam envolvidos em uma conversa com Gideon e Scarlet, as mulheres compartilhavam histórias sobre gravidez.

Mas, como sempre, a atenção de Keeley voltou para Torin. Antes, ela fez um strip-tease enquanto ele ficava sentado em sua poltrona. Depois, ela subiu em seu colo e fizeram amor. Logo, tomaram um banho juntos. O primeiro. O primeiro de muitos, ela suspeitava. Suas mãos sempre um sobre o outro. Ela estremeceu, lembrando quando ele sussurrou: “Precisa de uma injeção de vitamina D, princesa? Ou prefere chamá-lo de seu remédio?”

Homem divertido. Estava tão orgulhoso de seu sêmen mágico. Tinha a sensação de que iria zombar dela pelo resto de suas vidas. Outra coisa que esperava com impaciência, pensou com um sorriso.

Risadas soavam. O foco de Keeley mudou, observou quando Torin segurou Cameo entre seus braços e passou a mão enluvada por seus cabelos, tirando dela um pequeno sorriso. Ainda que a mulher estivesse se recuperando fisicamente de seu tempo dentro da Haste, seu humor era mais sombrio que nunca, Torin havia dito.

Torin deve ter sentido o olhar de Keeley sobre ele, porque a olhou e piscou um olho.

Ela lhe lançou um beijo.

Ficou em pé e diminuiu a distância e seu olhar percorreu amorosamente sua camiseta. Esta dizia: Eu me envolvi com a Rainha Vermelha e tudo que perdi foi meu coração. O melhor até agora.

Ele a tomou nos braços, dizendo: — Porque não está comendo? Sei que não acredita que será envenenada.

— Como se alguém se atrevesse. Apenas estou desfrutando da paisagem.

Beijou sua testa, seus lábios persistentes sobre a pele dela.

— Já te agradei por ter me dado outra chance?

— Mil e uma vezes.

— Disse que estaria perdido sem você?

— Isso também.

— Que é tudo para mim?

— Sim.

— Está bem, eu realmente sou um bom namorado.

Uma risada saiu dela.

— Claro que é. E modesto, também.

Soltou-a e ele gemeu ante a perda. Mas não ficou muito tempo sem ele. Ele se ajoelhou e tomou uma de suas mãos. Seus olhos esmeralda foram para ela, com fervorosa intenção.

— Eu te amo com tudo o que sou. Não sou nada sem você e quero passar o resto da minha vida ao seu lado. E isso não é pouco tempo. Assim, Keeleycael, Keys, Rainha Vermelha, Princesa, espero que me dê a honra de se tornar a senhora Torin.

Levantou um anel e o fôlego dela ficou preso em sua garganta. A joia tinha uma pequena bola de vidro em vez de um diamante, grande o suficiente para ver o casal abraçado dentro. Um pequeno casal esculpido em madeira. Ele o fez. Para ela.

As lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto saltava para cima e para baixo.

— Sim! Eu serei a Senhora Torin e você será o Senhor Dr. Keeley e vamos planejar um casamento que deixará no chão o de Anya e Lucien.

— Ei! — Anya gritou. — Apenas se prepare para o fracasso.

Torin levantou-se e Keeley se lançou em seus braços abertos. Uma vez, ela ansiou ser adorada e mimada. Pensou em se estabelecer com um homem agradável e governar seu reino. Agora ela era adorada. Era mimada. Mas, não tinha um homem agradável, tinha um bom e feroz guerreiro. Exatamente o que precisava.

— Vou fazê-lo feliz. — Ela prometeu.

— Princesa, você já me faz.

* * *

GLOSSÁRIO DE TERMOS E PERSONAGENS DOS SENHORES DO SUBMUNDO

Aeron: Senhor do Submundo; ex-guardião da Ira.

Amun: Senhor do Submundo; guardião de Segredos.

Anyá: deusa (menor) da Anarquia; amada de Lucien.

Ashlyn: humana com habilidade sobrenatural; esposa de Maddox.

Átropos: uma Moira.

Baden: antigo Senhor do Submundo; guardião da Desconfiança (falecido).

Bianka Skyhawk: Harpia; irmã de Kaia, Gwen e Taliyah; consorte de Lysander.

Black: um dos quatro guerreiros das sombras (cavaleiros do apocalipse); Fome.

Caçadores: Inimigos mortais dos Senhores do Submundo.

Caixa de Pandora: feita dos ossos da deusa da Opressão; uma vez alojou os mais altos Senhores Demônios, agora desaparecida.

Cameo: Senhora do Submundo; guardiã da Miséria.

Chave-absoluta: uma relíquia espiritual capaz de livrar o possuidor de qualquer bloqueio.

Capa da Invisibilidade: artefato com o poder de proteger seu portador de olhares indiscretos.

Cronus: antigo regente dos Titãs.

Danika Ford: humana; namorada de Reyes; conhecida como o Olho-que-Tudo-Vê.

Deidade: antigo rei dos Enviados (falecido).

Enviados: guerreiros alados que lutam contra o mal.

Ever: filha de Maddox e Ashlyn.

Fae: raça de imortais que descendem de Titãs.

Galen: ex-segundo-no-comando dos Caçadores; guardião da Esperança e do Ciúme.

Gideon: Senhor do Submundo; guardião da Mentira.

Gilly: humana.

Glorika Aisling: mãe de Josephina.

Gorgon: Criatura imortal capaz de transformar qualquer ser vivo em pedra.

Gregos: antigos regentes do Olimpo antes dos Titãs.

Green: um dos quatro guerreiros das sombras (cavaleiros do apocalipse); Morte.

Gwen Skyhawk: Harpia; irmã de Kaia, Bianka e Taliyah; esposa e consorte de Sabin.

Haidee: ex-Caçadora; esposa do Amun.

Haste de Partir: artefato com habilidade de rasgar a alma do corpo.

Jaula da Compulsão: artefato com o poder de escravizar qualquer um preso dentro dela.

Josephina Aisling: metade humana, metade Fae; também conhecida como Fada Sininho, Foda Sininho, Sininho, Sininho Pequenina.

Juliette: uma Harpia.

Kaia Skyhawk: parte Harpia, parte Phoenix; também conhecida como a Trituradora de Asas; irmã de Gwen, Taliyah e Bianka; consorte de Strider.

Kane: Senhor do Submundo; guardião do Desastre.

Klotho: uma Moira.

Lachesis: uma Moira.

Lazarus: um guerreiro imortal; filho único de Typhon e uma gorgon anônima.

Legião: serva demônio em um corpo humano; filha adotiva de Aeron e Olivia.

Leopold: único príncipe Fae.

Lucien: co-líder dos Senhores do Submundo; guardião da Morte.

Lysander: Elite dos Enviados.

Maddox: Senhor do Submundo; guardião da Violência.

Malcolm: um Enviado; membro do exército do Zacharel.

Marigold: uma mulher do passado.

Moiras: três bruxas imortais que tecem o destino; também conhecidas como “As Três Destinos” ou “As Vadias”.

Neeka: Harpia surda; prisioneira da Phoenix.

Olho-que-tudo-vê: humana com o poder de ver o céu e o inferno, passado e futuro; Danika Ford.

Olivia: um anjo; amada de Aeron.

Olimpo: antiga cidade dos deuses; agora conhecida como Titânia.

Opulens: a alta classe Fae.

Paris: Senhor do Submundo; guardião da Promiscuidade.

Penélope: Rainha Fae.

Petra: fêmea Phoenix.

Phoenix: imortais que renascem do fogo, descendentes dos Gregos.

Princesa Fluffykans: diabo da tasmânia de estimação da Viola.

Reino de Sangue e Sombras: localização da fortaleza atual dos Senhores do Submundo.

Red: um dos quatro guerreiros das sombras (cavaleiros do apocalipse); Guerra.

Reyes: Senhor do Submundo; guardião da Dor.

Riscar: transportar-se com apenas um pensamento.

Sabin: co-líder dos Senhores do Submundo; guardião da Dúvida.

Sem fim: um portal para o inferno.

Senhores do Submundo: guerreiros imortais exilados agora hospedando os demônios uma vez trancados dentro da Caixa de Pandora.

Scarlet: Guardiã de Pesadelos; esposa de Gideon.

Séduire: o reino dos Fae.

Sienna Blackstone: regente dos Titãs; amada de Paris.

Strider: Senhor do Submundo; guardião da Derrota.

Synda: Princesa Fae; guardiã da Irresponsabilidade.

Taliyah Skyhawk: Harpia; irmã de Bianka, Gwen e Kaia.

Tártaro: uma prisão subterrânea mantida para imortais.

Tiberius: Rei dos Fae.

Titânia: a cidade dos deuses; antigamente conhecida como Olimpo.

Titãs: governantes de Titânia; filhos de anjos caídos e humanos.

Torin: Senhor do Submundo; guardião da Doença.

Typhon: uma criatura imortal com a cabeça de um dragão e o corpo de uma serpente.

Urban: Filho de Maddox e Ashlyn.

Viola: Deusa menor; guardiã do Narcisismo.

White: um dos quatro guerreiros das sombras (cavaleiros do apocalipse); Conquista.

William, o Sempre Excitado: guerreiro imortal de origem questionável; também conhecido como Derrete Calcinha.

Zacharel: Elite dos Enviados; líder do Exército da Desgraça.

Zeus: Rei dos gregos.